

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Ítalo Vinícius Gonçalves

**PROJETOS POLIAMOROSOS EM REDE: narrativas de casais não monogâmicos em
busca de um novo amor**

Belo Horizonte
2022

Ítalo Vinícius Gonçalves

PROJETOS POLIAMOROSOS EM REDE: narrativas de casais não monogâmicos em busca de um novo amor

Versão final

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientador: Carlos Alberto de Carvalho

Área de concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea

Linha de pesquisa: Textualidades Midiáticas

Belo Horizonte
2022

301.16 G635p 2022	<p>Gonçalves, Ítalo Vinícius.</p> <p>Projetos poliamorosos em rede [manuscrito] : narrativas de casais não monogâmicos em busca de um novo amor / Ítalo Vinícius Gonçalves. - 2022.</p> <p>232 f. : il.</p> <p>Orientador: Carlos Alberto de Carvalho.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Comunicação – Teses. 2. Relações não monogâmicas - Teses. I. .Carvalho, Carlos Alberto de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
-------------------------	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

Ata da Defesa de Dissertação de *ITALO VINICIUS GONÇALVES*

Número de Registro na UFMG: [2020658644](#)

Às quatorze horas do dia vinte e três de junho de 2022, na sala 3005 da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais reuniu-se a comissão examinadora, constituída pelos professores doutores Carlos Alberto de Carvalho (UFMG) e Juarez Guimarães Dias (UFMG) e pela professora doutora Maria Aparecida Moura (UFMG). A comissão reuniu-se para julgar o trabalho final do aluno do mestrado Italo Vinicius Gonçalves, intitulado "**Projetos poliamorosos em rede - narrativas de casais não-monogâmicos em busca de um novo amor**", requisito final para obtenção do Grau de Mestre em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, área de concentração Comunicação e Sociabilidade Contemporânea, linha de pesquisa Textualidades Midiáticas. Abrindo a sessão, o orientador e presidente da comissão, professor Carlos Alberto de Carvalho, apresentou a banca, e em seguida passou a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho final. Após a apresentação, seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa de Italo Vinicius Gonçalves. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. A Comissão Examinadora julgou o candidato **apto a receber o grau de Mestre em Comunicação Social**. O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pelo Presidente da Comissão que encerrou a sessão, lavrando assim, o presente documento, que será assinado por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 23 de junho de 2022.

Prof. Dr. Carlos Alberto de Carvalho
orientador - DCS/FAFICH/UFMG

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Moura
ECI/UFMG

Prof. Dr. Juarez Guimarães Dias
DCS/FAFICH/UFMG

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Alberto de Carvalho, Professor do Magistério Superior**, em 23/06/2022, às 20:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juarez Guimaraes Dias, Professor do Magistério Superior**, em 23/06/2022, às 21:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Aparecida Moura, Professora do Magistério Superior**, em 13/07/2022, às 03:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1505907** e o código CRC **959486D7**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"Projetos poliamorosos em rede - narrativas de casais não-monogâmicos em busca de um novo amor."

ITALO VINICIUS GONÇALVES

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia vinte e três de junho de 2022, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Profª Maria Aparecida Moura
ECI/UFMG

Prof. Juarez Guimarães Dias
DCS/FAFICH/UFMG

Prof. Carlos Alberto de Carvalho -Orientador
DCS/FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 23 de junho de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Alberto de Carvalho, Professor do Magistério Superior**, em 23/06/2022, às 20:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juarez Guimaraes Dias, Professor do Magistério Superior**, em 23/06/2022, às 21:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Aparecida Moura, Professora do Magistério Superior**, em 13/07/2022, às 03:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1505934** e o código CRC **2869CCA0**.

AGRADECIMENTOS

À minha vó, pela vida.

A todos os interlocutores que participaram desta pesquisa. Obrigado por compartilharem suas histórias e pela receptividade ao projeto desde sua apresentação.

A todos aqueles da minha turma de mestrado que ao longo destes últimos anos ouviram sobre minha pesquisa, e carinhosamente, apontaram outros percursos que os inicialmente previstos. Agradeço imensamente, e principalmente, a Isabela, Maurício, Fábio, Elaine, Paty e Ana, que tão bem me acolheram, me ajudaram neste caminho e me ofertaram afeto.

Ao Aiano, pelo incentivo e ajuda em todo o processo de ingresso no Programa, além de todo carinho e atenciosidade.

Ao Carlos Alberto, meu orientador. Me sinto imensamente grato pela oportunidade de sua companhia. Impossível pensar nas trocas que temos feito desde então sem também considerar a relação de orientação que desenvolvemos, sustentada em vários dos ideais reivindicados por uma não monogamia política, esta, que vem nos mostrando a importância na construção de caminhos mais potáveis rumo a uma vida mais ética e potente.

Aos meus amigos queridos que me deram força e estiveram presentes nestes últimos anos. Tudo teria sido mais difícil sem vocês. Ingrid, Gabi, Ana, Felipe Costa, Rafael, André Bros, Carol, Laura, Thalles, Karol, Kawan, Larissa, Luana, Pâmela, Igor, Valéria e Léo, muito obrigado.

Ao Will, por tudo. Pelas transformações e pela história que temos construído. Pelas aventuras que nem ao menos achei que iria viver. Pelo compromisso de estar ao meu lado e possibilitar as tantas renovações que tenho tido ao longo de todos estes anos. Pelos sachês de ketchup guardados. Pelas receitas (re)criadas. Pelos tantos quilômetros percorridos. Pelas bolsas abarrotadas após nossas noites num rodízio. E por ver o mundo ao meu lado.

A todos aqueles com quem venho construindo relações que me fazem acreditar cada vez mais na potência dos afetos para a produção de uma vida mais saudável e múltipla. Anderson, Gil, Douglas, Rodrigo, Zé, André, Alexandre, Berg e Felipe, agradeço-lhes pela presença e por acreditarem em outros modos possíveis de caminhar.

A Cida e Juarez, membros da minha banca de defesa, e que de maneiras distintas se fizeram presentes no meu percurso enquanto pesquisador (desde a publicidade!). Obrigado pela disposição e pelos afetos compartilhados.

A todos do Insurgente, que não somente ouviram muitas das questões relativas à minha pesquisa, mas também direcionaram meu olhar a tantos outros processos. Com certeza suas contribuições atuaram de maneiras importantes para a escrita deste trabalho.

Ao Leandro, a quem há tempos devo muitos agradecimentos. Sempre me pego pensando nos meus percursos de pesquisa, e inquestionavelmente me tornei o pesquisador que sou hoje graças às suas contribuições. Além de um excelente pesquisador, você também é, sem dúvidas, alguém muito generoso. Obrigado.

A Érica, que gentilmente tem promovido tantas trocas, sejam afetivas ou acadêmicas, ao longo destes últimos anos.

Ao Pilão por suas tantas contribuições e à atenção dada a minha pesquisa.

Ao Newton e a Nana pelo acolhimento. Indiscutivelmente, minha afirmação pela não monogamia tem se transformado de maneiras significativas desde o nosso contato.

E aos tantos outros inomináveis que também compõem a tessitura de minha existência, bem como as das textualidades trazidas a este texto.

“Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões, é que se ama” (Clarice Lispector, *Para não esquecer*, 2020).

“Quando as linhas se tornam seus próprios demiurgos, quando assisto, qual um milagroso ato inconsciente, ao nascimento no papel de frases que escapam à minha vontade e que, inscrevendo-se na folha apesar de mim, ensinam-me o que eu não sabia nem acreditava saber, gozo desse parto sem dor, dessa evidência não concertada, que consiste em seguir sem esforço nem certeza, com a felicidade dos espantos sinceros, uma pluma que me guia e me transporta. Então, tenho acesso, na plena evidência e textura de mim mesma, a um esquecimento de mim que confina com o êxtase, e sinto a bem-aventurada quietude de uma consciência espectadora” (Muriel Barbery, *A elegância do ouriço*, 2008).

Resumo

Visa-se, por meio desta pesquisa, compreender como o poliamor se institui enquanto um projeto afetivo na vida de casais homossexuais não monogâmicos, bem como, de que forma estes colocam em prática a busca por um novo amor. Considerando a *internet* como um dos elementos fundamentais para a popularização e visibilização do tema no Brasil, pretendo compreender parte das emergências produzidas pela ampliação dos grupos não monogâmicos em espaços digitais, sobretudo no *Facebook*, onde tais projetos são materializados por meio de publicações. A partir dos conceitos de “identidade narrativa”, “projeto social/individual” e “histórias de vida”, a intenção é conhecer o percurso biográfico e conjugal destes sujeitos de forma que possamos compreender os gestos de tessitura de seus projetos poliafetivos. Assim, me debruçarei sobre este fenômeno a partir de sua dimensão narrativa, me interessando pelo processo de elaboração destas experiências. Por meio de entrevistas, discutirei, sobretudo, como tais textualidades são produzidas, as expectativas sobre os relacionamentos poliamorosos, os sentidos atribuídos ao poliamor, à monogamia e a não monogamia, os acordos e as negociações implicadas nessas buscas, e a modulação dos diferentes marcadores sociais nesses projetos.

Palavras-chave: Poliamor. Projeto Conjugal. Narrativa. Histórias de vida.

Abstract

This research aims to understand how polyamory institutes itself as an affective project in the lives of non-monogamous homosexual couples, as well as in what way the search for a new love is put into practice by these subjects. Considering the internet as one of the fundamental elements that would bring popularization and visibility over this discussion in Brazil, I intend to understand part of the emergencies produced by the expansion of non-monogamous groups in digital spaces, especially on Facebook, where such projects are materialized through public posts. Based on the concepts of “narrative identity”, “social/individual project” and “life stories”, the intention is to know the biographical and marital path taken by these subjects, so that we can understand the gestures that weave their polyaffective projects. Thus, I will focus on this phenomenon from its narrative dimension, taking a deeper interest in the process of elaborating these experiences itself. Through interviews I will discuss, mainly, how such textualities are produced, the expectations about the poliamorous relationships, the meanings attributed to polyamory, monogamy and non-monogamy, the agreements and negotiations involved in these searches, and the modulation of the different social markers in these projects.

Keywords: Polyamory. Marital Project. Narrative. Life stories.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - <i>Meme</i> coletado em um dos grupos poliamoristas do <i>Facebook</i> , destacando-se o valor “racionalizado” da vivência poliamorosa	15
Figura 2 - Publicação feita por Augusto em 3 de fevereiro de 2021	161
Figura 3 - Publicação feita por Ricardo em 20 de junho de 2021	162
Figura 4 - Reportagens sobre o <i>cuckold</i> em respeito ao “Dia do Corno”, comemorado em 25 de abril	165
Figura 5 - Publicação feita por Caio e Júlio em 28 de setembro de 2021	171
Figura 6 - Publicação feita por Caio e Júlio em 21 de outubro de 2021	172
Figura 7 - Publicação feita por Omar e Samuel em 03 de dezembro de 2021	181
Figura 8 - Publicação feita por Bernardo em 28 de novembro de 2021	187
Figura 9 - Publicação feita por Bernardo em 31 de janeiro de 2022	187
Figura 10 - Publicação feita por Mateus em 07 de novembro de 2021	198
Figura 11 - Publicação feita por André em 15 de fevereiro de 2022. Publicação acompanhada de algumas fotos individuais e em casal	198

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AR	anarquia relacional
BDSM	<i>bondage</i> , dominação, submissão, sadismo, masoquismo
CNRVV	Centro de Referência às Vítimas da Violência
EAD	ensino a distância
FEA	Fundação Educacional de Araçatuba
FSM	Fórum Social Mundial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NM	não monogamia (s), não monogâmico (a) (s)
NMC	não monogamia consensual
PEHCM	Programa de Ensino e História das Ciências e da
Matemática	
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PUC-MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PT	Partido dos Trabalhadores
RA	relacionamento aberto
RL	relação livre
RLi	Rede Relações Livres
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNA	Centro Universitário Una
UNICAMP	Universidade de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
cis	cisgênero
<i>não mono</i>	não monogamia (s), não monogâmico (a) (s)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. AS NÃO MONOGAMIAS NO BRASIL E SEU CAMPO ETNOGRÁFICO	21
1.1. Um mapeamento do campo	21
1.1.1. Coletivos não monogâmicos e metodologias de pesquisa	24
1.1.2. Perfis dos coletivos e interlocutores de pesquisa	30
1.1.3. Práticas e ideologias não monogâmicas	32
1.1.4. Diálogos teóricos	45
1.2. Renovações na discussão pública sobre as não monogamias no Brasil	49
2. HISTÓRIAS DE VIDA, NARRATIVAS AFETIVAS	62
2.1. Histórias de vida	64
2.2. Narrativas afetivas	74
2.2.1. A experiência	134
3. PROJETOS POLIAMOROSOS	137
3.1. Agência, projeto social e identidade narrativa	137
3.2. Homossexualidades e estilísticas da existência	141
3.3. Grupos Poliamorosos	144
3.4. Projetos poliamorosos em rede	156
3.5. Amor, ação e comunicação	204
CONCLUSÕES	212
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	220
APÊNDICES	226
ANEXO	230

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, embora a não monogamia venha ganhando cada vez mais espaço na cena pública, junto de outras e novas representatividades em torno de sexualidades e identidades de gênero dissidentes, ela ainda vem sendo pautada através de inúmeros “desentendimentos” (RANCIÈRE, 1996). Isto ocorre por conta da diversidade de abordagens existentes sobre o tema, trazidas pelos próprios movimentos políticos em prol da questão. E também vindos de lugares bastante distintos, muitas vezes contrastantes entre si. Logo, as representatividades, principalmente midiáticas, em torno do tema acabam sendo insuficientes frente à diversidade do fenômeno, cristalizando alguns dos imaginários sobre o assunto de forma essencialista e monocromática. A própria constituição do fenômeno e seu campo de estudos nos aponta tais distinções: o “poliamor”, o “relacionamento ou casamento aberto”, as “relações livres”, a “anarquia relacional” e o “*swing*” compõem este conjunto de práticas que denominamos não monogâmicas¹. Por tantas vezes vista uniformemente, a não monogamia é, na verdade, um termo guarda-chuva. Um espectro de práticas, valores, moralidades, exercícios políticos e estéticas da existência cujas possibilidades se revelam cada vez mais amplas, à medida que vemos a dilatação de sua visibilidade e o pronunciamento acentuado de sua prática.

Os desentendimentos ocorrem, por vez, tanto no interior das negociações implicadas nestas práticas, quanto em seu exterior, por meio dos debates públicos acerca da questão. No aspecto prático, esses dissensos são causados, principalmente, devido à maneira como cada modelo não monogâmico se relaciona com a estrutura monogâmica, cujas interpretações ganham tonalidades distintas pelos seus adeptos, que ao acolherem um ou outro formato *não mono*², tendem a pensar e a fazer diferentes negociações diante desta estrutura. Já em seu exterior, as representações sugeridas pela mídia acabam por solapar as diferenças internas - isto, quando consideram o próprio *ethos* no trabalho de produção midiática -, gerando, muitas vezes, mais desinformação sobre o tema do que qualquer outra coisa.

Porém, a despeito desta pequena apresentação, motivando informar a amplitude temática do fenômeno bem como os desafios de se falar sobre o assunto, este trabalho não tem como foco os desentendimentos públicos e/ou privados em torno das propostas não monogâmicas de relacionamento. Também não se propõe a discutir teoricamente a noção de

¹ Apesar das diversas discussões sobre a aplicabilidade do termo a alguns desses modelos, como o *swing*.

² Ao longo deste trabalho adotarei a abreviação “*não mono*” no lugar de não monogamia e demais variantes cabíveis.

monogamia, embora seus fundamentos acabem transpassando todo o universo constituinte das discussões trazidas aqui - e por isso, pontualmente, serão abordados. Os entendimentos sobre a não monogamia, por vez, aparecerão por meio das narrativas produzidas pelos interlocutores desta pesquisa, incentivados a refletir sobre o tema.

O objetivo desta pesquisa é compreender como o poliamor se institui enquanto um projeto afetivo na vida de casais homossexuais, bem como estes são exercidos de forma prática. Se o fenômeno poliamoroso toma contornos já na década de 50 nos Estados Unidos por meio dos casamentos grupais promovidos pela comunidade *Kerista*, e em seguida atinge sua expansão em termos de representatividade por meio dos movimentos de revolução sexual ocorridos nas décadas posteriores, o termo é de fato instituído da forma como o conhecemos hoje a partir da década de 90. Assim o é, principalmente, por conta da popularização da *internet* na vida social, possibilitando a emergência de grupos poliamorosos *online*, que desde então vêm elaborando de forma teórica e prática um conjunto de princípios com objetivo de circunscrever o exercício poliamoroso, sobretudo, em contraposição aos demais modelos de relacionamentos não monogâmicos.

Se até uma década atrás, os grupos poliamorosos existentes nas diversas redes sociais, sobretudo no *Facebook*, concentravam-se em discutir teorias e práticas a respeito deste modelo relacional, hoje tem-se visto outras formas de ocupação destes espaços, especialmente, de pessoas à procura de novos parceiros afetivos e sexuais, algo que tem tomado conta de praticamente todos os grupos a respeito do assunto. Logo, meu “objeto” de estudo se encontra particularmente atrelado a tais transformações, acompanhadas por mim ao longo desses últimos anos devido à minha participação nessas redes, visto minha aproximação com a não monogamia há algum tempo. Ao viver um poliamor e alguns formatos abertos de relacionamento, vi-me cercado de reflexões que constantemente - e incessantemente, devo dizer - marcavam o tom de meu exercício não monogâmico, incidindo sob grande parte das minhas relações, românticas ou não. O caráter acentuadamente “racionalizado” dos modelos não monogâmicos de relacionamento, algo destacado por muitos de seus praticantes, junto à emergência de dinâmicas enfaticamente voltadas à busca de um novo amor têm, há algum tempo, me colocado também a refletir sobre as tessituras dessas práticas.

Figura 1. *Meme* coletado em um dos grupos poliamoristas do *Facebook*, destacando-se o valor “racionalizado” da vivência poliamorosa



Considerando a casualidade na conformação da experiência poliamorosa vivenciada por mim, muito me interessava compreender como essa procura é feita de modo elaboradamente planejado.

Assim, partindo desse questionamento, procuro investigar de que formas estes projetos são colocados em ação, as negociações práticas e afetivas envolvidas neste percurso e as expectativas em torno de uma vivência poliamorosa. A partir dos *posts* encontrados nesses grupos, por meio dos quais e bem como onde meus interlocutores puderam ser localizados, parto de suas textualidades para a produção de um caminho de pesquisa. Sabendo que apenas o acesso às suas publicações seria insuficiente para uma melhor compreensão sobre o tema, realizei algumas entrevistas junto aos dez participantes que, de bom grado, se dispuseram a falar sobre sua aproximação com o poliamor. Os interesses, além dos citados acima, também se somam a pontos como: as modulações dos possíveis marcadores sociais para a elaboração e a execução destes projetos, o entendimento acerca das noções de monogamia e não monogamia, e os agenciamentos desses sujeitos aos diferentes espaços *online* onde executam tais projetos amorosos.

O meu papel enquanto pesquisador foi o de estimulá-los a refletir sobre os diferentes atravessamentos que circunscrevem suas buscas, elaboradas em espaços e tempos particulares. Para uma melhor compreensão da escolha metodológica adotada é preciso, no entanto, apontar alguns dos conceitos teóricos que orientaram muitos dos meus caminhos de pesquisa e escrita. Conceitos estes que também servirão como ferramentas para a leitura das narrativas tecidas por esses sujeitos.

Enquanto alguém vindo de uma outra área teórica, a antropologia, fazer uma pesquisa na comunicação se revelou um desafio, tanto metodológico quanto conceitual. Compreender como trabalhar o tema da não monogamia via um caminho comunicacional levou bastante tempo, e essa temporalidade poderá ser sentida na própria leitura do texto a ser apresentado. No entanto, será impossível deixar de notar que, antes de uma pesquisa puramente comunicacional ou antropológica, meu texto tem como marca a construção de uma ponte teórica entre esses dois campos, dada a impossibilidade de abandono do meu olhar etnográfico, bem como da minha construção enquanto um pesquisador vindo desta área. Como caminho possível, e com a ajuda - muito generosa, devo dizer - de meu orientador, me debrucei sobre este debate levando em conta sua dimensão narrativa, especialmente, por meio do conceito de “identidade narrativa” proposto pelo filósofo francês Paul Ricoeur (1997, 2014), o principal guia conceitual e operador analítico desta pesquisa, que não somente perpassará todo o meu trabalho de modo teórico, mas que também acabou atuando nas próprias escolhas metodológicas realizadas por mim.

Ricoeur, ao propor o conceito de identidade narrativa, o faz com uma dupla ambição: resolver, de um lado, a aporia relativa ao tempo, e de outro, à constituição do próprio sujeito. No primeiro caso, ao tratar o tempo em sua dimensão narrativa, Ricoeur possibilita sua inteligibilidade a partir da experiência humana, responsável por ordenar o tempo narrativamente por meio de marcos históricos que o possam circunscrever dentro de uma cronologia - esta, sempre em disputa pelos diversos grupos invisibilizados pela colonialidade, colocados para fora da temporalidade humana, marcadamente européia. A segunda aporia, relativa ao conceito de sujeito, tradicionalmente pautado por uma filosofia metafísica, é revista por Ricoeur no momento em que este atrela a capacidade reflexiva que os sujeitos têm de se narrarem enquanto um outro à manutenção de si próprio no tempo. Considerando a identidade que o sujeito produz para si mesmo por meio de uma narrativa capaz de tecer reflexivamente a trama de sua vida, Ricoeur considera o engendramento temporal performado no momento de tessitura dessa trama: passado, presente e futuro articulam-se no ato de constituição narrativa. Esta primeira noção nos será cara devido à forma como os sujeitos, ao narrarem suas vivências afetivas, vindas, sobretudo, de contextos familiares e/ou conjugais, nos informarão sobre como se vêem posicionados em tramas que possibilitaram a forma como enxergam hoje o amor e as relações íntimas, bem como as maneiras como desejam vivê-lo num arranjo poliamoroso. Pensando nas dinâmicas ao lado de seus companheiros, a dimensão ética presente na proposta de identidade narrativa de Ricoeur também será importante, na

medida em que nos visibilizará o valor da “promessa” contida na relação estabelecida entre eles rumo a uma vivência poliafetiva.

De forma a trabalhar as diferentes temporalidades por meio desta noção, outros dois conceitos nos serão significativos: o de “histórias de vida”, responsável por jogar luz ao campo de estudos dedicados ao tema da “biografia” e das “narrativas testemunhais”, e a de “projeto social/individual”, difundido em contexto brasileiro pelo antropólogo Gilberto Velho. Enquanto o primeiro se articulará ao conceito de Ricoeur devido ao seu valor “examinatório”, ou seja, à maneira pela qual os sujeitos pensam a construção de suas próprias trajetórias, a segunda possibilitará o vislumbamento de suas expectativas (pessoais e conjugais) diante do desejo de uma vivência poliafetiva. Na articulação desses três conceitos, outras noções acabarão circunscrevendo os caminhos adotados para a escrita do texto: “alternação”, “biografia”, “experiência”, “amor”, “comunicação”, entre outros. Todos eles, no entanto, como ferramentas conceituais que nos auxiliarão na leitura das narrativas produzidas pelos sujeitos apresentados. O trabalho reflexivo, como já dito, estará a cargo dos próprios interlocutores, estimulados a pensar sobre suas trajetórias individuais e conjugais, possibilitando uma maior inteligibilidade dos projetos poliamorosos empreendidos por eles.

Tendo em mente a própria proposta metodológica, resultante dos operadores analíticos apresentados acima, essa pesquisa também se realiza enquanto um exercício colaborativo. Portanto, o tensionamento à ideia de “autoridade do autor” também será uma condição presente, dado todo o processo reflexivo proposto. Meu papel, além do de sugerir alguns dos caminhos narrativos a serem pensados, será o de apontar possibilidades na construção de textualidades, tendo em vista o engendramento das experiências desses sujeitos a este fenômeno. Embora tal gesto atravesse todo o trabalho e os apontamentos relativos às textualidades sejam trabalhadas nas tramas de sua tessitura, tal gesto conceitual nem sempre aparecerá de modo tão evidente. Assim, deixo aqui o conceito de textualidade por considerá-lo um dos nossos primeiros guias de leitura.

De um lado, entendemos a textualidade como aquilo que faz do texto um texto, ou seja, as condições de sua inscrição no mundo. Neste processo, consideramos principalmente as relações de alteridade emergentes por meio das vinculações entre o texto, os meios pelos quais são materializados e seus leitores. De outro lado, a textualidade se coloca enquanto o próprio modo de compreensão da tessitura textual. Nesta pesquisa, por exemplo, a articulação entre as noções apresentadas acima (“identidade narrativa”, “histórias de vida” e “projetos sociais/individuais”), se revela enquanto um exercício de textualidade, nos ajudando a ter uma visão mais “integral” acerca do processo narrativo produzido pelos sujeitos. Por meio da

noção de textualidade (e de suas implicações metodológicas), portanto, também nos debruçaremos sobre algumas dinâmicas da vida social e as negociações de grupos dissidentes frente a esta estrutura, marcadamente monogâmica. A textualidade, dessa maneira, se refere à própria vitalidade da rede constituída entre os textos em suas relações com os sujeitos e seus ambientes (BARTHES, 1987). Os textos, ao serem entendidos nessa chave, são lidos não como algo dado, mas sempre em vias processuais, tornando-se “um lócus de reverberação e negociação da vida social” (ALZAMORA, ZILLER, D’ANDRÉA, 2018, p. 67).

Antes de apresentar os capítulos desta dissertação, penso que seja importante trazer algumas considerações acerca do título deste trabalho, em especial, a dois termos empregados. O primeiro deles se refere à noção de “casal”, que em muito tentei não utilizar devido à pertinência das questões trazidas por alguns dos atores políticos em prol da não monogamia, que vêm nos alertando sobre os perigos de um pensamento calcado na lógica da “entidade do casal”, esvaziando, de certo modo, a individualidade das pessoas nestas relações vista uma união que determinará uma nova existência ontológica destes sujeitos. Resolvi deixá-lo, sobretudo, por duas razões: a primeira se refere à própria inteligibilidade comunicativa do trabalho, pensando em sua recepção, que na possibilidade de substituição do termo (que se revelou também um desafio), perderia uma chave de leitura àqueles interessados em sua proposta. A segunda se justifica pela própria concepção de textualidade aqui empregada, visto que as narrativas trabalhadas só adquirem os contornos apresentados devido ao processo coparticipativo de sua feitura, performado diadicamente. O segundo termo é o de “rede”, que embora venha sendo trabalhado cada vez pelas ciências sociais - muito em razão de um vocabulário atrelado ao campo da *internet*, que inquestionavelmente vem atravessando praticamente todos os nossos fenômenos de pesquisa na atualidade, bem como pela popularização da teoria ator-rede no Brasil -, é aqui apresentada devido a dois motivos particulares. O primeiro é, sem dúvida, o de apontar a qualidade virtual das materialidades constituintes dos projetos a serem discutidos. O segundo se firma à própria ideia de textualidade, pensando as narrativas trabalhadas como redes textuais, não só pelo atrito entre os textos e o mundo que os compõem, mas também para com os próprios grupos onde os sujeitos e suas textualidades estão implicados. Agora sim, passemos a uma breve apresentação dos capítulos que constituem este trabalho.

Esta dissertação é dividida em três capítulos. No primeiro, faço um sobrevoo parcial sob o campo de estudos das não monogâmias em contexto brasileiro, apontando as principais questões levantadas por alguns de seus pesquisadores, vindos, sobretudo, da área da antropologia. A partir deste movimento, apresentarei algumas das diferenças centrais entre as

propostas não monogâmicas de relacionamento. Ao fim do primeiro capítulo, também farei uma breve apresentação sobre a renovação dos debates públicos relativos ao tema no país desde a feitura das etnografias anteriormente apresentadas. Neste momento, tomarei como ponto de partida algumas reflexões acerca do papel exercido pelo processo de plataformação para a renovação desses debates, bem como para a produção dos novos espaços de socialização *online*. A realização deste percurso justifica-se enquanto um gesto de localização, visando destacar os distanciamentos e as aproximações tomadas em meu trabalho quando comparado à bibliografia apresentada. No segundo capítulo, tramo as articulações entre as noções de “histórias de vida” e “identidade narrativa”. Nele, apresentarei a primeira parte das narrativas elaboradas pelos participantes da pesquisa, estimulados, neste momento, a reconstruir parte de suas biografias, enfatizando suas experiências afetivas e amorosas, bem como o exercício de suas sexualidades. A importância dessas trajetórias ficará mais evidente ao final dessa dissertação, quando, no momento em que estivermos trabalhando com a tessitura de seus projetos poliamorosos, estaremos mais aptos a localizá-los em meio a uma rede textual mais ampla, enquadrando-os no interior de uma vida reexaminada. No último capítulo, trabalharemos com a segunda parte dessas narrativas, focadas agora nas dinâmicas conjugais, centralizadas em torno da elaboração desses projetos, bem como seu exercício prático. Neste momento, as expectativas em torno das vivências poliamorosas, tal como a maneira como compreendem e praticam o amor tomarão protagonismo.

1. AS NÃO MONOGAMIAS NO BRASIL E SEU CAMPO ETNOGRÁFICO

Levantar novos debates acerca das não monogâmias no Brasil pode ser um desafio. As pesquisas brasileiras dedicadas ao tema, realizadas, sobretudo, nas áreas da antropologia, do direito e da psicologia, têm se empenhado de forma bastante considerável sobre as características gerais desses “modelos” de relação, seus dilemas pessoais e coletivos, bem como as estratégias de construção de um debate público no país. Contudo, algumas lacunas deixadas em aberto merecem destaque. Para que cheguemos a elas, reconstruirei parte desta trajetória. Meu primeiro capítulo será então dedicado aos debates já realizados a respeito do tema em contexto brasileiro. Conduzirei este percurso por meio de pesquisas etnográficas, visto que estão mais alinhadas às dimensões do fenômeno de pesquisa ao qual me debruço, ainda que as outras áreas citadas tragam contribuições teóricas importantes ao assunto, porém, se enveredando por caminhos muito distintos aos quais me dirijo.

Este capítulo é dividido em duas partes. Na primeira, parto das investigações antropológicas³ dedicadas ao tema na pretensão de reconstruir parte das discussões levantadas até então por esses (as) pesquisadores (as), trazendo suas principais contribuições. A intenção é demonstrar como as não monogâmias se constituíram enquanto um fenômeno social no Brasil, tal qual como um campo de estudo, e de que formas elas têm sido vivenciadas pelos seus praticantes, considerando suas singularidades. Na segunda, o texto toma um caminho mais autoral. Nela, abordarei como esse campo tem se renovado desde as publicações apresentadas na primeira parte do capítulo. Apontarei como os novos atores e coletivos políticos têm gerido esse debate e proposto outras reflexões à temática. Além disso, também trago algumas discussões a respeito das chamadas “plataformas de redes sociais”, mencionando seus impactos no processo de renovação do debate público acerca do tema no país. A partir desse sobrevoo, poderemos entender de que modo esta pesquisa se localiza dentro deste campo de estudo.

1.1. Um mapeamento do campo

As revoluções sexuais ocorridas nas décadas de 60 e 70, principalmente nos Estados Unidos, originaram aquilo que conhecemos atualmente como as não monogâmias. Embora

³ Ou que se aproximaram do método etnográfico, como a pesquisa de Barbosa (2011).

saibamos que modelos não-diádicos de relacionamento já existissem há tempos, como a relação poliamorosa vivida por William Moulton, Elizabeth Holloway e Olive Byrne no início do século passado, cujo envolvimento deu origem à famosa história da *Mulher Maravilha*⁴, apenas com tais movimentos o fenômeno ganhou nomenclaturas e agitações políticas próprias, moldando a forma com que essas experiências têm se dado culturalmente.

Essas relações/teorias, “nascidas” em meio a uma renovação das práticas sexuais, não só pelas ideias de amor livre difundidas pela comunidade *hippie*, mas também por uma série de transformações relativas a novas identidades sexuais e de gênero (ou, pelo menos, sua visibilização), tal como a instituição do divórcio e o surgimento da pílula anticoncepcional, são sintomáticas ao nos apontarem uma série de elementos relativos às reconfigurações da intimidade.

A sexualidade passava a ser compreendida não mais na chave da reprodução e do casamento, mas como um meio para o prazer e o afeto, no limite, uma forma de expressão emocional não necessariamente voltada para o casamento e a formação de famílias. (MISKOLCI, 2017, p. 72)

Por isso, diferentemente dos “velhos movimentos sociais”, centrados na questão de classe e da luta pela terra, os chamados “novos movimentos sociais” (HOBSBAWN, 1995) dirigiram seus olhares à pauta identitária, tendo como uma de suas principais marcas a:

(...) politização do privado, ou seja, o reconhecimento do caráter social e histórico da intimidade - a vida pessoal, afetiva e sexual -, esfera que passa a ser vista como campo de batalha por igualdade, reconhecimento e segurança. (MISKOLCI, 2017, p. 75)

Entretanto, há diferenças consideráveis à composição desse cenário no Brasil se comparado a contextos do norte global. Elas implicam não só sobre as formas de “infiltração social” desse fenômeno na esfera pública, como também à própria noção de “não monogamia”. Primeiramente, é preciso assinalar que a “não monogamia”, na verdade, se refere a um termo guarda-chuva que abriga uma pluralidade de formatos e/ou práticas relacionais: *swing*, relacionamento aberto (RA), poliamor, amor livre, anarquia relacional (AR) e relações livres (RL) são as mais destacadas dentre elas. No entanto, a produção de

⁴ O processo de criação da personagem ganhou as telas em 2017 através do filme “*Professor Marston and the Wonder Woman*” (“*Professor Marston e as Mulheres-Maravilhas*”, em sua tradução no Brasil). O longa acompanha a vida de William Moulton Marston, professor de psicologia em Harvard no início do século XX, ao lado de sua esposa, Elizabeth Marston, docente no mesmo departamento. A história narra a relação poliamorosa vivida por eles junto de Olive Byrne, uma de suas alunas. A proposta é evidenciar como a trajetória vivida pelos três culminou na criação da heroína da *DC Comics*.

novos “modelos”⁵ e nomenclaturas é um processo contínuo, considerando os sucessivos desdobramentos dessas discussões a nível internacional.

No Brasil, esses debates partem, principalmente (e tardiamente), a partir de dois eixos centrais: nos livros da psicanalista Regina Navarro Lins e do psiquiatra Roberto Freire, bem como pelos ambientes virtuais direcionados aos interessados no assunto, fruto da popularização do acesso à *internet* no início dos anos 2000. Indubitavelmente, a influência desses autores e da nova composição social vinculada à *internet* propiciou a infiltração dessas práticas e teorias no país. Além dessas fontes, também cito uma outra referência pouco mencionada nos trabalhos desenvolvidos sobre o tema: a série “*Armação Ilimitada*”, na qual a protagonista (interpretada pela atriz Andréa Beltrão) vivencia um relacionamento poliamoroso com dois homens (interpretados por Kadu Moliterno e André de Biase). A minissérie foi transmitida entre 1985 e 1988 pela Rede Globo de Televisão. Tendo uma audiência significativa para a época, é considerada também um marco dos anos 80, não só pela renovação da linguagem audiovisual utilizada - devido ao ritmo acelerado e à estética próxima a de videocliques (auge no período) -, mas também em virtude de suas temáticas, entre elas o poliamor, ainda que seja difícil apontar - pela falta de estudos, principalmente - como a trama jogou luz a essas novas formas de relacionamento. Além disso, cabe ressaltar a obra de Jorge Amado, “*Dona Flor e seus dois maridos*”, que embora não figure exatamente como uma história poliamorosa é assim interpretada⁶ devido ao envolvimento concomitante de Dona Flor com seu atual esposo e com o espírito de seu falecido marido. O romance, lançado em 1966, ganhou as telas uma década depois.

Apenas em 2008 o tema seria tratado novamente em um canal aberto de televisão: a série *Aline*, protagonizada por Maria Flor, cuja protagonista também se envolvia afetivamente com dois homens, resultou em duas temporadas, mas sem um impacto narrativo (e de audiência) significativo. De lá para cá, não tivemos outras narrativas em canais abertos de tv que contassem a história de trisais cuja relação se estabelecesse concomitante e consensualmente. Histórias de triângulos amorosos, traições e relacionamentos múltiplos não-consensuais obviamente continuaram sendo trabalhados, já que essas estruturas narrativas são bastante comuns nas histórias de amor e nas jornadas de muitos dos casais apaixonados. Embora não se tratem de arranjos não monogâmicos, elas são, por vezes, assim classificadas por parte da mídia e do público. Um dos exemplos mais populares é o arco do personagem

⁵ As aspas se devem à consideração de outras perspectivas encontradas no interior de tais movimentações, que sinalizam como as não monogâmias deveriam ser entendidas, na verdade, enquanto contra-modelos.

⁶ A obra é comumente citada em listas relacionadas a obras cinematográficas/literárias que abordam relacionamentos poliamorosos.

Cadinho, interpretado pelo ator Alexandre Borges, na novela “*Avenida Brasil*” (Rede Globo, 2011). Este, que mantinha um triplo envolvimento não-consensual, foi visto como um desserviço à causa poliamorista por parte de seus adeptos devido à maneira como foi amplamente associado ao poliamor (PILÃO, 2017).

Contudo, a discussão pública acerca do tema deve sua representatividade não somente às obras midiáticas que, vez ou outra, circulam de forma mais ou menos expressiva, mas principalmente aos diversos coletivos políticos, que há algum tempo, têm se colocado como representantes da causa. A partir da próxima seção nos debruçaremos sobre alguns destes. É necessário dizer, no entanto, que as pesquisas apresentadas, embora sejam tomadas como as mais representativas sobre o tema, não esgotam toda a bibliografia já realizada acerca do assunto.

1.1.1. Coletivos não monogâmicos e metodologias de pesquisa

A dissertação de Mônica Barbosa, defendida em 2011 no mestrado multidisciplinar e profissionalizante em Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia (UFBA) é a primeira pesquisa que tenho notícia a se debruçar sobre o tema no país. O objetivo da autora foi analisar os discursos da Rede Relações Livres (RLi) a respeito do amor, sexualidade e não monogamia.

Conhecido pela sua atuação na promoção de um debate contra a norma monogâmica e pela difusão da prática e da teoria não monogâmica no Brasil, o coletivo portoalegrense é considerado um marco nas mobilizações pela causa no país, sendo o primeiro grande grupo organizado em prol da temática em contexto nacional.

A RLi, dada a sua representatividade, acabou se tornando o coletivo mais investigado nas produções acadêmicas a respeito do assunto no Brasil, tendo sido abordada também nas etnografias de Pilão (2017), Silvério (2018) e Bornia Jr (2018). Barbosa a adota como caso exemplar para pensar nas disputas em torno das pautas de sexualidade. Além dela, Bornia Jr também acompanhou seus integrantes em suas atividades diárias, bem como nos eventos promovidos pela rede. Pilão entrevistou alguns de seus organizadores a fim de comparar a perspectiva teórica adotada pelo coletivo frente a outras coletividades não monogâmicas, sobretudo, aos poliamoristas. Silvério, por vez, utilizou-se das produções sobre a rede

(tomando os autores anteriores como referência) também com o objetivo de comparar a proposta teórica do grupo a outros modelos de não monogamia consensual (NMC⁷).

Originalmente, a Rede Relações Livres foi fruto da fusão de dois grupos, composta pela associação entre os onze membros recém desfilizados do Partido dos Trabalhadores (PT)⁸ com o grupo “Família e Feminismo”, criado em 2001 a partir do Fórum Social Mundial (FSM), sediado na capital riograndense. Enquanto o primeiro era composto por pessoas mais jovens e praticantes de formas não exclusivas de relacionamento, a faixa etária do segundo variava entre 35 a 60 anos, e os envolvidos, embora compartilhassem referências teóricas acerca da estrutura monogâmica (Engels e Marx, sobretudo), vinham de casamentos fechados.

Em 2006, após se aproximarem por meio de discussões iniciadas no *Orkut* um ano antes, o coletivo se identificou como Grupo Relações Livres, passando a se denominar como rede apenas em 2009, na tentativa de se consolidar enquanto um movimento unificado pela causa no Brasil. Se antes, todos os encontros eram presenciais e ocorridos na região sul, principalmente na cidade de Porto Alegre, ao proporem uma organização unificada, o projeto passou a contar com vários núcleos distribuídos dentro do país, contando com uma rede fixa de adeptos. Assim, se consolidaram como “a primeira organização do país a se dedicar exclusivamente ao tema do amor e da sexualidade em ações políticas e sociais de resistência à hegemonia heterossexual monogâmica” (BARBOSA, 2011, p. 54). Além disso, desde o início, a Rede Relações Livres tinha uma inspiração explícita às organizações político-partidárias.

Ao analisar seus discursos, Barbosa reflete sobre os sentidos atribuídos ao amor e à sexualidade produzidos pela rede. A multiplicidade sexual, por exemplo, defendida como um direito humano, apresentava-se como um princípio expresso na página inicial do *site* criado pelo projeto⁹. A partir desta ideia, Barbosa discorre sobre a forma como as pautas ligadas a questões de gênero e sexualidade têm sido debatidas nos eventos promovidos por diferentes Órgãos Mundiais, transformando-se ou não em políticas públicas no Brasil e em outros contextos. Além dos debates teóricos a respeito do tema, Barbosa também nos apresenta um pouco do percurso ao lado desses sujeitos.

⁷ O termo “não monogamia consensual”, embora adotado por Silvério (2018), traz alguns questionamentos devido à constituição dos movimentos sociais em prol da não monogamia no Brasil, que a partir de uma perspectiva crítica não considera válida sua ideia dada a abertura que do termo dá a uma “não monogamia não-consensual”, como em casos de traição (algo que os movimentos brasileiros desejam se distanciar). O termo é, no entanto, bastante difundido em contextos do norte global.

⁸ Que em seguida atuaram na formação do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

⁹ Que ainda pode ser visualizada através do link: <https://rederelacoeslivres.wordpress.com/>. Acesso em: 25 out. 2021.

Além de fomentar uma discussão social sobre os sentidos da não monogamia, também era bastante caro à rede qualificar propriamente aquilo que se entende por “estrutura monogâmica”. Utilizando, principalmente, a obra de Engels, “*A origem da família, da propriedade privada e do Estado*”, publicada originalmente em 1884, o grupo atrela a compulsoriedade monogâmica ao controle dos bens e da propriedade privada no interior dos grupos familiares, garantindo, com o aval e a legitimidade ofertada pelo Estado, a manutenção do poder social das famílias abastadas em relação às camadas mais vulneráveis da população. Logo, a monogamia não apenas seria uma tecnologia produtora de gênero, ao impor uma série de expectativas e de papéis sociais às mulheres de forma hierárquica (mas também aos homens em suas posições de privilégio), como também uma estrutura produtora e mantenedora de classe e raça. O embate da RLi à norma monogâmica, portanto, era encarado como uma prática revolucionária, dada a inegociabilidade com a estrutura monogâmica devido à perpetuação de uma série de assimetrias e desigualdades sociais historicamente instauradas pela sua imposição.

A respeito das contribuições à causa *não mono*, o coletivo também foi responsável por cunhar a denominação “relações livres”, uma das propostas incorporadas no espectro da não monogamia, tratando-se de uma singularidade brasileira às suas formas de representação. As relações livres são entendidas como uma prática de (re)orientação afetiva, emocional e sexual cuja proposta é a valorização de toda a rede relacional dos sujeitos, desafiando a lógica hierárquica posta pela estrutura afetiva hegemônica. E portanto:

(...) a concepção de relação livre organiza a vida de tal forma que vivemos, a um só tempo, as relações afetivas estáveis, contingentes, baseadas na densa amizade, mas também, e simultaneamente, as relações organizadas pelo prazer mesmo da atividade sexual, sem outra decorrência. (BARBOSA, 2011, p. 55)

Por meio das relações livres, advoga-se pela liberdade afetiva e sexual dos sujeitos, sem que passem pelo crivo discriminatório da sociedade, que condena tal exercício, sobretudo às mulheres, e que entende a relação de casal como superior às demais. Garantir as condições necessárias para a produção de uma emancipação individual e coletiva, permitindo também uma autonomia afetiva e sexual, representa, portanto, o objetivo central do coletivo.

Essa proposta se parece muito com outro “modelo” incluso no guarda-chuva não monogâmico, o da “anarquia relacional” (AR), que também advoga pelo livre exercício afetivo e sexual e pela desierarquização das relações. A diferença entre eles se deve, principalmente, ao seu local de origem e aos pressupostos teóricos mobilizados por cada

proposta. Se a anarquia relacional tem no anarquismo o seu principal norte teórico, nas relações livres é o marxismo que ocupa esse lugar.

A invenção do conceito anarquia relacional (AR) é atribuída à Andie Nordgren, uma jovem *queer* sueca produtora de programas e jogos de ficção científica online e uma das fundadoras da *GeekGirl Meetup*, rede voltada para mulheres interessadas em tecnologia, design e empresas startups. Em 2006, quando tem cerca de 25 anos, ela publica o ‘*Breve Manifesto Instrucional para a Anarquia Relacional*’, traduzido na íntegra em português pelo ‘Grupo Mulheres Livres’. (SILVÉRIO, 2018, p. 108-109)

Além do interesse pela história da rede, suas ações políticas e perspectivas teóricas, outro ponto fundamental explorado por Barbosa se refere à postura antagônica da RLi ao modelo poliamoroso, enxergando-o como um desdobramento da norma monogâmica. No entanto, se o poliamor se destaca “como o único movimento relacional, social e identitário conhecido internacionalmente que coloca a norma monogâmica no centro do debate” (ibidem, 2018, p. 4), ambos acabaram dividindo, por algum tempo, o protagonismo na luta política pela visibilidade *não mono* no Brasil. Esta “disputa”, entretanto, será tratada numa seção posterior, por meio da noção de “ideologia poliamorista” proposta por Pilão (2012, 2017). Agora, passemos aos outros coletivos investigados por esses autores.

Antes de se aproximar da Rede Relações Livres, Pilão se dedicou ao estudo de coletividades poliamoristas durante o mestrado junto aos grupos “*Pratique Poliamor*” (organizado no *Facebook*) e “*Poliamor Brasil*” (criado no *Orkut*, mas ainda em atividade no *Facebook*), além do site <http://poliamorbrasil.org/> e no blog <http://poliamores.blogspot.com/> (ambos indisponíveis). Assim como Barbosa (2011), Pilão também se debruçou sobre os discursos acerca do amor e da sexualidade.

O mapeamento feito pelo autor é importante devido ao registro histórico da construção de uma rede poliamorista no Brasil há cerca de dez anos atrás, embora grande parte de suas atividades tenham se encerrado há algum tempo, com exceção do grupo “*Poliamor Brasil*”. Além dos discursos sobre amor e sexualidade, também interessava ao pesquisador entender as (auto)representações desses sujeitos, seja quanto a uma forma de “vida poliamorosa” ou ao modo como se viam representados na arena pública. Além de participar destas redes, virtualmente construídas, Pilão também frequentava os “poliencuentros” organizados por seus idealizadores.

O Poliamorbrasil.org foi criado em 2008 por Helô¹⁰, descrita em suas palavras como uma mulher poliamorista, vegetariana, atea, simples, anarcomãe e residente da cidade de São

¹⁰ Todos os nomes citados por Pilão foram trocados a fim de garantir a desidentificação de seus interlocutores.

Paulo (PILÃO, 2012, p. 13). A apresentação do grupo tinha como frase inicial: “*Pratique Poliamor Brasil, apoio, autoconhecimento e militância*” (ibidem, p. 12). Seu objetivo era “*Entender as relações poliamorosas. Assim a gente vai destruindo, pouco a pouco, o preconceito. E aí, quem sabe, poderemos viver mais livremente cada um de nossos amores. Sem mentiras para com nossos parceiros, sem hipocrisia perante a sociedade*” (ibidem, p. 13). Além de postagens divididas entre apresentação, definições do “universo não monogâmico”, depoimentos, agenda e espaços de discussão, o ambiente também continha um *podcast* feito por Helô com participação de Brenda, autora do *blog* “*Poliamores*”, e João, moderador da comunidade “*Poliamor Brasil*” no *Orkut*. O objetivo era apresentar o poliamor em seus aspectos mais práticos e fundamentais.

O *blog* “*Poliamores*” foi criado em 2009, e semelhantemente ao *site* do Poliamorbrasil.org, apresentava depoimentos, conceitos e textos informativos acerca da temática, apresentando-se como “*Um blog criado para falar de Poliamor, um relacionamento que afirma ser possível não somente se relacionar, mas também amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo de maneira fixa, responsável e consensual entre todos os membros*” (ibidem, p. 15).

O grupo “*Pratique Poliamor*” (sem mensagem de apresentação mencionada pelo autor) foi criado em 2011. Por conta da expansão da plataforma do *Facebook*, acabou se tornando o maior coletivo poliamorista brasileiro naquele momento. Helô, Brenda e João também eram alguns de seus moderadores. Os tópicos e as discussões se assemelhavam à estrutura do *site* Poliamorbrasil.org e do *blog* “*Poliamores*”.

Já a comunidade “*Poliamor Brasil*” foi criada em 2004 com objetivo de divulgar a proposta poliamorista e fomentar redes de afetos. Como mensagem de apresentação, trazia um texto crítico à imposição social monogâmica, traduzido do *site* “*Honolulu Polyamory Network*”:

60% dos homens e 40% das mulheres têm relacionamentos extra-conjugais. Se a monogamia é nosso estado natural porque ela não é fácil? Atualmente mais de 50% dos casamentos termina em divórcio (...) Desde a infância somos ensinados que em algum lugar do mundo, existe um único parceiro amoroso a nossa espera. Como nós podemos encontrá-lo(a) dentre os 6 bilhões de pessoas do planeta? Se você encontrar a sua alma gêmea, você irá repentinamente parar de se sentir atraído por outras pessoas? O que acontecerá se você encontrá-la e com o passar dos anos você crescer e mudar? (ibidem, p. 16-17)

Dada a adesão obtida pelo “*Pratique Poliamor Brasil*” e sua proposta de expansão, bem como pelo contato e apoio direto com idealizadores de outros coletivos poliamoristas *online*, o grupo também tinha como objetivo a organização de um movimento unificado em

prol da visibilidade poliamorista no Brasil (tendo dois pólos, um no Rio de Janeiro e outro em São Paulo). Após alguns anos, o projeto, contudo, acabou se desarticulando devido a diferenças internas entre os seus organizadores.

França (2016), levando em conta a visibilidade alcançada pela Rede Relações Livres, decidiu investir seu projeto etnográfico no grupo poliamoroso recém criado em Brasília, onde morava e cursava o mestrado em Antropologia Social. Assim como os dois autores anteriores, interessou-se tanto pelo processo de criação do espaço investigado (“*Poliamor Brasília - DF*”), quanto pelas percepções de seus praticantes em torno da monogamia, do amor romântico e da prática poliamorista.

O grupo “*Poliamor Brasília - DF*”, criado em 2014 através da plataforma do *Facebook*, foi idealizado por uma estudante de psicologia que, ao se mudar para Brasília, não encontrou na cidade um espaço voltado a tais discussões. Após sua criação, o espaço já contava com 500 pessoas em apenas uma semana. Em um ano, eram mais de 2.700. A apresentação tinha como objetivo mostrar o espaço como um local de acolhimento: “*O objetivo é fazer debates sobre o Poliamor, tirar dúvidas, fazer amizades, compartilhar experiências e desmistificar esse tema. O Grupo existe para dizer ‘Você não está sozinho’. Temos encontros regulares*” (ibidem, p. 35).

Por meio da observação participante nos espaços virtuais e também nos encontros presenciais programados pelos moderadores, França direcionou seu olhar, sobretudo, à própria criação do grupo, às dinâmicas internas entre os seus membros e às expectativas relativas ao poliamor. No entorno, também se interessou pelos estigmas atrelados a essas relações, às modulações de gênero e classe nas dinâmicas internas do grupo, aos dilemas em torno dos projetos de parentesco, família e moralidade, tais como às fronteiras entre o poliamor em relação a outros modelos de nm, sobretudo às relações livres, aos relacionamentos abertos e à prática do *swing* (pontos também explorados por Pilão e posteriormente por Bornia Jr e Silvério). Ao contrário dos coletivos pesquisados por Pilão e Barbosa, o “*Poliamor Brasília - DF*” não tinha como objetivo se tornar um espaço de abrangência nacional, ou mesmo um coletivo unificado pela luta *não mono*.

Por fim, as informantes de Silvério (2018) foram localizadas através de redes lisboetas de *swing*, tratadas anteriormente pela pesquisadora em sua dissertação de mestrado, além dos grupos “*Poliamor*” (renomeado “*Poliamor e Diversidade*” durante sua pesquisa) - presente no *Facebook* - e um grupo secreto criado por algumas amigas da antropóloga, este, com o intuito de partilhar conteúdos referentes à “libido sexual” (ibidem, p. 133). A partir do grupo brasileiro “*Poliamor*”, Silvério chegou a membros residentes na capital mineira, onde realizou

metade de seu campo etnográfico. Demais interlocutores foram acessados a partir do método “bola de neve”, no qual novos participantes eram sugeridos pelos próprios sujeitos envolvidos na pesquisa.

Além da realização de entrevistas, Silvério participou de encontros e eventos organizados por grupos não monogâmicos em Belo Horizonte e Lisboa. Na capital mineira, participou de um evento promovido num bar de mulheres cujo propósito foi a discussão de formatos não monogâmicos de relação, além de uma confraternização na casa de um casal em processo de abertura relacional. Já em Lisboa, foi a dez festas em um espaço que promovia a diversidade sexual e de gênero, a uma sessão de cordas de BDSM¹¹ - prática denominada *shibari* -, a dois piqueniques organizados por poliamoristas, à primeira edição do “Tantra Festival de Lisboa” e ao “International OpenCon Catalonia” (Espanha), evento poliamorista com *workshops* e espaços de socialização. Silvério também aponta a participação (apenas observante) em três grupos voltados a discussões não monogâmicas no *Whatsapp*, dois em Belo Horizonte e um em Lisboa.

Bornia Jr (2018), como já dito, também acompanhou as atividades da Rede Relações Livres, no entanto, interessando-se pelos agenciamentos que levaram estes sujeitos a se aproximarem das propostas não monogâmicas de relação, sobretudo, às relações livres e ao poliamor, considerando o extrapolamento do autor à rede analisada.

1.1.2. Perfis dos coletivos e interlocutores de pesquisa

Embora os estudos sobre não monogâmias apresentem uma diversidade em suas possibilidades etnográficas, vimos que alguns grupos e coletividades *não mono* têm sido privilegiados no campo acadêmico. Hoje, devido à pluralidade de espaços resultantes dos processos de plataformização (algo que ainda será tratado), este cenário se mostra cada vez mais abrangente. Durante a leitura das pesquisas trazidas até então, contudo, outro ponto nos chama bastante atenção: tanto o perfil dos grupos etnografados quanto o de sujeitos ouvidos por esses pesquisadores apresentam uma indiscutível uniformidade¹².

Composta por homens cis autodeclarados heterossexuais e mulheres cis autodeclaradas hétero ou bissexuais (embora houvesse um destaque no discurso feminino relativo à desnaturalização da ideia de “orientação sexual”), a RL*i*, como já mencionado, era formada

¹¹ Sigla referente às práticas sexuais de *bondage*, dominação, submissão, sadismo e masoquismo, cujo prazer se encontra na relação entre dominação e submissão. A dominação do parceiro pode incluir o uso de corda, algemas, vendas, coleiras, fita adesiva, mordaca, grilhão, entre outros.

¹² Todos os dados utilizados foram transpostos dos trabalhos citados.

por pessoas mais jovens vindas de espaços acadêmicos e partidos políticos em associação a sujeitos que originalmente compunham o grupo “Família e Feminismo”, cuja faixa de idade ia dos trinta e cinco aos sessenta anos. Não foram citados dados relativos à classe e raça, entretanto, conforme as aparições públicas da rede, podemos deduzir uma composição étnica predominantemente caucasiana e pertencente a camadas sociais médias. O nível superior também era um ponto visível.

Na dissertação de Pilão (2012), dos oitenta e um perfis analisados, distribuídos entre a comunidade do *Orkut* e o grupo do *Facebook*, quarenta se identificavam como mulheres, trinta e nove como homens e dois sem gênero definido. Entre os dezoito homens que declararam a sua orientação sexual, quatorze se afirmaram heterossexuais e quatro bissexuais. Já entre as nove mulheres declarantes, três se afirmaram heterossexuais, quatro bissexuais e duas homossexuais. Em relação aos quatro entrevistados (duas mulheres e dois homens), ambas as mulheres relataram experiências com homens e mulheres (sem se definirem como bissexuais), um homem se definiu como bi (embora estivesse em conflito com sua orientação no momento da entrevista), e outro relatou apenas afetos dirigidos a mulheres. No momento inicial da pesquisa, o “*Pratique Poliamor Brasil*” contava com 108 membros e o “*Poliamor Brasil*” com 1.791. Embora apenas uma pequena parcela de todos eles tenham declarado sua raça, todos os entrevistados por Pilão declararam-se caucasianos. A faixa de idade predominante ia de vinte e dois a vinte e nove anos, seguida por trinta a trinta e sete anos. O nível superior também se mostrou recorrente. Na tese do autor, o perfil se mantém ou pouco se afasta, dadas as equivalências entre os sujeitos investigados em sua dissertação e o perfil dos membros da Rede Relações Livres, interlocutores agora incluídos na pesquisa.

Na etnografia de França (2016), o grupo informante era composto por pessoas entre vinte e quarenta anos, pertencentes à classe média alta/baixa, predominantemente brancas, com nível superior de escolaridade e majoritariamente heterossexuais, embora vários de seus membros (mulheres, principalmente) também enfatizassem uma orientação sexual direcionada a “pessoas”, fugindo de uma rotulação sexual estável. Novamente, a intensa presença da bissexualidade feminina se contrapunha à majoritária heterossexualidade masculina. Poucos se intitulavam gays, havendo apenas um relato em toda a dissertação relativa a uma vivência homossexual nesse espaço. Não por acaso, tratava-se da despedida de um participante que, segundo ele, não encontrara acolhimento no grupo, acabando sendo hostilizado pelos demais participantes. França observou uma relativização do ocorrido não só pelos membros, como também pela moderação, aspecto diametralmente oposto às ofensas dirigidas ao público feminino ou ao movimento feminista.

Ao todo, foram oitenta e cinco pessoas entrevistadas na pesquisa de Silvério (2018), quarenta e nove mulheres e trinta e seis homens. Os únicos critérios de seleção foram a autodeclaração de cisgeneridade¹³, além da experiência atual com alguma das não monogâmias consensuais. Os participantes dos coletivos investigados pela autora tinham idade média de vinte a trinta anos, com acesso ao ensino superior e localizados nas classes médias. Dos seus vinte e um informantes, três eram negros, onze estavam entre os vinte e trinta anos, sete entre os trinta e quarenta e três entre os quarenta e sessenta.

Bornia Jr (2018) realizou vinte entrevistas entre março e agosto de 2017. Embora tenha priorizado pessoas vinculadas às relações livres, também incluiu praticantes de outros modelos de relacionamento *não mono*. Foram entrevistadas dez mulheres e dez homens, todos cisgêneros. Desses, apenas uma mulher e um homem eram negros. Entre as mulheres, cinco têm entre vinte e dois e vinte e nove anos, três entre trinta e trinta e nove anos e dois entre quarenta e cinquenta anos. Dentre os homens, quatro têm entre vinte e cinco e vinte e nove anos, cinco entre trinta e trinta e nove anos e um entre cinquenta e sessenta anos. Entre os homens, oito se declararam heterossexuais e dois bissexuais. Entre os oito heterossexuais, dois afirmaram já ter se relacionado ou se relacionarem com outros homens, eventualmente. Entre as mulheres, oito se declararam bissexuais, uma heterossexual e uma que preferiu não se definir. Todas afirmaram já ter se relacionado com mulheres anteriormente.

Outro fator comum entre os informantes refere-se a vinculações com religiões alternativas, como a *wicca* ou a massiva identificação ao ateísmo, além de um interesse reiterado por discussões atreladas ao horóscopo.

1.1.3. Práticas e ideologias não monogâmicas

O campo de estudos construído em volta das não monogâmias se firmou, sobretudo, a partir de dois eixos: de um lado, aborda-se como tais coletivos foram constituídos e quais suas estratégias políticas de (auto)representação, de outro, procura-se entender como seus adeptos vivenciam esses modelos, atentando-se às expectativas em torno dessas relações, bem como às principais vantagens e dificuldades em seu vivenciamento. Aqui, apontarei algumas das principais contribuições relativas à *práxis* poliamorista.

Inicialmente, trago as proposições feitas por Pilão (2017) em sua tese de doutorado acerca das diferenças históricas entre os movimentos poliamoristas em contextos do norte

¹³ Todos os informantes ouvidos pelos pesquisadores aqui discutidos são cisgêneros.

global (EUA e países Europeus) em relação àqueles que se constituíram no Brasil, temporalizados no que o autor chamará de “primeira” e “segunda onda poliamorista” - tomando como referência os trabalhos de Jin Haritaworn, Chin-ju Lin e Christian Klesse (2006), Klesse (2007, 2011), Anapol (1992) e Barker (2010). Essa discussão é relevante pela tentativa de reconstrução histórica do cenário poliamorista empreendida pelo autor, sendo retomada nos trabalhos de Silvério (2018) e Bornia Jr (2018).

Pilão estabelece o que seriam as “ondas poliamoristas” com base em dois períodos históricos marcados tanto pela emergência dessas discussões quanto por suas renovações. A primeira é associada ao início dos anos 90, nos Estados Unidos, onde a partir da instauração do termo “poliamor”, este passa a se referir a um “modelo” conjugal de relações concomitantes e consensuais, tal como hoje o conhecemos, embora a palavra conste em registros históricos anteriores, porém sem tal conotação. As raízes históricas que permitiram a sua eclosão, no entanto, remontam às décadas de 60 e 70, período das manifestações pela liberdade e igualdade sexual e de gênero, como já mencionamos. A história é tecida por diversos atores, movimentos e coletividades, mas se caracteriza, principalmente, pelo seu apelo místico, espiritual e inspirado em obras da ficção científica. Uma vez que a recuperação histórica do movimento poliamorista não se estabelece enquanto um dos meus objetivos de pesquisa, mas entendendo a importância de sua trajetória, deixo alguns dos principais pontos que marcaram a chamada “primeira onda”, de acordo com Pilão:

a. A fundação da Comunidade *Kerista* no final da década de 1950, exercendo suas atividades até a década de 90 na cidade de São Francisco - Califórnia, cuja influência para o movimento poliamorista é preponderante. Se desenvolveu no berço da contracultura e do movimento *hippie* e foi responsável pela criação dos termos polifidelidade¹⁴ e compersão¹⁵, além de serem conhecidos pela prática do casamento aberto/múltiplo;

b. A fundação da Igreja (neopagã) *de Todos os Mundos* em 1990, inspirada pelo livro “*Um estranho numa terra estranha*” de Robert Heinlein (publicado em 1961). A igreja homônima na obra de ficção tinha como missão ajudar na evolução e no aperfeiçoamento humano por meio da iluminação extramundana, sendo a ruptura com a monogamia uma de suas etapas;

¹⁴ Nas palavras de HARDY; EASTON (2019, p. 350), a polifidelidade é “um subconjunto do poliamor no qual mais de duas pessoas, possivelmente dois ou mais casais, formam um grupo sexualmente exclusivo. Às vezes, é adotado como estratégia de sexo seguro.” No entanto, a forma mais comum no Brasil é o modelo triádico de relacionamento e não a junção de dois ou mais casais “originais”.

¹⁵ O sentimento resultante do testemunho do amor sentido por um parceiro à outra pessoa (normalmente, quando este é correspondido).

c. A criação do Grupo “*Polyamory*” em 1992 no *usenet*, cuja intenção era formar uma rede de troca e convívio aos adeptos do poliamor;

d. A publicação do artigo “*Bouquet of lovers*” em 1992, escrito por uma das líderes da *Igreja de Todos os Mundos*. Neste texto, o relacionamento aberto (RA) e o estilo de vida poliamoroso são colocados em questão.

O valor utópico exacerbado, de acordo com Pilão, orientava um entendimento compartilhado acerca da norma monogâmica, incidindo diretamente nas proposições de modelos relacionais dissidentes. A influência das obras de Butler e Foucault neste período também se mostram relevantes para o tensionamento à norma binária de gênero e sexualidade. Segundo o autor, a primeira onda poliamorista não atingiu (ou atingiu em níveis bastante imprecisos) o contexto brasileiro, que só testemunhou a chegada da segunda onda, tendo também um papel ativo em sua consolidação.

Portanto, o espiritualismo típico do movimento contracultural californiano e influente entre os poliamoristas anglo-americanos não tem a mesma importância para o poliamor no Brasil, mais ateu/agnóstico e com influências mais visíveis do socialismo, do anarquismo e do feminismo. Por essa razão, talvez seja possível afirmar que a oposição ao Estado ocupa maior relevância entre os poliamoristas brasileiros, em contraste com a adoção de um discurso mais abrangente e abstrato que aborda o amor como uma problemática “humana” e “cosmológica”, mais típica do utopismo espiritualista do poliamor norte-americano. Assim, ao invés de tratar a repressão sexual e a monogamia como questões humanas ou individuais, no Brasil são mais regularmente articuladas às estruturas e instituições sociais como o capitalismo e o cristianismo. (PILÃO, 2017, p. 194)

A segunda onda é marcada pelo apagamento (ou, pelo menos, pelo enfraquecimento) do caráter místico e pelas críticas ao aspecto idealístico e messiânico da primeira, bem como à ideia de superioridade ética e moral promovida por seus apoiadores (*ibidem*, p. 212). Suas discussões agora passam a focar nos aspectos sociais que atravessam tais propostas de afetividade, pensando, sobretudo, no caráter interseccional modulantes dos projetos nm de relacionamento, além de questionarem os próprios valores e atitudes ressaltadas por esses movimentos. A segunda onda pode ser caracterizada pela sua postura autocrítica:

a. O questionamento à polinormatividade, tal qual à mononormatividade instituída pela estrutura monogâmica. Sendo que a primeira se referia principalmente à ideia de superioridade ética e moral propagada pelos movimentos poliamoristas da onda precedente;

b. O afrouxamento das fronteiras entre monogamia e não monogamia a partir da multiplicidade dos modelos relacionais derivados do movimento poliamorista, cuja hibridação

de elementos monogâmicos e não monogâmicos começou a ser bastante enunciada (BARKER, 2005);

c. O apagamento do binarismo entre a “má” e a “boa” sexualidade, também oriundo dos valores instituídos durante a onda anterior;

d. O questionamento do impacto das interseccionalidades nos projetos de renovação sexual estimulados pelos movimentos não monogâmicos e poliamoristas;

e. Autocrítica e apontamento do individualismo empregado pelos movimentos da primeira onda, que desconsideravam estruturas sociais mais amplas, focando apenas no papel do indivíduo para a ruptura dos padrões sociais.

Portanto:

[...] a principal preocupação discursiva dos poliamoristas anglo-americanos é mostrar que o poliamor é uma opção “ética”, “espiritualizada”, baseada em uma “honestidade plena” e fundada em relacionamentos “responsáveis”. Por sua vez, entre os poliamoristas brasileiros o foco está concentrado em denunciar a “repressão” monogâmica e defender a liberação dessa estrutura limitadora, permitindo que cada indivíduo tenha espaço para desenvolver a sua “originalidade única”. (PILÃO, 2017, p. 202)

Apesar da existência de clivagens conceituais entre os pesquisadores vistos até então, os direcionamentos dados por eles apresentam, no geral, bastante semelhanças. Pilão e França, por exemplo, acabaram focando nos discursos voltados a uma suposta “ideologia poliamorista”, baseada nas expectativas e nos ideais compartilhados entre os participantes dos grupos etnografados. Pilão, responsável pelo termo, apresenta-o com base no que o autor considera serem os quatro principais valores fundamentais à ética poliamorista.

Em primeiro lugar, estaria a honestidade ao outro e a si próprio, pensada como uma marca bastante singular dos relacionamentos *não mono*. De acordo com seus informantes, a monogamia seria uma estrutura de tolhimento dos desejos individuais, o que promoveria uma desonestidade afetiva generalizada ao não admitir a concomitância dos afetos como parte “natural” da vida. Esta, em caso de demonstração, seria vista como ilegítima pela racionalidade “Ocidental”¹⁶, calcada na chamada “economia da escassez”¹⁷ (HARDY; EASTON, 2019, p. 44).

¹⁶ A utilização do termo entre aspas e iniciado em letra maiúscula é provocativo, considerando o modo como o termo tem sido utilizado de forma generalista e homogênea.

¹⁷ Conceito não trabalhado pelo autor, sendo minha tal articulação. A noção joga luz à forma como o modelo hegemônico monogâmico estabelece uma finitude na capacidade individual de amar ou de estabelecer conexões íntimas, sendo a concomitância afetiva-sexual um desvio ao amor “verdadeiro”, “puro” e “profundo”.

O segundo e o terceiro valores constituintes da ideologia poliamorista seriam os de liberdade e igualdade. É preciso lembrar que o início das movimentações pela causa não se dá justamente num momento de questionamento à ideia do amor romântico, iniciada (ou, pelo menos, visibilizada) nas décadas de 60 e 70 pelos grupos *hippies* nos Estados Unidos. Tais movimentações, desde sua origem, se inspiraram em diversas reivindicações já em disputa pelos movimentos feministas, negros e LGBTs, principalmente - ainda que as infiltrações dessas influências sejam marcadas por uma série de aproximações e afastamentos, como veremos posteriormente na tese de Pilão (2017). No Brasil, as movimentações em torno da equidade de gênero, sexualidade, raça e classe também são bastante inspiradoras para a organização destes coletivos. A liberdade e a igualdade surgem como princípios básicos nas propostas de renovação sexual ao se atrelarem às mudanças relativas aos direitos das mulheres e à própria singularidade da composição populacional brasileira, fruto de um intenso e violento processo de miscigenação e racismo estrutural.

Ao questionarem os princípios basilares da estrutura afetiva hegemônica, esses coletivos problematizam as condições sociais para o livre exercício das sexualidades, resultantes de uma estrutura machista, racista, LGBTfóbica e misógina. As condições de liberdade e igualdade dizem respeito às possibilidades de vivenciamento da não monogamia pela população de forma geral, mas principalmente às mulheres, embora essa questão não seja circunscrita apenas à realidade heterocentrada, mas também direcionada à vivência de pessoas LGBTs.

De acordo com Pilão (2012), a nível conjugal a liberdade viria como um aspecto elementar da proposta poliamorista no país devido à forte valorização individual face a possíveis negociações e acordos conjugalizados, entendidos como “limitantes” por parte desses grupos. Na prática, dinâmicas mais flexíveis acabavam prevalecendo. Além disso, Pilão também diz ter encontrado seu discurso inverso, cujas negociações conjugais eram valorizadas, visando uma espécie de simetria afetiva entre o casal. Assim:

Em um extremo, há poliamoristas que defendem uma “liberdade plena” e veem qualquer restrição aos desejos como “sacrifício”. Em outro, há relacionamentos que envolvem polifidelidade, “ciúme” e “controle”. Entre estes pólos está a maior parte dos pesquisados, que defendem uma “liberdade responsável”, onde todos os envolvidos dialogariam em busca de uma posição consensual. (PILÃO, 2012, p. 100)

A igualdade, por sua vez, aparece atrelada a um trabalho de produção da autonomia e da emancipação perante uma estrutura que hierarquiza as condições do usufruto do direito ao próprio corpo e à sexualidade. Portanto, além da expectativa de uma vivência plena,

fundamentada na concomitância afetiva e sexual, também se estabelece uma luta sistêmica contra a norma de gênero, que assimetricamente organiza um conjunto de expectativas sociais direcionadas a homens e mulheres, incubidos de “deveres” específicos dentro de um relacionamento amoroso. A condição de igualdade, entretanto, também apresenta múltiplas nuances a depender da configuração poliamorosa (se aberta, fechada, hierárquica ou não¹⁸) desejada.

Pilão evidencia como ambos os valores (liberdade e igualdade) podem entrar em conflito devido a própria estrutura social, que não permite o livre exercício afetivo e sexual de ambos os gêneros¹⁹ ou também devido às próprias dinâmicas internas nesses relacionamentos. Além disso, é bastante comum a presença de relatos femininos que apontem uma série de opressões masculinas em suas vivências dentro da não monogamia, ainda que esses sujeitos também circulem pelos espaços nm. Segundo elas, relações concomitantes são frequentemente vedadas, além de seus companheiros não enxergarem com bons olhos relacionamentos simultâneos que sejam numericamente iguais ou superiores aos deles.

O quarto princípio seria o do amor, utilizado como o elemento definidor dessa ideologia e mobilizado na busca por legitimação social. Por isso, para que o modelo poliamoroso se distancie de comportamentos reprovados socialmente, seus coletivos negam qualquer associação a práticas vistas como promíscuas. Assim, o amor é utilizado por esses grupos como um símbolo-chave de seus projetos afetivos, coletivos e individuais. Seja na construção de um imaginário coletivo à favor dessa luta, ao entendê-los como defensores do direito pleno de amar, ou para a afirmação individual da capacidade de amar de forma múltipla e concomitante, algo que os singularizariam frente à norma monogâmica.

No entanto, essa valorização é tensionada tanto no interior desses coletivos quanto através do embate promovido a outros modelos não monogâmicos (principalmente às relações livres e ao relacionamento aberto). De um lado, o afastamento desses grupos a práticas

¹⁸ Um relacionamento poliamoroso pode ser pensado e praticado dentro de algumas possibilidades. Numa relação poliamorosa aberta, novos parceiros podem ser incluídos no relacionamento a qualquer momento, seja para se relacionar afetiva e/ou sexualmente com todos que estão na relação ou apenas com um de seus parceiros, ao contrário da fechada, em que o poliamor é vivenciado sem a possibilidade de inclusão de novos amores, mas que não necessariamente se limita a um número específico de pessoas relacionadas (podendo ser um poliamor fechado a três, quatro ou mais). Além disso, o poliamor aberto pode ser hierárquico ou não, ou seja, os vínculos mantidos entre as pessoas em relação podem se sobrepor em grau de importância em relação aos novos vínculos estabelecidos pelas pessoas desse arranjo. O poliamor fechado, em teoria, já é hierárquico ao estabelecer uma diferença de grau entre aqueles que firmaram um compromisso conjugal e as pessoas localizadas fora de seu relacionamento.

¹⁹ As discussões que extrapolam o binarismo de gênero até existem transversalmente nos estudos sobre não monogamia, porém, muito incipientes devido à dificuldade de localizar pessoas não-binárias nesses espaços, mesmo com uma relativa valorização com a quebra da norma de gênero por muitas das próprias praticantes poliamoristas/não monogâmicas (e aqui, uso o artigo feminino de modo proposital, uma vez que essa inclinação é muito mais pronunciada nas mulheres em relação aos homens ouvidos na bibliografia apontada).

socialmente vistas como promíscuas é percebida como uma estratégia “higienista” do movimento, acusado, portanto, de assimilar normas culturais (baseadas num certo manual monogâmico) em busca de uma aceitação social - ao compartilhar uma visão socializada que legitima a pureza e a profundidade do amor, mas que condena algumas formas de liberdade sexual. De outro lado, seus defensores afirmam que o sexo, embora importante, não deva ser pautado de forma tão central quanto o amor, visto que este definiria o poliamor enquanto um modelo de relação afetiva.

Aqui, tocamos em uma outra questão importante discutida no trabalho do autor: as considerações dos coletivos e praticantes poliamoristas a respeito da monogamia. Embora a contestação da exclusividade amorosa e sexual seja um ponto de comum acordo entre todos os adeptos da “ideologia poliamorista”, a noção de monogamia não é, de forma alguma, estável. Se de um lado é entendida como uma das várias configurações afetivas possíveis, sendo inclusive tão legítima quanto as demais, tratando-se apenas de um acordo íntimo firmado entre pares, de outro, é vista como uma estrutura de dominação e normatização, sobretudo aos corpos das mulheres, ainda que seus efeitos recaiam sobre um amplo conjunto de grupos vulnerabilizados socialmente (além dos corpos femininos, pessoas LGBTQs, sendo que as interseccionalidades operariam com ainda mais força em corpos negros, pobres, gordos e/ou com deficiência). A segunda perspectiva é frequentemente articulada às ideias contidas no já citado livro de Engels (2019). Essas diferenças acabaram por ajustar as fronteiras entre os diversos grupos constituintes do espectro não monogâmico, que ao se posicionarem de formas específicas em relação às diferentes definições de monogamia, produzem modos singulares de “alteridade não monogâmica”, estabelecendo limites (nem sempre tão claros) entre eles.

Assim, o poliamor e a monogamia se “misturariam” em campo pela própria prática poliamorista, que conforme enunciado por vários dos interlocutores de Pilão, nunca está imune aos efeitos da socialização monogâmica, sendo o ciúme o seu principal “vilão”, o mais perigoso resquício da norma imposta pela compulsoriedade monogâmica, mas não o único. Se existe uma certa visão de que nas não monogâmias o ciúme é algo completamente fora de questão - muito porque se entende um relacionamento não monogâmico como menos comprometido e profundo -, a realidade se mostra muito mais complexa, pois raros são aqueles que se dizem livres desse sentimento. O ciúme é então compreendido como algo pelo qual a ideologia poliamorista deve se opor de forma aguda, sendo o seu enfrentamento parte

fundamental de um certo tipo de “trabalho emocional”²⁰ (HOCHSCHILD, 2013) a ser desenvolvido pelos seus adeptos. Um relacionamento poliamoroso que tenha o ciúme como algo recorrente pode ser entendido, por esse ponto de vista, enquanto uma configuração não muito distanciada do modelo monogâmico, devido à qualidade de sua dinâmica.

Uma outra acusação de “contágio monogâmico” no interior das práticas poliamoristas se daria pela presença da hierarquia entre os afetos (algo comum nos casos de poliamor fechado, mas também aberto, assim como em relacionamentos abertos). Em ambas as situações, novos afetos estariam vetados ou condicionados a se manterem em posições hierárquicas “inferiores” em relação ao “parceiro original”. Nesses casos, os arranjos também poderiam ser vistos como um “desdobramento monogâmico” ao reiterarem uma conduta de limitação dos desejos e do livre exercício afetivo e sexual.

Assim, voltamos ao ponto levantado anteriormente no trabalho de Barbosa (2011), relativo ao antagonismo demarcado pela RLi ao modelo poliamorista, que em sua visão, trataria-se de uma “monogamia liberal” ou “monogamia estendida”, de forma geral. Considerando o regimento da polifidelidade nos acordos poliamorosos fechados, ele seria visto como uma norma monogâmica atualizada. Nas palavras de Pilão (2012, p. 100): “A polifidelidade, assim como a hierarquização entre os relacionamentos, são vistas como resquícios monogâmicos, por serem contrárias aos dois principais valores poliamoristas: a ‘igualdade’ e a ‘liberdade’”. Por isso, desde sua origem, tanto as relações livres quanto a anarquia relacional se opõem à proposta poliamorosa ao não conceberem sua prática enquanto um exercício de desestabilização da norma monogâmica, diferentemente do caráter autodefinido revolucionário proposto e reivindicado por esses dois contra-modelos. Porém, como já mencionado, a postura poliamorista mencionada não seria generalizada devido aos diferentes modos com que seus adeptos pensam a monogamia. Para algumas pessoas, ou parte desses coletivos (poliamorosos, principalmente), o relacionamento aberto ou o poliamor fechado seriam um “entre-lugar” (PILÃO, 2012, p. 31) entre a monogamia e a não monogamia, um espaço de transição para o desenvolvimento de relações que se dirijam gradualmente a formas menos “limitantes” de união, sendo estas as mais desejadas e encorajadas pela ideologia poliamorista.

Considerando a relação limítrofe entre o poliamor e a monogamia, Pilão conclui que, melhor que entendê-las enquanto pólos opostos numa cartografia afetiva, é considerá-las dentro de uma realidade múltipla e heterogênea, operada a partir de uma série de contradições

²⁰ Conceito não trabalhado pelo autor, sendo minha tal articulação.

internas, ainda que sua distância seja resguardada pela concomitância afetiva-sexual, inadmissível pela norma monogâmica. Esta postura também é adotada por França (2016, p. 124) ao compreender o fenômeno do poliamor entre os seus informantes:

[...] embora os valores que norteiam as possíveis distinções entre todas essas formas de relacionamento e que sejam enunciadas e marcadas pelo processo de identificação com elas, quando postas em exercício, todas se misturam. Mesmo quando uma pessoa se identifica como poliamorista, por exemplo, há presença de elementos monogâmicos, não monogâmicos, de relacionamentos abertos, ou, até mesmo, relações livres. E por que não de amor romântico, como apontei?

Além de sugerir uma ideologia, Pilão, ao analisar o percurso biográfico de seus interlocutores rumo a não monogamia, aposta na existência de uma certa “carreira poliamorista”, dadas as similaridades encontradas nas histórias ouvidas em campo, ainda que não as trate enquanto trajetórias fixas. Tais histórias parecem enunciar um processo de “conversão”. Se antes esses sujeitos sentiam-se inadequados ao modelo hegemônico, agora se direcionam a novas possibilidades afetivas. Assim, o antropólogo se interessa em conhecer “como se dá, entre os pesquisados, a passagem de uma conjugalidade e identidade ‘monogâmica’ para uma ‘poliamorista’” (PILÃO, 2012, p. 26), que podem se aproximar mais ou menos do “itinerário” proposto pelo autor, sintetizado em:

1- Desejo de se envolver com mais de uma pessoa ao mesmo tempo; 2- Traições e mentiras (ocultamento do interesse por terceiros); 3- Compartilhamento com os parceiros dos desejos e das traições; 4- Término ou tentativas de viverem “relacionamentos abertos” ou swing, mantendo o parceiro antigo como hierarquicamente superior (relacionamento primário e outros secundários); 5- Crítica à monogamia; 6- Sofrimento por ciúme e pela limitação da “liberdade” dos RAs e/ou do swing; 7- Questionamento desses limites e conhecimento do Poliamor; 8- Encantamento com a proposta e a dúvida na possibilidade de realização na prática; 9- Enfrentamento dos desafios: encontrar parceiros, controlar o ciúme, desenvolver “compersão” etc.; 10- “Faixa preta” poliamorista: vivência de amores simultâneos, sem hierarquizações e necessidade de autorização dos parceiros mais antigos; 11- Relacionamento em grupo (“sonho” poliamorista). (ibidem, 2012, p. 58)

Em meio ao processo de manutenção dos vínculos poliamorosos, uma série de outros aspectos se mostram relevantes para além dos quatro valores apontados por Pilão: os acordos conjugais, as razões que levaram uma aproximação desses sujeitos a práticas de dissidência afetivo-sexual, os preconceitos enfrentados na esfera pública, além das vantagens e desafios implicados nessas experiências, algo que já começamos a discutir.

Os acordos são, na maioria das vezes, um ponto chave para aqueles que vivem relações fugidias às normas hegemônicas de afetividade. Geralmente, nós, poliamoristas, explicitamos os acordos de nossos relacionamentos na tentativa de dar certa legitimidade a

esses afetos, encarados socialmente como formas menos seguras, estáveis e comprometidas de afeição. Falar sobre eles, portanto, acaba se tornando uma estratégia na busca por reconhecimento, embora isso possa se tornar desconfortável ao passar do tempo, dada a sensação de “provação” atribuída a essa performance. Bem, se nas relações livres, em teoria, os acordos são questionados devido ao modo regulatório com que incidem sobre os afetos e ao exercício da sexualidade, no poliamor eles acabam se tornando uma situação bastante comum.

Seja para a regulação das fronteiras entre os modelos postos pela não monogamia ou para garantir conforto e acolhimento aos limites pessoais no vivenciamento dessas experiências, os acordos propiciam, idealmente, garantias de segurança aos envolvidos. Uma tentativa de controle àquilo que, socialmente, é visto como desregrado ou sem qualquer tipo de moderação. Se para duas pessoas em um relacionamento *não mono* o acordo de não presenciar os afetos concomitantes de seu parceiro funciona como um modo de proteção emocional, para outros, o contrário é justamente aquilo que lhes trará alívio. Assim, os acordos são relacionais e situacionais. São vistos e revistos permanentemente a depender de quem está incluso nessa equação e em que tempo e espaço se encontram. Esta temporalidade diz respeito ao momento político, econômico, pessoal, construído coletivamente junto a seus afetos, ou a qualquer outro fator relevante nessa conta. Também é circunscrito espacialmente a depender de quem habita aquele espaço, a quem ele pertence, ao que acontece no momento ou às regras (sociais) que lhe regem.

Bornia Jr (2018) traz uma série de acordos que elucidam essas dinâmicas, ainda que não esgotem suas possibilidades:

- a. restrição do espaço doméstico para novos encontros afetivo-sexuais, a menos que o parceiro “original” esteja ausente;
- b. transas apenas na ausência do parceiro;
- c. uso obrigatório de camisinha com novos parceiros;
- d. restrição de envolvimento afetivo-sexual com colegas de trabalho, cujo veto se justificaria em termos profissionais;
- e. comunicação do interesse por novas pessoas/novos vínculos afetivos ao parceiro;
- f. não comunicação ao parceiro do interesse por novas pessoas/novos vínculos afetivos;
- g. proibição de relações com parentes ou amigos do parceiro;

- h. veto para relações sexuais heterossexuais no espaço doméstico (permissão para as homossexuais);
- i. proibição da demonstração de afeto público com outros homens, mas permissão aos afetos dirigidos a outras mulheres (regra imposta a uma mulher numa relação heterossexual);
- j. determinação de dias da semana para outros encontros afetivo-sexuais;
- k. prioridade perante às novas parcerias estabelecidas;
- l. prioridade aos vínculos mais antigos em detrimento dos novos;
- m. proibição de envolvimento que ultrapassassem um mês de duração;
- n. realização de um contrato redigido informando todos os acordos firmados.

Silvério, ao perceber de seus interlocutores um sentimento de inadequação, fruto de relacionamentos amorosos anteriores, aponta o poliamor como uma forma de “experiência emancipatória” (2018, p. 197), permitindo ao sujeito uma resignificação de seu percurso biográfico, antes socialmente atrelado à promiscuidade e a uma performance divergente das expectativas sociais (estas, dirigidas sobretudo às mulheres). Bornia Jr (2018) elucida algumas razões para as aproximações com os modelos nm de relacionamento:

- a. por uma separação entre amor e tesão;
- b. por se declararem pessoas “íntensas demais”, apaixonando-se com facilidade;
- c. como uma forma de recuperação do “tempo perdido”;
- d. por inadequação à norma monogâmica;
- e. como busca por liberdade e autonomia pessoal dentro das relações afetivas e sexuais, algo sentido como oposto ao arranjo monogâmico;
- f. por incômodo (ou aversão) a compromissos “sérios”, casamento ou “romantismo”;
- g. por impossibilidade de manter um “espírito livre” dentro de uma relação com exclusividade afetiva e sexual;
- h. pelo “sufocamento” causado pelo casamento monogâmico anterior;
- i. como esforço para conquistar ou preservar uma autonomia afetiva e sexual feminina num contexto de relações heterocentradas, escapando de relacionamentos abusivos e do controle masculino;
- j. por influência de pessoas e/ou ambientes sociais;
- k. por interesse intenso por sexo (com destaque ao início precoce na história de vida de algumas das mulheres entrevistadas).

O acolhimento a não monogamia, portanto, deriva de processos bastante contingentes relativos a dinâmicas biográficas mais amplas, escapando de uma determinada perspectiva estática, que poderia atribuir a vinculação desses sujeitos a formas dissidentes de afetos como um atributo próprio de si, ou seja, próximo daquilo que convencionaríamos chamar de uma “orientação afetiva”, tal qual à sexual, ainda que não negada sua possibilidade pelos seus adeptos. Este ponto, inclusive, é bastante discutido nos grupos poliamorosos. Por isso, não é incomum ouvir de seus próprios praticantes concepções mais essencialistas relativas à uma “identidade poliamorista”, onde tal identificação parte de perspectivas mais “atomizadas” do eu.

Seguindo adiante, se os limites entre as práticas localizadas no espectro não monogâmico podem parecer tênues devido ao caráter processual dos arranjos, dos acordos e do tempo em que essas relações se encontram, Silvério (2018) aponta pelo menos quatro denominadores comuns ao exercício das NMC: o preconceito e a marginalização social, o estabelecimento de regras, a abertura comunicacional e a reinterpretação do ciúme. Os combinados e a abertura comunicacional - centrada na ideia de honestidade ao outro e a si mesmo - regem não somente a *práxis* poliamorista, como também estão no cerne de sua proposta de renovação ética, afetiva e sexual. O ciúme, também já abordado, longe de ser um sentimento pacificado, revela-se como um dos maiores desafios às propostas dissidentes de relação, dada a nossa socialização calcada no amor romântico, cuja a competição (Vasallo, 2022)²¹ e o sentimento de insegurança são alguns de seus efeitos. O preconceito, por vez, não só se ampara na ideia da monogamia como um dado natural (ou como pacto civilizacional), mas também pelo modo com que homens e mulheres são representados culturalmente, vistos como “complementares” (LAQUEUR, 2001)²² devido aos inúmeros processos que levaram às diferenciações de sexo/gênero, tornando-os diametralmente opostos, sendo a monogamia uma das “tecnologias” (LAURETIS, 2019)²³ históricas de sua produção. Os atravessamentos de gênero são de suma importância devido à maneira com que esses estigmas são dirigidos a pessoas *não mono*. Aos homens, seriam direcionadas suspeitas e provocações a respeito de sua masculinidade. Já às mulheres, o tom é bastante diferente. Acusadas de descumprirem seus “papéis” dentro do espaço doméstico, a elas cobra-se a responsabilidade pela manutenção do casamento, da família e do lar, sendo a prática poliamorosa uma perturbação à instituição familiar devido à emancipação de seus corpos e de suas subjetividades. Além

²¹ Conceito não trabalhado pelo autor, sendo minha tal articulação.

²² Conceito não trabalhado pelo autor, sendo minha tal articulação.

²³ Conceito não trabalhado pelo autor, sendo minha tal articulação.

disso, se o livre exercício da sexualidade é naturalizado no comportamento masculino, o mesmo não ocorre a elas, cujos relatos de agressão verbal - mas também físico, ainda que menos recorrentes - são reiterados em todas as etnografias citadas.

Portanto, se as vantagens trazidas por esses modelos relacionais giram em torno de uma dada abertura comunicacional, da produção de autonomia e emancipação afetiva e do exercício de liberdade afetiva e sexual, sua maior desvantagem não se encontra propriamente nestas relações (ainda que as dificuldades de negociação entre os gêneros seja algo marcante, além do ciúme), mas na leitura social desses corpos, práticas e sexualidades, trazendo consigo uma série de punições possíveis, desde a instabilidade profissional até a naturalização de agressões físicas e verbais contra mulheres dissidentes afetivamente.

Por fim, trago uma outra contribuição de Pilão (2017) que, embora pareça um tanto destoante do restante dos pontos colocados acima, se mostra relevante para compreendermos a constituição desse campo de debate a nível nacional: a forma como pessoas incluídas na sigla LGBT se vinculam a não monogamia, ou, pelo menos, se colocam diante dessas questões.

Nos grupos lésbicos investigados pelo autor, a não monogamia e o poliamor seriam vistos como processos emocionais bastante árduos devido a um certo padrão de relacionamento vivenciado por essas mulheres, sendo o ciúme um sentimento bastante frisado. Ainda assim, haveria uma multiplicidade de perspectivas relativas a essas propostas de afetividade: a não monogamia como uma solução ao problema da infidelidade, como uma imposição àquelas que não conseguiriam abrir seus relacionamentos, ou como uma forma de empoderamento feminino face a uma arquitetura heteronormativa. A monogamia, por vez, ora enquanto uma forma legítima de união, ora como mais uma estrutura de poder e coerção. Dentre várias coisas que chamam a atenção, no entanto, está sua evidente preocupação com os sentimentos e as vontades de suas parceiras, colocadas como ponto central, indo em contramão à perspectiva “autocentrada” de liberdade poliamorista percebida por Pilão (2012, 2017) junto aos seus informantes hetero/bissexuais.

Nos espaços dedicados à homossexualidade masculina, a questão é um pouco mais complicada devido aos estigmas de promiscuidade atrelados a esses sujeitos, sendo a associação entre homossexualidade, promiscuidade e não monogamia um discurso bastante pujante e enraizado culturalmente. Por isso, conforme ressaltado pelo autor, a questão enfrentava uma certa resistência nesses locais ao ser vista como algo que, potencialmente, prejudicaria ainda mais a luta pela igualdade e reconhecimento social.

A bissexualidade e a não monogamia também apresentam uma relação um tanto singular quando comparadas a outras comunidades pertencentes à sigla do movimento LGBT. Isto porque, historicamente, há uma associação da não monogamia com a bissexualidade. Diferentemente da homossexualidade masculina, porém, cuja promiscuidade (tomada como sinônimo de não monogamia) é atrelada aos modos de “vida gay”, a não monogamia seria a própria “essência” da “pulsão” ou do “desejo” bissexual, dada a imagem de “indecisão” associada aos mesmos, tornando-se a própria manifestação dessa orientação em termos de conduta sexual. Há, desse modo, uma tentativa de desvinculação entre a bissexualidade e a não monogamia. Alguns dos efeitos dessas discussões e das imagens sociais construídas em torno da bissexualidade associada a não monogamia, são: o relacionamento monogâmico como uma forma de “correção” da bissexualidade, encarada como um momento de desvio ou de dúvida; o “não” feminino frente às investidas masculinas como, teoricamente, contraditório à orientação afetiva poliamorosa por parte das mulheres bissexuais; a problematização da busca de mulheres por casais heterossexuais, onde, de um lado, a agência da mulher é tratada como reduzida, e de outro, a ausência de homens declaradamente bissexuais é posta em contestação.

Nos espaços dedicados a pessoas transexuais e transgêneros²⁴ encontrados no *Facebook*, a não monogamia, teoricamente, tinha uma maior aceitação quando comparada aos espaços homossexuais masculinos, justamente por conta da desvinculação dessas populações à estrutura e ao pensamento cisheteronormativo. De acordo com Pilão, enquanto as transexuais tenderiam a posturas mais “assimilacionistas” ao sistema de gênero, ao buscarem uma legitimidade afetiva e de gênero por meio de formatos convencionais de relacionamento, pessoas transgêneras estariam mais abertas a essas propostas. Novamente, os homens foram apontados como o maior problema prático nesses arranjos, porém, diferentemente do movimento feminista, os homens cis eram considerados os grandes vilões da estrutura monogâmica e das propostas de não monogamia, e não todos eles, como apontado pelos grupos feministas anteriormente investigados pelo autor.

1.1.4. Diálogos teóricos

²⁴ Para a distinção entre os dois grupos, Pilão utiliza a obra de Carvalho (2011). Este aponta uma recusa pela militância transexual e travesti à categoria de transgeneridade por se tratar, na visão dessas populações, de um estrangeirismo, além de que pessoas transgêneras, segundo as mesmas, estariam mais próximas a uma indefinição de gênero quando comparadas ao movimento trans/travesti. Recentemente, de acordo com as populações trans, tal identificação é feita com base na autodeclaração, embasada por vinculações de caráter, sobretudo, político.

Para encerrar a primeira parte deste capítulo, apontarei as principais articulações teóricas apresentadas pelos pesquisadores tratados até aqui. Não tenho a pretensão de esboçar todos os seus caminhos teóricos, no entanto, considero relevante identificar alguns de seus principais eixos de análise.

Ainda que as nm tenham, originalmente, sido firmadas enquanto uma proposta de tensionamento ao modelo de relacionamento hegemônico (embora essa postura não se mantenha de forma unânime e homogênea, como temos visto), a conceitualização da monogamia é, por vezes, deixada de lado. Se a mesma surge enquanto uma tecnologia para a produção de gênero - mas também de classe e raça, conforme analisado por Engels -, e ainda se mantém atual nesse sentido ao operar como norma, sua historicidade é marcada por inúmeras rupturas, desdobramentos e transformações. Trabalhar o conjunto de suas oscilações torna-se, dessa maneira, algo desafiador, mas não menos importante. Há uma nítida preocupação em compreender, por exemplo, as transformações históricas da intimidade. Pontos como a história do amor, da família e do casamento são comumente trazidos à tona. Os autores mais recorrentes são o historiador Philippe Àries (1982), uma importante referência ao campo denominado “história das mentalidades”, e que trata da entrada do amor na esfera doméstica e conjugal, a antropóloga Mirian Goldenberg (2001), cuja obra nos estudos de gênero se debruça sobre os padrões de afetividade e a infidelidade conjugal, e Anthony Giddens (1993), cuja obra mais citada é “*A transformação da intimidade*”, delineando uma série de rupturas e transformações dentro da própria norma monogâmica. A exceção é o trabalho de Barbosa (2011) que não cita nenhum desses autores, sintomático devido à área da autora e ao recorte de sua pesquisa.

Elucidando a estratégia de “*queerização*” realizada pelos movimentos não monogâmicos frente à norma de sexualidade, Butler (2010) surge como unanimidade, demonstrando a força e a influência de sua obra, importante para pensar a performatividade *queer* no tensionamento aos modelos hegemônicos de gênero e sexualidade. Bento (2006) também será lembrada pelo seu trabalho vinculado a este debate em contexto brasileiro, embora o parta da pedagogia, conforme sua formação. Foucault (2015), evidentemente, será a bibliografia responsável por pavimentar as discussões posteriormente continuadas por Butler, dado o impacto do filósofo francês na área de estudos de gênero e sexualidade e também por ser aquele com quem a autora dialogará durante toda sua obra. A dissertação de Barbosa (2011) é, sem dúvida, aquela que mais recorrerá ao autor, considerando sua proposta teórica e escolha metodológica: discutir como as normas de gênero, sexualidade e afetividade não somente regem as experiências afetivas no Ocidente, como também implicam no processo de

produção de tratados internacionais cujas pautas de gênero e sexualidade são colocadas em debate. Já nos outros trabalhos, etnográficos por excelência, esses autores serão auxiliares na realização de sobrevoos históricos, tocando em pontos tangenciais, mas não necessariamente centrais como na pesquisa da gestora.

Também vale dizer que a partir de Foucault (2014), embora menos recorrentemente, haja uma associação entre as condutas não monogâmicas ou poliamoristas àquilo que o autor denominou de “ética da existência” ou “cuidado de si”, inspiradas em práticas da antiguidade clássica. Nesse ponto, o principal trabalho a fazer tal articulação, na verdade, é o do comunicólogo português Daniel Cardoso (2010)²⁵, algo pouco “comprado” ou usado pelos pesquisadores daqui, mas vez ou outra mencionado.

Além dos eixos da “intimidade” e “sexualidade”, esta última atrelada a uma discussão próxima da teoria *queer*, também temos como ponto comum o emprego de debates antropológicos acerca da sexualidade e do parentesco vinculado à teoria da aliança de Lévi-Strauss (1976), sendo “*As estruturas elementares do parentesco*” sua obra mais citada. O antropólogo estruturalista francês, considerado um dos grandes nomes da área, é reconhecido - além de outras coisas - justamente por sua proposição do tabu do incesto, este, que seria o modo primário de instauração da vida social através da teoria da aliança. Segundo ele, a aversão ao incesto teria como função a regulação da sexualidade humana, vetando relações sexuais entre membros consanguíneos a partir de determinadas normas classificatórias, instituindo laços sociais à medida que mulheres fossem “trocadas” entre grupos, permitindo assim a composição de um mundo social. Ainda que esse tópico seja bastante distante das discussões centrais, ele é comumente levantado como forma não só de apresentar as trajetórias das discussões de gênero e sexualidade no campo da antropologia, mas também para pensar sobre o espaço da dádiva (MAUSS, 2003) no espaço social e afetivo. Apenas a dissertação de Barbosa (2011) e a tese de Bornia Jr (2018) não mencionaram esses debates.

Por fim, temos toda uma literatura especializada sobre o tema. Embora alguns pesquisadores flertem com essas discussões no Brasil, as referências, quando não os próprios autores aqui trabalhados, são demasiadamente estrangeiras, dada a maior definição desse campo de pesquisa em contexto internacional (sobretudo, no norte global). No Brasil, estes estudos se encontram em emergência, embora seu crescimento seja notável ano a ano.

As obras poliamoristas e/ou não monogâmicas clássicas “*Love Without Limits: the quest for sustainable intimate relationships: responsible nonmonogamy*” de Deborah Anapol,

²⁵ Cardoso (2010), inclusive, ao tratar o fenômeno não monogâmico em articulação à ideia de “cuidado de si” foucaultiana, também o pensa na via de um “projeto de vida”.

lançado em 1992 e ainda sem tradução no Brasil, e “*The Ethical Slut: a guide to infinite sexual possibilities*” de Janet Hardy e Dossie Easton, publicado em 1997, cujo título brasileiro é “*Ética do amor livre: guia prático para poliamor, relacionamentos abertos e outras liberdades afetivas*” (Editora Elefante, 2019), são consideradas referências primordiais por esses movimentos, dada a visibilidade produzida pelas obras. Nas etnografias, são tomadas como importantes pontos de partida. O fato das três autoras atuarem como terapeutas sexuais é relevante para compreendermos o tipo de abordagem proposta pelos livros, ainda que Anapol não parta necessariamente de experiências biográficas em sua publicação, ao contrário da obra de Hardy e Easton, completamente embasada nas aventuras sexuais compartilhadas entre as duas, mas não só. Outra diferença é que, enquanto “*Love Without Limits*” se concentra na temática poliamorista, “*The Ethical Slut*” aborda, como o título brasileiro bem sugere, uma multiplicidade de propostas sexo-afetivas, levando em conta a reivindicação das autoras pela ressignificação do termo “promiscuidade” enquanto um modo de vida ético e legítimo.

Além disso, outro conjunto teórico empregado por esses pesquisadores refere-se a pesquisas dedicadas à temática histórica do poliamor e da não monogamia, sendo Daniel Cardoso (2010), Elisabeth Sheff (2005), Ani Ritchie e Meg Barker (2006) e Jin Haritaworn, Chin-ju Lin e Christian Klesse (2006) os mais citados. Todos eles buscaram reconstruir parte da história do movimento poliamorista e entender seus princípios gerais, embora se debruçem também sobre as narrativas nm de grupos específicos. Enquanto Cardoso buscou compreender o que motivava a aproximação dos sujeitos a um modelo poliamoroso, Sheff dedicou sua pesquisa a famílias poliamorosas.

Judith Stelboum (1999), Paula Rust (1996) e Christian Klesse (2006; 2007) também são pesquisadores importantes e reconhecidos nesse campo, no entanto, se dedicam a compreender as intersecções entre as não monogâmias às vivências de pessoas LGBTQs. Stelboum investiga o poliamor através de redes lésbicas, Rust por meio de informantes bissexuais e Klesse, principalmente, a partir da vivências de homens gays.

Tratando-se de questões mais tangenciáveis, mas que ainda estabelecem um diálogo com os debates postos por esse fenômeno, temos Maria Heilborn (2004), que ao lado de Goldenberg se estabelece como uma das únicas pesquisadoras brasileiras entre as mais citadas nas etnografias apresentadas, e cuja obra geral se interessa pela conjugalidade contemporânea, abordando experiências de relacionamento aberto e as chamadas “amizades coloridas”. Além dela, a obra de Beck e Beck-Gernsheim (2003) também é trazida com o intuito de discutir como as propostas dissidentes de afetividade podem ser analisadas à luz dos processos de

individualização, produção do *self*, (auto)biografia e escrita de si, sendo o gênero e a sexualidade questões de entorno.

A partir dos tópicos e dos caminhos teórico-metodológicos apresentados na primeira parte deste capítulo, vimos que, embora hajam algumas diferenças no tratamento do fenômeno não monogâmico e/ou poliamorista no Brasil - mas também em comparação a contextos do norte global -, tais autores buscaram compreendê-lo a partir de movimentos sociais que vêm lutando por sua legitimação, como também pelas práticas cotidianas destes sujeitos. Logo, acabaram privilegiando seus princípios centrais (com exceção do *swing*). Dentre eles, podemos destacar: a) os tensionamentos à monogamia e à heteronormatividade compulsória b) o contraponto poliamoroso à ideia de promiscuidade c) a “saída do armário” não monogâmica d) o enfrentamento ao ciúme, considerado um “resquício” da monogamia e principal “inimigo” a ser combatido e) as preocupações com um projeto de família no vivenciamento de uma escolha de vida *não mono* f) as assimetrias de gênero, raça e classe na não monogamia, tendo o feminismo um grande peso nessas discussões g) a bissexualidade/pansexualidade como um ideal a ser vivido. Elementos que, sem dúvidas, me ajudaram como pontos de partida para a construção desta pesquisa.

Além disso, também percebemos um foco maior em relatos individuais em comparação a narrativas sobre conjugalidade (com exceção do trabalho de Silvério, cuja aproximação é mais evidente). Assim, em sua maioria, abordam-se questões relativas ao manejo das práticas sexo-afetivas individuais no interior de seus espaços conjugais. Processos como a busca de uma terceira pessoa não foram identificados de maneira substancial nesta literatura.

1.2. Renovações na discussão pública sobre as não monogamias no Brasil

Meu intuito nesta seção é apresentar brevemente alguns dos novos atores políticos pela luta da não monogamia no Brasil hoje, considerando os impactos das transformações dos ambientes digitais desde a execução dos trabalhos etnográficos citados na primeira parte deste capítulo. Acredito que esta apresentação seja importante, ainda que de forma breve, devido à maneira como tais discussões promovidas hoje podem, de certa forma, também enredar as narrativas apresentadas pelos meus sujeitos de pesquisa, dado que toda textualidade é “índice de sua própria historicidade” (ABRIL, 2007). Ainda, seguindo a ideia de Abril, o próprio texto que apresentarei ao longo dos demais capítulos também é um produto de sua

temporalidade e dos atravessamentos dos discursos mobilizados por esses atores, uma vez que minha vinculação a esse debate é indissociável das novas abordagens propostas por eles.

As plataformas de redes sociais, como muito bem pontuado por Rita Von Hunty²⁶ em uma de suas entrevistas, não exatamente “dão voz” política aos indivíduos, mas palco. Construídas para dar um novo sentido à *internet* na chamada “*web 2.0*”, anunciadas como redes construídas democrática e coletivamente, as plataformas não só se diferenciam pelo seu trabalho de intercâmbio de dados (entre essas estruturas e seus usuários), mas também pela performatização de suas ações: o trabalho algorítmico personalizado a partir dos rastros deixados pelos seus usuários. Portanto, “uma plataforma é um mediador ao invés de um intermediário: ela molda a performance dos atos sociais ao invés de meramente facilitá-los” (VAN DIJCK, 2013, p. 29, tradução minha). E é exatamente nas *affordances* (usos e práticas) estabelecidas entre esses sujeitos e as arquiteturas digitais, cujas negociações estão em constante evidência, que tais ambiências se tornam tão relevantes em termos de um “laboratório social”. São especialmente nesses espaços que as lutas políticas têm sido, cada vez mais, disputadas e tensionadas. Como já dito, as experiências e as lutas pela não monogamia puderam se potencializar à medida que esses espaços se tornaram propícios à visibilidade e à circulação desses novos projetos de orientação afetiva. Hoje, nos vemos impossibilitados de pensar tais movimentos sem sua articulação às esferas digitais. Isto porque, conforme nos mostram os estudos de plataforma, estes espaços, ao darem e modularem as condições de existência de determinadas materialidades e textualidades, acabam ressignificando os imaginários não só relativos às suas arquiteturas, mas também aos seus próprios discursos.

Muitas são as questões colocadas pela contínua expansão daquilo que se convencionou chamar de “plataformização da *web* e da vida social” (HELMOND, 2019), caracterizada pela infiltração dos ambientes digitais - e suas lógicas - a todos os domínios da vida social, mas também à adequação de toda a estrutura da *internet* ao *design* e ao modelo de operação das plataformas. Contudo, neste momento, nos interessa saber como essas transformações provocaram mudanças também no modo como atores sociais em torno das discussões sobre não monogamia têm atuado em sua defesa e na produção de sua visibilidade.

Como pudemos observar nos trabalhos tratados na primeira parte deste capítulo, os movimentos sociais nm, especialmente aqueles em torno do poliamor e das relações livres,

²⁶ *Drag queen* nacionalmente conhecida pelo seu canal no *Youtube* chamado “*Tempero Drag*”. Nele, Guilherme Pereira, doutor em Literatura Comparada pela USP, realiza diversas reflexões sobre temas contemporâneos de forma cômica e didática, visando alcançar um público não especialista.

localizavam-se originalmente em ambientes hoje inexistentes, quase extintos, ou pouco representativos em termos gerais: os *blogs* e o extinto *Orkut*. Conforme o avanço dessas pesquisas, percebemos uma clara migração a outros espaços: a plataforma do *Facebook* e do *WhatsApp*. O *Youtube* também merece ser mencionado como um ambiente que, mesmo apropriado por alguns coletivos nm, se manteve à deriva do projeto de estudo antropológico. Isto ocorreu devido à qualidade das socialidades estabelecidas nesta plataforma, distanciadas do tipo de proposta antropológica dirigida ao fenômeno da não monogamia e do poliamor. Isto é, sem a formação de redes sociais facilmente mapeáveis entre os autores, bem como a ausência na identificação dos exercícios de seus laços sociais.

Se a atuação das plataformas é marcada pelo paradoxo da centralização e descentralização (VAN DIJCK; POELL; DE WALL, 2018, p. 13), seus efeitos podem ser facilmente sentidos quando comparamos a presença das discussões sobre não monogamia no Brasil hoje em relação ao cenário de dez anos atrás. Hoje, os espaços centrais de circulação desses conteúdos, bem como os de atuação dos principais representantes e coletivos em prol desta causa são o *Instagram*, o *Medium*, o *Spotify*, o *Twitter* e o *Tik Tok*, além do *Facebook* e do *Youtube*, conformando uma outra *internet* quando comparada àquela das primeiras etnografias feitas a respeito do fenômeno. Por isso, a própria dinâmica de circulação dessas narrativas se altera de maneira significativa. Antes, se no *Facebook* (para não dizermos também no *Orkut*) as interações se centralizavam em torno de eixos comuns de interesse, a partir de determinadas textualidades produzidas e propagadas nestes espaços, hoje, a *internet* ainda continua como um dos meios mais acessíveis para a formação de suas coletividades (algo que se confirma pela presença massiva de grupos nm nesses espaços). A produção dos conteúdos comumente discutidos nesses espaços, no entanto, agora provém de outras plataformas, consideradas atualmente mais eficazes à sua realização, como o *Instagram*, o *Medium* e o *Spotify*. O *Tik Tok*, embora se apresente como uma das plataformas mais influentes no momento da escrita desse texto, vem sendo utilizada para a circulação mais instantânea de conteúdos *não mono*, promovendo a visibilização do debate, mas não necessariamente uma produção de discussões mais densas, dinâmica também vista no *Twitter*. Agora, apresentarei de forma breve os principais atores situados no debate sobre as não monogamias no Brasil hoje e algumas de suas singularidades.

Se antes o tema era protagonizado pela Rede Relações Livres e, até certo ponto, pela comunidade “*Pratique Poliamor*” (embora numa escala menor, considerando que o poliamor nunca foi representado necessariamente por algum ator ou coletivo específico), hoje, devido à descentralização causada pela arquitetura plataformizada da *web*, presenciamos uma

pluralidade de representantes à discussão. Citarei os mais representativos em termos de audiência (número de seguidores) e de alcance público, ou seja, aqueles que têm participado de eventos na área de gênero e sexualidade e engajado um público considerável pelas redes.

Pensando nos maiores representantes dessas lutas no Brasil hoje, temos a ativista indígena guarani Geni Núñez (@genipapos/122 mil seguidores), o coletivo político “*Não Mono em Foco*” (@naomonoemfoco/23,7 mil seguidores), a popular *tiktoker* Ana Carolina Fernandes (@eta.nega/77,4 mil seguidores), a socióloga e doutora em educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Marília Moschkovich (@marliamoscou/17,6 mil seguidores e seu *podcast* “*LibreCast*”), o perfil “*Reflexões & Conexões Não Mono*” (@rcnaomono/25,3 mil seguidores), e a ativista e educadora popular Amanda Palha (@trv.amandapalha/12,1 mil seguidores). É comum a todos esses uma articulação da militância com os espaços e debates acadêmicos. Destes, apenas o “*Não Mono em Foco*”, Amanda Palha e Marília Moschkovich não vêm da área da psicologia, circulando pelos campos da música, comunicação, saúde coletiva e educação.

É um desafio tentar mapear todos aqueles que produzem conteúdo a respeito desta temática. No entanto, para além dos atores citados acima, também vale a pena destacar os projetos “*Amores Plurais*” (@amores_plurais/11,3 mil seguidores), “*Pessoas Não Mono*” (@pessoasnaomono/9.499 seguidores), “*Chamegamos*” (@chamegamos/6.138 seguidores), “*Rede Relações Livres*” (ativo atualmente apenas pelo *Instagram* com o *nickname* de @amarepermanecerlivre/2.268 seguidores), “*Casa Não Mono*” (@casanaomono/1.768 seguidores), “*Afetos Insurgentes*” (@afetosinsurgentes/5.941 seguidores) e a “*Sororidade Não Mono*” (@sororidadenm/3.458 seguidores)²⁷. Vários destes traçam recortes específicos ao tema da não monogamia. Muitos deles são iniciados por pessoas da área da psicologia com a intenção de abordar os desafios de uma vivência *não mono*, pautando, sobretudo, o trabalho emocional dedicado ao ciúme e a demais inseguranças. Além disso, faz parte da preocupação de todos eles repensar as estratégias práticas para a concretização desses projetos.

Contudo, algumas singularidades devem ser destacadas. A “*Casa Não Mono*”, por exemplo, foi pensada a partir de uma demanda coletiva pelo tema da maternidade em contextos de não monogamia. O objetivo do perfil, criado por duas mães cis não monogâmicas, é fomentar os debates a respeito das dinâmicas de relacionamento que incluem fundamentalmente o cuidado com os filhos e a necessidade de novas formulações éticas a respeito dessas práticas de convívio, afeto e cuidado. Já o “*Sororidade Não Mono*”, também

²⁷ Todos os dados relativos ao número de seguidores dos perfis citados são de 29 nov. 2021.

arquitetado por mulheres, tem como centralidade a discussão de gênero dentro desses contextos, cujos atravessamentos dos diversos marcadores sociais ampliam ou constroem as potencialidades das experiências femininas *não mono* nesses arranjos.

A graduanda em psicologia Ana Carolina Fernandes²⁸, presente nas plataformas do *Instagram* e do *Tik Tok*, usa a pauta de forma irreverente, produzindo conteúdos mais “viralizáveis” em termos de recepção, ou seja, textualidades mais curtas e instantâneas vinculadas à *Stories* ou vídeos em seu canal do *Instagram*, permitindo que tenha um maior engajamento. Além disso, se atém a situações do dia a dia para discutir os estigmas sofridos pelos praticantes da não monogamia, principalmente àqueles acionados em torno da negritude.

Diferentemente do canal de Ana, os ativismos realizados por Geni Núñez, Marília Moschkovich e pelos coletivos “*Afetos Insurgentes*” e “*Não Mono em Foco*”, concentram-se em textualidades mais densas e em articulação a produções vindas do ambiente acadêmico, refletindo também sobre suas próprias posições de sujeito face a essas práticas, algo que Ana também realiza quanto à raça.

Marília tem ganhado visibilidade, dentro e fora do meio acadêmico, não somente à questão de gênero e sexualidade, mas também à própria pauta da não monogamia. E aqui vale um adendo: embora a discussão em torno dos afetos seja ancorada nos estudos de gênero, o movimento contrário é quase inexistente. Não é difícil vermos pesquisas que tratem das violências cometidas contra as mulheres, dos padrões de comportamento que reiteram muitas das dinâmicas coloniais de sujeição, controle e posse, ou que falem das violências dirigidas à população LGBT dentro dos espaços domésticos sem citar a monogamia como elemento presente nessas instituições e dispositivos de controle. Além de seu esvaziamento, a monogamia costuma ser ponto intocável para muitos dos estudiosos, que a veem como pauta liberal e totalmente desassociada das dinâmicas de poder e violência cometidas, principalmente, às populações subalternizadas. Marília tem feito essa ponte, especialmente através de seu *podcast*, dedicado exclusivamente ao assunto (embora também o faça pelo *Instagram* e pela sua conta no *Twitter*), de participações em eventos acadêmicos ou em demais mídias, e também pela publicação constante de materiais que abordem a questão. Estes, geralmente articulados a premissas estruturais e materiais, tomando Engels como ponto de partida para analisar as ressonâncias de seus escritos com o cenário atual da violência doméstica no Brasil.

²⁸ Nome público, presente em sua *bio* no *Instagram*.

Surgido há pouco mais de um ano, o projeto “*Não Mono em Foco*” foi originalmente idealizado e construído por Newton Júnior (26 anos), estudante de música na Universidade Federal do Ceará (UFC) e pesquisador na área dos estudos raciais; Nana Miranda (29 anos), graduada em publicidade e mestranda em comunicação social pela Puc Minas (PUC-MG), que também desenvolve pesquisas na área de gênero e raça com enfoque em performatividade algorítmica; e Simone Bispo (33 anos), publicitária, fotógrafa e produtora de eventos. Hoje, o projeto também conta com a participação de Alef Santana, formado em enfermagem na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), atualmente doutorando na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, e também autor do livro recém publicado “*Bixa Ex-Monogâmica*” (2021); e Camila Freitas, formada em jornalismo e com especialização em marketing digital pela faculdade UNA. Todos os integrantes do projeto são pretos e pensam a não monogamia a partir desse lugar, além das interseccionalidades de classe, gênero, deficiência e sexualidade que também estão no cerne do projeto.

Com perfil nas plataformas do *Instagram*, *Twitter* e *Medium*, além de dois grupos fechados para debates no *Facebook* (intitulados “*Problemas de Não-Mono*” e “*Não Mono em Foco - O grupo*”) e um *site* recém inaugurado²⁹, o projeto “*Não Mono em Foco*” vem ampliando as discussões acerca da não monogamia no Brasil. Sua relevância consiste no aprofundamento do debate de modo bastante pedagógico e tem como objetivo questionar os valores socialmente construídos e compartilhados acerca da monogamia e das não monogamias no país, rompendo com estereótipos e imaginários associados a esses “modelos” de relação. O projeto surgiu justamente do incômodo sentido por esses pesquisadores com as abordagens e teorias mais correntes acerca da causa que, embora originalmente tratassem dos atravessamentos das estruturas de poder nas experiências e práticas não monogâmicas, ainda, segundo eles, não rompiam completamente com as lógicas neoliberais presentes nas práticas dos sujeitos participantes destes grupos, como o fenômeno da “unicornização”³⁰ e os tão famosos acordos que estruturam relações abertas e poliamorosas, vistos como práticas limitantes, como já discutimos. Por isso, o projeto se desdobra em ações que visam promover um debate mais horizontalizado e diverso sobre o tema, tomando autoras decoloniais como suas principais referências, especialmente Brigitte Vasallo (2020, 2022) (além de seu diálogo com Geni Núñez), mas também recuperando debates mais clássicos, como Engels. Aqui, novamente encontramos uma forma de organização que articula a prática com a teoria

²⁹ <https://naomonoemfoco.com.br/>.

³⁰ Categoria êmica relativa a busca sistemática de mulheres bissexuais (chamadas de “unicórnios”) por casais heterossexuais. A problemática dessa questão reside, principalmente, sobre a possível objetificação do corpo da mulher e sobre a hierarquia entre o afeto destinado a ela frente à esposa “original”.

produzida nos espaços institucionais. No entanto, os saberes produzidos pelo projeto também são formas autônomas de tensionamento a essas bibliografias.

O conteúdo, originalmente postado na plataforma do *Medium*, justamente pelo seu viés mais teórico (compatível com a estrutura da plataforma), acabou sendo levado ao *Instagram* na forma de textos mais curtos pouco após seu surgimento. Hoje, tais publicações são postadas diretamente no *site* oficial do projeto. O *Twitter*, por vez, acaba sendo mais utilizado como ferramenta de divulgação. No *Instagram*, os textos produzidos por eles são chamados de “*pílulas*”, dada a brevidade das provocações.

A criação do “*Não Mono em Foco*” está diretamente ligada às críticas tecidas por partes dos movimentos negros e feministas em direção às propostas de não monogamia, como outrora analisado por Pilão (2017, 2019). Além do incômodo sentido por seus criadores, tais críticas puderam orientar as perspectivas não monogâmicas assumidas pelo projeto. Por isso, seus *posts* dialogam explicitamente com os argumentos apresentados por esses coletivos, promovendo um olhar crítico às práticas, representações sociais e teorias vinculadas aos movimentos não monogâmicos até o momento. Os primeiros textos divulgados: “*Como a não monogamia pode ser de fato antirracista?*”, “*Monogamia é coisa de branco*”, “*Mas afinal, o que é não monogamia?*”, “*Não-monogamia e as opressões estruturais*” e “*Qual o lugar da mulher na monogamia?*”, publicados entre março e abril de 2020, ilustram bem essa proposta. Diante da limitação das experiências *não mono* por conta dos atravessamentos raciais e de classe, conforme indicado por parte dos coletivos negros, o projeto primeiramente se pergunta como a não monogamia pode ser, de fato, antirracista? Em seu texto de estreia o trio pontua que, além de um termo guarda-chuva, a não monogamia se configura enquanto um posicionamento político, mais que uma escolha afetiva individual. Trataria-se, portanto, de uma categoria identitária anti-norma.

Explicitando o caráter regulatório de gênero e raça imposto pela monogamia, eles se perguntam por que a não monogamia não seria compatível com as vivências de pessoas negras se, a princípio, a estrutura monogâmica foi pensada apenas aos brancos, dada a desumanização das populações racializadas pela modernidade. Pensando na história do Brasil, cuja população é fruto do estupro sistemático de mulheres negras e indígenas escravizadas³¹, podemos concordar no modo como esses corpos, embora fossem apropriados pelos homens brancos de posse, sempre serviram à monogamia como um Outro posicionado externamente,

³¹ “*Estupro de mulheres negras e indígenas deixou marca no genoma dos brasileiros*”. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/estupro-de-mulheres-negras-e-indigenas-deixou-marca-no-genoma-dos-brasileiros/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

cujas relações eram invisibilizadas em prol da norma burguesa de constituição familiar nuclear branca e cuja prole era descartada enquanto filiações ilegítimas, criando uma oposição nas relações vivenciadas por mulheres brancas e negras.

Além do fato desta estrutura ter sido originalmente excludente à população negra, até então destituída de sua humanidade, tornando-se um dos braços do exercício colonial sobre as culturas tradicionais, pontua-se como as discussões sobre não monogamia fomentadas por esses grupos são invisibilizadas em prol de uma representatividade branca de classe média, gerando um afastamento das propostas *não mono* de afetividades a essas populações. Afastadas dessa discussão, pessoas não brancas não se veriam representadas nesta luta. Por isso, reiteram que sua intenção é a de aproximar essa população do tema, e também de tratar das especificidades desses grupos à pauta não monogâmica, como a luta contra o padrão branco de beleza, o preterimento e solidão da mulher negra e a estrutura de violência dirigida, sobretudo, às mulheres racializadas.

No texto “*Qual o lugar da mulher na monogamia?*”, publicado em 29 de abril de 2020, o projeto sinaliza o papel das instituições do Estado, da Igreja, da família e do capitalismo na produção das categorias binárias de homem e mulher. Atravessando todos eles, a própria arquitetura monogâmica, derivada e orquestrada através dos discursos e práticas impostos por essas mesmas instituições. Uma vez estabelecida a norma do casamento monogâmico e heterossexual pela Igreja, o Estado atuaria não só pela validação destas uniões, mas pela garantia da exclusividade desses arranjos, destituindo todas as outras formas de relação como passíveis de reconhecimento legal. Não à toa, o poliamor continua sendo impedido de reconhecimento jurídico no Brasil.

No evento realizado no dia 01 de agosto de 2021, onde estavam reunidos os integrantes originais do projeto, além de Anita, uma das idealizadoras do perfil “*Afetos Insurgentes*” - cujo objetivo é abordar a não monogamia através de uma perspectiva anarquista -, fomos apresentados aos pontos de convergência de ambas as propostas políticas mobilizadas por esses dois atores: a promoção da emancipação e da autonomia afetiva através de ações que visem um alcance coletivo. Isto porque, para a anarquia relacional, categoria política surgida no começo dos anos 2000 durante uma palestra em homenagem a Emma Goldman³², a liberdade se trata de uma questão relacional/coletiva, e não individual - nesse caso, entendida enquanto privilégio e não como liberdade.

³² Figura importante do movimento anarquista, nascida em 27 de junho de 1869 na Lituânia.

Assim como a atuação do movimento anárquico, a anarquia relacional prevê uma prática pré-figurativa, ou seja, um modo de atuação revolucionária dentro da arquitetura social já existente, tendo como função a criação de uma rede de apoio mútuo aos seus envolvidos. Logo, se a intenção do movimento anarquista é promover a autogestão por entender que qualquer forma de hierarquia se manteria através de relações de poder, controle e cerceamento da potencialidade humana, também seria responsabilidade dessa luta promover a igualdade e a liberdade dentro das estruturas afetivas, reivindicação não isolada dentro do movimento, mas inclusa na causa geral de suas teorias e ações, segundo Anita.

Graduada e mestre em psicologia, e atualmente doutoranda em estudos raciais e de gênero pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Geni Núñez, ativista indígena guarani, se afirma não-binária e não monogâmica, fazendo de sua teoria política um gesto de reflexão ao friccionar as posições de sujeito ocupados por ela no espaço público. Discutindo pautas sobre não monogamia e saúde mental em suas redes sociais, sua pesquisa atual se debruça sobre as narrativas jesuíticas produzidas a respeito dos povos colonizados durante a invasão portuguesa às terras sul americanas, tendo como foco os padrões de colonização.

Ao evocar um olhar não ocidental à estrutura hegemônica dos afetos, Geni reflete sobre o individualismo que fundamenta as nossas relações, bem como nos modos como nos posicionamos no mundo. Com um perfil no *Instagram* que conta com mais de 122 mil seguidores, Geni produz semanalmente uma série de postagens que abordam a questão do desenvolvimento da autonomia sob o prisma da "colonialidade dos afetos". Ao questionar o cerceamento dos desejos, o punitivismo em torno das liberdades relativas às expressões de identidade de gênero e orientação sexual e às práticas afetivas que minam projetos individuais de emancipação emocional, a indígena busca enfatizar as violências que cometemos ao reproduzir uma socialização calcada no mito do amor romântico, nas hierarquias afetivas produzidas pela monogamia e em padrões narcisistas, binários, antropocêntricos e individualistas, frutos de um pensamento moderno e ocidental.

Além de postagens no *Instagram*, onde pondera sobre as estruturas de poder que cercam e atravessam os afetos, Geni ministra o curso "*Descolonizando os afetos*", geralmente ofertado uma vez ao mês, sempre aos finais de semana. Na primeira parte do curso, Geni discute os imbricamentos entre monogamia e colonização. No segundo, promove um momento de troca de experiências entre casais. O intuito é oferecer ferramentas teóricas e práticas que auxiliem no processo de enfrentamento ao ciúme e a outras inseguranças. Além dele, já foram organizados encontros para discutir, a partir de uma óptica indígena, a obra de Frantz Fanon e um minicurso chamado "*Descatequizar para descolonizar*", cuja intenção é

debater narrativas bíblicas e seus efeitos na moralidade contemporânea, promovendo perspectivas contracoloniais e indígenas.

Ao analisar as cartas e os relatos de viagem deixados pelos jesuítas³³, Geni, que já foi discípulo de igrejas que estiveram presentes em sua comunidade, chegando a atuar como professor(a) de estudos bíblicos, observa como a catequização dos povos indígenas estabeleceu a monogamia como um dos pilares principais de conversão, uma vez que os padrões de relacionamento dos povos originários, ainda que em pares, não eram vistos como suficientemente profundos e verdadeiros às vontades de deus e enquadrados nas normas do cristianismo. Mas, se mesmo as relações heterossexuais entre duas pessoas não eram entendidas como monogâmicas por esses grupos, o que seria então um relacionamento puramente monogâmico e cristão? Para isso, além das cartas analisadas, Geni também se ampara em estudos historiográficos, como os desenvolvidos por Moreira (2018) e Felipe (2018) acerca do projeto colonial, enfatizando a monogamia como um de seus principais imperativos nas práticas de colonização. Conforme apontam esses pesquisadores: “Pode-se mesmo afirmar que superar a poligamia dos índios se tornou uma verdadeira obsessão dos missionários dedicados à evangelização” (MOREIRA, 2018, p. 33-34). Assim, de acordo com os registros analisados por Geni, mesmo relações em pares eram vistas como não monogâmicas devido à forma com que esses sujeitos lidavam com o tempo dos afetos, além das práticas que compartilhavam socialmente. Segundo as cartas e os relatos orais produzidos pelas populações jesuítas, uma verdadeira relação que honrasse os princípios do matrimônio monogâmico instituído pela lei de deus se pautaria pelo caráter eterno dos laços firmados pelo casal, premissa não praticada e nem sequer considerada por muitos dos povos indígenas da América do Sul. Para os missionários, o fato de essas populações não se submeterem a uma lógica do amor eterno, firmando compromissos de fácil dissolução, impedia com que esses relacionamentos se encaixassem no tipo de relação monogâmica valorizada pela doutrina cristã. Assim, embora fossem vivenciados a dois, a qualidade dessas relações impediria uma experiência puramente construída no valor monogâmico cristão.

Já ao evocar o pensamento indígena, Geni propõe uma série de reflexões acerca do individualismo e do narcisismo que pautam as relações no mundo ocidental contemporâneo, efeitos de uma ideologia monogâmica e do amor romântico. Se o romance se impõe como um roteiro, a trajetória que percorremos ao lado de nossos parceiros é sustentada por uma teleologia afetiva, cuja performance social esperada daqueles que estão em união segue uma

³³ As informações seguintes acerca dos estudos e análises feitas pela autora foram trazidas pelo minicurso “*Descolonizando os afetos*”, no qual participei em jun. 2021.

linha bem definida: o flerte, o namoro, o noivado, o casamento, o lar comum e os filhos, todas essas etapas com posições muito bem definidas àquilo que se espera do homem e da mulher. A isso, chamamos de “escada relacional”. Bem, esse controle sobre o tempo, ritualizado através da cultura monogâmica, não somente geraria uma série de expectativas a respeito do momento presente, mas também àquilo que desejamos percorrer futuramente.

A colonização do tempo se mostra como um desses desafios à produção da emancipação e da autonomia pessoal. Pensando a vida como fruição e devir, Geni nomeia de “sazonalidade dos afetos” o modo como chegam a nós determinadas respostas aos afetos que mobilizamos a depender do contexto em que nos encontramos e dos caminhos para onde decidimos seguir. Essa sazonalidade requer acolhimento e cuidado para o seu amadurecimento, para que possamos nos permitir ouvir de nós mesmos aquilo que necessitamos no momento, cujas demandas se movem e se transformam todo o tempo. Sendo assim, é responsabilidade daqueles que compartilham uma vida conosco, que nos apoiem e acolham os tempos que nos atravessam e que nós produzimos em nós mesmos. Sem esse compromisso, nosso e do outro com quem tecemos a vida, o tempo passa sem nos provocar mudanças, muito por acharmos que o verdadeiro é aquilo que permanece e não o que estimula o crescimento, marcado por rupturas e novos desafios³⁴.

Bem, toda a expectativa em torno de um relacionamento que “dê certo” não somente se fundamenta sobre o tempo, mas também através da percepção de que a felicidade apenas poderia ser encontrada numa só pessoa, aquela que poderá nos satisfazer até que a morte nos separe. Além do peso e da responsabilidade jogada nas costas de um só indivíduo, Núñez também ressalta que a vida só pode ser construída a partir da multiplicidade de nossas emoções e relações. A concomitância seria não apenas saudável por nos oferecer a possibilidade de sermos múltiplos, mas também pela descentralização dos nossos afetos em torno de uma única fonte, fazendo dela nossa única garantia de suporte emocional e possibilidade de existência, levando àquilo que Núñez denomina de “escassez nutricional dos afetos”. Para ilustrar a importância da concomitância afetiva para a promoção de uma saúde mental, trago o *post* intitulado “*Quero ser prioridade: a maçã envenenada da exclusividade. A saúde das concomitâncias*”, exemplar no pensamento proposto pelo guarani:

“Quero apenas alguém que me trate como prioridade”. Essa frase pode ter muitos sentidos e contextos, vou me deter em alguns deles. Quando dita no sentido monogâmico, se trata de como prioridade envolve um desejo por centralidade no tempo e na atenção dispensada. Algo como estar em 1º lugar. Embora eu

³⁴ Ideia debatida por Geni em muitas de suas publicações por meio do *Instagram*.

compreenda o sentido no qual em geral isso é acionado, às vezes penso que falta pensar sobre a qualidade do tempo dessa prioridade. É quase como se o fato de ser a prioridade temporal de alguém fosse em si algo massa, ignorando que em muitos casos de feminicídio, por ex, a namorada/esposa está no centro emocional do companheiro violento. E que é justamente essa centralidade que "autoriza" o controle, a possessividade. Vejam, no tempo monogâmico, o "presente" da prioridade no tempo é uma maçã envenenada. É uma dívida que se cria e pela qual se cobra muitíssimo caro para receber um produto ruim. Temos de estar atentas quanto a isso, ocupar "muito" tempo/espço na vida de alguém não significa que necessariamente esse tempo será saudável, que produzirá autonomia. Muitas vezes o "pouco" tempo, só que sem a lógica abusiva da dívida emocional, vale muito mais. Não existe uma exclusividade saudável porque nossa saúde precisa da diversidade, da concomitância e pluralidade. Precisamos de cuidados diferentes, de fontes múltiplas e de modos distintos para que nossa nutrição emocional esteja bem e o cuidado esteja bem distribuído. Você só ficaria feliz se a chuva regasse apenas você? Que só a você o sol só trouxesse luz e calor? Que o ar só circulasse na sua respiração? O que queremos quando demandamos exclusividade na alegria, no prazer, no afeto? Que alta autoestima é essa que só encontra paz e serenidade na exclusividade? Por que desejar uma primavera de uma flor só? Um enxame de uma só abelha? A lição dos nossos parentes rio, terra, vento, pássaros é de que a saúde está na floresta e não na monocultura. (NÚÑEZ, 2021)³⁵

Por fim, também considero importante mencionar a atuação feita por alguns trisais para a visibilidade da pauta poliamorista no Brasil. Embora nem só os arranjos a três estejam presentes nas plataformas de redes sociais, os tris, ao meu ver, conseguiram uma certa projeção superior em relação a outros formatos, ganhando destaque em páginas da *internet* que não necessariamente se dedicam ao tema. A “plataformização” das experiências poliamoristas, ou seja, a exposição dos espaços de intimidade, bem como das conjugalidades poliamorosas nas plataformas de rede social, visando gerar engajamento, nos informa sobre algumas das estratégias de produção de espaços, visibilidades e representações poliamorosas e não monogâmicas no país hoje. Vale ressaltar que essas experiências são compartilhadas, sobretudo, nas plataformas do *Instagram* e do *Tik Tok* (mas também no *Youtube* e *Facebook*). Para citar alguns exemplos, temos o perfil @tresamoresac (53,7 mil seguidores), criado por um trisal acreano composto por um homem e duas mulheres, cuja história ganhou notoriedade³⁶ devido ao cargo exercido pelas pessoas do “casal original”, ambos sargentos da Polícia Militar do Estado do Acre; o perfil @amordetrisal (72,7 mil seguidores), criado pelo trio brasileiro composto por um homem e duas mulheres, contando com mais de 330 mil seguidores no *Tik Tok*, e o perfil @vidadetrisal (35,1 mil seguidores) composto por três homens residentes em Florianópolis, que também mantém um canal no *Youtube* para o compartilhamento desses relatos. Como veremos nos próximos capítulos, os trisais presentes

³⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CPUBLGhnhfj/>. Acesso em: 04 ago. 2021.

³⁶ “Sargentos da PM no AC assumem trisal e criam perfil para compartilhar rotina: ‘somando as três vidas’”. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2021/06/12/sargentos-da-pm-no-ac-assumem-trisal-e-criam-perfil-para-com-partilhar-rotina-somando-as-tres-vidas.ghtml>. Acesso em: 24 jul. 2021.

nessas plataformas acabarão por produzir repertórios que ressoarão nas experiências e expectativas nutridas pelos sujeitos participantes desta pesquisa.

2. HISTÓRIAS DE VIDA, NARRATIVAS AFETIVAS

“O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro” (Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, 2007)

“*Uma baby boomer em idade de não-tão-aposentada-assim desiste de sua antiga cabana convencional de mineiro, dos três empregos de meio expediente e de sua ligação com qualquer ilusão de segurança destes restos esfarrapados que o Sonho Americano ainda pode trazer a sua alma torturada. O objetivo: pegar a estrada para uma vida de aventura nômade como a leitora de tarô/astrologa xamânica/agente de mudança cósmica que ela sempre quis ser*”³⁷. Assim se descreve Silvianna Delmars em seu *blog*, *Silvianna Wanders*. Aqui, somos apresentados brevemente a algumas das transformações vividas por ela nos últimos anos, desde que decidira viver sobre quatro rodas. Silvianna conta a Jessica Bruder, autora do livro *Nomadland* - onde Jessica nos apresenta sua história -, que a brusca mudança ocorrida em sua vida não se deu por acaso: “*Silvianna lia tarô - ela também trabalhou como assistente médica corporativa, garçonete, vendedora, acupunturista e em bufê - e passou a ver a cadeia de acontecimentos que a levou à van como influência divina, a deusa a enviando ao caminho viajante*” (BRUDER, 2021, p. 30).

Nomadland acabou ganhando as telas em 2020 e conquistou os *Oscars* de melhor filme, melhor direção e melhor atriz. A história, baseada na investigação da jornalista e professora da Columbia School of Journalism, narra e acompanha a vida dos chamados “nômades modernos”, pessoas - sobretudo, na terceira idade - que após a crise econômica de 2008, fizeram dos *trailers* e *vans* sua nova residência. Interessada em suas histórias de vida, Bruder se debruça, especialmente, sobre as intermitências biográficas que os levaram à nova condição de moradia, denominada “*homeless*” - sem casa, mas não “sem teto”, como costumam ser chamados. Explorando as mudanças político-sociais e também a trajetória desses sujeitos, Bruder se questiona “como seria o futuro para alguém assim?”. Futuro para aqueles que, além de morarem em automóveis improvisados e se sustentarem com empregos temporários e incertos - bastante precarizados, importante dizer -, não se abstiveram de suas obrigações financeiras para com o país onde moram desde sempre.

³⁷ Descrição apresentada no livro *Nomadland*, de Jessica Bruder (2021, p. 30).

Recomposições biográficas são frutos daquilo que se convém chamar de “experiência”, ou seja, as ações cometidas e sofridas por nós ao longo de um fluxo temporal, não necessariamente tão bem definido cronologicamente, mas posicionado dentro de um horizonte social particularmente circunscrito e certamente mais abrangente que a vivência dos próprios sujeitos. Não precisamos, portanto, de mudanças tão acentuadas quanto aquelas evocadas por Silvianna para que nossas biografias sofram um contínuo processo de recomposição. Reinterpretamos nossas trajetórias devido ao modo contínuo com que nos movemos no cenário social, seja em nossos espaços profissionais, familiares, domésticos ou afetivo-sexuais. Assim, novas óticas biográficas são (re)construídas à medida que ocupamos novas posições de sujeito e alteramos a cadeia de nossos relacionamentos. Enquanto sujeitos, estamos sempre em condição de rasura.

É bastante comum que a aproximação com as não monogâmias, por exemplo, jogue novas luzes a narrativas biográficas que nos conformaram enquanto indivíduos singulares. Ponderações como “sempre fui visto como alguém muito promíscuo”, “nunca fui uma pessoa muito ciumenta” ou “sempre tentei entender porquê eu deveria escolher entre uma pessoa ou outra”, são exemplares neste sentido. Além de oferecer uma via de conforto e acolhimento aos sujeitos muitas vezes angustiados pelo sentimento de inadequação social, a descoberta da não monogamia traz também a possibilidade de uma “experiência emancipatória” (SILVÉRIO, 2018, p. 189). Isto porque, ao se reconhecer num certo espaço comunitário, eventos biográficos, antes despercebidos ou tratados com eventual casualidade, assumem novos sentidos, sendo remanejados a partir de uma nova ótica biográfica. O ‘eu’, por sua vez, adquire novas tonalidades.

A recomposição de uma biografia, certamente motivada por novas vivências e condições de existência, é denominada de “alternação” (BERGER, 1986). O termo, na verdade, se refere à capacidade de enquadrar a própria biografia num conjunto variável de possibilidades, possíveis ou não a depender do trajeto a que tais narrativas se filiam. A alternância, “a possibilidade de opção entre sistemas de significados diversos e às vezes contraditórios” (ibidem, p. 65), só é possível em termos de um fenômeno social devido à capacidade de “consciência sociológica”, individual ou coletiva, instituída pelo mundo moderno, mas também pela possibilidade de mobilidade social - ainda que consideremos limitações de raça, classe, sexualidade, gênero, dentre tantas. Por isso, tal consciência “se elabora numa ação bastante real para o indivíduo que procura ordenar e dar sentido aos fatos de sua própria vida” (ibidem). Assim, se a jovem Silvianna poderia achar descabida a ideia de se viver numa *van*, a trajetória de vida percorrida por ela e o atual momento histórico-social

lhe dão condições suficientes para considerar sua escolha não somente uma opção real, quanto um dos caminhos que lhe foram revelados para o (re)encontro de sua verdadeira “essência”. O encontro com as não monogâmias, conforme as falas citadas anteriormente - vindas de lembranças pessoais, mas também de relatos encontrados nos trabalhos etnográficos citados no capítulo anterior - sugerem caminhos interpretativos às suas respectivas histórias de vida, agora, provavelmente rearranjadas num outro lugar.

Ainda que as discussões empreendidas por Berger nos sejam bastante úteis - visto que aqui nos interessaremos pelos gestos distintos de (re)elaboração biográfica -, este capítulo não pretende se ater às possibilidades de uma narrativa “alternante”. A pretensão, de modo geral, será a de apresentar um pouco das discussões acerca do que chamamos de “histórias de vida”, campo de estudos privilegiado pelas humanidades, mas mobilizado cada vez mais por outras áreas da ciência. Tais debates nos serão caros devido ao seu caráter metodológico, podendo também ser utilizados como guias de leitura às histórias que nos serão apresentadas. Por isso, ainda que o conceito proposto por Berger não seja o único instrumento no conjunto dos operadores analíticos que procurarei encadear, ele nos evidencia, de antemão, a complexidade do ato de narrar e compor a própria vida, nunca executado de modo objetivo e apartado de uma dada situação comunicativa, circunscrita a partir de determinados lugares de fala, de escuta e também de um contexto sociopolítico mais amplo.

As narrativas afetivas (centradas no amor) serão o nosso foco, especialmente àquelas vinculadas à família e aos relacionamentos afetivo-sexuais, de modo que, a partir dessa via, possamos trabalhar aquilo que Ricoeur (1997, 2014) denominou de “identidade narrativa”, ou seja, o modo pelo qual construímos um “eu biográfico” por meio da ação de narrar e tecer uma história que lhe atribua sentidos e significados particulares. Após compreendermos os gestos mobilizados na construção de tais tramas biográficas, poderemos seguir, no capítulo posterior, aos projetos conjugais empreendidos a dois, cujos referenciais de amor abordados nessas histórias³⁸ nos serão cruciais para um melhor entendimento acerca das expectativas atribuídas às vivências poliamorosas desejadas.

2.1. Histórias de vida

³⁸ O interesse por narrativas afetivas que abordem tanto os espaços familiares quanto os conjugais deve-se à influência de bell hooks (2020) à esta dissertação. Segundo a autora, é na família que aprendemos a amar, e por isso ela é tão importante para a compreensão da formação de nossos referenciais amorosos.

“Memórias não são um resumo de uma vida; são uma janela para uma vida, assim como uma fotografia, em sua composição seletiva”
(William Zinsser, 2021, p. 170)

A citação acima, retirada do *bestseller* estadunidense “*Como escrever bem: o clássico manual americano de escrita jornalística e de não-ficção*”, se mostra interessante devido ao modo como a memória é elucidada enquanto uma passagem, um recorte, e não como algo dado, materialmente acabada e disposta, possível de ser oferecida a alguém. A memória, portanto, diz respeito a um ato de construção, um processo que baliza as marcas do tempo entre os acontecimentos vividos diante das expectativas daqueles que as projetam. No entanto, parte do mosaico que montamos ao longo da vida, e que acreditamos representar o acúmulo de nossas experiências - e como consequência, de um ‘eu’ supostamente cada vez mais sólido e coerente -, também é composto pelo esquecimento dos eventos e dos outros eus que já nos compuseram em algum outro momento.

As histórias de vida, assim como a memória, são frutos de um processo de curadoria pessoal, cujos eventos que acreditamos ser significativos conferem tons específicos à construção de nossa própria individualidade. Assim como num museu, onde obras são expostas em comunicação ao ambiente em que se encontram, as luzes, a disposição material, a política do som e as molduras se mostram tão relevantes quanto a escolha do material exposto. Isto porque a biografia, tramada performativamente, instaura um processo comunicativo, não sendo meramente um ato de entrega. Na escolha e na disposição de todos esses elementos, considera-se o tipo de acesso à obra, a qual público ela é orientada e por meio de quais cenografias zonas de inteligibilidade poderão ser criadas. Considerando as possíveis ambiguidades provocadas pela noção de “histórias de vida”, delimitarei melhor sua definição, dada a importância dos debates evocados junto ao termo para o texto que me proponho a apresentar.

Inicialmente adotadas pela antropologia, e gradualmente incorporadas nas áreas da sociologia, história e ciência política (DEBERT, 1986, p. 141), as histórias de vida se apresentam como uma ferramenta bastante útil para a compreensão dos fenômenos sócio-históricos em suas variadas dimensões culturais. A articulação entre processos culturais e testemunhos biográficos trazem inúmeras potencialidades, principalmente ao estudo da cultura na prática, aos seus “modos de fazer” (CERTEAU, 1998), ultrapassando e muito os ditos “modelos culturais”. Estes, que por inúmeras vezes delimitam nossa compreensão acerca

das sociedades humanas em função de roteiros socioculturais homogêneos e totalizantes, desconfigurando a cultura em sua vivacidade. As histórias de vida ligam, portanto, os atores aos acontecimentos, qual seja a sua grandeza, e permitem que exploremos as tonalidades daquilo que chamamos de “experiência”. No entanto, algumas diferenças merecem destaque em relação a noções que geralmente lhe são tomadas como sinônimas.

Diferentemente da biografia, mais atrelada ao campo histórico e literário, interessada na vida de celebridades e figuras históricas importantes, as histórias de vida, de forma geral, se associam à reescrita histórica proposta pelo feminismo, aos estudos culturais e à teoria literária, dando ênfase à escrita dos outros subalternizados (GRIMSHAW, 2020, p. 1).

Assim, a primeira é sugestiva de um empreendimento mais antigo: histórias clássicas de heróis masculinos. A última, por sua vez, é identificada com a recuperação de vidas Outras – notadamente, de pessoas excluídas das narrativas mais estabelecidas por motivos de raça, classe e gênero. (ibidem, p. 2)

Portanto, se apresenta como uma tática política ao conferir visibilidade às experiências invisibilizadas socialmente (SCOTT, 1999). “O objetivo parece ser o de incorporar à historiografia oficial a versão que os oprimidos e desprivilegiados têm dos grandes e dos pequenos acontecimentos” (DEBERT, 1986, p. 141).

Elas também podem ser afastadas do “depoimento” enquanto um gênero literário - ou ferramenta metodológica - por apresentarem uma estrutura teoricamente mais complexa, isto é, por um trabalho mais aprofundado de investigação, cuja narrativa é construída por meio de encontros prolongados e/ou sucessivos entre narrador e pesquisador (QUEIROZ, 1991, p. 7). Esses limites, no entanto, nem sempre são tratados de forma explícita e/ou definitiva, levando-nos a uma certa indefinição de ambos os conceitos.

A autobiografia, por outro lado, encontra um certo consenso ao se firmar como um gênero no qual o narrador e o escritor - além do “personagem”, considerando o processo performativo da escrita autobiográfica - sejam correspondentes, isto é, a mesma pessoa. Toda autobiografia, portanto, é também uma história de vida, ainda que em teoria. É preciso lembrar, todavia, que o processo de escrita é habitado por outros agentes que não só aqueles responsáveis por sua narração/escuta, sendo também atravessado por um corpo editorial (revisores, tradutores, editores etc.), que demarca sua presença de formas mais ou menos explícitas.

Ao utilizar esta metodologia, visio promover a construção de uma rede textual que, de alguma maneira, articule a ideia de identidade narrativa - produzida por meio de uma

narrativa de si - aos projetos conjugais empreendidos por casais homossexuais em busca de um novo amor, atentando-me a outras questões de entorno pontualmente indicadas. Por meio da narrativa de suas vivências afetivas poderemos compreender de que modo esses indivíduos se localizam nos espaços de intimidade construídos juntamente com seus pares. A busca por um novo amor, além disso, também poderá ser iluminada de acordo com a trajetória percorrida por esses sujeitos. Por fim, será possível enquadrar tais projetos poliamorosos mediante os percursos narrados. A pretensão se torna menos a de explorar as questões da monogamia e da não monogamia em seu caráter teórico ou estrutural - ainda que elas deem contornos específicos a esses projetos e os circunscrevam experiencialmente num dado tempo e espaço -, e mais a de compreender os agenciamentos que levaram esses sujeitos a buscarem no poliamor um projeto de vida conjugal.

Mas, quanto às histórias de vida, o que são? Nas palavras de Oliveira (2013, p. 109):

Histórias de vida são entrevistas abertas, que prescindem de um roteiro formal, nas quais as interpretações dos sujeitos sobre suas próprias trajetórias são especialmente valorizadas. Contudo, diferente do que ocorre em um depoimento autobiográfico espontaneamente fornecido pelo autor, aqui o pesquisador interpela o entrevistado de modo a manter o discurso orientado para aqueles temas que interessam à pesquisa.

Já em relação à sua operacionalidade:

Vive-se hoje um momento privilegiado para se captar, por meio de história oral, e mais particularmente por intermédio de histórias de vida ou de depoimentos pessoais, a maneira pela qual diferentes camadas sociais, diferentes grupos, homens e mulheres, várias faixas de idade estão experimentando as mudanças que ocorrem, segundo que valores as estão encarando, quais as normas que aceitam para seus comportamentos e quais as que rejeitam. (QUEIROZ, 1991, p. 20)

Histórias de vida são ferramentas importantes de investigação nas ciências sociais, pois permitem captar dinâmicas de continuidade e transformação, para além de normas e convenções mais ostensivamente visíveis. Um cientista social recorre a esta técnica interessado não em conhecer as singularidades da subjetividade de um indivíduo, mas em produzir dados brutos que, uma vez analisados, possibilitem algum tipo de inferência sobre fenômenos coletivos, considerados a partir do modo como são vivenciados por um sujeito histórico e socialmente situado. (QUEIROZ, 1987 apud OLIVEIRA, 2013, p. 111-112)

Tendo em vista ambas as considerações acerca do emprego das histórias de vida e sua funcionalidade no interior das ciências humanas, consideremos então alguns de seus marcos dentro dessa área de estudos. A pertinência em conhecer seu rastro intelectual, ainda que por meio de um rápido sobrevoo, deve-se à compreensão de como essa metodologia foi reenquadrada diante das sucessivas implicações teórico-metodológicas pelas quais as ciências

sociais foram atravessadas nas últimas décadas, e das quais essa pesquisa também se apresenta como um índice, resultante dos debates travados neste campo.

É necessário dizer, em primeiro lugar, que as histórias de vida, embora tenham sido empregadas de forma bastante generalizada na área das ciências sociais, ainda ocupam um lugar um tanto “marginal” em seu interior. Isto ocorre também pela indefinição dos tipos de seus usos: seja enquanto recurso analítico, campo de estudos, ou ferramenta de pesquisa, mesmo como uma ampla e notória utilização. Ora são tratadas apenas como um método de coleta de dados, ora como um movimento epistemológico, cuja centralidade residiria na própria narrativa dos sujeitos.

Inicialmente encontradas em diários de viagem de missionários e outros grupos colonizadores, as histórias de vida foram originalmente ignoradas como parte de um projeto científico ao ser tratada como uma dimensão hiperindividualizada da cultura, que pouco auxiliava na construção de modelos socioculturais mais amplos (objetivo da antropologia ao se constituir enquanto uma disciplina). O cenário começa a mudar significativamente com as viradas ocorridas a partir da década de 70, momento em que o estruturalismo se enfraquece, dando lugar a projetos vinculados à proposta pós-moderna, cujo valor dialógico e polifônico das pesquisas antropológicas - mas não só - ganha força. Além disso, o próprio processo de escrita se torna alvo dos debates acadêmicos, dadas as implicações trazidas pela entrada dos outros subalternizados às esferas científicas e de produção do saber, o que acabou por questionar ainda mais o “olho de deus”³⁹ (HARAWAY, 1995) empregado pela Ciência, isto é, o pseudo distanciamento - neutro e objetivo - do pesquisador, tomado como premissa básica de produção científica, algo que ainda hoje é reproduzido também no interior das ciências sociais, embora de forma cada vez mais contestada. As viradas, portanto, também contribuíram para o processo de tensionamento do próprio modelo de escrita, valorizando estratégias coparticipativas de autoria etnográfica.

Arfuch (2010) aponta alguns marcos na utilização das histórias de vida no campo dos estudos sociais: a) a invenção do gravador, auxiliando pesquisadores e jornalistas na ampliação de seus registros e na replicação das narrativas de seus informantes b) a Escola de Chicago, que acabou difundindo a prática da entrevista, da observação participante e do uso biográfico como forma de acesso à “realidade” no pós Primeira Guerra Mundial, dando centralidade à vida das pessoas comuns e c) o novo jornalismo da década de 60, que tinha

³⁹ Por “olho de deus”, Haraway denomina o “truque mítico de deus de ver tudo de lugar nenhum”, fazendo alusão à forma com que o método científico emprega(va) a neutralidade, a objetividade e o distanciamento como premissas básicas para a produção do conhecimento.

como tarefa realizar uma “radiografia mais nítida do presente” (ibidem, p. 247). Todos esses pontos culminaram nas viradas de 70, ocorridas em várias áreas do conhecimento, cada uma à sua maneira. Além disso, Zinsser (2021, p. 124) também indica a popularização da literatura de não ficção pouco após a Segunda Guerra Mundial, fruto do processo do contato intercultural, sendo a TV um dos principais veículos para a circulação dessas novas narrativas.

Ao jogar luz sobre questões e dinâmicas antes recobertas pelos pressupostos de cientificidade e pelo paradigma comparativo - proposta das ciências humanas, revista com as viradas -, as histórias de vida tornam-se, por excelência, estratégias de tensionamento ao modelo de produção científica aplicado nas ciências sociais. O ponto é justamente evitar a reificação de teorias que tratem a cultura de forma totalizante, isolada e contrastante. “*A escrita contra a cultura*”, de Abu-Lughod (2018), torna-se um dos textos mais clássicos e representativos deste período (publicado originalmente no início da década de 90). Nele, a antropóloga de origem palestina reivindica a implosão da categoria de cultura ao indicar como o axioma de singularidade cultural estaria cristalizando e perpetuando diferenças, na medida em que o projeto de estudo antropológico estaria naturalizando binarismos e posições hierárquicas ao demarcar fronteiras culturais e oposições, como as de pesquisador *versus* pesquisado, centro *versus* periferia, eu *versus* outro (ou nós *versus* eles). Nesse sentido, a antropologia continuaria exercendo o pacto colonial de sua origem. “Sua proposta, portanto, era a de escrever ‘contra a cultura’, no sentido de não presumir a coerência, generalização e atemporalidade que este conceito pode carregar” (PERIN, 2021, p. 302). Assim, Abu-Lughod se utiliza das histórias de vida como uma de suas principais estratégias para a desestabilização das premissas antropológicas, visibilizando como a “cultura” estava à margem de qualquer tipificação ao revelar a expressividade do mundo vivido na prática, ou seja, para além de modelos já cimentados. A ideia é discutir como, a partir de um procedimento etnográfico que se recuse a reiterar totalizações, podemos gerar *narrativas parciais* que visibilizem “relações entre relações” (STRATHERN, 2017), ou seja, relações entre os sujeitos comuns a aquelas que lhes atravessam (as relações que os sujeitos estabelecem com os movimentos sociais que, por vez, se relacionam de modos singulares com as instituições estatais, por exemplo). O principal potencial evocado pelas histórias de vida, portanto, se refere à elaboração de contra-generalizações. “Produzir um texto em uma escala artesanal particular não indica um privilégio do micro sobre o macro. Refere-se a um trabalho ativo de feitura e composição destas *ficções controladas*” (PERIN, 2021, p. 311, destaque meu).

Ainda, explorando este campo, podemos dizer que duas dimensões se colocam especialmente relevantes para nós nesse momento: de um lado, o debate acerca de sua

dimensão produtiva, ou seja, do modo como as narrativas são construídas, considerando o “encontro etnográfico” entre narrador e pesquisador e suas reverberações na escrita; de outro, a dimensão do próprio sujeito, que se constrói ao criar uma narrativa para si mesmo, projetando-se como um personagem no texto tecido por ele. Trabalharemos então a partir desses dois eixos antes de entrarmos nas narrativas em si. Essa exposição nos possibilitará não só compreender a partir de quais premissas e discussões este campo vem se estabelecendo, mas também oferecer pistas para a leitura das narrativas biográficas expostas a seguir.

Histórias de vida são, antes de tudo, textualidades produzidas sobre si mesmo, porém, demandadas por algo ou alguém. Como toda textualidade, está enredada por uma série de elementos discursivos, não discursivos, materiais, não materiais, previsíveis ou ocasionais, habitados no ou fora do sujeito que as narra. A história de vida, enquanto texto, se faz sob uma dada situação comunicativa, condições de existência que circunscrevem seus modos de manifestação. Logo, não pode ser compreendida como isolada em si mesma, mas como um produto do arranjo espaço-tempo-relação em que se encontra. Da mesma forma, não deve ser vista como um todo cujo sentido se encontraria confinado em sua própria manifestação. Todo texto se instaura enquanto uma relação parcial. Seus usos e interpretações são postos à prova à medida que novas filiações são propostas, encontrando-se enredado por novos conjuntos de signos, a depender de quem e em que momento é mobilizado.

Se “um texto é necessariamente o fragmento perceptível de um processo comunicacional, sem o qual não é possível sua existência” (LEAL, 2018, p. 20), ao falarmos das histórias de vida temos que considerar, sobretudo, o caráter dialógico de sua produção, isto é, as condições de sua tessitura frente ao contato àquele outro a quem tais histórias foram demandadas. De tal modo, pensar sobre o encontro etnográfico que possibilitou a emergência das narrativas propostas, se mostra necessário na medida em que o próprio contato ou engajamento instituído entre narrador e pesquisador modula a potência do texto a ser criado. Por isso, as histórias de vida são feitas com e para alguém, são a própria ação e instauração de uma relação, de um momento de contato. “Nas suas relações ‘exoimanentistas’, os textos contêm, em maior ou menor grau, um elemento de criatividade, de diferença, de alteridade” (ibidem, p. 32-33).

Além do lugar de escuta, no qual o texto é direcionado e possibilitado a ganhar forma, outros fatores também o levam à sua condição de textualidade, isto é, de ser-estar-poder-ser que configura sua potência enquanto manifestação escrevível e legível. O tempo, espaço e suporte são, desse modo, tão caros à sua manifestação quanto às posições de narrador e leitor. Elas acomodam o mundo pré-figurado (RICOEUR, 1991) onde sua potência também se situa.

Fruto disso, argumenta-se, por um lado, pela útil separação entre o autor e sua obra, sendo o primeiro localizável num tempo fixo, enquanto o segundo continuaria a se mover junto ao mundo. Por outro, tal cisão se mostra incoerente considerando que uma obra é sempre, de um modo ou de outro, índice da própria individualidade do autor (RICOEUR, 2014, p. 165).

O caráter textual das histórias de vida revela, portanto, que “vidas são ‘feitas’, e não encontradas” (GRIMSHAW, 2020, p. 13, tradução minha), por isso, provenientes de um encontro que estabelece as condições de sua feitura.

Passemos então ao segundo eixo: aquele relativo ao próprio sujeito, que no ato de narrar a si mesmo, constrói para ele um personagem que iluminará a história contada, fazendo com que a mesma adquira um dado sentido e um certo valor. Neste processo, as discussões referentes às textualidades, às histórias de vida, e àquilo que Ricoeur (1997, 2014) denominou de “identidade narrativa” dialogarão de forma bastante evidente.

Um dos mais controversos pontos no emprego das histórias de vida pelas ciências sociais, deve-se ao seu caráter individualizado, que em tese, seria pouco representativo da cultura enquanto um complexo sistema cuja polifonia discursiva lhe é constituinte. Alega-se, de tal maneira, que o foco no sujeito negligenciaria dinâmicas sociais mais amplas. Porém, conforme vem nos mostrando seus pesquisadores, tal pensamento é fruto de um equívoco posto pelas premissas metodológicas da área, estabelecidas por meio da cisão entre indivíduo *versus* sociedade.

Em primeiro lugar, estudos que se utilizam desta proposta não necessariamente se tornam investigações sobre a vida de uma só pessoa - ou de um conjunto limitado de indivíduos. Isto fica claro, por exemplo, no próprio trabalho executado por Jessica Bruder, apresentado no início deste capítulo. Embora “*Nomadland*” se proponha a apresentar a vida de sujeitos com os quais a jornalista estabelece relações em campo, a mesma realiza uma espécie de “etnografia multissituada”, nos termos de Marcus (1985). Para isso, além de acompanhar a trajetória dos sujeitos autodenominados “sem casa”, Bruder segue seus itinerários em busca das motivações para a “adoção” de seu novo “estilo de vida”. Assim, a partir de vidas supostamente isoladas, a jornalista consegue mobilizar conflitos traçados entre eles, o setor imobiliário, o sistema previdenciário estadunidense, as empresas reconhecidas pelas dinâmicas de contratação temporária - cujos modelos de negócio são estruturados visando especialmente esses grupos -, as famosas cidades que se tornaram o destino de encontro dessas populações, e a legislação de vários estados do país.

Em segundo lugar, ao tomar o indivíduo como parte não suficientemente representativa de um complexo sistema sociocultural, na medida em que sua posição não lhe

conferiria um lugar de privilégio para a compreensão do social, deixa-se de lado as fissuras de seus modelos culturais. Se a cultura encena um mundo pré-figurado, é a partir da vivência - da pessoa ou de grupos mais ou menos extensos - que podemos vislumbrar processos de “manifestação criativa” (GONÇALVES, 2012, p. 30) ao produzirem um eu para si mesmos. Portanto, “a categoria de indivíduo não é propriamente o nosso quadro referencial, mas sim a pessoa/personagem tomada enquanto manifestação criativa pois é, justamente, através dessa interpretação pessoal que as ideias culturais se precipitam e tem-se acesso à cultura” (ibidem).

Neste ponto, no entanto, entramos em mais uma questão: na medida em que criamos um sujeito autobiográfico, responsivo a uma dada situação comunicativa, produzimos também um personagem à história contada, fruto de um processo reflexivo do eu. Ao pensar no sujeito narrado enquanto um personagem, evitamos algumas armadilhas, dentre as quais: a) considerar que se está “acessando” a vida de alguém b) que a narração construída pelo sujeito representa com fidelidade a história de sua vida e c) que o outro é um ser temporalmente estável, acabado, totalmente “resolvido” e consciente dos fatos de sua existência. Dessa maneira, “precisamos reconhecer que as histórias de vida são, na verdade, histórias que as pessoas contam sobre si mesmas, textos exigindo atenção às convenções de narrativa e do contexto de sua elicitación” (ABU-LUGHOD, 1993, p. 25, tradução minha). A performance, relativa à narração realizada pelos sujeitos com quem estabeleci contato⁴⁰, nos informa tanto sobre a composição de seus relatos biográficos - por meio da tessitura de uma intriga, isto é, de um enredo -, quanto à forma como o personagem principal foi situado no interior dessas tramas, atribuindo a si mesmos um conjunto de eventos, valores e expectativas que os ajudarão, na medida em que jogam luz às ações cometidas e sofridas por eles, a refletirem sobre os sentidos de suas trajetórias individuais.

Esta flexibilidade produzida a partir das escolhas pessoais na construção de uma trajetória social, fruto do encontro entre aquele que narra e aquele que escuta a narração, é a razão e a condição de uma criação de si, de um personagem de ficção, de algo misterioso, sempre fragmentário, que aponta para a incomunicabilidade do ser, de uma vida. (GONÇALVES, 2012, p. 24-25)

É exatamente este processo que Ricoeur (1997, 2014) denomina de “identidade narrativa”. Segundo o autor, é por meio da ação narrada que podemos nos elaborar enquanto um sujeito que examina a sua existência, produzindo assim, um personagem para si mesmo no conto de sua própria biografia. “A narrativa constrói a identidade da personagem, que pode

⁴⁰ “A narrativa é performativa e, nesse sentido, é mais do que uma história: reorganiza a experiência ao narrá-la” (ILLOUZ, 2011, p. 81).

ser chamada de sua identidade narrativa, construindo a identidade da história narrada. É a identidade da história que faz a identidade da personagem” (RICOEUR, 2014, p. 155). Contudo, tal identidade não esgota as possibilidades de nosso autoconhecimento, sendo apenas uma parte daquilo que convencionamos criar de nós mesmos. A narrativa, apesar de visibilizar processos de manifestação criativa, constitui apenas uma das formas de sua aparição.

A ideia de identidade narrativa é, apesar dessas dificuldades, proveitosa para o entendimento tanto de quem somos quanto do que somos capazes como seres humanos, na medida em que ela ‘se conforma com a ideia de uma identidade dinâmica que surge da composição poética de um texto narrado’. (PELLAUER, 2013, p. 79)

Considerando as armadilhas do processo de narração biográfica, cujas pistas têm sido sugeridas desde o início deste capítulo, lembremos também de outro ponto acrescentado por Ricoeur (1997, 2014) ao debate: o modo como, na ação de tecer uma história sobre si, também temos a tarefa de sustentar possíveis contradições e eventos que desafiarão uma cronologia temporal, revelando a própria passagem abigarrada do tempo contida na experiência pessoal e manifestada por meio da memória. O autor, levando em conta este processo, conceitua uma das condições na produção de textualidades - relativas ou não às histórias de vida-: a “concordância discordante”, ou, dito de outra forma, a “síntese do heterogêneo”, como Ricoeur diz preferir. Ambas as ideias dizem respeito a um fator inerente ao procedimento comunicativo, materializado sob a forma de textos, aquele que aponta para a tarefa de concatenação, cuja trama se realiza mediante a tessitura de uma intriga. Esta, que tem como objetivo forjar um sentido, moldar um enredo cuja sucessão de acontecimentos ocorra não um após o outro, mas um *por causa* do outro. Nesse processo de costura, de articulação de pontos ou eventos distantes, talvez nunca antes associados e muitas vezes vindos de contextos particulares e/ou situados de maneira distanciada, as textualidades abrigarão o contraditório em busca de um “uno”.

Dessa correlação entre ação e personagem da narrativa resulta uma dialética interna ao personagem, que é o exato corolário da dialética de concordância e de discordância desenvolvida pela intriga da ação. A dialética consiste em que, segundo a linha de concordância, o personagem tira sua singularidade da unidade de sua vida tida como a própria totalidade temporal singular que o distingue de qualquer outro. Segundo a linha de discordância, essa totalidade temporal é ameaçada pelo efeito de ruptura dos acontecimentos imprevisíveis que a pontuam (encontros, acidentes etc.); a síntese concordante-discordante faz que a contingência do acontecimento contribua para a necessidade de algum modo retroativa da história de uma vida, à qual se iguala a identidade da personagem. Assim, o acaso é transmutado em

destino. E a identidade da personagem que se pode dizer parte do enredo só se deixa compreender sob o signo dessa dialética. (RICOEUR, 2014, p. 154-155)

No entanto, ao falarmos das pessoas-personagens e de suas histórias de vida como sínteses do heterogêneo, não estamos sugerindo que estes sejam fictícios, mas sim que os enredos tecidos sejam *alegóricos*, no sentido de narrativas reflexivamente orquestradas de modo a atender uma série de expectativas pessoais (e sociais), e cuja tarefa está na atribuição de sentidos mediante a reexaminação de sua própria existência.

2.2. Narrativas afetivas

Somos e existimos por conta das narrativas que produzimos acerca de nós mesmos. A narrativa não apenas é o resultado de uma intriga constituída pela síntese do heterogêneo, mas também aquilo que “dá forma e temporalidade à experiência” (KOFES, 2015, p. 35). O processo de construção de um eu, portanto, é “autopoiético” devido a forma autorregulatória de sua expressão:

O falar de si mesmo, a autobiografia, a autoescrita, o processo de construção de uma narrativa sobre o self encontra ecos no conceito de autopoiesis tal qual formulado por Maturana e Varela (1980) nos anos 70: a capacidade dos seres vivos, neste caso os humanos, através de suas narrativas, produzirem-se a si próprios. (PASSEGGI, 2011, p. 147 apud GONÇALVES, 2012, p. 22)

Ricoeur (1997, 2014) a compreende como uma espécie de dobradiça entre o mundo humano e não-humano. Ao narrarmos uma história, performamos e materializamos o tempo, tornando-o humano. Por outro lado, as narrativas construídas por nós nunca se encerram, na medida em que, ao tornarem-se parte do mundo, são filiadas a infundáveis encadeamentos, considerando o devir da própria história. Tempo e narrativa, portanto, além de serem partes indissociáveis um do outro em seu aspecto ontológico e fenomenológico, também se apresentam como duas das aporias humanas.

As narrativas a seguir apresentam a vida de homens gays e bissexuais que, juntos de seus parceiros, buscam uma nova pessoa para amar. Considerando o poliamor um projeto de vida conjugal, a utilização de suas biografias - ou parte delas, já que narrar toda uma vida seria não só uma tarefa impossível, quanto distante dos objetivos deste trabalho - tem como horizonte investigativo conhecer quem são esses sujeitos, como constroem uma identidade narrativa para si mesmos e de que forma as narrativas afetivas produzidas por eles poderão nos ajudar a compreender seus projetos poliamorosos.

Os participantes do estudo foram encontrados e selecionados por meio de grupos não monogâmicos e poliamoristas situados na plataforma do *Facebook*. Todos os relatos aqui apresentados foram produzidos por pessoas convidadas via mensagens particulares enviadas pelo *Messenger*, o *chat* do *Facebook*. Ao todo, foram dez entrevistados, cinco casais.

A escolha dos possíveis entrevistados se baseou em apenas um ponto, dados os interesses desta pesquisa: todos os participantes haviam postado recentemente seu interesse em encontrar um novo amor, enfatizando o caráter projetual dessas experiências.

Inicialmente, eu havia me interessado por projetos poliamorosos situados em conjugalidades para além das homossexuais, considerando a atuação dos diferentes marcadores sociais à modulação de seu exercício poliamoroso. No entanto, apenas casais gays responderam à minha solicitação. Acabei percebendo que a temática e o recorte proposto por mim poderia ter sido vista como incômoda ou demasiadamente invasiva aos casais heterossexuais, também levando em consideração os frequentes questionamentos enfrentados por eles nestes espaços - algo que será tratado no próximo capítulo. Por ora, vale mencionar que a busca por uma terceira pessoa empreendida por casais heterossexuais encontra uma forte resistência por muitos membros desses espaços, dadas as discussões acerca da fetichização do corpo feminino. Além de algo possivelmente incômodo, também me questionei sobre o fato de ser um pesquisador homem, cis, homossexual e acadêmico entrando em contato com casais heterossexuais, que na maioria das vezes, deixavam explícita a restrição de contato apenas com outras mulheres. Os grupos lésbicos, por outro lado, são restritos apenas à participação feminina. Assim, minha posição enquanto pesquisador também delimitou as possibilidades de minha investigação.

Por fim, dois foram os grupos onde encontrei os cinco casais participantes desta pesquisa: o “*Trisal, poliamor, gay*”, direcionado exclusivamente a homens homossexuais e onde participam três dos casais entrevistados, e o “*Poliamor trisal e amor livre #forabolsonaro*”, voltado aos interessados no assunto, mas sem recorte específico de gênero e/ou orientação sexual, onde dois outros casais foram encontrados. Embora as publicações realizadas por esses sujeitos tenham sido vistas em algum dos dois grupos, é comum que estas postagens sejam compartilhadas também em outros espaços poliamorosos, algo pelo qual tenho acesso devido às ferramentas de busca disponibilizadas pelo próprio *Facebook*.

Os principais objetivos da pesquisa, bem como sua metodologia, foram apresentados logo na mensagem inicial enviada àqueles com quem conversei. Por meio do *Google Meet*, me encontrei com cada um dos casais apenas uma vez. A duração dos encontros variou de acordo com sua disponibilidade, indo de 1 hora e 35 minutos a quase 4 horas de entrevista.

Algumas lacunas deixadas em aberto foram posteriormente tratadas a partir de conversas individuais pelo *Whatsapp*. Partes de uma ou outra entrevista não foram cobertas pelos programas de gravação utilizados, levando à extensão dos nossos diálogos a essa plataforma.

Tal disparidade de tempo será facilmente percebida durante a leitura das narrativas a seguir. Devido ao momento de execução da pesquisa (em meio à pandemia da covid-19), muitos desses sujeitos tinham um tempo reduzido ou estavam cansados das dinâmicas travadas nos ambientes virtuais. Por isso, alguns dos relatos se mostram insuficientes aos interesses desse projeto, embora sejam minoria. Ainda que novos diálogos tenham sido sugeridos, nem todos os participantes puderam realizá-los, resultando na incompletude de suas narrativas. A decisão de deixá-los se ampara em algumas razões. A primeira se refere à condição de possibilidade da qual uma pesquisa é feita, valorizada por mim em todos os meus percursos acadêmicos. A segunda é relativa à própria dedicação dos envolvidos à pesquisa, que do modo como puderam, fizeram o possível para se engajar diante dos temas sugeridos. Por fim, também considero relevante como as lacunas apresentadas acabaram se mostrando pertinentes à justificação de minhas escolhas teóricas e metodológicas (algo que poderá ser visto mais ao fim do trabalho).

Iniciada a chamada, informei aos entrevistados acerca dos direitos sobre a utilização das entrevistas, conforme estabelecido pelo Comitê de Ética⁴¹, e em seguida pedi para que me contassem um pouco sobre suas vidas. À medida que as apresentações eram concluídas, orientei as narrativas dando enfoque às vivências afetivo-sexuais, tendo também como pano de fundo as relações destes sujeitos com o seu grupo familiar (além de outros grupos/relações que julgassem importantes na produção de seu referencial amoroso).

As entrevistas ocorreram entre outubro de 2021 e janeiro de 2022 conforme a disponibilidade dos participantes. Inicialmente, planejei realizá-las todas ao fim do primeiro ano de pesquisa, contudo, devido à dificuldade no encontro dos interlocutores, além do problema de agenda gerado pelo encerramento do ano, já que muitos destes trabalhavam no comércio e tinham uma rotina bastante exaustiva, o período acabou se estendendo. Tais condições também são importantes para a leitura dos textos. As entrevistas foram divididas em duas etapas: na primeira, conversamos individualmente, tendo como foco suas biografias, já na segunda estavam todos presentes, de modo que pudéssemos conversar sobre as dinâmicas de seus projetos poliafetivos, com exceção do último casal, ouvidos separadamente com um intervalo de tempo de quarenta e cinco dias.

⁴¹ A qual esta pesquisa foi submetida por meio do processo de número 46909621.5.0000.5149 (CAAE).

A escolha da dinâmica proposta às entrevistas se sustenta tanto em razões teóricas quanto metodológicas. Em primeiro lugar, a maioria das pesquisas em torno do fenômeno poliamoroso têm privilegiado, sobretudo, relatos individuais. Mesmo quando casais são ouvidos, tem-se um foco nas negociações destes visando a manutenção de suas autonomias sexo-afetivas. Debruçando-me sobre as histórias de vida de pessoas em casal, que elaboram coparticipativamente um projeto conjugal poliafetivo, intenciono explorar um pouco dos dilemas vividos a dois, bem como compreender de que forma essas questões se distanciam ou não àquelas já analisadas pelos pesquisadores mencionados no capítulo anterior. Em segundo lugar, mobilizo narrativas individuais dadas as possibilidades de articulação entre a posição ocupada por cada um desses sujeitos no interior de seus projetos poliamorosos à constituição de uma identidade narrativa pessoal, marcada pela construção de múltiplas territorialidades afetivas e emocionais.

Ressalto que as participações são anônimas e todos os nomes apresentados foram devidamente alterados. O texto, antes de sua defesa, foi encaminhado aos participantes para eventuais revisões quanto ao seu conteúdo.

Por fim, é importante apontar as escolhas relativas ao próprio tratamento do texto e de sua apresentação. Como discutido neste capítulo, as histórias de vida emergem a partir de uma relação estabelecida entre narrador e ouvinte. Portanto, são histórias construídas a partir de uma dada situação comunicativa, e não o produto acabado e objetivo de uma vida. Tentei ilustrar esse caráter por meio de um texto coparticipativo, cuja tessitura narrativa não apenas trouxe a fala dos entrevistados, como também incorporou minha própria presença, fazendo do texto uma tentativa de concatenação do processo e do cenário dialógico executado no momento dos nossos contatos. Além disso, o gesto textual aqui executado buscou também organizar a narrativa conforme os fluxos de consciência dos sujeitos, encaixados, porém, em determinadas temáticas. Esta escolha aconteceu de forma estética e teoricamente orientada: de um lado, busquei valorizar a tonalidade e o estilo de fala dos personagens, de outro, considerei importante apresentar as narrativas produzidas por eles não em seu estado bruto, de modo que eu me ausentasse de sua textualidade. Já em relação à grafia, todas as falas transcritas sem intervenção encontram-se em itálico e entre aspas. Termos como “se assumir”, “revelação” e “sair do armário”, só foram utilizados em narrativas cujos próprios sujeitos se utilizaram dessas expressões.

AUGUSTO

Augusto é natural da cidade de São Paulo, tem 50 anos e é funcionário público há quase 30, ocupando nos últimos cinco o cargo de gestor educacional numa escola estadual da capital paulista. Embora seja alguém presente em seu círculo familiar, possui um vínculo mais estreito com uma de suas seis irmãs - além de um irmão -, que vê semanalmente devido ao seu ofício. Como fisioterapeuta, a mesma lhe oferece um pacote mensal de massagens, garantindo, ao menos, um encontro semanal entre os dois. Segundo ele, a prática lhe proporciona um momento de relaxamento diante do estresse e da agitação do dia a dia. Autodeclara-se branco, de classe média, homossexual e católico praticante - embora não tanto quanto gostaria (ainda que Augusto adote o termo “*espiritualidade*” para definir sua relação com o campo do sagrado na apresentação feita num dos grupos poliamorosos do qual participo, e onde o encontrei). A relação com seus pais é definida como tranquila e estável. Mesmo casado com Ricardo, Augusto ainda reside com seus pais devido à idade avançada em que se encontram. Como caçula, sente uma maior responsabilidade com os dois. Assume tal compromisso sem qualquer queixa ou pesar, pelo contrário, demonstra um tom gratificante ao falar de sua convivência junto a eles.

Augusto relata não ter tido uma “cena de revelação”, algo que geralmente é associado à biografia de homens homossexuais. A abertura de sua homossexualidade à família se deu de forma “*natural*”, além de não necessariamente verbal. Desde a adolescência se compreendeu enquanto um rapaz gay em conflito com sua sexualidade, no entanto, sua família nunca foi motivo de preocupação. *“Na verdade eles lidaram melhor do que eu. Tudo foi de uma forma natural, sempre apresentei meus namorados como amigos, mas eles sempre perceberam. Sempre trataram eles bem e nunca fui discriminado na família. Como sempre fui independente financeiramente e nunca transpassei ser afeminado, coisa que em geral causa desconforto, nunca tive problemas com família e amigos”*.

Sua “carreira sexual” começou com homens mais velhos durante a adolescência, seguido por um período de “*experimentação*” com algumas garotas. Essa fase durou até os seus vinte e um anos quando “*resolveu*” se envolver sexual e afetivamente apenas com homens. Até conhecer Ricardo, teve cinco namoros sérios e longos, todos com mais de um ano de duração.

Sua formação é vasta e pode explicar de alguma forma o acolhimento dado à minha pesquisa desde o primeiro momento em que lhe a apresentei. Formado em psicologia, ainda que atuando por pouco tempo na área, também conta com outras três graduações: artes

visuais, pedagogia e letras, nessa ordem. Já as pós-graduações são quatro, três especializações em: psicopedagogia, arte educação e gestão educacional, e um mestrado em artes visuais. Ressalta que o foco sempre foi trabalhar com questões ligadas à educação e ao ensino. Conta que sua dissertação em artes cênicas versava sobre a experiência educacional no ensino das artes. *“Sempre fui apaixonado pela educação e sempre me vi como professor. A psicologia sempre me ajudou na atuação profissional. Então, sempre procurei mesclar as três áreas - artes, educação e psicologia”*.

Augusto sempre arcou financeiramente com os investimentos de sua educação. Antes mesmo de começar qualquer curso superior, o rapaz já atuava no mercado de trabalho. Conta que trabalha desde os quinze anos e nunca precisou da ajuda financeira dos pais para os estudos, cujas graduações foram cursadas na rede privada, enquanto as pós na rede pública. Durante sua primeira graduação, trabalhou numa agência bancária, começando a lecionar apenas após a conclusão do curso de psicologia. Na escola, conta que já exerceu os cargos de professor, coordenador pedagógico, diretor e psicólogo escolar. Mesmo motivado pelos estudos, assume que não pretende fazer outra formação, seja a nível de graduação ou pós, apenas algum curso de complementação que, em algum momento, ache pertinente à sua área de atuação.

Na tentativa de compreender como a monogamia e a não monogamia são vistas por Augusto, lhe pergunto o que pensa a respeito destes dois conceitos. *“Eu penso que a monogamia é uma questão mais religiosa. É um resquício religioso, reprodutivo. No sentido de que é um resquício da heteronormatividade, de que os casais precisavam fazer dessa maneira pra ter a certeza de que a linhagem era deles mesmo. Então na minha concepção eu vejo que a não monogamia é um desejo de muitas pessoas, da grande maioria, mas elas acabam se privando disso em função de alguma coisa que foi instituída socialmente, mas que não faz parte de seus desejos. Não digo na questão do que é ou não saudável, mas pra mim a discussão é que a monogamia, historicamente, traz essa questão do ser heteronormativo. Do casar, do ter filhos, e de ter a certeza de que aqueles filhos pertencem àquele casal. E isso, de certa forma, acabou vindo aos casais homossexuais. A própria relação homoafetiva veio com muitos resquícios também desta heteronormatividade”*.

RICARDO

Ricardo tem 37 anos e é natural de uma cidade no interior de São Paulo. Se mudou para a capital paulista devido ao envolvimento com Augusto. É graduado em letras, tendo exercido a docência durante muitos anos, no entanto, decidiu se aventurar por uma outra área há relativamente pouco tempo. Embora tenha acabado de se formar em direito, não tem planos para atuar na área no momento. Desde o começo da pandemia da covid-19, acabou apostando na produção de pães e outras massas caseiras que foram inicialmente vendidas em seu condomínio, algo que lhe ajudava financeiramente e supria uma certa demanda causada pelo isolamento. O negócio deu tão certo, que com a ajuda de Augusto, acabou se tornando uma cafeteria na região de Embu das Artes, conhecida pelo artesanato local. Com o passar do tempo, considerando a demanda contínua causada pelo prolongamento da pandemia no país, Ricardo também começou a vender marmitas. A cafeteria se transformou num pequeno restaurante, hoje, contando com almoços, além dos quitutes que deram início à jornada.

Ricardo se autodeclara branco, de classe média e cristão protestante, embora também tenha se definido enquanto “*espiritualista*” no grupo poliamoroso no qual o encontrei. Sua família é bastante extensa. Ricardo conta que sua mãe teve, no total, vinte e três tios, dezessete pelo lado materno e oito pela família de seu pai. Ressalta a forte conexão com os membros de sua família, cujo contato é mantido de maneira permanente, sendo ele um dos eixos de articulação entre os dois grupos familiares. Aquele que, segundo conta, “*tem informação sobre todo mundo, que conversa com todo mundo*” e por isso tem um “*bom relacionamento extremo com toda a família*”. Além disso, revela que todos eles sabem de sua homossexualidade e de seu *status* atual com Augusto. Descreve a relação com seus pais como “*ótima*”.

Quando perguntado sobre o que pensa acerca da monogamia e não monogamia, Ricardo apenas menciona o que acontece em seu casamento, apontando como o sexo não se torna o elemento central, e sim o espaço de acolhimento criado por ambos, permitindo aos dois se perceberem enquanto pessoas autônomas, cujos desejos não impactam naquilo que sentem um pelo outro. “*Eu vejo assim... que nem o Augusto e eu... eu acho que hoje o nosso relacionamento está acima de sexo, acima de sair para transar com alguém. Nosso relacionamento é superior a isso, àquele sentimento de posse. Não, nós nos gostamos, nós nos amamos, independente se ele transa com um cara e eu transo com outro. A gente sabe que no final a gente volta pra casa e a gente se ama e nós temos a nossa vida e as nossas particularidades, nossa família, as nossas famílias...*”.

AUGUSTO E RICARDO

Augusto e Ricardo se conheceram pelo *Tinder*, talvez o mais popular dentre os aplicativos de encontro no Brasil devido à amplitude de seu público alvo. Ao contrário de vários outros *apps* voltados para homens gays, o *Tinder* permite a busca por homens e mulheres, ainda que de forma binária e restritiva quanto ao número de parceiros - conexões exclusivamente diádicas (embora perfis de casais vez ou outra apareçam). Na época, Ricardo estava de visita a São Paulo, o que o fez aparecer no raio de quilometragem configurado por Augusto no aplicativo, cerca de 10 km. Ambos curtiram a foto um do outro e em seguida trocaram telefone. Como Ricardo estava de passagem na casa de um amigo, e no dia seguinte já seguiria viagem a Campinas, Augusto e ele trocaram apenas mensagens. Muitas, segundo os rapazes - enfatizando a quantidade e a qualidade da conversa desde o primeiro momento. Após dez dias do primeiro contato, Augusto resolveu comprar uma passagem de ida à cidade de Ricardo. De lá para cá, não deixaram de se falar um único dia.

Augusto afirma que a diferença de personalidade entre eles foi vista com bons olhos pelos dois. Ele, que se entende como uma pessoa mais reservada, vê Ricardo como alguém mais agitado e comunicativo. As posturas teoricamente “opostas” deram liga à relação. Além disso, conta que a compatibilidade sexual pesou ainda mais para a aposta no laço entre os dois. Já em relação à continuidade da relação, afirmam que a distância cumpriu um papel primordial para a manutenção de seus afetos. *“O fato da gente não morar perto demais e não se ver com tanta frequência, acho que isso também ajudou para que a coisa não subisse que nem um foguete pra depois abaixar, sabe!? Tinha um tempo pra gente se encontrar, então isso gerava uma certa saudade. Acho que isso foi o legal. A construção da relação foi interessante nesse sentido, porque a gente não se via com tanta frequência”*. Pensando retroativamente, o relacionamento vivido pelos dois é marcado pela sensação de descoberta contínua, conforme ressaltado por Augusto.

Ricardo, por vez, considera a serenidade e a habilidade de ser ouvido por Augusto como aquilo que mais o tenha cativado. O cuidado e a atenção sempre foram marcas bastante aparentes no companheiro. Sua forma de comunicação e o modo como era ligado à família também lhe chamaram atenção. Somado a isso, o fato de Augusto ser mais velho acabava por preencher todos os requisitos de um par pretensamente ideal. Augusto ressalta, ao contrário do marido, que nunca teve um padrão pré-estabelecido de homem que o atraísse. Seus ex-namorados eram mais velhos ou da mesma faixa etária. Ricardo é o primeiro com tamanha diferença de idade, porém, sempre transmitiu maturidade ao companheiro. *“Nós temos*

quatorze anos de diferença e isso nunca nos chamou atenção. A gente nunca percebeu a diferença de idade, tanto é que brincamos que somos dois cinquentões porque ele é bem maduro. A gente só percebe a diferença quando alguém menciona”. Ricardo conta, que por vezes, se apresenta como alguém de cinquenta anos de idade ao conhecer novas pessoas, satisfazendo ainda mais seu ego leonino ao ouvir como resposta não aparentar a idade que tem.

Como dito, Augusto e Ricardo continuam morando separados, mesmo após a oficialização de sua relação. Contam que chegaram a morar juntos, ainda que provisoriamente. Cada um, no entanto, optou pelo seu próprio espaço. Quando querem estar juntos, Augusto tem total liberdade para ficar na casa do marido, a qual lhe ajudou a alugar, no mesmo bairro em que reside com seus pais. *“A questão, como eu estava explicando, é que eu tenho os meus pais já idosos. Como eu sou o filho caçula, acabou ficando na minha responsabilidade. Meu pai tem 88 anos e minha mãe tem 84. Quando o Ricardo veio para São Paulo ele acabou ficando no apartamento com a gente. Foi praticamente uma mudança que veio para dentro de um quarto, porque lá ele só ficava no meu quarto. Tive que dividir tudo, não só a cama, mas meu guarda roupa, tudo. A gente foi percebendo que o espaço começou a ficar pequeno, e também a questão de que ali nós não tínhamos a liberdade de receber os amigos, então a gente optou por alugar um apartamento pra que ele pudesse mudar, e montarmos o apartamento do nosso gosto e do nosso jeito, pra que a gente convivesse aqui. Eu não tinha a intenção de entrar numa relação e deixar os meus pais, isso eu sempre deixei claro pra ele e ele sempre entendeu isso”.* Augusto brinca que, nesse sentido, desde sempre sua relação *“foi poliamorosa também”*, pensando em como Ricardo o aceitou mesmo com a presença ativa de seus pais. Mesmo num cenário em que Augusto passasse a morar sozinho, na falta dos dois, ambos já deixaram claro que continuariam residindo em casas distintas. Não só se adaptaram à dinâmica, como também acabaram percebendo uma adequação ao estilo de vida adotado por eles, dada a condição de moradia.

Sobre o formato atual de seu relacionamento, descrito por Augusto como um *“casamento aberto”*, apenas os amigos gays mais próximos sabem da abertura. Já em relação às famílias um do outro, ou amigos que desconhecem/não vivenciam tais arranjos, a informação é mantida em sigilo. Pelo menos por enquanto, adverte Augusto. Não que tenham receio acerca da reação a ser expressa pelos demais, mas preferem deixar as coisas como estão, uma vez que se sentem confortáveis com o cenário atual. Ao questioná-los sobre a atual conjuntura de seu casamento, considerando também o que pensam a respeito acerca da monogamia e não monogamia, Augusto pondera que, atualmente, estariam em uma relação

monogâmica, caso o parâmetro adotado fosse a quantidade dos vínculos afetivos estabelecidos entre eles, contudo, sexualmente, sabem que estão vivendo fora de uma relação convencional, e portanto, não monogâmica. Sobre a dinâmica atual, revelam que, embora possam se relacionar sexualmente com outras pessoas, Augusto continua preferindo encontros com terceiros ao lado do marido, enquanto Ricardo diz “*aprontar*” com e sem a presença de Augusto, que se satisfaz em saber narrativamente de suas aventuras.

CAIO

Caio, natural da cidade de Birigui, interior de São Paulo, tem 33 anos e há sete trabalha como gerente numa franquia do McDonald's em Araçatuba, cidade vizinha, a cerca de 20 km. É formado em psicologia pela Fundação Educacional de Araçatuba (FEA) e atua no campo da psicopedagogia. É autodeclarado branco e de classe baixa, sua renda não permite qualquer tipo de reserva, justifica. Assim, se considera pobre, sobretudo devido ao padrão de vida no Brasil hoje, cujo custo é o mais elevado desde o período precedente ao plano real, fruto do descaso econômico e social do governo Bolsonaro. A associação com a situação política não é meramente contextualizante, tendo sido sugerida pelo próprio. Parte de sua família é católica, a outra, evangélica. Quando criança frequentava a igreja, porém, a partir do momento que começou a entender melhor sua sexualidade, apostou na prática protestante como forma de “cura”. Não deu muito certo, mas, aparentemente, não é algo que tenha se mostrado tão relevante no momento da nossa conversa. O medo de se assumir sempre foi presente dado o seu envolvimento com a igreja e pela base conservadora de sua família, algo reiterado algumas vezes por ele. O prazer e a culpa pelo fato de ser homossexual o atormentava permanentemente, processo que só foi interrompido com sua entrada no teatro, onde esteve em contato com uma pluralidade de pessoas, vivências e práticas dissidentes. Hoje em dia, se declara “*espiritualista*”, seguindo a doutrina kardecista. Segundo ele, foi através do kardecismo que se sentiu aceito, independentemente de sua cor, corpo, classe, gênero e sexualidade.

Seu corpo, inclusive, é um ponto importante, significando muito dentro das narrativas compartilhadas comigo. O fato de ser “*gordinho*” lhe rendeu muitos anos de insegurança, afetando tanto sua autoestima quanto suas vivências afetivo-sexuais. Um dos primeiros homens por quem se interessou não lhe correspondeu justamente por conta de seu físico. Caio considera esse evento como algo marcante em sua trajetória sexo-afetiva, produzindo ressonâncias frente a novas paixões.

Sua relação familiar é marcada por rupturas e tensões. Aos doze anos, seu pai exigiu um teste de DNA como resposta ao pedido de pensão feito por sua mãe, que só resolveu tomar esta atitude por pressão externa de amigos e parentes. A pensão, por vez, foi integralmente cortada quando Caio atingiu a maioridade, fazendo com que ele interrompesse sua graduação em Matemática na cidade de Lins, também no interior de São Paulo e a 82 km de sua cidade natal, cerca de uma 1h de carro. De todo modo, a Matemática não lhe despertou maior interesse, e juntando ao fato do corte financeiro - que impossibilitava sua permanência

na cidade, ainda mais por estudar numa universidade pública que lhe exigia uma dedicação quase exclusiva, agravada pela exigência do curso -, decidiu voltar a morar com a mãe em Birigui.

Ao contrário do pai que nunca lhe criou, ofereceu afeto ou qualquer tipo de contato ou vínculo, a relação com sua mãe é factual, embora difícil. Quando soube da gravidez, seu pai pediu à mãe de Caio que o abortasse. Ao saber de sua recusa, sumiu. Hoje, ele vive sua vida ao lado de uma outra família que Caio desconhece. A relação com sua mãe, embora existente, é qualificada como algo próximo de uma relação “*entre irmãos*”, considerando o protagonismo da avó em sua criação. Caio conta que a mãe, ao lhe ter com dezenove anos, estava no auge da vida “*de curtição, de sair*”. Mesmo após o nascimento do filho, ainda não era responsável o suficiente, assim, seus avós decidiram assumir os rumos de sua criação, deixando de lado qualquer cobrança dirigida a ela.

Antes das redes sociais, Caio conta que mantinha amizades através da troca de cartas. Com uma de suas amigas, também homossexual e residente na cidade do Rio de Janeiro, compartilhava angústias e desejos decorrentes da fase de descoberta sexual. Encontravam, um no outro, um espaço seguro para os seus desabafos. Porém, uma dessas conversas nunca chegou às mãos do rapaz, tendo sido interceptada por sua mãe. Esta, que não somente leu e guardou a correspondência, como também, na falta de saber o que fazer com aquelas informações, compartilhou com sua irmã, tia de Caio, figura de tal modo importante em sua infância. Sua tia, junto de uma outra irmã, chamou Caio para o quarto e lhe perguntou se o mesmo era gay. Em choque e sem saber o que responder, acabou confirmando. Como resposta, suas tias lhe disseram que ele mataria a avó de desgosto, considerada por ele uma mãe. Levando em conta o peso que a informação poderia causar a ela, Caio concordou em manter sua sexualidade em segredo, no entanto, alertou: aos dezoito anos iria embora e a partir daí não se manteria mais escondido. Além disso, sabendo da não aceitação de sua família, não revelaria qualquer pista sobre sua vida ou localização. Com o tempo, contudo, a relação com as tias voltou a melhorar, ainda que o assunto tenha se mantido um tabu entre eles. Tudo que sabe a respeito da carta é que sua amiga havia lhe mandado o contato de um outro menino pelo qual pudesse se interessar.

Até os seus dezoito anos, Caio tentava demonstrar para a mãe um comportamento heterossexual, sugerindo estar envolvido com meninas, algo negociado com uma de suas amigas lésbicas, que segundo ele, tinha uma dada “passabilidade” heterossexual, passando “*uma imagem de namoradinho*”. Todavia, ao chegar à maioridade, decidiu não mais se esconder. “*Não ia me enganar, nem enganar mais ninguém*”, acrescenta.

Hoje em dia, é a presença do padrasto que afasta qualquer possibilidade de uma relação mais próxima entre Caio e sua mãe, que diz “*evitar ao máximo*”. Já em relação à sua sexualidade, o tempo permitiu uma maior abertura por parte da mãe, que hoje, não só sente um imenso afeto por Júlio, como também se permite a trocas jocosas com o filho acerca dessas questões.

Caio também tem uma irmã por parte de mãe cuja relação não é vista como agradável presencialmente, apenas à distância por meio do *Whatsapp*. Segundo conta, sua personalidade é próxima à de sua mãe, o que lhe deixa bastante desconfortável. Apesar de tentar impulsioná-la e fazer com que o vínculo entre os dois melhore, ela nunca demonstrou qualquer sinal de “*progresso*”, desanimando-o na construção de uma relação. “*Lavei as mãos por não dar murro em ponta de faca*”. Se eu não lhe perguntasse, Caio nem a teria citado. Por parte de pai também há a existência de dois irmãos, os quais Caio desconhece.

Voltando um pouco mais, ao sair de casa, Caio resolve fazer a graduação em psicologia com os seus próprios recursos. Ao mesmo tempo que estudava, trabalhava na rede de supermercados Pão de Açúcar, possibilitando o custeio de sua formação. Após um tempo, ao ser dispensado da rede, conseguiu uma vaga em uma das filiais do McDonald's, reservada a pessoas com nível superior completo ou em andamento, cargo que ocupava até o momento de nossa conversa. Ao término da graduação, realizou trabalho voluntário por um ano em sua faculdade ajudando na “clínica-escola”, etapa importante na formação de futuros psicólogos. Entre o começo de 2019 e novembro de 2021, trabalhou como psicopedagogo numa clínica de psicologia em Araçatuba, conciliando o cargo de gerente no McDonald's.

No momento de nossa entrevista, Caio e Júlio preparavam sua mudança para Praia Grande, litoral de São Paulo, onde Caio acabara de conseguir uma vaga como psicólogo para atuar numa policlínica de reabilitação para pessoas autistas.

JÚLIO

Júlio é natural de São Paulo, capital. Tem 33 anos, é autodeclarado branco e de classe baixa. Quando ainda criança, se mudou para Lins junto de sua mãe, seu pai e mais dois irmãos, sendo ele o caçula. A cidade, no interior do Estado, fica a 5h30 de carro da capital, 1h de Birigui e 1h15 de Araçatuba. Atualmente, trabalha por conta própria confeccionando e vendendo velas e arranjos florais pela *internet*. Antes da pandemia, as vendas ocorriam em algumas feiras da cidade, o que foi interrompido por conta da crise gerada pela má administração da covid-19 no país, não voltando a atender presencialmente desde então. Júlio revela que, embora tenha talento para o ramo, tem pouca habilidade em exercer negócios *online*, contando com o auxílio de Caio para as negociações. Segundo ele, não saberia vender nem negociar nada de forma digital, mantendo-se apenas na produção. O marido, por vez, é hábil em fazer negócios e fidelizar clientes. Talvez por conta de sua proximidade com o público em geral, considerando o cargo de gerência numa grande rede de *fast food*, conhecida pelo trabalho exaustivo e pelo jogo de cintura exigido aos funcionários.

Júlio já foi do candomblé e agora, assim como Caio, faz parte da doutrina kardecista. Sua criação, no entanto, ocorreu dentro das Testemunhas de Jeová por imposição de seu pai, obrigando-o a seguir cada um de seus preceitos. Havia, desse modo, uma forte e contínua vigilância sobre Júlio, que desde cedo se preocupava com seus trejeitos afeminados e pelos gostos socialmente atrelados ao “universo feminino”, como brincar de boneca e ser próximo de outras meninas, coisas vistas como impróprias para um garoto.

A partir dos seus treze anos, pelo fato de parecer alguém mais velho devido à altura acima da média (hoje, com 1,80m), Júlio começou a se aproximar e manter amizade com alguns dos garotos homossexuais de sua cidade. Além da rigidez de seu pai, outro fator que pesava para a “confissão” de sua homossexualidade à família, devia-se ao histórico da relação entre seu pai e seus dois tios (um tio e uma tia), também homossexuais. Segundo conta, desde cedo, ao saber da homossexualidade de seus irmãos mais novos, seu pai lhes dirigia inúmeras agressões físicas, o que acabou lhe causando um medo permanente. Os próprios tios lhe contavam da relação conturbada entre eles e seu pai, que segundo o jovem, sempre foi muito violento com os irmãos. Após a morte de seu tio gay em 2009, sua tia lésbica, que já não era tão próxima, se tornou ainda mais distante do pai de Júlio por conta do modo como agira com o irmão durante toda a vida, mesmo após sua partida. *“Porque meu pai também é uma pessoa muito difícil. Ele é muito de jogar na cara. É alguém que joga muita praga nas pessoas. Acha que Deus tá no controle de tudo. Meu tio faleceu de câncer, mas porque ‘Deus colocou a*

mão, foi um castigo de Deus' [reproduz a fala de seu pai]. *Toda praga que ele joga nas pessoas ele responsabiliza Deus*". A fim de evitar passar pelo mesmo, afirma que tentava aparentar o máximo de masculinidade, embora avalie que na prática, isso de nada adiantava.

Tem ensino médio completo e deseja fazer alguma graduação na área financeira ou administrativa, mas revela que, se pudesse, faria mesmo veterinária. Sua trajetória de estudos foi interrompida devido à expulsão da casa de seus pais quando tinha quinze anos, evento que provocou uma ruptura em sua vida e que até hoje traz inúmeros ecos. Nesta idade, ele e seu melhor amigo frequentavam espaços "GLS" na cidade de Marília, a cerca de 70km (1h15) de Lins ou em Bauru, cerca de 103km (1h15). Na própria cidade, frequentavam eventos que ocorriam numa praça ou encontros na casa de amigos. Porém, as saídas eram acrescidas de um detalhe importante: Vagner, seu melhor amigo, gostava de se apresentar "montado", isto é, caracterizado com roupas, adereços e maquiagens culturalmente associadas à corporeidade feminina. Tinha, portanto, um gosto pela performance *drag queen*. Seu pai, pelo que conta, nunca entrara em seu quarto e por isso, como apoio ao amigo, ficava responsável por guardar os adereços nas noites de suas saídas. Geralmente, Vagner o esperava montado numa praça da cidade. Certo dia, entretanto, a mala com as roupas femininas do amigo foi, de alguma forma, encontrada por seu pai. Ao retornar para casa, Júlio foi duramente repreendido por ele e questionado se era "viado". A resposta foi afirmativa.

Ao me contar o episódio, Júlio não o enxerga como algo eventual, "*se ele foi mexer nas coisas que ele nunca mexeu, então algo ele já sabia*". Tal qual seus tios, também passou por cenas de violência física, sendo imediatamente expulso de casa. O jovem foi acolhido por sua avó paterna, residente na cidade de São Paulo, a pedido de seu pai. Após a agressão e a destruição de várias de suas coisas, seu pai conversou com sua mãe, avó de Júlio, combinando que ela ficaria responsável pelo menino. A passagem para São Paulo também foi prontamente comprada pelo pai. Contudo, acolhimento não seria a palavra mais exata para descrever a atitude da avó para com o garoto.

Chegando à capital, sua avó o chamou para o canto e disse que não poderia mantê-lo dentro de casa. Acomodou-o num quarto dos fundos separado do restante da residência, sem lhe oferecer qualquer mantimento, ajuda financeira ou alimentação adequada. Júlio ressalta que neste período passou fome. Sua avó chegara a lhe dar um pão bolorento para comer. Isto ocorreu logo na primeira vez que pediu comida, ao chegar em sua casa. Ao mostrar para a tia (que morava na casa ao lado junto de sua esposa e seu respectivo filho biológico, fruto de uma outra relação, além de um neto) o que sua avó havia lhe dado, esta lhe preparou uma refeição, sem demonstrar, contudo, estar preocupada com o ocorrido. A ajuda regular da tia terminou

pouco tempo depois, quando sua esposa se incomodou pelos gastos de sua alimentação, ainda que a tia de Júlio fosse financeiramente estável, dona de algumas propriedades de aluguel. Embora a esposa de sua tia não dispusesse de renda alguma, sentia-se incomodada quando a mesma ajudava financeiramente outros parentes, ainda que ela a sustentasse junto de sua família.

Se havia algum acesso à casa da avó, o mesmo não ocorria à dispensa. *“Eu vi uma grande diferença de quando eu ia a passeio nas férias de quando eu fui para morar. Quando eu ia a passeio, nossa... ela me levava ao restaurante, me tratava super bem, como neto mesmo. Quando eu fui para morar, aquelas coisas que ela fazia, ela deixou de fazer”*.

A restrição com os outros moradores tinha uma razão: a avó cuidava de um neto pequeno - filho do tio gay de Júlio, falecido em 2009 - e por medo da “influência” da homossexualidade de Júlio, renegara-lhe como um parente de mesma qualidade. Se a aceitação de sua avó para acomodá-lo, ainda que nessas circunstâncias, não tenha sido difícil, Júlio ressalta que custoso mesmo foi a convivência entre eles. *“Foi muito triste”*. Todavia, conta que sua tia lésbica e seu tio gay sempre foram os filhos favoritos da avó, que não gostava mesmo era de sua nora, a esposa da filha, pelo gênio difícil que a mesma apresentava com toda a família. Passado um tempo de sua chegada, conseguiu um emprego como frentista, e com a ajuda do chefe comprou comida para enfrentar as próximas semanas. Tudo o que conseguiu investir com os R\$50,00 de adiantamento foi leite e *Mucilon*.

Questionado sobre a continuidade de seus estudos em São Paulo, Júlio revela que pediu auxílio à tia *“preconceituosa”*, também irmã de seu pai, que lhe colocasse no Sesi, onde sempre conseguia vaga para os seus primos devido aos seus anos de trabalho prestados à instituição, pela qual se aposentou. No entanto, para *“não sujar sua imagem”*, recusara o pedido. Tentou ajuda com a outra tia, *“a lésbica”*, que prometeu conversar com seu pai, o que nunca ocorreu. Tendo só o fundamental completo, Júlio apenas retornou ao ensino médio estando em Araçatuba ao lado de Caio, fundamental nesse processo, incentivando-o o quanto pôde. Como já era de maior, a solução foi fazer um curso supletivo.

Uma nova etapa de sua vida começou quando Júlio conheceu Geraldo, um homem de 46 anos, que além de lhe oferecer um relacionamento, também o acolheu em sua casa e pagou parte de suas despesas. Júlio revela que a avó sempre foi uma pessoa muito *“investigativa”* e por isso se resguardava com possíveis amizades. *“Se eu faço amizade com alguma pessoa ela vai querer saber quem é a pessoa e ela vai atrás pra saber tudo sobre ela. Então eu não podia ter amizades”*. No entanto, ao citar seu namorado, a avó imediatamente lhe pediu para que o mesmo fosse levado à sua casa e que Júlio lhes preparasse um jantar. Nesse dia, a

cozinha ficou à disposição. Geraldo foi apresentado à avó de Júlio e a ela pediu permissão para que o levasse à sua casa de forma definitiva. Segundo conta, por causa da avó, a conversa entre eles acabou girando em torno apenas do dinheiro. Geraldo tinha três empresas na época, o que deixou sua avó “*tranquila*”. Além disso, Geraldo lhe pediu um outro favor: que não contasse nada aos pais de Júlio até que o jovem se instalasse por completo, algo que foi respeitado por ela e também pela tia.

Após a mudança, outros empregos surgiram e a situação econômica de Júlio melhorou. Assim que se acomodou na casa de Geraldo, este o incentivou a entrar em contato com seus pais, não somente para informá-los sobre a nova residência, mas também para tentar reatar relações. Embora num primeiro momento, ao saber da notícia, seu pai tenha “*surtado*” ao telefone, à medida que o tempo passou, o relacionamento entre Júlio e Geraldo foi sendo naturalizado por ele, que de pouco a pouco entendeu a seriedade da relação. Assim, o vínculo entre Júlio e seu pai foi restabelecido, tal como o acesso à casa em Lins, cujas visitas se tornaram frequentes a partir dali, ainda que Júlio nunca tenha levado Geraldo para conhecer seus pais presencialmente.

Após três anos de relação, descobriu que estava sendo traído. Sem enxergar outra possibilidade, saindo às pressas da casa de Geraldo, retornou à sua cidade de origem. O plano era passar um tempo com a mãe, pois, segundo ele, nunca havia sido traído e precisava de colo materno. Chegando em sua casa no interior recebeu um bom acolhimento de todos, inclusive do pai. Ficou em Lins por aproximadamente uma semana, quando decidiu voltar a morar com a avó. O retorno, contudo, seria mais seguro comparado à sua primeira vivência naquele local. Júlio estaria com um emprego arranjado e a permanência no quatinho concedido pela avó se tornou mais saudável. Depois de um tempo, se mudou para uma das quitinetes construídas pela tia, “*a lésbica*”, que lhe cobrava um aluguel de R\$70,00 - além das despesas de água e luz. “*É pra criar responsabilidade*”, dizia ela.

Passado algum tempo, seus pais se divorciaram, o que acabou causando uma depressão em sua mãe, que pediu a Júlio que retornasse para casa. Dessa vez, era ela quem precisava de colo. E foi assim que ele voltou a Lins. Na época, após a separação, seu irmão acabou assumindo o controle financeiro da parte recebida pela mãe, resultado do divórcio. Gastou todo o dinheiro em benefício próprio, “*dando festas pros amigos, fazendo churrascos, não se preocupando com nada*”, deixando a mãe sem qualquer parte do acordo ou condição de moradia, já que, ao se juntar com o pai de Júlio, foi proibida por ele de trabalhar de carteira assinada. A alternativa foi se arranjar como manicure e faxineira - da alta sociedade em Lins, Júlio acrescenta. Com o dinheiro das faxinas, que ainda aconteciam - já que acabou se

tornando a faxineira fixa de algumas famílias há mais de vinte anos -, alugou um apartamento. Isso ocorreu em 2008. Um ano depois, Júlio se juntaria a Caio, em 14 de janeiro de 2009.

Embora na época de sua expulsão a relação com sua mãe fosse boa, a mesma não conseguiu impedir a decisão do marido. Na verdade, nada fez. Mas Júlio não ressalta nenhuma mágoa. Afirma que sua mãe nunca foi preconceituosa, nunca lhe dirigiu qualquer ofensa ou atitude discriminatória, tendo, inclusive, duas irmãs e uma sobrinha lésbica, além de um irmão homossexual. Por isso, a descreve como “acolhedora” desde sempre. Analisa que na época não conseguiu tomar outra atitude por pensar que Júlio ficaria aos cuidados de parentes próximos. Júlio se descreve como alguém que não gosta de revirar o passado. Diz que nunca sentou para conversar com a mãe sobre o que ocorreu, pois sentiria estar lhe “ofendendo”.

Já em relação à avó, Júlio conta que nunca conversaram sobre a época em que moraram “juntos”. Porém, das últimas vezes em que a viu, sentiu estar mais carinhosa, chegando a chorar em alguns momentos, algo que também vem acontecendo durante as últimas vídeo chamadas que fizeram. Além disso, ela lhe deu um carro, que embora velho, Júlio entendeu como um gesto de desculpa. “*Ela não chegou a pedir perdão, nada, mas eu senti que aquilo era uma forma dela tentar se desculpar pelo passado*”.

CAIO E JÚLIO

Caio namorava Antônio, ex de Paulo, que na época namorava Júlio. Através de amigos em comum, os dois se conheceram enquanto ainda estavam envolvidos romanticamente com outras pessoas. O apreço um pelo outro, no entanto, começara bem antes de qualquer aproximação sexo-afetiva entre eles. Tinham afinidades em comum. *“Júlio sempre teve um brilho no olhar que me fascinava”*. Numa festa promovida por uma de suas amigas, na cidade de Lins, tanto Caio quanto Júlio estavam acompanhados de seus respectivos pares. A relação de Júlio já acumulava algumas fraturas e, naquela noite, ele acabaria descobrindo uma traição por parte de Paulo, que estava ficando com um de seus melhores amigos. Ele só soube disso quando todos já estavam dormindo e sua amiga, responsável pela festa, lhe alertou da situação (que acabara de saber). *“Eles ficaram no banheiro”*, disse ela, informada pelo próprio amigo de Júlio. *“Ahh, então foi na hora que eu senti! [disse ele à amiga] Porque eu sou muito mediúnico... eu sinto as coisas, eu pego muito a energia, e eu sentia que algo de errado estava ali. Eu nunca fui de dar o troco pra ninguém. Então, naquele dia, eu olhei pra cara do Caio. Meu namorado, na época, olhou pra mim e falou ‘Eu vou dormir com fulano’, que era amigo do Caio. E eu falei ‘Então tá bom, o Caio vai dormir comigo, tem espaço na minha cama!’. Eu perguntei pro Caio se ele aceitava e ele falou que sim. Naquele momento, eu senti que algo poderia acontecer”*, narra Júlio. Na manhã seguinte, quando seu namorado havia saído, Júlio então beijou Caio. Trocaram *msn*, se despediram e, ao chegarem em casa, voltaram a conversar, dessa vez pela plataforma de bate-papo. Júlio lhe explicou o que havia sabido na noite anterior, e Caio também falou que já sabia da situação. Sentindo uma forte conexão entre eles, Júlio lhe disse: *“Então vem pra cá agora, se você também quer algo sério comigo, vem pra cá. Senão amanhã eu estou voltando pra São Paulo”*. Não havia tempo a perder, o interesse nutrido pelo rapaz era de longa data. Ele também sentia ser correspondido, o que acabou se confirmando pouco tempo depois ao se deparar com Caio em sua porta. *“Foi um dos melhores dias da minha vida”*, declara Júlio. *“Nos juntamos num dia, casamos no outro. Então a gente não namorou, a gente casou!”*. O pedido de casamento se concretizou com a mudança dos rapazes a Araçatuba após dois meses de relação. Permaneceram inicialmente em Lins na esperança de Júlio encontrar um emprego, o que não aconteceu. Em Araçatuba, por vez, Caio havia acabado de conseguir uma nova oportunidade. Nesse meio tempo, permaneceram morando juntos na casa da mãe de Caio. Em seguida, conseguiram um espaço para eles no fundo do mesmo lote. Decidiram sair após algumas cenas de roubo, protagonizada pelo padrasto de Caio. Após seis anos em Araçatuba, voltam para Lins, e

atualmente residem na companhia de Vera, mãe de Júlio, que após sua separação, se apoiou mais do que nunca no filho.

No período em que juntaram suas coisas, Júlio trabalhava como atendente numa empresa de telemarketing e já havia decidido se fixar em Birigui devido à frágil situação da mãe. Caio, por vez, trabalhava no Pão de Açúcar. Contam que a rotina era bastante pesada dada a distância entre as cidades onde trabalhavam. Com o tempo, as coisas melhoraram. Caio se formou, trabalhou em sua área, e logo depois conseguiu um emprego mais rentável no McDonald's. Júlio conta que foi incentivado pelo companheiro a prosseguir os estudos, tirara seu diploma de segundo grau por meio de um supletivo feito na cidade. Assim, a narrativa produzida por eles pode ser vista como uma história de cumplicidade, acolhimento, superação e ousadia. O fato de terem pulado a etapa do namoro parece constituir uma qualidade de sua relação, e também do tipo de comprometimento estabelecido um com o outro: a confiança e o desejo de se jogar às possibilidades dadas pela vida.

Além disso, um fator se destaca como ponto comum em suas biografias: o evento da traição. Caio destaca que nunca havia sido traído até o momento que descobrira o caso de seu ex com o antigo *affair*. Do mesmo modo, a traição surge como um ponto específico na vida de Júlio. Se esses dois momentos, de alguma forma, possibilitaram a união dos dois, eles também orientaram práticas de vida comum. Hoje, eles têm o chamado “perfil de casal” no *Facebook*, algo não visto muito bem pela nova geração, mas que lhes traz algum conforto. Além das traições, também lidaram com o assédio dos amigos, cujas investidas ocorreram de ambos os lados, algo justificado pelo porte pequeno da cidade, mas com uma ocorrência frequente. Todo esse assédio começara ainda no *Orkut*, quando os amigos um do outro os procuravam com intuito sexual. Acabaram, por isso, desfazendo suas contas. Assim, desde a chegada e a popularização do *Facebook* no Brasil - no começo da década passada -, optaram pelo uso compartilhado da rede social. A fim de evitar problemas como os ocorridos com seus antigos amigos, estabeleceram como regra não adicionar homens no *Facebook*. A interdição, no fim das contas, acabou valendo como regra geral. “*Não temos amigos homens*”, me confessaram. Não que se indisponham a conhecer novos sujeitos do mesmo sexo, mas temendo possíveis investidas, contam que acabaram se distanciando dos antigos amigos e ficando mais receosos com novos afetos masculinos. O *nickname* usado no *Facebook*, junção de seus nomes e sobrenomes, revela assim um pouco de suas trajetórias individuais e vividas a dois.

Uma nova etapa conjugal se iniciou quando descobriram a possibilidade de viverem uma relação poliamorosa. Segundo contam, apesar das dificuldades no início, hoje se veem

outras pessoas devido à abertura. No capítulo seguinte exploraremos mais essa questão. Por ora, o que interessa dizer é que Caio e Júlio continuam buscando novos desafios.

OMAR

Omar tem 37 anos, há três mora na cidade de São Paulo, e é natural de Campinas, onde se formou em administração em uma universidade pública há cerca de dez anos. No momento, cursa o oitavo período em psicologia, dessa vez, feita numa instituição privada em São Paulo. É autodeclarado branco, de classe média e frequentador de um centro espírita, embora tenha sido criado num ambiente católico. Apesar disso, revela que a religião de sua família não chegou a ter tanta força na construção de sua personalidade. Trabalha atualmente no setor administrativo de uma instituição voltada à área da psicologia. Na época da sua primeira graduação, Omar conciliava a rotina de estudos com o cargo exercido numa empresa de atendimento ao consumidor.

Conta que a infância foi tranquila. Só se assumiu por volta dos dezessete anos para a mãe, e cerca de um ano e meio depois para o pai. Na verdade, a “revelação” foi mais uma confissão, já que a homossexualidade de Omar acabou sendo “descoberta” pela mãe através de uma carta que escrevera ao seu primeiro namorado. Omar a havia deixado em sua mochila, mas no momento de entregá-la a Roberto, não a encontrou. Procurou posteriormente em suas coisas, mas ela só apareceu mesmo nas mãos da mãe, questionando-o se tudo aquilo que havia escrito era realmente verdade. Omar disse sim e a ouviu se dizer decepcionada. Após três dias de silêncio absoluto entre eles, que sempre foram muito próximos, a comunicação foi restabelecida. Por sugestão dela, foi levado ao psicólogo. Estava preocupada com sua saúde mental. Omar analisa que, no fim das contas, o episódio acabou aproximando ainda mais os dois. A partir desse momento, sua mãe se transformou numa grande confidente. Sempre lhe perguntava sobre sua situação afetiva e seu estado mental, além da disposição em conhecer todos os seus futuros genros.

Outro resultado gerado pela revelação de sua homossexualidade foi a flexibilização de sua mãe em relação à rigidez no espaço doméstico. Pelo que conta, até o momento da descoberta, ela sempre manteve uma postura bastante rígida. Exigia-lhe bons resultados escolares e que suas tarefas cotidianas fossem feitas com empenho. Afirmava não querer um filho que levasse problemas para dentro de casa. “*Problema é da porta pra fora e você que o resolve*”. Após a descoberta da homossexualidade do filho, no entanto, tornou-se mais flexível. Omar reflete que tal flexibilização se deu por conta de uma reavaliação interna. “*Ela tinha uma filosofia que dizia ‘A gente não cria o filho pra nós, a gente cria o filho pro mundo’*”. Logo, ao perceber a validade deste conselho para as amigas, passou a refletir sobre o seu peso para si mesma. Se escutava de uma das amigas que o filho chegara em casa

descabelado e aparentemente mal, respondia-lhe que “*Você fez sua parte, agora ele segue o caminho dele*”. Por isso, ao se ver questionando os caminhos de Omar, percebe que o conselho também deveria valer para si. “*Era meio aquela expressão ‘Se você quebrar a cara, depois não venha dizer que eu não te falei’. Mas aí ela foi vendo que eu não quebrava a cara, que eu pensava bem antes de pegar e fazer alguma coisa, então ela foi vendo que eu era responsável. Não era aquela pessoa inconsequente. E isto acabou criando uma confiança*”.

Após cinco anos, aproximadamente, acabou se separando do pai de Omar, o que resultou em uma nova fase de sua vida. “*Ela não pôde viver enquanto estava casada*”. Por isso, passou a frequentar baladas, acompanhada ou não do filho, que a levava a festas LGBTs. Festas heterossexuais estavam fora de cogitação. Omar a descreve como uma pessoa “*muito festeira*”. A caminho das festas, reconhecia muitas das músicas que o filho tocava em seu carro - associadas ao universo gay -, e falava “*Essa é da minha época, só está com um toque diferente*”. Se Omar e Samuel chegavam das festas por volta de quatro ou cinco da manhã, sua mãe não perdia a oportunidade de comentar que ela, quando nova, chegava lá pelas sete ou oito. Assim, Omar a percebe como uma “*simpatizante*” da cultura gay, mesmo antes de lhe revelar sua sexualidade. Antes de saber sobre o filho, sexo era um “*assunto proibido*” dentro de casa. Conforme alegava, “*Na escola você já está aprendendo, né!?*”, relembra Omar em meio a risos. No entanto, após se tornar alguém mais livre, o tópico passou a ganhar certa naturalidade. Em meio a comentários casuais e/ou pessoais relativos a sexo e sexualidade, sua mãe lhe apontava em tom jocoso “*Nada que você já não saiba*”. Com o início da graduação em psicologia, Omar se recorda de sua mãe lhe perguntar se determinados comportamentos, desejos ou vontades eram normais. Assim, se por um lado a confissão de sua homossexualidade lhe trouxe um efeito de acolhimento, por outro, sua mãe também se aproveitou da descoberta para a flexibilização de suas atitudes perante o filho, bem como para se libertar de barreiras de sua própria personalidade. A relação de confiança entre eles durou até o fim de sua vida, quando sua mãe partiu em meados de 2021.

Durante o período em que a informação de sua sexualidade foi omitida de seu pai, conta que namorou um menino por cerca de seis meses. Seu segundo relacionamento só viria a acontecer um tempo depois, com o pai já ciente de sua orientação sexual. A segunda relação acabou cumprindo um papel de “*quebra de estereótipos*” na família. Estereótipos perpetuados pela mídia, como o “*gay mal resolvido*” em tramas televisivas - que acaba “se tornando” bissexual no meio do caminho - ecoavam em perguntas do tipo “*Tem certeza que você também não gosta de mulher?*”, algo colocado algumas vezes pela mãe. Além desse, o “*gay cômico*” e o “*gay afetado*” também povoavam a imaginação de seus pais, principalmente a

dela. Ao ver que o comportamento de Omar permaneceu o mesmo (leia-se, sua performance de gênero, ao que tudo indica), a aceitação de sua mãe ocorreu de forma mais tranquila.

Seu espaço doméstico era regido por um conjunto de prescrições instituídas pelo pai. *“Existia ainda um tabu que eu não podia levar companheiro pra casa, meu pai ainda não tinha muita familiaridade com isso. Existiam regras um tanto rígidas como não demonstrar afeto um pro outro enquanto estivéssemos dentro de casa”*. Apesar da rigidez imposta por ele, Omar acabou considerando o período importante para a naturalização de sua homossexualidade diante da família. *“Eles acabaram tendo contato com essa realidade que o filho vivenciava. Não era a partir de algo que eu falava. Com o tempo, eles acabaram entendendo o meu sentimento pelo meu companheiro”*.

Já em relação ao adiamento da abertura com o pai, Omar conta que tomou a decisão com base na sua própria vontade, mas também um pouco por conta da mãe. O intervalo de tempo permitiu a exploração de sua sexualidade. Começou a frequentar festas LGBTs e a conhecer pessoas do meio. Para o pai, falava que estava indo à casa de amigos, já sua mãe, além de saber toda a verdade, também acobertava suas ausências. Mantinha-se, porém, preocupada para o risco de algo acontecer e não saber lidar com a responsabilidade de sua convivência. *“Tá, eu tô aqui mediando uma situação, mas uma hora você tem que contar pro seu pai”*, alertava. Por outro lado, Omar afirma que nunca gostou de mentiras, e por isso, a pressão de se abrir a ele só foi aumentando, até o momento em que conseguiu chamá-lo para conversar. *“Meu pai era extremamente... vamos dizer... homofóbico. Ele não gostava de gay, fazia piada sobre gays na roda de amigos. Era aquela figura que realmente você olhava e pensava ‘Poxa, como eu vou falar pra uma pessoa dessas que eu sou gay?’”*. Revela ter pensado bastante antes de tomar a atitude. Mas era preciso, estava lhe fazendo mal guardar *“aquele eu”*. *“Foi como uma bomba”*, descreve a ocasião. Seu pai ficara um mês sem lhe dizer nada dentro de casa, pois preferia *“um filho bandido a um filho viado”*, um dos inúmeros comentários feitos no momento que Omar finalmente o chamou para conversar. O filho chegou a passar três dias fora de casa para ver se a poeira baixava. Não foi o bastante.

Sobre o segundo namorado, Omar esclarece que ele morava em Curitiba, mas após um mês de relação acabou se mudando para Campinas em busca de melhores oportunidades de emprego. Muito tempo se passou até que ele de fato conseguisse se estabelecer. Nesse caminho, Omar o ajudou o quanto pôde. Junto com a revelação de sua homossexualidade, também mencionou ao pai o namoro que estava tendo com Cláudio, que já frequentava parcamente sua casa como um amigo, e sobre a dificuldade em que ele se encontrava no momento. Ao retornar a comunicação com o filho, após um mês de absoluto silêncio, seu pai

lhe perguntou como estava o rapaz e se ele ainda continuava na busca por um emprego. Omar revela que o comportamento lhe tomou de surpresa, dada a preocupação demonstrada. Seu pai lhe disse para levá-lo em casa no domingo seguinte para que tivessem uma conversa. No dia, perguntou a Cláudio se ele se interessaria em morar junto a eles, desde que não descumprisse algumas de suas regras. *“Meu pai estava naquela coisa de tentar ficar um pouco mais maleável, mas ao mesmo tempo ele queria manter o controle das coisas”*. A quebra de estereótipos, portanto, na visão de Omar, ocorreu não apenas no sentido de dismitificar gradualmente os sentidos de sua homossexualidade, mas também de romper com os comportamentos homofóbicos naturalizados pelo pai. Após algum tempo, depois que Cláudio conseguira um trabalho, saíram de casa em busca de uma maior intimidade.

Hoje, conta que o pai é ainda mais flexível em relação ao assunto. Porém, outro fator contribuiu em peso para a mudança em seu comportamento: a irmã de Omar também se assumiu lésbica após a “saída do armário” do irmão. Se Omar havia assumido o lugar de *“ovelha negra da família”* ao ter comunicado sua orientação sexual - o que gerou inúmeros comentários negativos por parte de sua família paterna -, o movimento acabou se tornando um meio de ajuda à irmã, mais próxima ao pai, diferentemente de Omar que sempre fora mais ligado à mãe. *“No momento em que ele teve uma segunda filha falando que era lésbica, ele teve que repensar o que é o gay, o que é a lésbica. Porque aquilo que ele fazia de piadinha, agora ele teria que questionar. Então ele acabou tendo essa transformação. Hoje ele é uma pessoa que, quando minha irmã faz festa, ele vai junto. Se a festa só tem gay, lésbica e travesti, ele tá lá no meio, brinca. Então, assim, ele é uma pessoa totalmente diferente daquela que eu contei lá atrás. Era uma pessoa x e hoje é y”*. Hoje, mesmo não tendo uma proximidade com tamanha abertura em relação àquela com a mãe, a relação com seu pai é descrita como boa. Após a mudança de comportamento, derivada da relação com sua irmã, conta que o desejo de reaproximação entre os dois partiu do próprio pai, em grande medida. Após explicar o motivo de seu distanciamento a ele, devido à homofobia, relata que o pai entendeu a qualidade de suas ações. A relação dele com Samuel, seu atual companheiro, é marcada por um discreto carinho. Manda-lhe, comumente, abraços via telefone.

Seu terceiro relacionamento, que viria a ter pouco tempo depois, durou seis anos. Foi nesse contexto que acabou descobrindo o desejo de vivenciar uma relação não convencional. Mas foi também a partir daí que outros caminhos surgiram enquanto possibilidades para a vida de Omar. Ao revelar para André - seu namorado até então - a vontade de explorar sua sexualidade e afetividade por outras vias, não monogâmicas, o mesmo foi repreendido pelo companheiro, fechado em relação ao assunto. A parceria já estava desgastada de tal modo que

o término era visto como um cenário não muito distante. Porém, na tentativa de salvar a relação, acabaram “experimentando um pouco da não monogamia”, saindo com outros caras. André, mesmo com receio, lhe propôs uma relação aberta, o que Omar nunca quis. Ao experimentar, teve a certeza disso. Não se encaixava neste modelo. O ciúme excessivo de André, no entanto, e a sua inclinação para um relacionamento aberto, caso se dispusesse a namorar não monogamicamente, impossibilitou a continuação da relação e o casal acabou se separando, por desejo de Omar.

Ao conhecer outra pessoa, conta que nem sequer cogitou a possibilidade de uma relação não convencional. Segundo ele, o desejo de viver um poliamor em sua relação anterior ocorreu não tanto por sua identificação, a princípio, em torno desse modelo, mas pela trajetória que vivera ao lado de André, marcada por inúmeras dificuldades, entre elas a infelicidade. Além disso, ressalta que a escolha futura por outros formatos relacionais também foi motivada por “traumas” oriundos de suas relações anteriores. Quando lhe peço para me explicar o uso da palavra “trauma”, o atribui ao seu histórico de traições sofridas, tanto por Cláudio, quanto por outros afetos. A partir do momento que se vê numa nova relação, sadia e feliz, deixa de lado esse projeto. “*Não tinha porque estar querendo outros modelos*”. Sua quarta relação durou cinco anos.

Já a graduação em psicologia veio em decorrência de uma série de vivências pessoais. Davi, seu quarto namorado, anterior a Samuel, é descrito como alguém muito “*instável*”. A relação entre eles acabou despertando um desejo em Omar de investigar o que ocorria ao namorado por meio da busca de leituras especializadas. Davi sofria de depressão e aguda ansiedade. Ao procurar ajuda médica, seu diagnóstico nunca fora exatamente fechado. “*Ora queria, ora não queria. Ora queria que eu estivesse próximo da família, ora achava que isso não era legal*”.

Conforme ocorriam bruscas mudanças de humor, Davi era levado por Omar a psicólogos e psiquiatras. Após um tempo de investigação, foi diagnosticado com *borderline*, o que não encarou muito bem. “*Entrou em parafuso com o diagnóstico*”. Sua família, por vez, acabou se tornando extremamente protetora e o espaço comunicativo entre Davi e Omar minguou. “*Eu acabei não tendo mais voz e a relação chegou a ser quase abusiva*”, acrescenta. Foi nesse momento que questionou seu desejo em continuar na relação. Ao chamá-lo para uma conversa, Omar contou sobre o interesse de se mudar para São Paulo em busca de novas oportunidades - até aquele momento, residia em Campinas -, mas não encontrou nenhum apoio do namorado. Ao perceber novamente um esvaziamento do espaço

de intimidade entre os dois, decidiu terminar a relação, ficando sozinho por cinco meses até conhecer Samuel, cujo namoro teve início apenas após oito meses desde o primeiro contato.

Considerando o seu envolvimento com o quadro de *borderline* apresentado pelo ex, começou a se perguntar como seria a mente de alguém com esse diagnóstico. Além de lhe despertar um interesse pela área da psicologia, esse movimento reflexivo também o fez entender que Davi pouco pensava em sua própria condição, afogando-se na depressão e negando qualquer tipo de ajuda. Além disso, pensar sobre os comportamentos de alguns familiares também o levava a seguir a nova área de estudos. Foram os seus “gatilhos”, conforme analisa.

SAMUEL

Samuel tem 31 anos e é natural da cidade de Iepê, interior do Estado de São Paulo, a cerca de 516 km da capital. A cidade se localiza bem na divisa com o Estado do Paraná, com uma população estimada em 8.194 habitantes segundo o censo de 2020 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É autodeclarado branco, homossexual e sem religião. Tem curso técnico em Agronegócio, feito a partir de um programa estadual. Atualmente, cursa Administração via EAD, porém, se encontra desempregado no momento. Seu último emprego foi no Instituto Sedes Sapientiae, uma parceria do SENAI com a prefeitura de São Paulo, que tem como objetivo promover debates sobre saúde mental, oferecendo alguns tipos de serviço à comunidade, como cursos de especialização e acolhimento à população socialmente vulnerável. Ocupava um cargo no Centro de Referências às Vítimas de Violência (CNRVV)⁴², um de seus departamentos.

Mora na cidade de São Paulo há três anos por conta de seu relacionamento com Omar, tendo vivido por quinze no Estado do MS, até o momento em que sua mãe infartou e foi levada para Botucatu, onde havia melhores condições terapêuticas. No início, permaneceu em MS, contudo, as coisas “*se apertaram para ela*”, fazendo com que Samuel pedisse demissão e fosse ajudar em sua recuperação. No total, passou aproximadamente três anos com a mãe em tratamento. Ainda assim, descreve sua relação familiar como “*básica*”, na medida do “*Oi... tudo bem...? Como está...?*”.

Após residir com sua mãe na cidade de Botucatu, se mudou para Campinas, onde viveu um relacionamento “*turbulento*” e passou por uma fase de questionamento pessoal. Perguntado sobre o período, admite ter sido uma fase em que se perguntava constantemente se a condução de sua vida saíra da forma como gostaria. “*Quando eu saí da casa da minha mãe, eu garanto que uns dois meses eu fiquei mal. Porque há vinte anos com ela, não seria do dia para a noite que eu ia parar de pensar no aconchego dela. Querendo ou não eu já estava acostumado. Aí minha questão mais pessoal não foi pensar assim... ‘quem sou eu?’ , mas quem... como eu vou falar para você...?, mas ‘pra quem eu vou ser bom?’ era a minha questão*”. Samuel apenas chegou a essa conclusão diante do relacionamento que levava ao lado do ex-companheiro na cidade de Campinas. Ao final da relação, após idas e vindas,

⁴² “O CNRVV – Centro de Referência às Vítimas da Violência do Instituto Sedes Sapientiae objetiva realizar trabalho de combate à violência doméstica, através de programas e políticas de intervenção. Originou-se do Núcleo de Referência às Vítimas da Violência, setor da Clínica Psicológica deste Instituto, em 1994. Articulado e sintonizado com os seus princípios na defesa intransigente dos direitos humanos, do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente – e da cidadania”. INSTITUTO SEDES. Disponível em: <https://sedes.org.br/site/centros/cnrvv-centro-de-referencia-as-vitimas-de-violencia/>. Acesso em: 24 dez. 2021.

percebera que não o amava realmente, mas sim a sua necessidade de ser amado por ele. “*Eu dependia que a pessoa me amasse*”. Foi nesse momento que Samuel atingiu o seu segundo pico de depressão, por estar num relacionamento em que a cada dois meses ouvia de seu parceiro que ele havia o enjoado. Tentava sair da relação, mas ao se aproximar de novas pessoas, seu ex o procurava pedindo para voltar. “*Eu iludido, caía, né!?*”.

Sobre o seu histórico de relacionamentos, além da relação conturbada descrita acima, Samuel também se envolveu com outro rapaz de Campinas enquanto morava com Teresa, sua mãe, em Botucatu. Assim, o encontrava esporadicamente aos fins de semana até o dia em que descobriu estar sendo traído com outros dois homens. Um desses amantes veio a se tornar o seu próximo namorado, cuja relação era um tanto imprecisa. Samuel conta que a sogra o adorava, diferentemente dos outros antigos afetos de seu ex-namorado. Mas ela própria lhe falava que o filho não ligava muito para ele, que ainda estava emocionalmente preso ao relacionamento anterior. Por isso, ela não “*botava muita fé*” na continuidade da relação. A ficha não caía, até que caiu. “*Ela até bateu palma pra mim e a gente tomou um café de despedida*”, relembra o último momento ao seu lado. Se entre idas e vindas o relacionamento durara três anos, na prática, ele acumularia apenas três meses, observa o rapaz.

Lhe pergunto sobre a aceitação de sua família e Samuel inicia a narrativa pelo irmão mais velho, também homossexual e assumido desde muito antes de Samuel revelar sua orientação à família. Contudo, relembra que a reação imediata de sua mãe, frente à revelação da homossexualidade do irmão, foi um súbito mal estar. Se Samuel se enxerga como alguém “*passável*”, ou seja, que possa ser lido socialmente como heterossexual, seu irmão, por outro lado, é bem afeminado. “*Se desse, ele se vestia de mulher, mas seu atual namorado não aceita, e como ele é apaixonado por ele, ele se controla até hoje*”. Por isso, quando decidiu revelar para a mãe sua orientação, achou que ela não acreditaria, somando o fato de já ter namorado uma garota por um ano em sua adolescência - para descobrir do que gostava realmente, conta. De modo que não houvesse dúvidas, planejou o momento ideal para o dia do seu aniversário (de dezoito ou dezenove anos, diz não se recordar), quando assumiria sua sexualidade através do ex-namorado que levaria à festa, apresentando-o como o atual. “*Esse é o meu namorado e eu sou gay*”, foi tudo o que disse. No momento, sua mãe não acreditou, bateu o pé. A tia, que estava do lado, chamou sua atenção “*Cai na real fia, o Samuel saiu do armário também!*”, relembra ele em meio a risos.

Samuel pondera que, com sua mãe, não existe um vínculo de “*mãe e filho*” devido ao comportamento adotado por ela, importando-se muito com dinheiro e pouco com as outras coisas. “*Se você tem dinheiro, você é meu filho, se você não tem, então você não é*”, descreve

sua postura. Com a tia, por outro lado, existe uma proximidade real e profunda. Sempre fora uma figura importante, até mesmo para a sua “saída do armário”, considerando todo o apoio e estímulo dado por ela para que o ato ocorresse, ainda que Samuel nunca houvesse se assumido à tia. Por isso, conta da existência de um ciúme partido de sua mãe em direção a ela. Na época em que Samuel ficou responsável pelos cuidados da mãe, ia com frequência à casa da tia - que também morava em Botucatu cuidando da mãe, avó de Samuel, residindo junto a ela. No entanto, as idas acabaram gerando um ressentimento em sua mãe, interpretando as saídas como atos de confiança à irmã, coisa que não lhe era ofertada. O ciúme se perpetuou mesmo após a tia, num momento de animosidade, chamar-lhe a atenção. Esclareceu que Samuel frequentava sua casa para cuidar de sua avó.

Porém, a relação conflituosa com a mãe tem origem ainda em sua infância, ou melhor, quando era criança, já que, segundo ele, não houve uma infância. Com doze anos sua mãe lhe disse que ele teria que trabalhar. Ele aceitou, contanto que não deixasse de estudar, o que o levou a ser o único dos sete irmãos - quatro por parte de mãe, dois pelo pai, e ele - a completar o ensino médio. A exigência veio logo após o afastamento de seu padrasto, que fora para o MS e nunca mais voltou, ainda que o vínculo com o garoto tenha permanecido. O menino se arranjou num serviço do tipo jovem aprendiz e passou a custear parte das despesas domésticas. De manhã ia à escola, e à tarde, após atravessar toda a cidade a pé, dirigia-se aos jardins da prefeitura, onde cuidava da horta comunitária. Em troca, ganhava uma cesta básica, além de uma pequena quantia em dinheiro.

Sobre os seus irmãos, tem contato e afinidade apenas com sua irmã mais velha por parte de mãe, tendo uma relação afastada e/ou conflituosa com o restante. O irmão mais velho, mesmo sendo gay e se assumindo antes dele, nunca foi uma fonte com quem contar. Samuel pontua que “*desbravou*” sua sexualidade por conta própria. Combinava de se encontrar com outros homens por meio de *sites* de relacionamento e falava à família que iria à casa de amigos. Nessa época, tinha dezoito anos e já estava em Botucatu cuidando da mãe e da avó. Não explorava outros espaços de socialidade homossexual por se considerar muito caseiro, “*era casa-curso-trabalho*”. Apesar das cobranças da mãe relativas à ajuda financeira, conta que a atitude não era replicada com os irmãos, sendo seu irmão mais velho seu xodó. “*Se ele falar que vai sair de casa hoje e amanhã ele estiver arrependido, ela acolhe. Uma vez eu saí de casa por livre e espontânea vontade e fui para a casa do meu pai. Não deu certo e voltei pra casa dela. ‘Porque eu fui fazer isso?’ Acho que escutei por uns dois anos. Quando eu saí da outra vez, agora, indo para Campinas, ela olhou na minha cara e falou ‘Você vai voltar com o rabo entre as pernas que nem da outra vez’*”. Como resposta, afirmou que seria

mais fácil morar embaixo de uma ponte. Conforme visitas recentes, sente que todos os outros irmãos apenas aguardam a hora certa de sair de casa.

A única vez que Teresa se mostrou pensativa em relação ao vínculo mantido com o filho aconteceu numa ligação feita por ela há cerca de um ano, quando o perguntou se havia alguma raiva nutrida por ela. “*Mãe, apesar de tudo, apesar da senhora já ter me chamado de vagabundo, de já ter me colocado para fora de casa e de já ter entrado em depressão dentro da sua casa, coisa que a senhora nunca soube, e está sabendo agora porque a tia contou... apesar de eu já ter tentado me matar, coisa que a senhora não soube... eu não tenho raiva da senhora. A senhora tá aí e eu te respeito, fica tranquila’. Falei desse jeito pra ela*”.

Há um silenciamento perceptível em relação ao pai, até que lhe peço um pouco mais de informações sobre ele. Na verdade, nada tinha sido me dito sobre a relação entre os dois até o momento. Criado pela mãe e o padrasto - até os doze anos, como já dito -, o menino só conheceu seu pai biológico por intervenção da avó, que lhe puxou e falou “*Você vai conhecer seu pai*”. Ao ser levado à sua casa, acabou conhecendo também sua esposa e seus dois filhos. Se lembra do olhar de “*fuzilamento*” que a mulher de seu pai o dirigiu. Desde o primeiro momento, uma certa rixa se instaurou sobre eles. Segundo ele, ela fala até hoje que Samuel é o único filho que herdara a aparência do pai.

Samuel me conta que antes de se assumir seu pai lhe tratava como um filho, ainda que se vissem com pouca frequência. Intervalos que chegavam a dois ou três anos. No entanto, após a declaração de sua homossexualidade à família, nunca mais o encontrou, nem ao menos falou com ele. “*Eu mando... eu mandava mensagem pra ele, mandava no dia dos pais, no final do ano... aí depois que eu me assumi ele não respondeu mais. Conversei com meu irmão por parte de pai e falei ‘Ei Carlos, como tá o pai?’ , ‘Ah, o pai tá bem’, ele me respondeu. Eu comentei que eu mandava mensagem pra ele e ele não respondia. Ele só falou que o pai era complicado e eu não tinha como saber porque não morava com ele e nem tinha convivido com ele. Então eu entendi a deixa do que ele quis dizer*”. Ainda que tenha o pai no Facebook, confessa que não há qualquer interação entre os dois, nem mesmo troca de curtidas ou mensagens. Revela ter “*abrido mão*” da relação.

A relação de paternidade é vivida mesmo com seu padrasto, com quem tem uma situação recíproca de preocupação e afeto. Este não só mantém contato, como o procura para saber de sua vida e lhe perguntar que dia o verá, considerando sua moradia no estado do MS. “*Se der tudo errado aí, você sabe que aqui tem um canto pra você*”, sinaliza o padrasto. “*Você escolhendo o que quiser para a sua vida, você é meu filho*”. Samuel sabe que pode contar com seu apoio. Durante as conversas, sente o tom de voz do padrasto mudar, seu afeto

se manifesta verbalmente. Pelo que diz, suas filhas têm ciúme da relação mantida entre os dois. Ambas não possuem tal afinidade com o pai da mesma maneira.

Como até então Samuel não havia desenhado tão bem a “trajetória” de sua família, pedi para que me explicasse um pouco mais sobre a relação entre sua mãe e seu pai, para que eu pudesse entender o desenvolvimento desta história. Os dois nunca chegaram a se casar. Samuel nasceu de uma relação instantânea vivida por eles, resultado de uma “*noite de bebedeira*” no momento em que se conheceram. Ela havia acabado de se separar do primeiro marido, com quem viveu uma relação extremamente abusiva e violenta. Foi, por muitos anos, vítima de violência doméstica, declara Samuel - apesar de pontuar que o termo não tinha tamanha difusão na época de sua mãe como hoje. Com a separação, veio a fase da bebida. “*Bebia vinte e quatro horas por dia*”. Numa de suas saídas para o baile, hoje uma “boate” nos termos atuais, conheceu o pai de Samuel, que passou por sua vida apenas como aquele que a engravidou.

Porém, há pouco tempo um outro fato acerca de sua história lhe foi apresentado. Há mais ou menos três anos, Samuel descobriu - por meio dos búzios lidos a ele - que seu nascimento fora indesejado. Houve uma tentativa de aborto. “*Eu sempre tive essa pulga atrás da orelha porque minha mãe sempre me tratou diferente. Ai eu sabia de uns boatos... boatos não, né, realidade... que ela não quis me segurar quando eu nasci. Ela não quis acompanhar a minha fase de desenvolvimento, de sair da mama. Minha avó até falava: ‘Sua mãe nunca te deu de mamar, te deu duas, três vezes, e em seguida te enfiou na mamadeira’.* Ai numa ligação eu falei pra ela ‘E aí, como foi a questão de querer me abortar?’”. Ela falou ‘Como você sabe disso?’. Foi assim. Num primeiro impacto ela foi seca, né!? ‘Eu tentei, mas não consegui porque me impediram’. Foi até minha vó quem a impediu. Ela nem quis tocar no assunto depois. Mas depois de uns dias ela me ligou de novo me perguntando se eu estava bravo e eu falei que não, que já tinha passado, que eu só queria confirmar. Só que não passou, né!? No dia em que caiu a ficha eu fiquei ruim, me emocionei, tanto que o Omar me apoiou naquele dia. Porque querendo ou não, digamos que é uma pedrada no meio da cara. Dói por uns dias”.

Sua mãe o expulsou de casa duas vezes. Na primeira, Samuel tinha vinte anos e teria se recusado a pagar o aluguel. Ele já era responsável pelo pagamento das contas de luz, água, telefone e internet, já não tinha mais como contribuir. “*Então quer saber seu vagabundo!? Sai de casa!*”, disse ela ao filho. Com a roupa que estava, foi para a casa da tia. Eram cerca de onze horas da noite. Lhe perguntou se podia ter onde dormir, tomar banho e lavar roupa. Logo ouviu que a casa estava aberta o tempo que precisasse e para o que precisasse. Uma de suas

irmãs, com quem residia junto de sua mãe, lhe fornecia esporadicamente algumas mudas de roupa que ele havia deixado em sua casa. Escondido, para que a mãe não percebesse. Após uma semana, sua mãe o pediu para voltar.

A segunda expulsão ocorreu alguns anos depois, no entanto, Samuel afirma que não foi jogado para fora de casa como da primeira vez. Nessa época, morava num quartinho dos fundos da nova casa alugada pela família. O motivo da expulsão foi novamente de ordem financeira. Samuel era responsável por sacar a aposentadoria da mãe, que no dia também lhe entregava uma lista de tarefas, compras e contas para pagar. Num desses dias, nenhum valor havia sobrado, sendo acusado de roubo. *“Cadê meu dinheiro seu vagabundo!? Seu ladrão!?”*. Como resposta, atravessou a casa, pegou o que havia sobrado de seu pagamento, recebido naquele mesmo dia, e junto do cartão e da senha do benefício da mãe, jogou tudo na cama dela, afirmando que nunca mais ficaria responsável pelo saque, tampouco pelas tarefas. No mês em que se sucedeu o episódio, Samuel interrompeu qualquer comunicação entre eles. Entretanto, não conseguia ficar alheio a ela, indo à porta de seu quarto diariamente para ver se estava bem.

Este período marcou o início de seu primeiro pico de depressão. Ao chegar do trabalho para almoçar, não havia comida, nem ao menos panelas disponíveis para a sua preparação, assim como alimentos na despensa. *“Faltou colocar corrente nos armários”*. Para amenizar a situação, sua irmã, que trabalhava numa padaria, deixava-lhe pão e um copo de leite. Angustiado, deixou de comer. A permanência desse cenário levou Samuel a perder quarenta e cinco quilos em três meses, passando de cento e dez para sessenta e cinco quilos. *“A cada três dias eu comia um pão e bebia um copo de leite. Depois disso eu não comia mais nada. Os meus patrões, lá do supermercado, falavam: 'Você não vai ficar passando mal aqui'. Eles sabiam o que estava acontecendo e me autorizavam ir à padaria pegar o que quisesse. Depois disso, o meu desempenho caiu bruscamente e me mandaram embora. Foi quando eu conversei com a minha tia e falei que não aguentava mais, perguntei o que eu poderia fazer. Ela falou que eu precisava sair da casa da minha mãe. Depois de uma semana, como eu já conhecia o rapaz de Campinas, eu fui embora para lá. Eu cheguei na casa da minha mãe e falei que daqui um mês eu ia embora. Ela não acreditou e deu risada na minha cara. No dia em que eu saí de casa - eu tinha saído de manhã para comprar um fogão, uma geladeira e um botijão de gás que eu tinha achado na OLX na época -, o carroto chegou e encostou na área. Eu já tinha o básico que era a TV, a cama, o guarda-roupa, além do fogão, da geladeira e do botijão. Aí minha mãe ficou olhando pela janela. Quando ela me viu carregando as coisas ela*

acreditou que eu iria embora. Só que aí ela veio com aquela frase dela: 'Você vai voltar, você vai voltar com o rabo entre as pernas''.

OMAR E SAMUEL

Omar e Samuel se conheceram pelo *Hornet*, um aplicativo de encontros direcionado a homens gays. Mas como todo aplicativo de encontro voltado a esse público, é conhecido pelo seu caráter de instantaneidade, ou seja, pela promoção de encontros casuais e sexuais, predominantemente. Contudo, não chega a ser tão popular quanto o *Grindr* e o *Scruff*, principais aplicativos do gênero no Brasil. Alega-se um baixo número de usuários, além de dinâmicas pouco convidativas, como a demora para ser respondido.

Há três anos, o que seria um encontro casual acabou se transformando numa relação de cumplicidade. Nessa época, ambos residiam em Campinas e treinavam no mesmo lugar. Já tinham se visto e trocado mensagens pelo *app*. Depois, vieram a se esbarrar na entrada da academia. Samuel estava de saída quando Omar havia acabado de chegar. Porém, Samuel conta que ficou desmotivado em conhecê-lo por conta da grossa aliança usada por Omar. Pelo *Hornet*, Omar explicou sua situação afetiva. Estava saindo de um relacionamento, embora enfrentasse a sombra do ex, que vez ou outra lhe procurava pedindo para voltar. Há três meses a relação acabara, mas Omar continuava com a aliança na esperança de um próximo retorno, dada a indecisão do ex, característico de alguém com *borderline*, segundo Omar.

Do *Hornet*, as conversas migraram para o *Whatsapp*, e ambos continuaram a se ver. Moravam em regiões consideravelmente próximas. Embora Omar tenha me explicado o início de seu vínculo com Samuel, este o rebate afirmando que no começo a conexão entre os dois não fora tão forte assim “*porque ele já estava com a mente voltada a ir pra São Paulo e a minha ainda estava voltada para o meu ex*”, admite. A mãe de Omar chegara a lhe perguntar se Samuel estava realmente a fim de seu filho, tendo em vista sua “*distância*” na relação.

Omar conta que a inocência de Samuel lhe chamou atenção desde o primeiro encontro. Samuel brinca dizendo que, por inocência, Omar se refere ao seu modo “*caipira*” de ser. Omar esclarece que no meio gay, em sua visão, há uma forte tendência à promiscuidade e ao oportunismo, no ganho de vantagens em cima dos outros, ou pelo modo estereotipado com que as relações são estabelecidas, a começar pelo tipo ideal de homem buscado. “*Se aparece outra pessoa mais bonita na frente, ela já troca*”, complementa. Se nas relações homossexuais Omar observa uma certa fluidez, um padrão de não definição ou comprometimento em relação ao outro, em Samuel, por vez, viu a oportunidade de construir algo mais sólido. O fato do rapaz se apresentar como alguém “*centrado*” foi o gatilho para o interesse romântico e sexual de Omar.

A mudança para São Paulo ocorreu assim que Omar conseguiu uma transferência para a nova sede da empresa na capital. “*A terra das oportunidades que todo mundo fala*”, pontua. Ainda que Campinas não fosse necessariamente uma cidade pequena para ele, sempre teve como meta viver numa grande metrópole, “*onde as coisas acontecem*”. Até Samuel se juntar a ele em sua nova vida, morou por aproximadamente nove meses sozinho.

Ao longo de nossa conversa conjunta, Samuel fica mais quieto, deixando o protagonismo com Omar, que responde a maior parte das questões colocadas. Essa dinâmica, importante dizer, será considerável para os futuros rumos do diálogo.

Samuel e Omar têm se aberto à vivência poliamorosa há muito pouco tempo. As inseguranças de Samuel perante à abertura poderão ser compreendidas como ecos oriundos de suas relações afetivas anteriores, onde o amor sempre esteve associado ao abuso e ao descomprometimento. No entanto, ao lado de Omar, tem ganhando cada vez mais confiança, tanto em sua postura diante de novos afetos quanto em relação a si mesmo, estando numa fase de autoaprendizado, proporcionado, em grande medida, pela proposta de abertura afetiva vivida junto ao companheiro.

BERNARDO

Bernardo, natural e residente da cidade de São Paulo, tem 36 anos e faz doutorado no Programa de Ensino e História das Ciências e da Matemática (PEHCM) na Universidade Federal do ABC (UFABC). Possui graduação em história e pedagogia. A primeira realizada na Universidade Federal de São Paulo (USP) e a segunda na Uninove, faculdade da rede privada de ensino. Por muitos anos, atuou como professor na educação básica. Há dois, exerce o cargo de diretor numa escola municipal em São Bernardo do Campo, cidade situada na região metropolitana de São Paulo. Desde o mestrado, pesquisa teoria *queer*, apesar de ressaltar “*não ser muito queer, sendo um homem cis gay*”, brinca. No momento, tem se aproximado de perspectivas decoloniais, apontando um interesse especial para a “pedagogia das encruzilhadas”⁴³. Assim, tem achado bastante relevante o processo de aproximação e mobilização de autores brasileiros em suas pesquisas, saindo do cânone europeu de referencial teórico. Além disso, declara-se umbandista, embora se considere alguém “*universalista*”, tendo um interesse amplo em religiosidades. Sua família, católica, nunca foi praticante, o que faz Bernardo pensar que nunca vivera em uma família plenamente religiosa.

Destaca a origem pobre e a conquista de ser alguém formado, o primeiro de sua família, possibilitando-lhe um padrão de vida próximo ao da classe média. Tem duas irmãs por parte de mãe e aponta ter uma boa relação familiar, mesmo com questões “*problemáticas*” passadas em sua infância, resultado do alcoolismo enfrentado pelo pai - que acabou gerando uma forte tensão em seu relacionamento com a mãe de Bernardo.

Contou sobre sua homossexualidade à família por volta dos dezesseis anos, primeiramente à mãe. Ao namorar pela primeira vez, um menino, Bernardo sentiu a necessidade de contar a ela sobre si. Se o período inicial vivenciado pela mãe após a revelação é descrito como “*traumático*”, considerando as lamentações pelo filho, Bernardo ressalta que a mesma nunca chegou a ter uma reação violenta ao lidar com a informação. “*Foi um certo drama, mas não com essas atitudes que a gente vê, infelizmente, acontecendo com muita gente que se assume até os dias de hoje*”.

Indagado sobre o motivo de ter adiado a informação ao pai, Bernardo assume que adotou tal medida por conta de sua postura machista. Acrescenta, inclusive, que nunca chegou

⁴³ Nas palavras de Luiz Rufino (2020), autor do livro “*Pedagogia das encruzilhadas*”, o conceito diz respeito a um “projeto político, poético e ético” na medida em que se torna um “projeto de educação encarnado por Exu como seu fundamento”. O vídeo “Pedagogia das Encruzilhadas #1 • Luiz Rufino” está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gatikyv_2ml&ab_channel=pedagogiadasescruzilhadas. Acesso em: 13 jan. 2022.

a ter um momento de revelação junto a ele. *“Eu fui trazendo meus namorados pra casa e é isso, acabou”*. Seu pai, por vez, não lhe perguntava nada a respeito de seus companheiros, *“porque ele já sabia”*.

Antes de conhecer Igor, Bernardo teve alguns namoros. Apenas um, no entanto, durou mais de um ano, todos os outros se mantiveram por cerca de alguns meses. Encorajado a falar um pouco mais acerca de suas relações anteriores, Bernardo destaca que foram boas, mas não prossegue. A relação com Igor é vista como um ponto fora da curva. *“Pelo menos, assim tira um pouco aquele discurso que a gente vê que os relacionamentos gays são muito supérfluos e que duram muito pouco. Às vezes, na prática, acontece com a gente também, mas isso é muito relativo, né. Os relacionamentos heterossexuais são tão ou mais supérfluos”*. Perguntado sobre a razão da durabilidade de sua relação atual, Bernardo diz ver uma junção de fatores. *“É o fato da gente querer, de termos muita afinidade. Da gente ter uma amizade muito grande um pelo outro. E acho que isso faz toda a diferença”*. Diferentemente de um dos seus relacionamentos anteriores, descrito como *“traumático”*, ele e Igor possuem aquilo que, em sua opinião, falta em muitos casais: abertura e honestidade comunicativa. A relação citada, por exemplo, foi assim caracterizada devido ao término, onde queixas foram jogadas ao ar sem nunca terem sido mencionadas anteriormente durante a relação, apenas em seu fim. Relembrando o ocorrido, cuja situação impactou de alguma maneira na forma como Bernardo lidava com seus relacionamentos até então, esclarece que foi justamente o pacto comunicativo elaborado entre ele e seu atual companheiro - ainda que feito de uma maneira espontânea - que os levara a trajetória compartilhada atualmente. *“Teve uma vez que um relacionamento meu foi bem traumático, o rapaz terminou comigo via internet. Ele terminou comigo por um motivo x, naquele momento, mas que durante o relacionamento ele nem chegou a conversar comigo. Se tinha uma questão, ele não chegou a conversar comigo, ele foi lá, terminou. E só depois do término ele foi expor a questão. Essa questão da comunicação mesmo é onde a gente mais peca. Talvez a gente não tenha tido na escola ou dentro da família uma educação comunicativa, de fato. E eu acho que a gente perde muito nesse sentido”*.

IGOR

Igor também é natural da cidade de São Paulo, tem 36 anos, e viveu com seus pais até os 33. Se declara economicamente pertencente à classe média, sem religião - embora acompanhe eventualmente o marido na macumba, algo que diz gostar, mas não o suficiente para qualquer tipo de conversão religiosa; sua fé “*é pouca*”, esclarece -, e pardo, embora me pergunte logo em seguida se há essa opção, o que lhe respondo afirmativamente, considerando o uso oficial da categoria pelo IBGE. Pondera por um momento e se redefine enquanto branco, apesar dos fenótipos negros que lhe poderiam ser apontados. A readequação leva em conta o modo como Igor percebe-se sendo lido socialmente. “*Eu diria branco porque eu nunca senti que olharam para mim como negro. Olham diferente pro negro. Eu sei disso. Eu sinto isso. Então olham pra mim e não é diferente. Eu diria que recebi por atribuição a cor branca*”. Quando tinha aproximadamente seis anos, sua família, que morava de aluguel, conseguiu realizar a compra de uma casa própria no Grajaú. “*Um bairro que você deve conhecer pelo programa do Datena*”. Igor apenas deixou de morar com sua família de origem ao decidir se casar com Bernardo, com quem reside até hoje. No Grajaú, completou todo o ensino básico e fundamental em escolas públicas. É graduado em letras pela USP, trabalhou por um ano como assistente de sala e um mês como professor efetivado. Via concurso, conseguiu um emprego no Ministério Público, “*que paga o dobro*” e onde atua até hoje, há cerca de dez anos.

Em relação ao seu histórico de relacionamentos, Igor pondera que sua vida afetiva fora “*bem quietinha*”, era um cara que “*não namorava ninguém*”. Segundo diz, passou a faculdade praticamente “*em branco*”, mas justifica-se devido a demora na descoberta de sua sexualidade. “*Eu demorei para sacar que era gay. E depois que eu saquei, eu demorei muito para sair do armário. E eu não quis sair do armário antes de experimentar, entende!?*”. Portanto, considera que Bernardo ocupa a maior parte da posição de sua vida sexo-afetiva até então. Nunca havia tido, inclusive, qualquer relação sexual anterior à sua relação com o marido.

Na faculdade, relembra que não era alguém que “*pensava nessas coisas de tesão*”. “*Eu estudava muito, tinha aquela perspectiva de quem era da periferia. Você tem que estudar muito, e meio que eu não olhei pra esse lado*”. No entanto, mesmo não tendo vivido experiências sexo-afetivas na época da faculdade, relata que foi durante este período a “*descoberta*” de sua homossexualidade. “*Foi quando eu entrei na faculdade que eu comecei a sacar que eu gostava de homem. Eu não sei, eu via assim... sei lá... me dava tesão. Eu*

comecei a pensar em tesão, acho que foi esse o ponto. Eu comecei a considerar o tesão na vida. Eu comecei a considerar as coisas que me dão prazer, na faculdade. Começou com o estudo porque era a primeira coisa que me dava prazer, estudar. Mas depois eu vi que tinham outras coisas também que me davam prazer. E aí eu já era velho, entende!?! Eu já tinha dezenove anos”. Contudo, mesmo após entender suas novas orientações afetivas, continuou “ficando na sua”.

A partir do momento que ocupou a vaga no Ministério Público, pouco tempo depois de concluir a graduação, Igor conta que começou a se aproximar de uma vida afetiva por meio de *sites* de relacionamento. A rotina pesada não lhe permitia o contato com outros tipos de ambientes em que a busca por alguém também pudesse ocorrer, como casas noturnas. Pouco resultou do acesso aos *sites*, não havendo nenhum encontro real. *“Eu não tinha experiência, não sabia nem o que falar. Eu não tinha muito o que investir. Não tinha muito traquejo. E aí eu encontrei o Bernardo, foi uma puta sorte”.*

Igor já conhecia Bernardo desde a faculdade, embora não tivessem sido tão próximos neste período. Por conta desse contato prévio, Igor se sentiu mais confiante. Com Bernardo havia *“um vínculo com o mundo real”*. Por isso, ao vê-lo no *site* de relacionamento que acessava, decidiu investir. Em 2012, sua vida era praticamente a mesma que tem hoje em termos de trabalho e rotina, a não ser pela saída da casa dos pais, e também a do armário, que só ocorreu por causa do marido. *“Eu precisava da mãozinha dele segurando a minha pra sair comigo junto. Ele meio que me arrancou do armário, na verdade”*, brinca. No entanto, esclarece que Bernardo nunca o pediu para que contasse acerca de sua homossexualidade à família. Se assim o fez, foi por perceber que já estava na hora. Igor se assumiu por volta dos vinte e sete anos, pouco tempo antes de sua saída de casa. Antes disso, conforme reitera, *“Não havia nada que me confirmasse que eu era gay, eu podia ter saído [do armário] antes, mas seria um tiro no escuro. Isto porque eu não tinha uma vida afetiva prática, eu tinha uma vida afetiva no mundo da fantasia. E olhe lá viu, porque eu também não sou muito assim... Eu realmente era bem mocorongo”*. De toda forma, revela que a reação da família foi bastante negativa, o que o surpreendeu, considerando a idade em que se assumira e a inexistência de um histórico de relações, nunca tendo levado alguém para casa ou apresentado aos pais. Diagnostica, por isso, como estranha a reação de seu grupo familiar frente à nova informação.

A cena de revelação trouxe consequências duradouras à sua estrutura familiar. Após ter se assumido, seu pai vivenciou um período de sofrimento. Sua mãe, pelo contrário, lidou de forma tranquila com a situação, ajudando o marido a enfrentar a notícia. Após a recuperação de seu pai, foi a vez da saúde de sua mãe entrar em colapso. De acordo com Igor,

desde então, ela entrou numa condição de demência. *“Demente mesmo, ficou louca. Louca. De verdade. Ficou completamente louca. Hoje ela precisa de ajuda para comer, usa fralda”*. Assim, Igor qualifica como *“traumática”* toda a trajetória vivida por eles. *“Minha família tem uma fragilidade genética também. A gente fica demente. É sério, isso acontece com vários tios e primos. Eu tenho vários casos na família. É uma fragilidade neurológica mesmo”*. Por isso, em sua percepção, a revelação atuou enquanto um gatilho para a predisposição neurológica da mãe. *“Sofrimento na minha família é coisa séria. Pra gente tem um limite, que quando bate, não volta”*.

Após o começo do namoro com Bernardo, Igor ainda viveu mais três anos com seus pais, até que ele e o companheiro resolveram morar juntos. Desde que se conheceram, começaram a juntar dinheiro para uma vida futura ao lado um do outro, embora Igor nunca tenha sido muito *“chegado”* à ideia de casamento. *“Nunca tinha pensado nisso, achava que era uma besteira. Eu era o dos que falavam: ‘Imagina, pra que que gay quer casar...’*. Eu achava que casamento era uma coisa meio ridícula, idiota. Aí o Bernardo quis casar e eu falei *‘Tá bom também, não me ofende, vamos casar!’*”. Ainda assim, pontua que o fato de ter aceitado o pedido de casamento mudou a sua vida. Hoje, revela adorar estar nessa condição. *“Eu acho que foi a melhor coisa que eu já fiz na vida. Eu gosto muito de ser casado. E hoje eu vejo que realmente casamento é um negócio meio besta, se você for pensar bem. Mas, mas, como eu vou dizer... todo mundo tem o direito, né!? Este que é o ponto. Tem uma questão patrimonial também que hoje não é pra nós, mas eu sei que é uma questão pra muita gente”*.

Questionado sobre o motivo de achar a prática do casamento algo *“meio besta”*, Igor responde que: *“Eu sempre achei, na verdade, casamento um negócio besta. Agora que eu tenho patrimônio, eu até vejo de outro jeito. Mas antes, quando eu não tinha nada, quando eu não tinha onde cair morto... Mas eu não pensava isso pelo fato de ser gay, eu achava isso em relação a tudo... Duas pessoas héteros, cis, tudo certinho, tudo padãozinho, eu já achava meio besta. Eu pensava ‘Pra que isto, né!?’*. Eu nunca fui muito miserável, na verdade, eu sempre tive boas condições. Mas eu via muitas pessoas casadas e eu ficava pensando *‘As pessoas podiam estar morando juntas e ok’*. Eu não pensava nas implicações patrimoniais. Eu achava que era só uma questão de juntar e conviver. Quando eu falo casamento, eu me refiro ao documento, ao papel, eu estou falando disso, entendeu!? O fato das pessoas fazerem duplas, com base no desejo de dividir a história delas, ok. Agora, quando eu digo meio besta, eu estou falando do casamento no papel. E eu achava meio besta porque era uma questão do movimento gay quando eu era criança, quando eu era novo. Eu não me sentia parte da

comunidade, mas eu via o debate. Eu acompanhava. E era uma questão, acho que era uma das bandeiras número um. As pessoas queriam casar, né!? E eu achava estranho”.

Já em relação ao fato de se considerar alguém que adora estar casado, Igor alega que: *“Eu gostei de estar casado... como eu posso dizer... de ter criado esse compromisso, esse vínculo com o Bernardo. Isso foi muito bom para mim. Criado vínculo, criado compromisso. E é importante ter o ritual, a passagem. Um dia não é casado, no outro dia é. É importante ter a festa, o anúncio da festa, falar para as pessoas... É importante para mim falar ‘meu marido’, eu gosto disso! Então tem uma questão simbólica, e esta questão, é disso que eu gosto. Então é besta, embora tenha implicações patrimoniais seríssimas e por isso eu já não acho tão besta”.*

Lhe pergunto então de que forma o compromisso firmado junto a Bernardo possibilitou uma nova compreensão acerca de si mesmo, ou, pelo menos, como lhe ajudou positivamente em sua trajetória pessoal. *“Eu não sei explicar isso não, eu acho. Mas eu acho que eu me sinto amparado. Acho que o casamento respondeu a uma carência de desamparo que eu tinha. Eu acho que é isso, mas é uma hipótese, eu não sei não, mas eu gosto, a sensação é ótima. A ideia parece meio besta, mas dá uma satisfação, eu gosto, mesmo sem saber a origem. Quando eu volto do trabalho, por exemplo, ter a sensação de que tem alguém me esperando. É uma questão de acolhimento mesmo”.*

Embora cite o contato com o movimento gay, esclarece que ele ocorreu apenas pela televisão e de um lugar distanciado, na medida em que ainda não se via pertencente a este grupo.

BERNARDO E IGOR

Bernardo e Igor se conheceram na graduação, o primeiro estava na história enquanto o segundo cursava letras. No entanto, mesmo com a proximidade entre eles, ambos não haviam trocado figurinhas durante o período, conhecendo-se apenas de vista. No máximo, poucas palavras tinham sido dirigidas um ao outro. Anos depois, se reencontraram no *Badoo*, um conhecido *site* de relacionamento fundado em 2006 e em funcionamento até hoje, porém, sem a popularidade conquistada no período anterior à emergência dos aplicativos de encontro, o que acabou gradativamente direcionando o *site* ao público heterossexual. Desde então, estão juntos há cerca de nove anos, cinco casados legalmente.

Perguntados sobre aquilo que lhes atraiu um no outro desde o início de sua relação, explicitam a afinidade e a sintonia por temáticas e gostos comuns. Vivenciam, na prática, um relacionamento que poderia ser entendido como monogâmico, isto é, vivenciado a dois. Contudo, brincam que o modelo experimentado é, na verdade, “*semiaberto*”, ou seja, cuja possibilidade de abertura está dada, ainda que não tenha acontecido nada até o momento. Igor revela que “*andaram borboleteando por aí*”, cada um com seus flertes, mas nada que tenha ido adiante.

MATEUS

Mateus tem 27 anos, reside atualmente em Porto Alegre, mas é natural de São Caetano do Sul, cidade localizada na mesorregião metropolitana de São Paulo. Morou, todavia, por quase toda a sua vida em São Bernardo do Campo junto de sua mãe. Nos dois anos precedentes à sua mudança para a região sul do país, morou no litoral paulistano junto de sua ex-mulher e do filho, que acabara de completar cinco anos de idade. Os dois também haviam morado juntos em São Bernardo antes de tentarem a vida no litoral, porém, devido aos desarranjos na relação, acabaram tomando caminhos distintos. Mateus é autodeclarado branco, de classe média baixa - assim se definiu considerando a boa situação econômica do seu atual companheiro, estando desempregado no momento da nossa conversa -, e ateu. Tem ensino médio completo e possui alguns cursos profissionalizantes na área de informática.

Perguntado sobre a relação com seus pais, conta que depois da revelação de sua bissexualidade, a comunicação entre eles foi interrompida. Na verdade, neste momento, Mateus reelabora a linha temporal de sua história: esclarece que vivera grande parte de sua vida com os avós, fixando-se com a mãe somente após a separação de seus pais, quando tinha, aproximadamente, dez anos de idade. O período junto à mãe, no entanto, durou pouco, voltando em seguida à casa dos avós. Retornou para junto da mãe apenas ao completar dezoito anos. A diferença na qualidade da relação entre seus avós e seus pais é nítida durante toda a conversa. *“Não morei muito com a minha mãe, tanto é que eu não chamo minha mãe de mãe, e nem o meu pai de pai, eu chamo os meus avós de pai e mãe”*, destaca. Porém, adverte que o distanciamento entre ele e seu pai, por exemplo, não corresponde a uma falta de carinho entre os dois, que quando se encontram, se tratam com bastante afeto. Já em relação à intensa participação dos avós em sua criação, esclarece que desde pequeno é muito apegado aos dois. Muitas vezes, chorava ao voltar para casa. Percebendo a falta que o menino sentia, sua mãe o perguntou com quem ele preferia ficar. Entendendo a predileção pelos avós, e após uma consulta sobre a possibilidade de Mateus morar na casa dos dois, decidiu que sua permanência junto a eles seria a melhor opção. A casa de sua mãe, portanto, se tornou mais um local periódico de visitas, considerando também o fato da pouca afinidade que Mateus sentia com o novo padrasto.

Mateus e sua mãe vivem um relacionamento conflituoso. Os desentendimentos entre eles, porém, antecedem em muito a revelação de sua bissexualidade. Segundo conta, os atritos foram gerados principalmente por conta de dívidas que Mateus deixou a ela, devido a um golpe sofrido por ele quando ainda morava no litoral, junto de sua ex-mulher. Na mesma

época, também havia perdido seu emprego em uma esfirreria, o que o levou a pensar em voltar para a casa da mãe, algo que não aconteceu devido à aproximação entre André e ele. Desde então, sua mãe lhe dirige ofensas e o acusa de imaturidade. Antes da mudança de Mateus para Porto Alegre, pediu ao filho que não lhe falasse nada sobre sua vida. Achava melhor se manter alheia às suas escolhas.

A exposição pública da bissexualidade de Mateus ocorreu em julho - quatro meses antes da nossa conversa -, por meio de um *post* no *Facebook*. Ao se acomodar no avião em direção à Porto Alegre, rumo à sua nova vida com André, Mateus se declarou bi, contou sobre a sua nova relação e comunicou a mudança para o sul. Durante as quase duas horas de viagem ficou alheio às reações e comentários que iam se acumulando na postagem, mas que estavam sendo atentamente acompanhadas por André. Após a chegada, Mateus se deparou com a repercussão de sua publicação e acabou percebendo o apoio de seus amigos e familiares, com exceção do comentário da mãe, que segundo ele, fora o único negativo. No entanto, avalia que a queixa deixada por ela tinha mais a ver com a forma com que Mateus se mudou, sem se despedir, do que propriamente com sua sexualidade. Conta que tomou essa atitude em respeito ao pedido feito por ela.

Mateus afirma que sempre compreendeu e se sentiu confortável com sua sexualidade. Se recorda das vezes que acompanhava seu avô à feira, quando ainda pequeno, já percebendo sua atração por homens e mulheres. Sentia-se normal com a situação. Na família, apenas uma prima sabia de sua orientação, e ao passar dos anos, sua tia, a quem a mãe recorreu desconfiada das saídas do rapaz com André. Indagado sobre o fato de estar se relacionando com um homem, por meio de uma ligação feita por ela a Mateus, o rapaz confirmou o envolvimento afetivo à tia, que lhe ofereceu apoio desde então. Mateus diz que a publicação em nada afetou sua relação com amigos e familiares, até mesmo com seus avós, que são evangélicos - ainda que tenham se mantido distanciados do assunto. O único *feedback* negativo recebido foi o de sua mãe, dizendo-lhe que havia escandalizado a família. Afirma, contudo, não ter ligado para isso, já que conhece sua personalidade “*radical*”, efeito de sua postura religiosa, sendo ela evangélica.

Até então, teve dois envolvimento afetivo-sexuais. A primeira relação foi com Sandra, sua ex-esposa e mãe de seu filho, com quem se juntou por volta dos vinte e um anos de idade e cuja relação durou até os seus vinte e seis. O segundo é com André, com quem reside no momento. Com Sandra, Mateus enxerga que teve um relacionamento tóxico. Ele, que gostava de passar o tempo em casa jogando, sentia-se pressionado pelo estilo de vida pouco caseiro da ex-mulher. Fora isso, sua rede de amizade era bastante ampla,

diferentemente da dela, gerando uma dependência emocional por parte da companheira. Além das brigas constantes, Sandra também não aceitava a bissexualidade do marido. Conhecida de vista por meio de um amigo comum, e também pela frequência com que ia à *lan house* onde Mateus trabalhava - pertencente à mãe -, Sandra se aproximou de Mateus a partir do *Facebook*, onde ela o chamou para uma conversa que acabou se desdobrando em sucessivos encontros. Miguel nasceu após pouco mais de um ano de relacionamento. Até então, a relação entre os dois era vista como saudável por ele, cenário que se modificou mediante a rotina junto ao bebê. Sandra deixara de ser carinhosa e sexualmente disposta, gerando um forte incômodo no rapaz, que se vê como alguém bastante sexual.

A gravidez, embora não seja vista como planejada por Mateus, havia sido decidida previamente pela companheira, cujo sonho era se tornar mãe de uma menina. “*Não, não foi planejada. Ela falou que queria um filho meu e eu falei: ‘Tá bom!’*”. Nesta altura, a fala foi sucedida por algumas risadas, sendo acrescida de um pequeno autodiagnóstico: “*Novo né, bobo, a cabeça... Primeira namorada, primeiro ano de namoro*”. Ao ser informado da gravidez, no meio da noite, Mateus se viu sem reação, deixando Sandra incomodada com seu comportamento. Só após algum tempo começou a pensar em como seria a vida com a chegada de Miguel. Sentia-se assustado. Contou a nova à sua mãe por meio de uma mensagem, “*Como sempre, né...*”. Mesmo assustada, lhe parabenizou e acompanhou todo o processo de perto, ajudando Sandra a lidar com suas demandas. Foi ela que, inclusive, esteve ao seu lado no parto, momento em que Mateus se ausentara por medo. Desempregada, Sandra ficou responsável pelo cuidado de Miguel durante a maior parte do tempo, já que Mateus trabalhava numa empresa de telemarketing ao longo do dia, responsabilizando-se pelo cuidado do menino no período da noite. Financeiramente, tinham bastante ajuda da família de Sandra. Ela e Mateus moraram juntos por três anos, de 2016 a 2019. Hoje, embora distante fisicamente de Miguel, devido à sua mudança, Mateus afirma ter um contato regular com o filho e que ambos são muito apegados.

O estopim para a separação ocorreu com a descoberta do caso extraconjugal que Sandra mantinha com o padrasto de Mateus, com quem sua mãe se relaciona desde sua separação. Após descobrir por acaso a traição por meio de mensagens trocadas entre os dois, Mateus revelou o caso para a mãe e só em seguida informou a descoberta à ex-mulher. Embora sua mãe tenha ficado furiosa com a situação, partindo até mesmo para a agressão física, permanece até hoje ao lado do esposo. Mateus e Sandra nunca chegaram a ser oficialmente casados, no entanto, se para o rapaz o término significava um movimento de libertação, para Sandra, o processo continua sendo bastante doloroso. Mateus recebe

declarações de amor da ex-companheira, por quem ainda diz sentir afeto. Ficaram algumas vezes pouco tempo antes da mudança de Mateus para o sul, desconhecendo o romance que ele havia iniciado com seu atual namorado.

Com André, Mateus tem vivenciado o seu primeiro relacionamento afetivo-sexual com alguém do mesmo gênero. Antes disso, nem mesmo pequenos *affairs* com outros homens haviam ocorrido. Mesmo em casas noturnas que frequentava com amigos em São Paulo, Mateus se comportava de forma bastante contida, focando em se divertir e deixando de lado possíveis atrações sexuais. Antes dos aplicativos voltados para encontros entre homens, Mateus utilizava *sites* de relacionamento, principalmente o *Badoo* e o Bate-Papo da *UOL*, substituídos gradualmente pelo *Grindr*. No entanto, deixarei para falar da relação construída entre os dois posteriormente, após a apresentação de André.

ANDRÉ

André tem 35 anos, é natural da cidade de São Paulo, embora tenha vivido no litoral do Estado a maior parte de sua vida, e atualmente reside em Porto Alegre em razão do seu trabalho. Atua no ramo do varejo desde 2003 e no momento é gerente de uma loja na qual é funcionário há nove anos. No início de 2021, foi comunicado pela firma que seria transferido para a região sul, o que ocorreu em julho do mesmo ano. No entanto, André se adiantou em um mês visando uma melhor adaptação.

Aos dezessete anos saiu da casa dos pais - com quem morava em Praia Grande, junto de sua irmã mais velha e do irmão mais novo - para cursar ciências biológicas em Santos (cidade do litoral paulista) numa rede particular de ensino. Desde então, nunca mais voltou. Para custear a faculdade e se sustentar durante este período, André recorreu ao comércio, esperando um dia sair da área assim que formado. Porém, desde os estágios - atuando como professor numa escola pública, e posteriormente estagiando num aquário municipal e num orquidário -, sentiu que não investiria sua carreira em torno da área de sua formação. Relembra ter sido uma criança apaixonada por plantas e animais. No entanto, o varejo lhe ofereceu maiores oportunidades de vida. Construiu uma vida no setor. Decidindo investir sua carreira em torno do comércio, cursou em seguida gestão comercial e se diz apaixonado pelo que faz.

Perguntado sobre sua infância, André responde que se vê como o filho “*mimadinho*” de seus pais, aquele que nunca deu problemas ou lhes rendeu qualquer tipo de preocupação. Ainda com o *playground* no condomínio em que viviam, sempre foi uma criança quieta, focada nos próprios brinquedos e em se divertir sozinho, seja com suas peças de *lego* ou com as surpresas do *kinder ovo*. Da mesma forma, a tranquilidade do garoto se estendeu à sua adolescência, quando passava o tempo livre junto do computador. Admite que a qualidade de vida de sua infância só pôde ser plenamente aproveitada por conta da boa fase financeira vivida pelos pais no momento. Seu pai, que já teve um pequeno comércio durante a infância do filho, atuou profissionalmente numa concessionária e posteriormente se fixou no setor de elevadores. A mãe, por vez, sempre atuou na área da estética de forma autônoma.

A descoberta da homossexualidade de André por sua mãe ocorreu de forma processual. Primeiramente, durante uma chamada feita por ele ao seu primeiro namorado. Na época, seu telefone tinha *bina*, exibindo a origem das ligações recebidas. Desconfiada do número inabitual e pelo horário tardio, sua mãe puxara uma extensão e ouvira parte da conversa. A partir daí, notara o recebimento de algumas cartas direcionadas a ele, cuja troca

de correspondência era uma prática habitual entre os dois. Passado algum tempo, seu namorado na época começou a estranhar a demora no recebimento de uma das cartas enviadas a André. O motivo: sua mãe havia interceptado a correspondência e lido o conteúdo escrito ao rapaz. Não lhe devolvera devido ao medo de confessar o ato de transgressão. Para concluir, no dia em que André foi presentear o então namorado com um ovo de páscoa, sua irmã acabou lendo o bilhete que o acompanhava e colocou o irmão “*contra a parede*”. Ela, descrita como alguém sempre “*muito além da sua idade*”, pressionou o garoto a contar sobre sua sexualidade à família. Sua irmã também sabia sobre a carta de André que estava em posse de sua mãe, sendo a primeira a ser procurada por ela após a leitura da correspondência. “*Ai, tá, normal, o que é que tem!? Pô, o cara tá se relacionando por cartas. Se fosse eu, já estaria trazendo ele em casa!*”, respondeu a irmã frente à confissão da leitura do conteúdo pela mãe. Após o episódio do ovo de páscoa, sua irmã acabou intimando a mãe para que conversasse com André. Nas palavras dele, a irmã, ao procurar a mãe, lhe disse: “*Seu filho é gay, para de ser idiota! Você já leu a carta e já viu tudo o que tinha que ver. Vai lá conversar com ele!*”. A conversa aconteceu, e ela, enquanto kardecista - como toda a família na época -, lhe disse que o jovem precisava de uma orientação espiritual, visto que estava num momento de conflito e indecisão. Nada disso ocorreu. Acabou percebendo a normalidade da situação e chegou a conhecer o rapaz com quem André namorava via telefonemas. Tudo isso aconteceu quando André tinha cerca de dezesseis anos de idade, seu namorado, vinte e três. Sobre a irmã, revela que sua postura determinada e “*à frente do tempo*”, foi algo bastante importante para que ele se colocasse em risco e encarasse de frente seus desejos.

Vinda de uma área de atuação cujo contato com homens homossexuais era expressivo - a estética -, a mãe de André não tinha, necessariamente, dificuldades em compreender a sexualidade do filho. Contudo, carregava consigo inúmeros imaginários difundidos socialmente acerca da homossexualidade, estes, que não correspondiam à performance feita por André, que em seu olhar, era mais próxima de uma heterossexualidade em relação aos homossexuais com quem convivia - expressivamente mais afeminados. “*André, eu te acho bastante masculino tendo em vista os outros gays com quem eu trabalho, então na minha cabeça sempre achei que você estivesse confuso e que na verdade você fosse hétero*”, relembra a conversa que teve com a mãe sobre o assunto.

Quanto ao pai, diz ser uma figura muito fechada, tendo sido militar por muitos anos, com atuação na aeronáutica. Futebol sempre foi uma de suas paixões, fazendo com que ele tentasse despertar o mesmo interesse nos filhos, algo que não ocorreu. André chegou a tentar outros esportes nos quais havia alguma afinidade, como *handebol* e vôlei, mas também sem

sucesso. *“Ele viu que eu realmente não tinha a pegada masculina que ele esperava”*. De acordo com André, seu pai fora alguém bastante ausente em sua adolescência. Embora nunca deixasse de oferecer apoio financeiro, não era uma pessoa que expressava o que sentia. A única ocasião em que André e seu pai falaram sobre sexo, por exemplo, ocorreu quando o pai se submeteu a uma cirurgia de vasectomia, conversando sobre o procedimento com o filho. André diz ter se sentido constrangido, seu pai notara o desconforto. *“Diante disso, acho que ele também se fechou e eu vivi toda a minha adolescência sem tocar no assunto de sexo e de relacionamentos com ele”*.

André diz nunca ter vivenciado qualquer tipo de envolvimento com mulheres. Seus primeiros relacionamentos aconteceram por volta dos quatorze anos de idade e desde então vem emendando longas relações. Aos vinte e três, iniciou o seu segundo namoro, que duraria três anos. Em seguida, um outro de dois anos e meio. Com o quarto, foi casado por treze anos. E desde 2020 está junto de Mateus.

A primeira relação, com quem André trocava cartas, é vista como aquela que lhe propiciou a descoberta de sua sexualidade e também do mundo gay. Juntos por três anos, iam a baladas e bares que André fora apresentado pelo ex-companheiro. A maior dificuldade entre eles se dava na questão sexual devido à preferência pelo sexo sem penetração por parte de André, prática denominada de *“gouinage”*, motivo pelo qual terminaram.

Seu segundo namoro foi qualificado como um momento de *“libertação”*, considerando o estilo de vida *“porra loka”* do ex-namorado. Ao se mudar para Santos, no intuito de fazer sua graduação, André passou cerca de três meses em uma república que havia arranjado, mas depois disso desistiu de permanecer no lugar por conta do ambiente caótico para os estudos, definido por *“pouco sono e muita gritaria”*. Após a saída de André da república onde morava, ele e seu companheiro na época decidiram morar juntos em um barraco. Ele, atendente de caixa, seu namorado, entregador de marmitas. A mudança só foi comunicada à família algum tempo depois, visto que ele ainda não era assumido e não queria preocupá-los. Apesar das dificuldades, lembra que a relação foi um momento de crescimento mútuo. *“Foi muito gostoso, porque ali éramos eu e ele. Ele voltava pra casa com o dinheiro na mão. A gente ganhava e comia, ganhava e comia. Foi a fase em que a gente fez muita coisa errada. Ele era usuário de cocaína e eu fumava muita maconha naquela época”*. Numa dessas festas, conheceram um casal de namoradas com quem fizeram amizade e decidiram dividir um apartamento de frente à praia. As contas ficaram pesadas, mas todos os quatro trabalhavam e conseguiam se manter. Todos dormiam numa sala bastante ampla e conviviam com a relação sexual uns dos outros. Não se importavam. Foi nessa época que André diz ter começado a

questionar os tabus de sexo e sexualidade impostos socialmente. O relacionamento só acabou por conta de uma agressão sofrida por André, que jurou jamais se submeter a esse tipo de dinâmica. Em sequência, conheceu Ulisses, com quem foi casado por treze anos.

Ulisses era visto por André como alguém com a vida já feita, que poderia lhe oferecer uma certa estabilidade emocional, algo mais maduro comparado aos seus relacionamentos passados. Conta que no início da relação não via muito sentido em manter-se fiel ao namorado, e por isso, traições eram comuns. Além disso, parte da rotina vivida com seu companheiro anterior se manteve. Continuava sendo um frequentador assíduo de baladas, e por vezes, passava todo o final de semana em festas, sem dar notícias. Sua mãe, mesmo ocupando um lugar de distanciamento no início de sua nova relação, percebia algo de errado com o filho, compartilhando posteriormente suas apreensões com o genro.

Ainda que o casamento vivido entre eles seja taxado de “tóxico”, André pondera acerca da importância de Ulisses para a sua formação enquanto uma pessoa mais responsável com o futuro. “*Cara, você tem que repensar a sua vida. Você não tem nada no seu nome, vive cheio de dívidas, seu nome está no SPC. Pô, tu tem que fazer a sua vida, você tá morando aqui comigo, eu praticamente te forneço a casa*”, Ulisses lhe dizia. Com seu apoio, André diz ter conseguido fazer uma carreira no ramo do varejo. Os incentivos acabaram se materializando em conquistas conjugais: a quitação do apartamento financiado por eles e um novo carro.

No entanto, a partir do momento em que dera um novo rumo à sua vida, criando uma certa responsabilidade consigo mesmo e com a carreira, André também passou a notar que as tarefas do dia a dia ficavam demasiadamente sob seus cuidados. Ressalta a condição de “*prisão*” imposta pelo ex-marido devido à dinâmica financeira vivenciada ao seu lado. Conta que Ulisses exercia uma profissão sem renda declarada, deixando-o às cegas em relação ao seu salário real, diferente de André, que não somente era aberto neste quesito, como também lhe passava praticamente cem por cento do que ganhava para custear as despesas e “*manter a relação*”. “*Foi muito abusivo por conta dessa infidelidade financeira porque de fato eu não tinha como mensurar o quanto a gente realmente ganhava. Eu era aquele cara que dava tudo na mão do companheiro. Ele falava ‘Cuida da casa, cuida das contas, eu só quero saber de trabalhar, voltar pra casa, ter comida pronta e roupa lavada, e tá tudo certo’, e esse foi o meu grande erro, né!? Eu me privei de muitas coisas, privei liberdade, privei ideias, privei amigos. E assim foi se arrastando por doze anos e oito meses, nosso tempo total de relação*”. Sem ajuda doméstica do marido, e ao mesmo tempo, tendo assimilado as tarefas para si, percebeu que poderia viver sozinho, sem depender de uma outra pessoa que o indicasse o que

fazer. Essa foi a semente do que viriam a ser os conflitos entre ele e o marido, conflitos que durariam cerca de dois anos desde que notara o seu esgotamento dentro da relação.

A respeito do afastamento do seu círculo de amizades, anteriormente mencionado, conta que, por conta da religião praticada por Ulisses - candomblé, sendo Ulisses um babalorixá, ou seja, o pai da casa -, acabou centralizando sua vida em torno das responsabilidades exercidas pelo esposo, deixando de lado sua própria rede relacional. A percepção de isolamento se acentuou quando, no Brasil, foi lançada a plataforma do jogo “*Pokemon Go*”⁴⁴, cujo objetivo é a captura de “*pokémons*” - criaturas digitais baseadas nos desenhos lançados na década de 90 -, localizados por toda a cidade. Com isso, Ulisses se sentia enciumado pelo fato de André sair de casa para jogar. A partir daí, André começou a inventar desculpas para suas saídas a fim de não zangar o marido, que quando descobria o verdadeiro motivo das andanças, provocava brigas torrenciais. André acabou abandonando o jogo e acumulando amargura. “*Putz, eu abri mão de tudo, e agora que eu quero conquistar um pouquinho disso, eu não consigo mais resgatar. Isso foi me causando um desespero*”.

Em sequência, André foi transferido pela empresa para atuar em São Bernardo do Campo. A sugestão de Ulisses, considerando a distância a ser vivida entre os dois, foi que comprassem uma moto, a ser usada em situações de emergência e/ou para que pudesse vê-lo quando necessário. André percebeu a ideia como mais uma forma que o marido arranjava de lhe controlar. Novamente, a sensação de clausura o perseguia. Como previsto, Ulisses aparecia de surpresa, dizia-lhe que era um gesto de carinho. “*Às vezes eu estava dormindo. Eram três, quatro horas da manhã e ele chegava. Falava que estava com saudade. Mas não era. Não era. Era pra saber se eu estava com alguém no apartamento. Isso aconteceu mais de vinte vezes. Trinta, talvez*”.

O ciúme, acentuado no ex-marido, é algo bastante distante da personalidade de André, que não se considera nem um pouco ciumento. Inclusive, destaca a sua fascinação pela ideia de estar sendo “traído”, prática chamada de “*cuckold*” (que trataremos mais à frente). “*Bem pelo contrário, eu sou o cara que incentiva: ‘Olha mesmo, paquera mesmo!’. Eu não sei porque eu sou assim..., mas eu sinto um tesão com isso acontecendo*”. Por inúmeras vezes, ao ser paquerado por outras pessoas, Ulisses cobrava alguma demonstração de incômodo por parte do marido, o que não ocorria. Assim, lhe acusava de falta de amor. André pontua que

⁴⁴ *Pokémon GO* é um jogo eletrônico lançado em 2016, *free-to-play* de realidade aumentada e voltado para *smartphones*. O jogo é desenvolvido entre a Niantic, Inc., a Nintendo e a The Pokémon Company para as plataformas iOS e Android.

com o namorado anterior não somente se sentia confortável em expor o seu desejo por outras pessoas, como também as pegava, junto e/ou separado de seu companheiro na época.

Neste momento, é preciso interromper um pouco a história dos dois, já que num período anterior ao término entre eles alguns acontecimentos causaram impactos significativos na trajetória do rapaz. Assim, digressaremos um pouco em direção à reaproximação de André com sua família, para depois voltarmos à história de seu casamento.

Nesse meio tempo, André afirma que sua mãe sabia de seu casamento. No entanto, se passaram cerca de seis ou sete anos sem que a família soubesse onde e com quem André residia, ainda que morassem na mesma cidade, a quatro quarteirões de distância entre eles. Num determinado dia, em 2017 ou 2018, seu pai se abriu à esposa e disse estar a par de toda a situação. Sua mãe chamara o marido para dar uma volta no *shopping* e chegando ao local afirmou que queria conversar sobre o filho. Ele, imediatamente, disse saber sobre a homossexualidade de André e de seu relacionamento atual, e que estava tudo bem. Em sua perspectiva, confessou que sabia estar sendo protegido, sendo privado de qualquer sofrimento. Seu pai estava bloqueado de suas redes sociais já havia algum tempo. *“Eu, erroneamente, isolei ele dessa informação”*, lamenta André. *“Eu nunca entendi porque ele quis seguir dessa forma, mas eu respeitei”*, disse o pai à mãe de André. Ele e o filho apenas se encontravam em situações de formalidade e em celebrações familiares. *“E foi uma situação bem bonita porque minha mãe chamou o meu pai para conversar e assim que ela falou que o assunto era eu, ele disse: ‘Bom, eu já sei de tudo, eu só respeitei a vontade dele, eu só respeitei que ele não queria me contar, e eu acho que ele fez essa escolha não baseado numa reação minha, mas porque ele realmente acha que eu iria sofrer como pai pelo fato dele ser o meu primogênito, o primeiro homem da família’”*. Após a conversa entre eles, seu pai lhe ligou e lhe tranquilizou. *“Cara, tá tudo bem. Eu sei que você é, eu acho que eu sei disso desde que você era criança. A gente percebe, mas eu não queria interferir negativamente ou positivamente, até porque eu não sabia lidar com isso. Então eu errei, porque eu deixei que você aprendesse com o mundo em vez de eu ter sido um pai presente nessa questão. Eu quero te ver, eu quero conhecer o teu namorado, ir na sua casa. Eu acho que agora dá pra gente trabalhar esse assunto melhor. E eu também tenho que aprender com você”*, disse-lhe em ligação.

Após esse momento, André disse que seus pais *“tiraram de letra”* como lidar com a questão, diferentemente dele próprio, que havia se isolado do restante da família. Assim, reflete que a situação acabou lhe gerando bons frutos por o aproximar de outros parentes, por intermédio de sua mãe que planejou um almoço de aproximação e o intimou a comparecer junto do marido. Para o almoço, um tio que havia tido problemas com André há alguns anos

fora convidado, porém, recebeu uma advertência da irmã, mãe de André. Caso houvesse algum incômodo por conta da homossexualidade do sobrinho, que não aparecesse. *“O meu filho é muito bem vindo na minha casa e eu não quero que você cogite falar alguma coisa pra ele. Caso contrário, você não é bem vindo. O almoço é na minha casa e eu não estou querendo confusão”*. O evento, entretanto, acabou lhe surpreendendo de uma forma inesperada. *“E aí bem pelo contrário. Putz, foi a cena mais linda. Eu cheguei bastante apreensivo com ele, com os meus avós nem tanto porque eles são bem velhinhos, mas eles me trataram como um querido. Até o meu próprio tio, extremamente homofóbico, tinha acabado de separar da mulher, uma que era praticamente uma prostituta - não desmerecendo ela -, mas começando uma relação totalmente diferente daquela que a gente imaginou pra ele, que veio também da aeronáutica. Era bem esperada uma reação contrária por parte dele. Foi um almoço mega incrível. Ficamos até umas dez da noite conversando sobre inúmeras coisas e o meu tio também querendo saber de muitas coisas”*.

André desconfiava que seu primo, filho deste seu tio, também fosse gay. Assim, considerou a ocasião um bom momento para preparar o tio sobre o assunto, caso a revelação viesse a ocorrer - o que realmente aconteceu em 2020. André comenta que a saída do armário de seu primo fez com que ele se sentisse mais *“leve”*, dividindo o *“peso”* com o rapaz. *“E eu acho que esse foi um momento bem crucial para a minha família porque me abriu muitas portas. A partir dessa relação [de André e Ulisses], nós começamos a recebê-los em casa. Então criou-se uma relação muito próxima com os meus pais”*.

A aproximação, no entanto, também surtiu um efeito inesperado. *“E eu também acho que isso fez com que eu pensasse muito bem sobre o término e por muitas vezes eu pensava ‘Putz, eu vou terminar, mas eu já era padrinho de um sobrinho dele, eu já era totalmente interligado com a família dele, eu acompanhei o falecimento da minha sogra, ele já estava muito próximo da minha família, minha mãe já frequentava a minha casa com bastante frequência’. E aí eu fiquei muito preso nessa condição, e com medo”*, acrescenta. Mesmo após os anos de vulnerabilidade passados por André, o término só aconteceu por conta de um gatilho específico. *“Porém, no ano passado, eu já estava bem cansado, e eu não vou dizer para você que esse foi o motivo do término, tá!? Mas foi o gatilho que eu precisava, foi a válvula de escape. Eu peguei uma traição dentro da minha casa”*. Nesse momento, André abre um parênteses: *“Nunca fui extremamente fiel, não nego isso, eu acho que isso tem que ficar bem claro. Sempre fui um cara extremamente ligado a atração física, a atração momentânea, eu sempre soube separar muito bem o sexo do amor”*. Dessa maneira, também admite ter praticado traições ainda na sua segunda relação, no início da graduação. Conta que

a faculdade fora um período de grande efervescência sexual, onde todos se pegavam. André sempre se sentiu confortável com essa dinâmica, até o momento em que conheceu Ulisses e resolveu que deveria investir em uma relação séria, se tornar, em suas palavras, “*um homem melhor*”. A partir daí, viu-se perdendo parte de si mesmo.

Voltando ao flagrante de adultério, esclarece que a cena foi utilizada enquanto um subterfúgio para o término da história vivida com Ulisses. “*Eu queria sair daquela relação e aquilo foi pra mim uma baita de uma oportunidade. No momento do flagrante, eu tive a abertura de um questionário na minha mente. Opção a: fingir demência e seguir a vida. Opção b: cair fora e começar uma vida nova. Foi uma situação bem difícil porque isso aconteceu no finalzinho de abril, mas em março eu tinha tomado a decisão de terminar, mas não tinha motivo. Só que aí em abril foi o flagrante e em plena pandemia. Naquele momento em que não tinha nada aberto e que em São Paulo tava em lockdown. Não tinha hotel aberto, não tinha motel aberto, não tinha nada*”. Após ter presenciado a traição, soube pelo mesmo que as práticas de infidelidade eram constantes, acompanhadas também de outras mentiras.

Ao contar sobre o término à família, seu pai removeu Ulisses do grupo familiar no qual fazia parte e demonstrou apoio ao filho no que fosse preciso.

Ainda sobre o pai, pergunto a André se o mesmo nunca havia pensado em se resolver anteriormente com ele, seja para lhe contar a respeito de sua sexualidade ou para uma aproximação de forma geral. Ele me responde o seguinte: “*Cara, eu acho meio que eu bloqueei meu pai, sabe!? Assim, pensando agora, um pensamento que me veio agora... Na época que eu estava na faculdade, os meus pais não estavam numa condição financeira muito boa e eu trabalhava de operador de caixa no Extra⁴⁵. E aí eu tava bem aflito porque eu tava passando bastante dificuldade. Eu via os meus amigos da faculdade saindo pra beber e encher a cara no boteco e eu sem dinheiro pra uma coxinha. Ou era a xerox do livro ou uma coxinha. E eu meio que não quis mostrar pra eles que eu estava passando por isso. Eu acho que foi o momento onde eu bloqueei, porque para os meus pais eu estava trabalhando, fazendo faculdade, morando numa república. Eles não souberam na época que eu fui morar com o meu namorado e eu acho que as coisas foram acontecendo. Eu bloqueei e eu sempre falava que eu estava bem. Eles falavam que queriam me ver e eu falava que preferia ir. Isso foi durando anos até o momento em que minha mãe falou: ‘Cara, a gente precisa resolver isso, estar mais presente na sua vida, ver com quem você está, se você tá bem’”. Nesse meio tempo, sua mãe agira como um “*pombo correio*” entre eles, levando notícias um do outro,*

⁴⁵ Uma grande rede de supermercados presente em SP, mas também em outros Estados brasileiros.

sem mencionar o casamento do filho, até o momento em que os dois se reaproximaram. O bloqueio do pai em suas redes sociais teve como motivo o próprio relacionamento de André, que era exposto em suas contas, mas interdito ao pai. *“Meu pai não pode saber disso, eu não quero ser uma decepção para o meu pai”*, pensou o rapaz no momento em que migrou do *Orkut* para o *Facebook*. No primeiro, apenas os amigos adicionados conseguiam acessar as postagens, diferentemente do segundo, onde a vida se tornava mais pública. Pais, avós, tios e primos foram bloqueados. *“Eu não entendo o porquê. O que eu considero para mim mesmo é que eu sempre quis evitar ser a decepção, porque eu sempre fui muito trabalhador, sempre fui uma criança muito quieta. Eu sabia que aquilo seria muito complicado pros meus pais. Minha mãe nem tanto, mas pra família do meu pai seria um desastre. Eu não sei muito bem, mas essa é a minha hipótese”*.

Diferentemente do imaginado, André saíra do almoço organizado pela mãe sem acreditar no acolhimento recebido por parte da família de seu pai. Eram seus avós chamando seu marido de “neto” e contando suas histórias sobre Portugal, de onde descendem. Seus tios perguntando sobre a sua vida, trocando figurinhas sobre perfumes, e assumindo paixões extraconjugais que terminariam em namoro. Saíra incrédulo, mas também sentindo que todos naquele encontro aproveitaram o momento para sair de suas bolhas.

Desde o começo de sua relação com Mateus, expôs o que havia vivido nos últimos anos e confessou que desejaria viver um novo tipo de relacionamento, não monogâmico por excelência, e no qual não se sentisse limitado como os demais. O fato de estar se envolvendo com alguém bissexual também foi visto como importante para a desconstrução de alguns pensamentos acerca de tal orientação sexual. Mateus fora a primeira pessoa bissexual com quem André já se envolvera. *“Eu entendi muito essa questão dele também com relação ao fato dele ser bi. Eu não tinha me relacionado com alguém bissexual até o momento, então eu não compreendia também essa realidade e me permiti conhecer uma pessoa bi. O quanto a gente gay também julga uma pessoa bi, né!? A bifobia... ‘Ahh, você tá confuso! Na verdade você não é bi, você é gay, e ainda um gay enrustido, preso na imagem heteronormativa e fala que pega mulher pra parecer menos pior’. Era esse o meu julgamento e a minha forma de interpretação. E aí, erroneamente, minha interpretação foi desfeita e eu conheci de fato esse mundo”*.

Antes de conhecer Mateus, André teve um pequeno envolvimento com Carlos, a quem só faz elogios e diz ser o marido perfeito, aquele tipo ideal almejado socialmente: financeiramente estável, esteticamente desejável, detentor do carro do ano. Porém, qualquer plano de vida ao seu lado iria por água abaixo em razão da postura sexual adotada pelo rapaz:

inflexivelmente ativo, algo que iria além dos limites de André, considerando sua aversão a sexo com penetração de forma geral. Assim que expôs a situação para Carlos e decidiu deixar de modo destacado sua preferência sexual no perfil que mantinha em sua conta no *Grindr*, Mateus foi a primeira pessoa a lhe dar um “*tap*” - recurso do *app*, onde, por meio de um sinal visual, chama-se a atenção da pessoa desejada.

MATEUS E ANDRÉ

Mateus e André se conheceram em plena pandemia através do aplicativo do *Grindr*, nossa já conhecida ferramenta de encontros afetivo-sexuais. Começaram a conversar pouco tempo após a separação de André e do término vivenciado por Mateus. "*Baixei o aplicativo e conheci vários caras, só pela internet, óbvio, né... nunca rolava, nunca ia porque eu sou cagão pra tudo. Eu fico com medo, com receio, ansioso... eu não deveria ser assim, eu não sei porque eu sou assim. Eu conheci ele em abril de 2020, mas a gente só foi se conhecer [pessoalmente] mesmo em setembro, quando a gente marcou de sair. Ele morava perto do meu serviço na época, quando eu trabalhava numa esfirreria na praia. Foi num domingo, eu lembro até hoje, falei que eu poderia passar lá, mas que seria jogo rápido porque eu pegava serviço às 16hrs. Eram 13:30 da tarde mais ou menos e ele falou que por ele, estava tudo bem*", relembra Mateus. André conta que desde o primeiro contato, chamou Mateus para ir em seu encontro, o que foi negado sucessivas vezes. O rapaz dizia estar preocupado com a pandemia. Como biólogo, André tentou lhe convencer argumentando que o período da crise sanitária global não passaria tão cedo. Já no primeiro encontro, André se afeiçoou ao rapaz, que chegou de bicicleta, simples e tímido. "*Eu tive que pegar aquela criança ali e me perguntei 'Meu deus, o que que eu faço, né!?'*", brinca. Foi o "*match*" perfeito, tanto no quesito sexual, quanto na própria distância física entre os dois, considerando a proximidade do trabalho de Mateus da casa de André.

Desde o começo da relação Mateus frequentava sua residência, André já morava sozinho em Praia Grande. Mateus havia se mudado para lá logo após a separação por sugestão do padrasto, que convencera sua mãe a disponibilizar sua casa na cidade para o rapaz, dado o momento enfrentado pelo jovem, bem como a desocupação do imóvel. Mateus permaneceu no apartamento entre dezembro de 2019 e julho de 2021, até se mudar para Porto Alegre. Durante este tempo, conseguiu um emprego numa serraria local. As visitas constantes logo acabaram se transformando em rotina. Em dezembro, ambos já confidenciavam o amor que sentiam um pelo outro, embora no começo Mateus tenha se sentido preocupado com o *status* da relação, já que vinha de uma relação anterior e era pai de um filho pequeno. André, há algum tempo, queria lhe assumir como namorado, Mateus, por vez, tentava não colocar uma nomeação no caso vivido por eles. Mateus passava longos períodos na casa do companheiro, algo que deixava André um tanto confuso.

Apesar de André ter pontuado o desejo de permanecer morando sozinho no momento em que se conheceram, tendo em vista o longo casamento pelo qual acabara de passar, a vida

acabou lhe guiando a outros rumos. Com a transferência de André para Porto Alegre, os dois tiveram uma conversa. "*Não é certo você ir morar com a sua mãe e eu não quero ficar sozinho em Porto Alegre. A gente tá se gostando, tá se amando, você topa ir comigo?*", perguntou André. "*Apesar da minha vida estar em São Paulo, eu topo!*", Mateus logo respondeu. "*Então vamos! Só que a gente vai ter que assumir que mora junto e que temos uma relação. Não tem como você ir para o RS e falar que está indo morar com um amigo*", André o disse. Dada a intimação, Mateus se assumiu pouco antes do avião decolar rumo à nova cidade. Como mencionado, apenas sua mãe se posicionou negativamente ante ao comunicado do filho. André conta que, além da resposta extremamente negativa na publicação, também recebeu uma mensagem da mãe de Mateus. No texto, afirmava que o filho era alguém muito irresponsável e que iria estragar a vida daquele que estivesse ao seu lado. André ressalta que em nenhum momento a mãe de Mateus tocou no assunto de sua bissexualidade, mas apenas em questões de cunho financeiro. Hoje em dia, André afirma ter se resolvido com a sogra. No final de 2021, um mês após minha conversa com Mateus, sua mãe pediu, em meio às comemorações de fim de ano, que André os colocasse na linha. Nesse momento, lhe pediu desculpas por seu comportamento e afirmou que o rapaz nunca fora um incômodo para ela. Após isso, afirmou que gostaria de visitá-los algum dia. Já em relação ao filho de Mateus, André diz não ter nenhum contato, uma vez que a ex-companheira do namorado é extremamente ciumenta, já tendo inclusive lhe ofendido ao saber que Mateus estava ao seu lado - foi a primeira a saber pelo próprio pai de seu filho.

Passado algum tempo, entre o momento em que ambos firmaram compromisso e a transferência de André para a região sul, Mateus, que já tinha lhe contado acerca de sua bissexualidade, o sondou sobre o quão confortável o parceiro ficaria diante da possibilidade de se envolver simultaneamente com outra mulher, dado seu desejo de continuar se relacionando com pessoas do gênero oposto. A partir deste momento, um projeto de poliafetividade começou a ser traçado. No entanto, só veio a ser praticado após a mudança, dado o trabalho de planejamento enfrentado pelo casal.

Mateus define o diálogo como aquilo de mais importante para um relacionamento, sucedido de confiança e parceria. Um plano de vida comum não é visto como necessariamente algo que seja indispensável para a consolidação de uma nova relação, embora ambos precisem estar alinhados em suas expectativas. Já em relação ao sexo, afirma que daria nota seis em termos de importância. Mateus pondera sobre o fato de André ser alguém mais focado financeiramente, enquanto ele se compreende como alguém mais "*relaxado*" nesse sentido, apesar de sonhar em ingressar numa faculdade e se especializar em algo que goste -

gastronomia e biologia são algumas opções que lhe vêm à mente. Mateus ainda acrescenta que o único motivo pelo qual entram em conflito atualmente se deve ao seu desemprego, o que acaba gerando uma pressão sobre André. Mateus tem se demonstrado preocupado, principalmente por conta da pensão do filho. A abertura de Mateus à prática poliamorista é vista pelo próprio como algo que tem lhe ajudado a enfrentar a sua ignorância em termos de afetividade.

2.2.1. A experiência

Nesta primeira parte do trabalho, as histórias de vida apresentadas cumprem, pelo menos, uma dupla função. De um lado, apresentam um pouco dos sujeitos que vêm elaborando, junto de seus parceiros, projetos conjugais direcionados a uma vivência poliamorosa. De outro, nos ajudarão a compreender mais à frente como esses projetos se enquadram em suas trajetórias pessoais e conjugais, possibilitando uma maior inteligibilidade relativa a tais tramas narrativas, compostas pela diluição da experiência nos tempos passado, presente e futuro. Antes de prosseguirmos, contudo, percebo como necessário o acréscimo de mais um conceito dentro da caixa de ferramentas conceituais que busquei encadear. Se até agora as noções de “alternação”, “biografia”, “história de vida” e “identidade narrativa” foram apontadas como ferramentas úteis para a leitura das narrativas que foram e nos serão apresentadas, também podemos pensar na “experiência” como uma outra dimensão que não só atravessa esses relatos, mas os circunscreve dentro de contextos socioculturais mais amplos e particulares.

Como dito na introdução desta dissertação, meu papel enquanto pesquisador será o de indicar caminhos para a compreensão dos relatos trabalhados, sugerindo um conjunto de ferramentas conceituais, bem como de textualidades que não se encerrarão neste capítulo. No entanto, considerando a reflexividade como o elemento motor da proposta do conceito de identidade narrativa de Paul Ricoeur, e que no qual o utilizo também como guia metodológico, pouco será inferido às narrativas tecidas por esses sujeitos, uma vez que os próprios, por meio de seus relatos pessoais/conjugais, serão os responsáveis pela examinação dos temas e das questões sugeridas, todos eles implícita ou explicitamente pensados a partir das noções trazidas até então. A experiência, nesse sentido, se mostra relevante à medida que nos convida e possibilita a pensar na “exterioridade constitutiva” (RIBEIRO; MARTINS; ANTUNES, 2017) nas quais tais narrativas puderam ser compostas, revelando-se como mais uma de suas condições de existência.

A perspectiva de “experiência” adotada neste momento baseia-se na proposta trazida por Joan Scott (1999) em seu texto denominado “*A invisibilidade da experiência*”, publicado originalmente na década de 90. Nele, a autora discute como, historicamente, a noção era amplamente utilizada até o momento da escrita de seu texto enquanto um equivalente à ideia de vivência, ou seja, a de testemunho pessoal, cujo valor de veracidade estaria contido em si mesmo por meio da localização do sujeito no acontecimento em questão. A historiadora propõe uma inversão dessa equação. Em sua perspectiva, ao tratarmos a experiência enquanto

um correspondente àquilo que o sujeito atesta em relação a um acontecimento ou a um determinado fenômeno histórico, ou seja, enquanto evidência, perdemos de vista a processualidade de sua relação com a temporalidade, o lugar e os tantos outros possíveis agenciamentos que tal indivíduo lança mão ao narrar ou refletir sobre o então fato histórico e/ou biográfico. Segundo propõe, devemos nos afastar desse rastro histórico-conceitual atrelado a essa noção, que ao tratá-la enquanto ponto de chegada, e não de partida, reitera a naturalização das diferenças suscitadas pelos nossos “Outros” interlocutores, sem colocar em questão seus processos de constituição. Para Scott, portanto:

Tornar visível a experiência de um grupo diferente expõe a existência de mecanismos repressores, mas não seu funcionamento interno ou sua lógica; sabemos que a diferença existe, mas não a entendemos como constituída relacionalmente. Para tanto, precisamos dar conta dos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências. Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência. A experiência, de acordo com essa definição, torna-se, não a origem de nossa explicação, não a evidência autorizada (porque vista ou sentida) que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento. Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que ela produz. (ibidem, p. 304)

Se a noção de experiência tem reificado a essencialização de categorias e identidades, desarticulando-as de suas historicidades e como produtos de um determinado momento histórico e social, em vez de ser usada, ela mesma, como uma narrativa histórica (ibidem), para nós, a proposta trazida por Scott se mostra relevante ao passo que nos permite compreender a tessitura narrativa das identidades dos sujeitos, bem como de seus projetos conjugais. Isto porque, ao considerar a experiência não como um fato autoevidente, mas como aquilo que permite aos sujeitos narrar-se enquanto tais, podemos compreender a processualidade dos agenciamentos articulados por eles rumo à reflexão de suas posições enquanto sujeitos sociais historicamente localizados. Assim, partiremos da experiência não com o intuito de apresentar sujeitos e identidades universais - pensando que essas histórias podem cair, facilmente, na ideia de um “sujeito não monogâmico” -, mas sim de compreender como, a partir de sua localização na malha social, suas narrativas puderam emergir enquanto tais. Logo, a pretensão de encontrar um caminho comum a todos eles está fora de cogitação, bem como a de tentar localizar a construção de um “sujeito não monogâmico” ou “poliamorista” homogêneo e essencializado. As histórias de vida anteriormente compartilhadas nos mostram os diferentes cenários nas quais as artesarias de suas narrativas apresentam tonalidades particulares, apesar de algumas correspondências (as cartas que o digam). Aponto a utilidade desta noção neste momento devido à proposta anteriormente

citada, a de deixar que os próprios sujeitos reflitam sobre si mesmos por meio do ato de composição narrativa, cabendo a mim incentivá-los a pensar nas relações de seus possíveis agenciamentos, e por isso, fazendo o mínimo de intervenções pessoais possíveis sob suas histórias, bem como de articulações teóricas às questões trazidas por eles.

A noção de experiência nos será útil à medida que visibilizará processos particulares de construção das diferenças, estas, constituídas relacionalmente e no interior de processos históricos. Ao trazermos essa noção à nossa reflexão podemos compreender, por exemplo, como as histórias de vida anteriormente apresentadas circunscrevem-se em uma determinada estrutura social, nos quais os afetos são pensados e vividos por meio de um conjunto de valores, códigos e costumes morais instituídos pelo regime monogâmico, à qual nossa sociedade é regida. Podemos compreender também de que modo as narrativas individuais e/ou conjugais, tais como os projetos poliafetivos, emergem em meio a um cenário específico de debates relativos a não monogamia no país hoje, considerando muitos dos processos sociais que vivemos neste momento, tal como a emergência das plataformas sociais e seus processos de plataformização, e da guinada ultraconservadora que hoje nos ameaça. Assim, a “experiência é, nessa abordagem, não a origem de nossa explicação, mas aquilo que queremos explicar” (ibidem, p. 325). E para essa explicação, deixemos aos próprios sujeitos que considerem seus modos de agenciamento e negociação face às estruturas postas pela pedagogia monogâmica, por meio das quais toda a nossa vida social é composta e passível de múltiplos sentidos.

3. PROJETOS POLIAMOROSOS

No capítulo anterior, comecei a discutir aquilo que, convencionalmente, chamamos de “histórias de vida”. Enfatizei, sobretudo, seu caráter criativo e seu lugar nas pesquisas científicas, em especial, àquelas desenvolvidas nas ciências humanas. Nesta seção, nos debruçaremos sobre outras questões acerca do conceito de “identidade narrativa”, este, mobilizado de forma a articular discussões relativas às “histórias de vida” ante aos objetivos desta pesquisa: compreender a tessitura dos projetos poliamorosos no interior de uma trama narrativa que também nos situe sobre a performatização alegórica do eu elaborada por esses sujeitos. O objetivo, portanto, é expandir o emprego da noção proposta por Paul Ricoeur (1997, 2014). Ao pensarmos a “permeabilidade” temporal contida na ideia do autor, estaremos mais próximos de compreender a posição ocupada por seus projetos conjugais em meio ao processo reflexivo de composição biográfica. Tal como no capítulo anterior, apresentarei, de antemão, algumas noções que nos servirão como guias de leitura, e em seguida, as narrativas dos entrevistados - focando neste momento nas dinâmicas conjugais, cujas textualidades nos permitirão articular diferentes temporalidades, engendradas a partir do uso enredado entre os conceitos de “histórias de vida”, “identidade narrativa” e “projetos social/individual”. A fim de uma melhor “localização” do fenômeno estudado, apresentarei também parte dos espaços onde esses sujeitos foram encontrados, bem como onde colocam em prática projetos poliafetivos.

3.1 Agência, projeto social e identidade narrativa

A “consciência sociológica” evocada por Berger (1986), citada no início do capítulo anterior, e fruto do processo de individualização provocado pela modernidade - ainda que com suas limitações em termos de classe, raça, gênero, etnia, dentre outras - permitiu às camadas populares uma certa mobilidade social, bem como a transformação de seus imaginários. A partir deste cenário, novas possibilidades de existência foram apresentadas, ou, dito de outra forma, novos tipos de “agência” puderam ser manifestados. Nas palavras de Arjun Appadurai (2004, p. 15), é por meio dos imaginários que elaboramos “projetos sociais em curso”, ou seja, construímos para nós mesmos caminhos de possibilidade e de habitação, cuja inscrição do eu no mundo se expressa. Aqui, nos interessa compreender o “projeto”

enquanto um dos efeitos de tal temporalidade. A sequência teórica com os respectivos “desenhos sociais” traçados no capítulo anterior se revela explícita e nem um pouco casual.

Os movimentos sociais das décadas de 60 e 70, também centrados em torno de uma “reforma” do regime de gênero e sexualidade, tiveram como efeito a efervescência de teorias que se puseram a pensar aquilo que denominamos por “agência”. Segundo Ortner (2006), o interesse pela agência decorrente deste período tinha como mote o estudo da dinâmica de processos sociais mais amplos, pensando, sobretudo, em seus encadeamentos à ideia de “poder”. De um lado, ela se apresenta como “empoderamento”, a capacidade de ação e resistência de grupos socialmente vulneráveis em resposta à repressão das instituições sociais de controle. De outro, diz respeito às formas de intenção e desejo, cujo princípio básico se atrela àquilo que Gilberto Velho (1981) nomeia por “projeto social”, ou de forma mais ampla, “projetos de vida”, algo que em breve entraremos. O elo entre as discussões sobre agência, projeto social e histórias de vida, todos oriundos dos processos de expressão popular vindos deste cenário, se mostra pertinente às considerações teóricas que fundamentam esta pesquisa. Isto porque todas elas possibilitaram a existência do fenômeno ao qual me debruço, tal qual seu modo de expressão.

A capacidade de agência, descrita como a “capacidade de desejar, formar intenções e agir criativamente” (ORTNER, 2006, p. 54) só é possível, segundo Ortner, a partir da consideração de três aspectos: intencionalidade, localização cultural e relação com as dinâmicas de poder. Em relação ao primeiro, Ortner considera o rastro teórico deixado pelo conceito, e evidencia a presença mais ou menos rígida da intenção como fator decisivo para a sua validação. Já o segundo se refere aos esquemas culturais que possibilitam a condição de existência de uma dada capacidade agentiva, variáveis culturalmente. Metáforas com a linguagem foram, por vezes, forjadas como um modo de explicação do conceito: “Assim como todos os humanos têm capacidade de linguagem, mas precisam aprender a falar um idioma em particular, todos os humanos têm também capacidade de agência, mas as formas específicas que esta assume variam nos diferentes tempos e lugares” (ibidem, p. 55). O último recupera o poder como elemento indissociável à agência, circunscrita a partir de suas possibilidades dentro dos jogos de poder, uma vez que “agência acarreta a capacidade de coordenar as próprias ações com outros e contra outros, de formar projetos coletivos, de persuadir, de coagir...” (ibidem, p. 54).

Embora esta seção seja reservada à apresentação da noção de “projeto de vida”, compreender algumas das questões relativas à definição de agência se mostra pertinente dado que nenhum projeto se elabora sem a presença de uma ação coordenada a um determinado

fim, e por isso, isento de agência, ainda que possamos discutir o peso de sua intencionalidade. Se as últimas décadas do século passado se apresentaram como um momento importante para o pensamento acerca da ação e da mobilidade social, o “projeto de vida” não só revela parte das novas dinâmicas culturais, como também visibiliza os frutos do projeto moderno, centrado no hiperindividualismo e nas hierarquizações geolocalizadas dos sistemas de exploração e subalternidade. A noção de “projeto de vida” é usada por meio de operações que visam a articulação entre micropolítica e dinâmicas sociais mais amplas. Assim, tem como objetivo compreender de que modo pessoas e/ou grupos sociais distintos se mobilizam em torno de seus repertórios culturais, criando condições de inscricuras do eu, e por conseguinte, de projetos sociais singulares, ainda que potencialmente compartilhados entre grupos.

De acordo com Velho (1981), projetos sociais são encontrados em sociedades complexas, isto é, aquelas cuja divisão social do trabalho e distribuição de riqueza “delineiam categorias sociais distinguíveis com continuidade histórica, sejam classes sociais, estratos, castas” (p. 16). Ainda que a distinção entre sociedades complexas e não complexas esteja ultrapassada, a vinculação de tais contextos à ideia de mobilidade social se mantém de maneira mais ou menos estável, dadas as possibilidades de deslocamento rumo a novas posições de sujeito, embora as limitações já citadas estejam longe de desaparecer. No entanto, para o autor, a complexidade se dá, sobretudo, em relação à heterogeneidade cultural encontrada nesses contextos, diferentemente de outros cuja tradição é vista como mais homogênea e enraizada, oferecendo menores chances de movimentação social aos sujeitos. A sociedade “complexa moderno-contemporânea”, porém, é pensada via industrialização, onde se há uma acentuada divisão social do trabalho, um aumento exacerbado da produção e do consumo, uma articulação ao mercado mundial e um processo acelerado e violento de crescimento urbano (ibidem, p. 17).

Mas projetos sociais são, antes de tudo, “uma tentativa consciente de dar um sentido ou uma coerência” (ibidem, p. 31) à experiência de “fragmentação” sentida nas sociedades complexas, isto é, de produzir um sentido a si mesmo face a uma realidade heterogênea e promotora de sujeitos cada vez mais individualizados (ainda que também existam outros processos de desindividualização, como àquelas em comunidades do tipo familiar e religiosa, dentre outras). Assim, podemos pensar que:

O que a noção de projeto procura é dar conta da margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade. Por outro lado, procura ver a escolha individual não mais apenas como uma categoria residual da explicação sociológica mas sim como elemento decisivo para a compreensão de processos globais de transformação da sociedade. Visa também

focalizar os aspectos dinâmicos da cultura, preocupando-se com a produção cultural enquanto expressão de atualização de códigos em permanente mudança. Ou seja, os símbolos e os códigos não são apenas usados: são também transformados e reinventados, com novas combinações e significados. Entendo o projeto como Schutz o definiu - conduta organizada para atingir fins específicos (Schutz, 1971). O sujeito da ação pode ser um indivíduo, um grupo ou uma categoria social. Chama-se atenção para a importância da dimensão consciente da ação em que o sujeito se organiza para a realização de objetivos definidos. (VELHO, 1981, p. 107)

O projeto é, de tal modo, um dos marcos concebidos por Velho na própria produção da identidade, e por isso, pensar sobre ele é também considerar a permeabilidade do tempo no interior da estrutura da própria identidade narrativa. Quando Ricoeur (1997, 2014) propõe o conceito, ele o faz a partir de dois elementos fundamentalmente constitutivos: a identidade-*idem* e a identidade-*ipse*. Se a noção de identidade narrativa é construída de forma a superar a aporia do sujeito por meio da narrativa vinculada à temporalidade, o “papel” de cada um desses elementos é evidenciar dois processos paralelos (embora não separados) na formação da identidade pessoal. Enquanto a primeira diz respeito àquilo que é singular e teoricamente estável - como o corpo, nome, vinculação familiar e outras marcas pessoais -, a identidade-*ipse* se realiza através da própria narrativa, tendo como função a (re)apresentação de um eu, este, que se utiliza da “promessa” como sua marca ética - responsável pela manutenção do “eu” no tempo” -, como um eu que se (re)apresenta ante um tempo contínuo e modificador; ao passo em que a -*idem* se associa, por vez, ao “caráter”, àquilo que lhe é atribuído enquanto uma marca pessoal. Embora pareçam dissociadas, ambas as instâncias só devem ser pensadas em relação, num movimento dialético de construção permanente. E aqui encontramos o ponto de articulação entre a noção de Paul Ricoeur às discussões acerca dos projetos de vida, uma vez que, é também pela via do projeto, que a promessa contida na identidade-*ipse* pode se manifestar narrativamente. Compreendê-lo, por vez, é dar conta de uma expectativa pessoal ancorada na própria promessa, engrenagem central da identidade narrativa. Por um lado, portanto, os projetos se revelam enquanto textualidades sociais, e de outro, como textualidades do próprio eu, atravessadas por uma série de estruturas sociais que, cada uma à sua maneira, nos informam sobre os roteiros a que estamos submersos na vida social.

Para prosseguirmos com o debate, levantarei três aspectos constitutivos à ideia de projeto social, também relevantes à formulação teórico-metodológica desta pesquisa. O primeiro deles é o fator cultural, intrínseco à formação dos projetos sociais. De um lado, tais projetos encontram-se “diluídos” em um dado repertório cultural, que os limitam, constroem, sugerem, ou possibilitam as condições de sua realização. De outro, nos informam sobre as próprias mudanças culturais presentes na temporalidade em que se

encontram, cujas aspirações pessoais se apresentam como “índices” ou sintomas dessas transformações. O segundo se refere à “trajetória”, aquilo que por meio de uma cadeia de ações e/ou acontecimentos, possibilita o exercício prático desses projetos, tal como sua elaboração. Pensando a partir da ideia de identidade narrativa, a trajetória, manifestada narrativamente, seria equivalente à composição da intriga, onde a ação assumiria um papel primordial à constituição da identidade do sujeito, não sendo um personagem passível aos acontecimentos que lhe ocorrem, mas ele próprio o agente de sua própria tessitura. Por isso, projetos são sempre dinâmicos, estão sempre em tensionamento pelo próprio movimento do tempo, à reflexividade inerente ao seu processo de feitura e à racionalização cotidiana no qual se baseiam. Por fim, um projeto é sempre uma prática de alteridade. Podem estar vinculados a expectativas familiares - cujo projeto de vida se apresenta enquanto uma meta transposta geracionalmente -, mas, em algum grau, se realizam sob o olhar do outro, que não apenas os encara, mas também tem um papel ativo em sua configuração. Portanto, “quando, como e até onde são legitimados projetos específicos individuais são perguntas fundamentais para possibilitar um diálogo entre cientistas sociais, psicólogos, psicanalistas etc.” (VELHO, 1981, p. 26). Esse ponto será importante mais tarde, quando tratarmos das relações entre os projetos manifestados pelos adeptos do poliamor e os espaços poliamoristas, onde, por algumas razões, projetos poliafetivos são constantemente tensionados

3.2 Homossexualidades e estilísticas da existência

A cultura homossexual propõe, ao mesmo tempo, estruturas que permitem uma gestão da vida afetiva e social fora das pressões de relação estáveis e duráveis. O que é fascinante na observação do meio homossexual é a expansão de estilos de vida muito diversificados em função de desejos sexuais e afetivos cada vez mais específicos. É porque parece dar respostas práticas a um questionamento mais amplo, que o meio homossexual vem sendo atualmente cortejado e solicitado pelos que criam e divulgam as modas culturais: como combinar a satisfação de necessidades sexuais e afetivas sem para isso pagar o preço das pressões muitas vezes inerentes às relações de casal. (POLLAK, 1985, p. 58)

Todo fenômeno de pesquisa carrega consigo diferentes temporalidades e textualidades. Além de estar enredado e situado culturalmente, carregando as marcas da condição de sua existência, tratando-se de um índice de sua temporalidade (ABRIL, 2007), ele também é reatualizado devido aos modos como, localizadamente - seja em pequena ou larga escala -, assume novas posições diante de um mundo que já não é o mesmo. Tal qual de pessoas que o mobilizam de uma forma ou outra, nunca mimeticamente idêntico ao seu formato "original" (se é que podemos pensar nesses termos). Os ecos temporais que acompanham essa pesquisa

vão ficando cada vez mais aparentes e incontornáveis, ainda que, de fato, eu seja o responsável pela tessitura da rede apresentada.

A citação usada acima, extraída de um texto publicado ainda na década de 80 pelo sociólogo Michael Pollak, se mostra como um interessante fragmento para o exercício de reconstrução textual, ou de produção de textualidades referentes ao fenômeno aqui abordado. Ao evocar uma suposta “cultura homossexual”, cuja conjuntura histórica apresenta um novo indicativo de gestão dos afetos, Pollak toca justamente no que aqui estamos chamando de projeto social. Por mais que tenhamos deixado, até o momento, a estrutura monogâmica ao fundo de todo o debate, é preciso reconhecer a sua relevância ao iniciarmos uma discussão sobre projetos poliafetivos empreendidos por sujeitos homossexuais em relações não monogâmicas.

Historicamente, a “cultura homossexual” tem sido atravessada direta e indiretamente pela prática da não monogamia. As ressonâncias dessa relação, embora oscilem a depender da configuração de mundo em que nos encontremos, ainda estão longe de serem pacificadas. Se desde muito antes do “boom da aids” até hoje as relações homossexuais são socialmente vistas como práticas promíscuas por boa parcela da população, ao as considerarem um estilo de vida baseado em múltiplos parceiros e performances sexuais desviantes às da matriz de sexo-gênero heterossexual (BUTLER, 2010), foi com a emergência do vírus que os novos projetos de afetividade empreendidos pelos grupos homossexuais acabaram se tornando ainda mais estigmatizados, patologizados e corporalmente diagnosticados-situados. Projetos de vida homossexuais, calcados em valores dissonantes àqueles propagados pela cultura heterossexual, acabaram se cristalizando sob a forma de “imagens”, à maneira pensada por Abril (2017): não como algo exclusivamente visual, mas como tramas produzidas por emaranhados socioculturais, políticos, científicos, técnicos, entre outros. Gays não só passaram a ser vistos como doentes - ainda que tal processo estigmatizante tenha se iniciado em períodos bastante anteriores -, mas também como um dos inimigos do projeto social hegemônico, cujos os afetos são dirigidos, sobretudo, à manutenção da instituição familiar⁴⁶, nuclearizada, cada vez mais, em torno do casal⁴⁷.

⁴⁶ Ainda que a dissociação entre sexo e reprodução comece a surtir efeito no século passado, principalmente com a chegada dos anticoncepcionais e uma maior inserção das mulheres no mercado de trabalho. Para isso, ver Giddens (1993) e o conceito de “sexualidade plástica”.

⁴⁷ A ideia é trabalhada por autores que pensam a dimensão social dos afetos, apontando como, na modernidade, a família foi se nuclearizando cada vez mais em torno do casal, acabando por produzir a dita “entidade do casal”, relativa ao enfraquecimento da rede familiar extensiva (principalmente nos centros urbanos) e ao esvaziamento dos espaços individuais frente à primazia de um modo de ser conjugalizado. Para entender mais sobre o debate, verificar trabalhos como os de Na Pai (2011), Mogrovejo (2019), Hardy & Easton (2019), bell hooks (2020), Oyèwùmí (2020) e Vasallo (2020, 2022).

Na visão de Foucault, o perigo enunciado pela sociedade heterossexual diria respeito não apenas à prática sexual de populações dissidentes, mas, principalmente, pelo lugar ocupado pelo amor nestes novos projetos de vida: “introduzem o amor onde deveria haver a lei, a regra ou o hábito” (FOUCAULT, 1981). Foucault, tal como Pollak, reflete sobre a produção de novos arranjos afetivos pela população gay que, à sua maneira, acabou produzindo estilisticamente novas éticas da existência. O amor, vinculado a uma série de hierarquias de gênero e de produção de um “real” no interior da estrutura monogâmica, ao ser mobilizado por populações dissidentes, é deslocado de sua posição conferida pela monogamia, filiando-se a outros valores individuais/comunitários, orientados por novas possibilidades de composição do “real”. O que aqui denomino de projeto social/individual se aproxima daquilo que o filósofo sugere enquanto um “modo de vida”:

Esta noção de modo de vida me parece importante. Não seria preciso introduzir uma diversificação outra que não aquela devida às classes sociais, às diferenças de profissão, de níveis culturais, uma diversificação que seria também uma forma de relação e que seria o “modo de vida”? Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética. Acredito que ser gay não seja se identificar aos traços psicológicos e às máscaras visíveis do homossexual, mas buscar definir e desenvolver um modo de vida. (FOUCAULT, 2001, online)

O que significaria pensar, portanto, nas considerações postas pelo autor? Significaria que, desde as lutas em prol de uma maior liberdade sexual e afetiva (dentre outras), coloca-se em questão a mononormatividade no interior da heterossexualidade compulsória. A monogamia passa a ser enxergada enquanto uma estrutura de poder a serviço do patriarcado, cuja função seria “a hierarquização do gênero e dos afetos, o controle da propriedade privada no interior das famílias e a potencialização da produção do capital pelo sistema capitalista” (GONÇALVES, 2022, p. 73). Logo, a mesma se apresenta enquanto um projeto social hegemônico, arraigado culturalmente de modo compulsório, atendendo as instituições sociais e os arranjos do poder heterocentrado. Caberia à população colocada às margens da cultura produzir seus próprios caminhos de vida artesanais (NÚÑEZ, 2020), resultando em projetos éticos e esteticamente novos. Claro que, desde o século XIX, tal estrutura já havia sido qualificada enquanto tal - principalmente pela obra de Engels (2019) -, entretanto, sem sua

mobilização por algum movimento social⁴⁸. Contudo, devido à estigmatização da população homossexual, que carrega até hoje os efeitos da pandemia de aids surgida na década de 80 - e que continua nos matando e servindo como instrumento de repressão por governos fascistas, como o desmonte do programa brasileiro de combate e prevenção ao HIV durante o governo Bolsonaro⁴⁹, cuja figura presidencial também afirmou que pessoas soropositivas seriam uma despesa para todos⁵⁰ -, projetos de vida monodissidentes são, conforme nos mostra Pilão (2017), vistos com muita cautela. De um lado, afirma-se a necessidade na produção de estilísticas da existência que escapem à estrutura normativa empreendida pelo pensamento heterossexual. De outro, não monogâmias ainda são vistas enquanto um empecilho para a conquista de uma imagem “positiva” pela população (supostamente) heterossexual.

3.3 Grupos Poliamorosos

Anos atrás, quando meu relacionamento com André havia completado dois anos, algo de novo aconteceu. Durante uma tarde de estudos no campus da UFMG, conheci Will por meio do *Grindr*. Aquilo que seria apenas um encontro casual acabou se transformando numa história bastante intensa de renovações e descobertas. A chegada de Will trouxe novas tonalidades às dinâmicas vivenciadas ao lado de André, alguém que, com muito carinho, disposição e diálogo, encarou o desafio de viver uma experiência não monogâmica ao meu lado, algo inédito em nossas trajetórias, e também na de Will. Embora tenhamos embarcado nessa juntos, cada um de nós ocupava uma posição distinta no arranjo afetivo que havíamos definido. Eu, romantica e sexualmente relacionado a ambos; André como meu “namorado original” que buscava formas acolhedoras de envolvimento com Will, ao mesmo tempo em que lidava com as transformações dos nossos espaços de intimidade; e Will, que de um lado tentava compreender quais suas expectativas frente a esta experiência, e de outro, como se colocar diante de André, cujo vínculo era bastante singular em relação a todas as suas experiências afetivas anteriores. Embora rica em cumplicidade, respeito e apoio mútuo, a relação entre Will e André era vista pelo primeiro como bastante turva dada a sua indefinição.

⁴⁸ Caso não consideremos várias das reivindicações já propostas pelos movimentos feministas, cujo tensionamento à estrutura monogâmica já tomava alguns contornos, ainda que não postos nesses termos.

⁴⁹ “Governo desmonta programa brasileiro referência internacional no combate ao HIV/AIDS”. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/governo-desmonta-programa-brasileiro-referencia-internacional-no-combate-ao-hiv-aids1>. Acesso em: 20 mar. 2022.

⁵⁰ “Pessoa com HIV é despesa para todos no Brasil, diz Bolsonaro”. Disponível em: <https://exame.com/brasil/pessoa-com-hiv-e-despesa-para-todos-no-brasil-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

Sem qualquer outra relação que pudesse lhe oferecer algum grau de proximidade ou comparação àquela nutrida entre ele e André, Will se sentia extremamente confuso devido à qualidade incomum do vínculo estabelecido entre eles. Isto porque, aprendemos a nos relacionar prescritivamente e quais as possibilidades de nossos afetos. Desse modo, quaisquer arranjos desvinculados às premissas afetivas “disponibilizadas” socialmente, são motivo para dúvida e inquietação. A monogamia, como estrutura e regime político compulsório, instaura-se socialmente enquanto uma pedagogia, regendo a forma como sentimos e expressamos as nossas emoções, tal como as maneiras com que fazemos uso de nossos corpos.

A monogamia não é uma prática: é um sistema, uma forma de pensamento. É uma superestrutura que determina aquilo que chamamos de “vida privada”, as práticas sexo-afetivas, as relações amorosas. O sistema monogâmico dita como, quando, para quem e de que maneira amar e desejar, assim como quais circunstâncias são motivo para sentir tristeza, em quais deveríamos sentir raiva, o que nos machuca e o que não machuca. O sistema monogâmico é uma engrenagem que distribui privilégios a partir dos vínculos afetivos e um sistema de organização desses vínculos. (VASALLO, 2020, p. 38)

Will não havia aprendido até então a se relacionar com alguém cuja posição se assemelhasse em algum nível àquela ocupada por André. As questões suscitadas por ele envolviam não só uma dúvida referente à nomeação desta relação, como também a todo um conjunto de valores, posturas, expectativas e deveres para com ele. Muitas conversas foram necessárias para que pudéssemos entender o que ali se passava. Para que pudéssemos pensar no tipo de “trabalho emocional” (HOCHSCHILD, 2013) a ser realizado por todos nós. Will, se sentia no dever de não interferir na relação construída entre André e eu. Além de tentar compreender como sua presença poderia ser gerida dentro daquele espaço. Por fim, acabamos descobrindo o termo “*metamor*” para designar o tipo de relação estabelecida entre eles, o que me levou a pensar na proposta de renovação conceitual explícita nos projetos de vida poliamorosos. A conexão vivenciada por nós três, denominada de relação em “v” segundo a geometria poliamorista⁵¹, acabou produzindo alguns dos efeitos que deram base a esta dissertação.

Enquanto alguém que já vivenciou um relacionamento poliamoroso - ainda que de forma não planejada -, a busca de casais não monogâmicos por um novo amor tem, há algum tempo, me chamado atenção. Não só pelo modo como colocam em prática tais projetos de afetividade, como também pela ausência de referências acerca desses processos, tendo em

⁵¹ Para conhecer mais sobre algumas possibilidades da “geometria poliamorista”, verificar em: <https://vidapoliamor.wordpress.com/geometrias-das-relacoes-no-poliamor/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

vista a limitação dos repertórios culturais relativos àquilo que entendemos por “relacionamentos amorosos”, postos em termos hegemonicamente hetero e monocentrados. O interesse pelo tema surgiu justamente no momento em que optei pela não monogamia enquanto uma orientação afetiva e projeto de vida. Em busca de referenciais para algumas das questões levantadas durante o meu relacionamento com André, e posteriormente também ao lado de Will, acabei me inserindo em espaços dedicados a pessoas não monogâmicas, encontrados, sobretudo, em plataformas digitais, como o *Facebook*.

Estando presente nestes ambientes há alguns anos, são notáveis as mudanças em relação ao tipo de conteúdo compartilhado pelos seus membros. Se antes esses espaços se apresentavam como “lugares seguros” (COLLINS, 2019) ao desenvolvimento de um certo tipo de “experiência emancipatória” não monogâmica (SILVÉRIO, 2018, p. 197), ou seja, à descoberta, ao entendimento e/ou à aceitação de um “eu não monogâmico” (ainda que não necessariamente reivindicado em termos de uma “identidade”), minha permanência nesses espaços me possibilitou acompanhar algumas de suas transformações, que agora podem ser vistos enquanto ambientes bastante publicitários, onde casais ocupam quase todo o *feed* com ofertas semelhantes a “planos de relacionamento”. A dissertação de Pilão, por exemplo, evidencia esse processo de transformação, uma vez que, segundo o autor:

Apesar de alguns membros concordarem que o fato de duas pessoas serem poliamoristas aumente a chance de se relacionarem, a comunidade do Orkut não é um espaço que promove relacionamentos, sendo proibidas as mensagens de busca por parceiros. No *Facebook*, mesmo não havendo regras neste sentido, não são encontradas mensagens de “anúncios” e “buscas” de parceiros, apesar de serem comuns relacionamentos amorosos se iniciarem nestas redes sociais. (PILÃO, 2012, p. 46, destaque meu)

Considerando o modo descentralizado de atuação das plataformas, ainda que tenham seu funcionamento cada vez mais intercambiável, parece pertinente pensar como esses espaços deixaram de ser o principal canal de informação sobre o tema, que hoje apresenta uma expressiva representatividade no *Instagram*, *Tik Tok*, *Twitter*, *Youtube*, *Spotify* e *Medium*, por exemplo. Desde então, pensando nas buscas empreendidas por esses casais, e na aparente racionalização⁵² constituinte deste processo, me interessei em compreender como o

⁵² De acordo com Illouz:

A racionalização inclui cinco componentes: o uso calculado dos meios; o uso de meios mais eficazes; a escolha feita em bases racionais (isto é, com base no conhecimento e na educação); a instauração de princípios gerais de valor como um guia da vida pessoal; e, por último, a unificação dos quatro componentes anteriores

poliamor se institui enquanto um objetivo afetivo para os respectivos sujeitos (héteros, gays ou lésbicos) e quais as negociações envolvidas nessa ação.

Ainda que a publicação de conteúdos sexuais explícitos (como *nudes* e *semi-nudes*) seja vetada pelos administradores destes espaços, visando cessar possíveis discursos sexistas e sexualizantes, um grande ponto de tensão entre os seus usuários é a enorme procura de mulheres por casais heterossexuais (cujo arranjo majoritário é de homens heterossexuais e mulheres bissexuais), fenômeno chamado de “unicornização”.

A noção é derivada daquilo que, no meio poliamorista, conhecemos como “unicórnio”, a terceira pessoa “trazida” a uma relação já em curso, geralmente mulheres, tendo em vista que a procura de casais por pessoas desse gênero seja mais conhecida e praticada. O termo foi historicamente cunhado pelos próprios praticantes do modelo poliamoroso de relacionamento. Janet Hardy e Dossie Easton (2019, p. 140) também relatam o termo “pégasus” como seu equivalente masculino, entretanto, nunca o vi sendo utilizado e raramente testemunhamos homens ocupando esse lugar de interesse. Além disso, devido à quase totalitária participação heterossexual nesses espaços, as comunidades voltadas às experiências lésbicas e homossexuais acabam se tornando mais isoladas, e adquirem modos distintos de organização.

O grupo “*Poliamor e diversidade*”, fundado há nove anos (mas só há quatro com esse nome)⁵³, tem o maior número de participantes dentre os grupos voltados à temática no Brasil hoje, cerca de vinte e três mil e quinhentos. A proposta, conforme a descrição presente no *Facebook*, é a de ser um espaço para troca de informações relativas a gênero e sexualidade, e também a modelos de afetos não hegemônicos, principalmente o poliamor: “*Este é um grupo para conversarmos, pensarmos e discutirmos assuntos ligados ao Poliamor, inevitavelmente esbarrando em alguns outros assuntos do amor livre e não monogamia, como compersão, ciúmes, inseguranças, etc*”. Embora o nome demarque um atravessamento explícito de sexualidades não dissidentes, há dois avisos expressos pelos administradores nas regras do grupo que chamam atenção. A primeira é em relação ao tipo de interação permitida, denominada “*Problematização improdutiva*”, referente ao tipo de abordagem permitida enquanto resposta a temas possivelmente “controversos”, assim: “*Qualquer [um] que começar com mimimi do signo que seja, será banido sem aviso*”. O segundo toca em questões político-partidárias, cuja manifestação está desautorizada sob o título de “*Aqui não é local de*

num estilo de vida racional e metódico. Todavia, a racionalização tem um importante significado adicional: ela é o processo de expansão dos sistemas formais de conhecimento, os quais, por sua vez, levam a uma “intelectualização” da vida cotidiana. (2011, p. 49)

⁵³ O nome original não é disponibilizado para consulta pela plataforma.

propaganda de seu candidato”: “Não é permitido postagens sobre políticos ou candidatos. Lembramos que o poliamor é um ato político sim, porém falar sobre o candidato/partido A, B ou C, não irá agregar em nada ao grupo”. Tais regras são compartilhadas por muitos outros grupos do *Facebook* voltados ao público poliamoroso.

Assim como as regras, as próprias postagens reiteram um padrão de uso pelos membros desses grupos: publicização de projetos afetivos - sejam de homens, mulheres, casais héteros, lésbicos ou homossexuais em busca de novos amores -, compartilhamento de notícias a respeito do tema, postagens que visam promover interações entre usuários, exposição do dia a dia e de experiências poliamoristas pelos casais participantes, troca de conteúdos acadêmicos sobre o tema, e por fim, *memes* que têm como foco a estrutura monogâmica ou a problematização das estruturas de poder no interior dos arranjos não monogâmicos. As principais diferenças entre os grupos poliamoristas existentes nesta plataforma se deve basicamente à composição de seus membros e ao tipo de moderação exercida pelos administradores, o que certamente impacta nas dinâmicas desses espaços. No grupo “*Poliamor e diversidade*”, por exemplo, as postagens são bastante equilibradas em termos de frequência e diversidade de conteúdos, diferentemente da grande maioria dos espaços poliamorosos *online*, cujos “anúncios” e publicizações voltados à procura de novos amores são predominantes.

Para aqueles que nunca estiveram nesses ambientes, os anúncios são feitos por meio de um texto de apresentação e de uma foto do casal, podendo ou não vir acompanhada de outras individuais. Neles, costumam-se destacar quem são essas pessoas, o que fazem, gostam e valorizam, o que procuram ao lado de alguém, e quais características mais lhe atraem em possíveis novos amores. Atualmente, há alguns grupos que, por conta de discursos vistos por parte de suas integrantes mulheres como fetichizantes, acabaram moldando a forma com que essas apresentações são feitas, estipulando um modelo que, em caso de descumprimento, estaria sujeito à remoção ou exclusão permanente do membro. Seguem alguns exemplos de *posts* direcionados à procura de novos parceiros⁵⁴ (feitas, geralmente, pelas mulheres - no caso de arranjos heterossexuais -, como uma forma de evitar a falta de consentimento feminino aos *posts*, dado o histórico de publicações realizadas sem a permissão das esposas; alguns grupos, inclusive, determinam que esta seja a regra):

⁵⁴ Dados relativos ao local de residência foram devidamente ocultados.

“Olá, eu sou a ___, mulher trans heterossexual, tenho 26 anos. Meu marido, ___, 23 anos, panssexual. Um casal gamer, apaixonados por animais e cinema. Procuramos um homem bissexual ou pan para desenvolver laços e quem sabe, algo mais. Não buscamos por sexo, sim uma pessoa para acrescentar em nossas vidas, seja em forma de amizade ou relacionamento.”

[publicação acompanhada de três *selfies* pessoais da autora e de uma foto do casal]

“Olá! Tenho 28 sou bi, ele 27 hétero. Estamos juntos a 4 anos e em novembro desse ano faz 5! Há alguns anos queremos uma mulher para viver conosco e compartilhar momentos bons e ruins! Teve um tempo que eu desisti, mas não vou parar até encontrar. Somos muito mente aberta, muito comunicativos, atenciosos, carinhosos, educados, alegres, simpáticos! Gostamos de sair às vezes para cinema, barzinhos, shopping. Apaixonados por tatuagens e um bom rock das antigas... Porém gostamos de quase tudo um pouco referente a músicas.... Ele ama cozinhar e eu também Somos um casal decidido e resolvido em todas as situações! Não estamos em busca apenas de um sexo a 3 ou tão pouco de uma 3a pessoa e sim de um relacionamento, a qual será tratada por igual e não se sentirá uma pessoa que entrou no nosso relacionamento e sim sentirá como se estivéssemos juntos desde muito tempo! Não se importando do que a família ou outras pessoas vão dizer o importante será a nossa felicidade. E se você quer conhecer melhor nós dois mas mora longe, não tem problema, a distância é um mero detalhe! Afinal quando há sentimentos não existe distância.”

[casal heterossexual; publicação acompanhada de duas fotos do casal]

“Somos casados e melhores amigos. E acreditamos que podemos encontrar alguém para uma vida a três. Alguém parceiro, responsável e amigo! Amar a mais de um é possível. Não temos relação aberta. Procuramos um cara versátil.”

[casal homossexual; a publicação acompanha três fotos, duas do casal e uma *selfie* do autor]

“Somos adeptos ao poliamor e estamos a procura de um parceiro para nós . De preferência Versátil ou Ativo. Temos 49a e 68a, ambos versáteis. Poliamor é a relação amorosa entre mais de duas pessoas que respeita os princípios de sinceridade, consentimento, igualdade e responsabilidade. Sinceridade: é o pleno conhecimento da dinâmica da relação e de suas regras por todos os envolvidos. Tem quem prefira chamar de honestidade, franqueza ou transparência, mas a ideia é a mesma: todo mundo que participa de relacionamento tem que saber o que acontece. A sinceridade é uma chave nos relacionamentos. Consentimento: parece muito claro, mas aqui estamos falando de consentimento real, não apenas da boca pra fora. Todo mundo tem que estar confortável, sem existir nenhuma forma de imposição social ou chantagem emocional. Igualdade: se refere ao direito igual de todos determinarem as regras do relacionamento. Ninguém pode dizer que será assim e pronto ou de ignorar uma das pessoas quando tomam decisões. Isto não quer dizer que não pode haver hierarquia, mas só que essa hierarquia tem que ser combinada e aceita por todos. Responsabilidade: se trata principalmente de duas coisas; responsabilidade de saúde e responsabilidade afetiva. A primeira inclui coisas como o «pacto da camisinha»: comunicar a todos se alguém contrair alguma doença, etc. A segunda parte é mais complicada e envolve coisas como aprender a observar o próprio ciúme e respeitar as limitações dos outros em relação ao ciúme que sentem, não deixar uma paixão acontecer se não puder ou quiser vivê-la, lembrar do relacionamento existente quando começa um novo amor, etc. INTERESSADO? CHAME NO PRIVADO OU ADD NO FACEBOOK.”

[casal homossexual; publicação acompanhada de uma foto de casal e duas fotos individuais, uma de cada um deles]

“Ola pessoal td bem ?

Somos casados há 15 anos e estamos em busca de um cara honesto e trabalhador para agregar em nosso relacionamento, que tenha disponibilidade de vir morar conosco. Que realmente queira um relacionamento sólido e juntos os 3 continuar crescendo! Temos 40 e 36 anos. Se interessar a alguém, chama pra gente conversar ...”

[casal homossexual; publicação acompanhada de duas fotos do casal]

Embora nem sempre os “anúncios” sejam tão detalhados como os exemplos acima, todos partem da premissa do amor como o vínculo mais importante e necessário, ainda que a

presença de traços relativos a sexo e sexualidade sejam mais aparentes em postagens realizadas por casais homossexuais.

Outro ponto interessante se refere à própria ideia de “superação” contida nos relatos poliamorosos. Como ressaltado por Pilão (2012, 2017), a dificuldade de se encontrar um parceiro (seja um terceiro ou um segundo que esteja aberto à experiência poliamorosa) ou à experimentação plena de uma vivência poliafetiva é motivo de orgulho a muitos desses sujeitos, que mobilizam o aspecto da adversidade como uma forma de autoavaliação positiva, valorizando o autocomprometimento exercido rumo a uma escolha de vida poliamorosa.

Como vimos no primeiro capítulo, muitos dos movimentos poliamoristas vêm se utilizando de discursos atrelados à ideia do amor e do romance como uma estratégia de legitimação social, tentando um afastamento de qualquer imagem ligada à promiscuidade, propagada culturalmente quando se fala em relacionamentos monodissidentes. Esta posição, claro, não é absoluta dentro destes coletivos, ainda mais quando falamos especificamente do poliamor, constituído por diversas vertentes e modos de engajamento político, não podendo ser engessado dentro de uma única corrente. A descrição do grupo “*Poliamor*”, por exemplo, criado em 2015 e que conta com pouco mais de seis mil membros, traz como apresentação geral o seguinte texto: “*Poliamor é um movimento social que surgiu na década de 80 nos EUA. Acredita-se que é mais feliz, saudável e natural pessoas que se amam e sejam amadas por mais de uma pessoa. Dá-se ênfase a amizade, companheirismo e não incita ao sexo ou relações de promiscuidade. Defendem o amor, fidelidade, união e confiança mútua.*” Já no grupo “*Poliamor & Diversidade*”, com pouco mais de cinco mil e oitocentos membros e em atividade desde 2019, a única regra é “*O amor é a resposta, não importa a pergunta: o amor é a verdade e a verdade vos libertará*”, fazendo uma alusão explícita ao versículo bíblico “*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*” (João 8:32), bastante utilizado por grupos bolsonaristas durante as últimas eleições presidenciais como forma de se “contraporem” ao *status quo*.

Contudo, o fenômeno da “unicornização” é o que mais causa divergências não só entre membros e moderadores, mas principalmente entre os próprios participantes. Sua controvérsia se encontra no teor visto como machista e fetichizante, cujo corpo feminino seria comumente enunciado e desejado de forma objetificada e posto como um exercício de satisfação sexual desses casais (heterossexuais, sobretudo), atendendo, teoricamente, a demandas masculinas. Essa terceira pessoa, geralmente uma mulher, vista como submetida a dinâmicas de dessubjetividade, teria, como afirmam seus críticos, seus desejos apagados em prol de uma realização erótica do “casal original”. Porém, há uma forte defesa dessas buscas pelas próprias

mulheres presentes nestes espaços. Questionadas sobre a fetichização de novas companheiras mulheres por parte dos casais heterossexuais, as próprias mulheres que publicizam esses interesses reafirmam, muitas vezes, que as motivações partem delas e não dos maridos: “*Eu bi, ele hétero, a decisão do poliamor veio de comum acordo, mas foi proposto por mim, então não tem nada de machismo! Eu gosto de mulher, não estou fazendo pra satisfazer homem ☐ !!!*”, explicita uma delas num dos grupos poliamoristas do qual participo. Este argumento é frequentemente apropriado pelos homens frente às críticas recebidas acerca da “unicornização” de seus projetos poliamorosos. Outras duas justificativas bastante mencionadas por elas são: o respeito de seus companheiros à sua bissexualidade: “*(...) preferi ser sincera com meu marido desde o começo e ele respeitar o fato de eu ser bi do que viver na mentira...*”, e o fato de desejarem apenas um amor do gênero masculino: “*Me apaixonei por várias mulheres, mas homem sou apaixonada somente pelo meu amor*”, “*Eu quero um relacionamento com uma MHM [mulher-homem-mulher], eu e meu marido chegamos nesse consenso, mas é porque eu não tenho a mínima vontade de ter outro homem*”, “*Já tenho o homem que eu sempre sonhei, agora procuro uma mulher pra me fazer mais feliz*”, “*Estou na mesma situação, meu marido é tudo que sempre quis, não sinto nem desejo por outro homem, mas eu já fui noiva de uma mulher, e sinto falta, parece que falta um pedaço de mim ainda*”, “*Só estou aberta a MHM pq EU sou bi. E homem, o meu já basta*”, “*Pois é, meu esposo foi a mesma coisa, eu escolhi mulher, homem eu já tenho. O que falta agora é uma mulher para que possamos estar completos*”, “*Lavar cueca de um já é dose. Lavar duas cuecas, amiga... Dá não 😞😞😞 Mulheres são mais parceiras em todos os aspectos. Fetiche rola, claro. Faz parte da sexualidade, mas acredito que seja mais pela parceria em dividir e amenizar problemas cotidianos que só mulheres dão conta*”.

Entretanto, publicações que reafirmam a necessidade de questionar a hegemonia dos formatos buscados são bastante comuns, já que raramente busca-se um novo homem para a composição dos arranjos poliamorosos desejados. Esse tipo de postagem, contudo, não encontra tamanha receptividade, sendo visto com maus olhos por grande parte de seus participantes ao defenderem a escolha individual e consensual dos casais. Por esse mesmo motivo, gays e lésbicas poliamoristas acabam criando grupos separados, visando a discussão de processos específicos em torno de sexualidades dissidentes em intersecção às questões da não monogamia, além de serem espaços mais acolhedores para a publicização de suas buscas.

Considerando tanto essas dinâmicas quanto os valores liberais frequentemente acionados por seus praticantes, outros grupos procuram se distanciar dessas práticas, criando ambientes voltados a aspectos mais teóricos a respeito do tema. Este é o caso de grupos como

o “*Problemas de não mono*”, administrado pelos criadores do projeto “*Não Mono em Foco*”. O grupo, anterior ao projeto iniciado pela plataforma do *Medium*, traz um pouco de sua história no campo destinado à apresentação: “*Esse grupo foi criado em 14 de Abril de 2019 a partir da união de algumas páginas do Facebook que pautavam a não monogamia de diversas formas. Os primeiros seis meses deste espaço foram de construção coletiva intensa: existiam uns 200 membros muito ativos, dispostos a discutir/debater, trazer referências e falar de suas vivências quase que diariamente. As tretas, as divergências e os debates propostos foram construindo, durante esse início, a cara e as regras deste espaço. De lá pra cá, muita gente saiu, muita gente continua, muita gente chegou. O coletivo, como qualquer outro, vai ganhando novas caras, novos formatos, novas discussões. Conhecer a história de um espaço/coletivo é essencial para entendermos o que rola dentro dele agora. Por ter sido construída neste espaço, a NÃO MONOGAMIA POLÍTICA é o eixo norteador e inegociável dele. Tudo bem você entrar aqui sem entender e dominar esse conceito – o grupo está aqui pra isso – contanto que você saiba que é ele quem guia nossa participação aqui dentro, desde o conteúdo dos tópicos até as interações nos comentários. Desta forma, faz-se necessário um aviso: aqui falamos de não monogamia de maneira séria, com pautas estratégicas, políticas e fora do senso-comum. Ou seja, não é um espaço para buscar ménages, trocas de casais, ou para marcar encontros. Esse é um espaço de combate às estruturas: se você não se identifica com ideias antifascistas, anticapitalistas, antirracistas (e assim por diante), provavelmente esse espaço não é pra você. Nada que está aqui é uma imposição individual. Tudo aqui é uma construção coletiva! Honre isso, agregue, colabore e construa com o grupo. Caso você tenha se identificado e queira fazer parte da nossa comunidade, pedimos que responda às perguntas de entrada, leia e concorde com as regras (apenas aceitamos membros que façam isso, ok?). Caso convide novos membros, oriente-os que façam o mesmo. Bem-vinde!”*

Para este projeto, os grupos “*Poliamor e diversidade*” (23,5 mil membros, criado em 2012), “*Ursos & Chasers - relações livres e poliamores*” (8,1 mil membros, criado em 2016), “*Poliamor*” (6,1 mil membros, criado em 2015) e “*Poliamor & Diversidade*” (5,8 mil membros, criado em 2019) foram inicialmente pensados para a procura de interlocutores. A escolha dos grupos considerou o número de participantes, a frequência das publicações e a “variedade” de suas propostas: um predominantemente heterossexual (como o “*Poliamor*”), direcionados a públicos mais heterogêneos, e/ou cuja proposta de diversidade é explícita (como o “*Poliamor e diversidade*” e o “*Poliamor & Diversidade*”), e outro estritamente homossexual (“*Ursos & Chasers - relações livres e poliamores*”). Grupos lésbicos ficariam, a princípio, deixados de fora por conta da proibição de membros do gênero masculino, o que

automaticamente me deixava inacessível a esses espaços. A diversidade recairia no perfil das pessoas a serem entrevistadas, considerando os fatores de gênero, orientação sexual, raça, classe social, idade, religião, localidade, dentre outros. No entanto, como dito no capítulo anterior, a recusa na participação de casais heterossexuais acabou remodelando os caminhos adotados na pesquisa. Percebendo a inviabilidade de apostar em grupos heterogêneos, dada a recusa de sujeitos heterossexuais - mas também dos poucos lésbicos que encontrei -, em contramão a vários casais homossexuais que aceitaram o convite de pesquisa, acabei modificando o perfil dos interlocutores, e também das próprias discussões trazidas a este texto. Por fim, como já dito, os grupos envolvidos nesta pesquisa foram: “*Trisal, poliamor, gay*” (onde encontrei três dos casais entrevistados), e “*Poliamor trisal e amor livre #forabolsonaro*”, voltado aos interessados no assunto, mas sem recorte específico de gênero e/ou orientação sexual (onde encontrei os outros dois casais).

O grupo “*Trisal, poliamor, gay*” foi criado em dezembro de 2020 e já conta com a participação de 7,8 mil membros. No último mês (fevereiro/2022), o grupo teve 170 novas publicações. Já em relação à entrada de novos membros, o grupo registrou 86 na última semana (fevereiro-março/2022). Sobre as regras, vê-se apenas um pequeno comunicado: “*GRUPO DESTINADO A HOMENS, SAIBA QUE, SE SEU PERFIL FOR RECENTE NÃO SERÁ ACEITO, SE VOCÊ QUE ENTRAR E POSTAR COMENTÁRIOS OFENSIVOS OU POSTAR FOTOS COM NUDE SERÁ BANIDO*”. Apesar de ser um espaço voltado para homens homossexuais, o grupo mantém a estrutura encontrada na maioria dos espaços dedicados ao tema. Todo o seu *feed* se encontra preenchido por “anúncios” que têm como foco o encontro de novas pessoas com intuito sexo-afetivo - e, menos frequentemente, para o encontro de novos amigos -, sejam solteiras ou em casal. Diferentemente dos grupos “mistos”, ou com prevalência heterossexual, o “*Trisal, poliamor, gay*” apresenta poucos conflitos em torno dos projetos de poliafetividade indicados por seus membros. A presença exclusiva de homens gays restringe questões ligadas à fetichização dos corpos masculinos, uma vez que as relações ali encadeadas se revelam mais “horizontais” e menos “assimétricas”, dando uma maior legitimidade à busca empreendida por seus participantes. No entanto, vê-se negativamente a postura de membros que, por meio de suas publicações, indicam desejar experiências mais voltadas a práticas sexuais do que a vivências amorosas. São comuns os *posts* que indicam o desconforto de membros em contato com estas postagens, principalmente feitos pelos moderadores, que reiteram o foco do espaço: *matches* amorosos.

Já o grupo “*Poliamor Trisal e amor livre #forabolsonaro*” existe desde janeiro de 2015 e foi criado inicialmente com outro nome, não identificável pela plataforma. No entanto,

conseguimos saber as três alterações feitas em sua nomeação desde então: “*Poliamor Trisal*” (nov/2016), “*Poliamor Trisal e amor livre*” (mar/2020) e por fim, o nome atual (out/2020). O grupo conta atualmente com 13,8 mil membros. No último mês (fevereiro/2022), foram 73 novas publicações. Já em relação à entrada de novos membros, apenas um membro foi adicionado na última semana (fevereiro-março/2022). O texto de apresentação tem a seguinte descrição: “*1 regra: não seja um babaca, não seja um escroto, não seja homofóbico, transfóbico, etc etc. Poliamor é um relacionamento amoroso simultâneo, não veem o sexo como a base de uma relação. Trata-se de uma real e diferente maneira de amar chamada de "poliamor", que descreve relações amorosas que recusam a monogamia como princípio ou necessidade. Abre-se um espaço para outros tipos de relacionamento, com a possibilidade de se amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo. A maior vantagem do poliamor é a sinceridade. Ser sincero com você mesmo e com seu parceiro*”. Além dela, o grupo também conta com uma lista de regras: “*1. Não seja um babaca: não seja homofóbico, racista, etc. sujeito a ban!; 2. Não denuncie: marque os adm ou #adm quando precisar de nós por qualquer motivo; 3. Não invadir o PV⁵⁵ de ninguém: sempre que quiser falar com alguém em particular peça permissão através do grupo; 4. Censurem as palavras Zukáveis: ex: s3xo, m3nag3, etc⁵⁶; 5. Qualquer problema, escreva #adm que eu broto*”.

Propondo-se a ser um espaço mais político e acolhedor a sexualidades dissidentes, fora os “anúncios”, também encontramos postagens de cunho contestador e informativo. Além de *posts* que problematizam a hegemonia das buscas nos formatos HMM/MHM (homem-mulher-mulher/mulher-homem-mulher⁵⁷), também vemos trisais compartilhando suas rotinas, *posts* divulgando reportagens que envolvam relações monodissidentes, depoimentos sobre os estigmas sofridos por aqueles que “assumiram” sua orientação afetiva não monogâmica, e testemunhos acerca do processo de aproximação com a prática poliamorista, incluindo relatos sobre a busca empreendida por um novo amor. Por fim, a atuação dos moderadores também se revela importante para entendermos a modulação das discussões travadas neste ambiente, considerando a participação ativa desses sujeitos. De um lado, moderadores e administradores levantam discussões sobre as regras e suas possíveis revisões - a última discussão envolveu, por exemplo, a questão da permanência de perfis *fakes* no grupo; enquanto algumas argumentaram a favor (membros e moderadores), em apoio às pessoas que não poderiam se

⁵⁵ Abreviação para “privado”, que se refere ao messenger pessoal da conta.

⁵⁶ Entende-se por “zukáveis”, termos que podem ferir as regras do *Facebook* (plataforma criada por Mark Zuckerberg), que em certos casos levam à exclusão permanente do grupo. Palavras de cunho sexual e/ou ofensivas fazem parte dos vocabulários algoritmicamente detectáveis.

⁵⁷ As conexões indicam, em tese, o arranjo pretendido pelo casal.

expor socialmente, outras eram contra, dado o histórico de perfis *fakes* se passando por outras pessoas, e em vários casos, chegando a cometer assédios. De outro, esses atores também levantam discussões sobre a própria prática de busca poliamorista, suas dificuldades, estigmas, e questões relativas ao individualismo *versus* estrutura social implícita nos discursos presentes no grupo.

3.4 Projetos poliamorosos em rede

Depois de apontarmos algumas das possíveis vinculações entre as noções de “projeto social”, “histórias de vida” e “identidade narrativa”, passemos então à tessitura dos projetos poliamorosos, trabalhados narrativamente. A intenção é compreender como o poliamor se tornou um projeto afetivo nas trajetórias dos sujeitos entrevistados a partir da reconstrução de seus percursos conjugais, e também analisar o caráter textual destes projetos, que enquanto redes textuais, nos revelam processos dinâmicos de tensionamento e negociação à estrutura social hetero e monocentrada, além de nos permitir a compreensão sobre transformações culturais e valores comunitários.

AUGUSTO E RICARDO

Antes de começarmos a falar sobre a procura por um novo amor, peço para que Augusto e Ricardo me contem a respeito do processo de abertura de seu casamento. Considerando a trajetória conjugal e a performatividade narrativa como elementos essenciais para a compreensão da tessitura de seus projetos poliafetivos, decido focar inicialmente na processualidade dessa relação, de forma que seu projeto poliamoroso seja entendido como parte de uma textualidade mais ampla, vivida e revivida, escrita e reescrita, ao passo que planejada e executada continuamente. Este também será parte do percurso adotado nas narrativas conjugais posteriores.

Primeiramente, peço a ambos que me contem sobre o momento em que decidiram abrir a relação. Segundo Augusto, a primeira vez que tocaram no assunto de forma mais interessada, isto é, sentaram para conversar a respeito do tema, ambos se encontravam fisicamente separados. Enquanto Augusto estava em São Paulo (capital), Ricardo passava alguns dias com a família em sua cidade natal. O tópico surgiu a partir de Otto, um amigo em comum, não monogâmico, e que se tornou para eles uma referência a respeito do assunto, dados os vinte e seis anos de seu casamento, boa parte dele sendo vivenciado abertamente. Num dos grupos de *Whatsapp* que Otto e Ricardo participam, Otto compartilhou o *flyer* de uma festa que aconteceria em uma de suas saunas favoritas. Assim que o viu, Ricardo o encaminhou para Augusto, que de imediato se mostrou entusiasmado. Estranhando a reação receptiva do esposo, Ricardo o perguntou se havia algum interesse no evento. Augusto conta que o motivo de seu estranhamento, na época, deveu-se à inediticidade da questão, já que nunca antes haviam comentado sobre relações não monogâmicas ou práticas que lhe tirassem da posição estritamente fechada de seu relacionamento. Intrigados com as possibilidades oferecidas pela experiência, acabaram transformando o assunto numa conversa que durou toda a noite.

Augusto, que já tinha um maior contato com discussões relativas à não monogamia, levando em conta também sua formação na psicologia - cuja temática da sexualidade é acentuada - e na educação - cuja relação será atribuída pelo próprio, posteriormente -, decidiu sondar o marido em “*doses homeopáticas*”. “*É aquela coisa, você solta um pouquinho e vê como é a receptividade. Solta mais um pouquinho e vê como é a receptividade. Foi uma situação que hoje achamos engraçada, mas que na época foi, na verdade, constrangedora. Com o tempo, óbvio, nós fomos descobrindo que tanto ele quanto eu tínhamos esse fetiche, esse prazer, esse desejo, mas era algo reservado. Quando começamos a falar sobre isso não*

foi aquela coisa imediata, foi como se estivéssemos pisando em ovos, né... Falava um pouquinho, esperava o outro falar um pouquinho, e foi assim que a gente foi conversando sobre o assunto”.

Na medida em que a questão foi avançando, descobriram e compartilharam novos prazeres, desejos e motivações. Em julho de 2019, após quatro anos de relacionamento, finalmente abriram o casamento, amparados na promessa de compartilhar novos interesses afetivo-sexuais, que desde muito tempo haviam sido deixados no fundo da gaveta. O projeto de abertura relacional, que vinha sendo discutido há alguns meses desde o convite de Otto, saiu do papel ao aproveitarem um dos maiores eventos da cidade de São Paulo, a Parada LGBT, internacionalmente conhecida pela sua proporção. Sabendo da efervescência provocada pela celebração na cidade, decidiram experimentar novas performances sexuais em alguns pontos específicos. Foram primeiramente a uma sauna. A dinâmica foi previamente discutida a fim de obterem um controle maior sobre aquilo que poderia acontecer. *“A gente teve bastante conversa pra saber o que poderia e não poderia. Na verdade, a gente foi bastante limitado”*, pontua Augusto. No carro, após o evento e a caminho de casa, avaliaram tudo que tinha acabado de ocorrer. Comentaram sobre os aspectos positivos, mas também sobre seus desconfortos. *“E eu acho que isso que foi bastante interessante. A gente foi se percebendo e percebendo o outro também. Então, na verdade, eu fui notando o que ele dava conta nessas situações, como ele se mostrava interessado, e eu também comecei a pôr pra fora o que eu sentia. Então a gente foi observando e vendo o que a gente queria”*.

O manejo da situação foi, principalmente, movido por acordos feitos antes do evento. Observar os desconfortos um do outro foi a maior preocupação para os dois. A fim de evitar constrangimentos, muito pela inexperiência nesses contextos, combinaram algumas pistas que lhe ajudassem em momentos de incômodo. Augusto conta que a principal estratégia foi combinar previamente algumas coisas a serem ditas nestes instantes, evocando discretamente o que estavam sentindo um para o outro. *“Nós vamos devagar, mas vamos experimentar. Se for legal a gente continua, se não for legal a gente não repete”*, conta Augusto sobre sua experiência sexual junto de outras pessoas além do parceiro.

Apesar das preocupações, ao serem perguntados sobre como se sentiram após o evento, Augusto afirma que ambos saíram extremamente *“empolgados”*, e que a noite rendeu uma série de conversas. Ricardo também aponta que o que mais lhe chamara a atenção foi a abertura comunicativa provocada pelo acontecimento, iniciada desde o convite de Otto: *“Foi uma experiência boa. A experiência do contar, do conversar... Porque eu falei pra ele que o Otto havia enviado uma mensagem convidando a gente pra ir numa festa, mas que seria*

numa sauna, então a gente não iria, né, só que aí ele respondeu ‘Por que não!?’. Isso era umas nove horas da noite e acabou rendendo até umas três da manhã. E aí tem aquelas inseguranças, que eu não sei se eu pergunto porque ele vai me achar muito atizado, ou não.... E aí eu solto um pouquinho e o outro vai soltando outro...”.

Ricardo menciona um outro ponto relativo ao processo de abertura sexual ao lado do esposo. Ao conversarem sobre o convite feito pelo amigo, convenceram-se de que espaços menos “pesados” sexualmente - diferentemente da sauna onde a festa aconteceria - seriam mais interessantes para os dois, dado o intuito de se conhecerem melhor e não necessariamente apenas de viverem novas práticas sexuais. Contudo, outros caminhos acabaram se revelando mais atraentes. “*Vamos tentar ir nas saunas, mas nas que a gente acha menos nocivas, menos ‘putanheiras’, digamos assim. Nós fomos numa primeira, mas não rolou quase nada, era um público bem velho, mais vovôzinho mesmo. Fomos numa segunda, bem famosa aqui em São Paulo, rolou, mas nada muito... Aí nós fomos nessa que nós falávamos que nós não iríamos de jeito nenhum e foi a que rolou. A que nós achávamos mais ‘punk’ é a que a gente frequenta hoje. Lá a gente sente aquela sensação, eu dando pra outro cara e ele vendo. Então dá aquele prazer de eu falar pra ele que o outro está me comendo, e ele vendo e gostando. Ainda assim, rola aquela insegurança de eu me perguntar se era isso mesmo, se meu casamento não ia acabar depois disso. Só que ao mesmo tempo, tem o prazer que fala mais alto. E vem um, vem outro... E a princípio era mais eu que entrava no sexo e ele só observando. Esse prazer dele me ver sendo oferecido a outros caras e depois ele vir também... Depois disso eu fui me soltando, e me soltando, e hoje temos total liberdade pra transar. Às vezes ele transa mais, às vezes eu transo mais, e é normal”*, diz Ricardo.

Retomando a passagem na qual Augusto revela que práticas consideradas monodissidentes estavam, há algum tempo, mantidas em segredo (tanto por ele quanto por Ricardo), lhe questiono de que forma esse desejo tinha sido manifesto anteriormente. Segundo diz, houve uma tentativa de abertura em seu relacionamento anterior, demandada pelo próprio. No entanto, algumas coisas impediram que esse processo seguisse de forma satisfatória. “*Faltou um pouco de diálogo, faltou um pouco de preparação para entrar na situação. Eu acho que a gente acabou entrando e nenhum dos dois estavam preparados, e aí as situações terminaram trazendo desavenças, constrangimentos. De repente, na minha cabeça, coisas estavam liberadas e não estavam, coisas estavam acertadas, mas não estavam. Então eu acho que, na minha opinião, o que foi bem diferente agora com o Ricardo foi o diálogo. O diálogo foi um divisor de águas”*.

Mesmo Augusto mencionando que ele e seu marido acabaram descobrindo fantasias sexuais comuns apenas quando o assunto veio à tona, em conversa individual com Ricardo, o mesmo me aponta o ineditismo da questão em sua vida enquanto alguém comprometido, diferentemente de Augusto. *“Sabia sobre a questão, via, achava interessante, mas assim... transas a três numa festinha sim, mas dentro de uma relação, não, nunca tinha pensado”*, observa.

Questionado sobre possíveis associações entre a forma com que tem gerido o diálogo com Ricardo em torno do processo de abertura relacional e sua formação acadêmica, Augusto concorda que esse movimento é, de fato, parte de uma postura comunicacional adotada diariamente devido ao ofício escolar. No entanto, pondera que a postura não equivale a um processo de análise, mas de produção de espaços de acolhimento. *“Isso ajuda bastante, mas não no sentido de análise. Eu não didatizo, eu não busco burocratizar a coisa de uma maneira ‘Vamos planejar, vamos fazer de maneira didática...’, não! A gente deixa fluir e deixa a coisa o mais natural possível. Eu procuro não colocar dessa forma porque senão eu perco a noção do que sou eu e do que é realmente profissional. Então não dá pra misturar essas coisas, mas que ajudou no diálogo, eu não tenho dúvidas”*.

Desde o primeiro passo em direção a um casamento aberto, Augusto e Ricardo têm visto uma melhora significativa em sua relação. Enfaticamente, ambos concordam que a instauração de um relacionamento socialmente visto como não tradicional acabou promovendo novos espaços de confiança entre eles. *“Tudo melhorou”*, fala Augusto. *“Melhorou no sexo, melhorou a nossa confiança, nossa parceria, nossa amizade. Você ter abertura para conversar vários assuntos... Antes você fica receoso ‘Será que eu falo? Será que eu não falo?’ , agora você é livre pra falar. Agora ele é meu marido, meu amigo, meu confidente”*, diz Ricardo. *“Acho que a nossa cumplicidade aumentou bastante, porque, como eu falei, tanto eu quanto ele tínhamos o desejo, só que antes nós reprimíamos isso, sempre reprimimos isso. Hoje, nós fomos percebendo que a gente pode falar sobre isso. Antigamente, pra olhar um cara bonito na rua, se eu tivesse junto com ele, eu tinha que torcer o olho e disfarçar muito bem pra isso, pra não chamar atenção. Hoje a gente olha, comenta. Isso é gostoso. Melhorou muito nesse sentido. A gente não precisa ficar se escondendo mais. A gente tem a nossa relação e a nossa relação é boa, então pra que ter que esconder!?”*, Augusto acrescenta. *“Nós temos amor, além do sexo, de tudo, nós nos amamos. Eu sou muito feliz com ele. Sou feliz de contar minha vida com ele, de ter ele participando de tudo, dos meus projetos, das coisas boas e ruins. Eu planejo sair pra trepar com ele, eu planejo sair*

pra dar e ele olhando, e me comer depois. E eu vejo ele transando com outro cara. A gente entra no cara, olha um pro outro e dizemos que nos amamos”, Ricardo complementa.

Avanço e pergunto sobre o projeto poliafetivo que vêm vivenciando. Quero saber sobre possíveis tentativas poliamorosas desde a abertura da relação. Eles mencionam uma breve experiência de aproximadamente quatro meses ao lado de um terceiro rapaz, interrompida devido às inseguranças do mesmo. Na perspectiva dos dois, ele não estava preparado para receber carinho. Não recebera dos pais, figuras ausentes em sua vida. Segundo contam, por causa de sua insegurança, o jovem apenas decidiu sumir. Os dois, porém, afirmaram que durante o romance lidaram bem com a situação. Sentiram-se confiantes, aptos a compartilhar afeto e a cuidar do novo companheiro. A postura dos dois, de “*investimento*”, como Augusto define, não encontrou a correspondência desejada.

As postagens realizadas no grupo poliamoroso do qual faço parte, e por onde os encontrei, foram também resultado da relação vivida pelos dois ao lado do rapaz. Na verdade, conforme esclarecem, o projeto poliafetivo elaborado por eles, e materializado em suas publicações, surgiu apenas como decorrência da experiência que tiveram ao seu lado. Na época em que Augusto e Ricardo conheceram o jovem, ainda não haviam pensado em viver um arranjo poliafetivo. Nem ao menos procuravam por isso. O romance acabou acontecendo de maneira espontânea. Conheceram-no numa de suas idas à sauna e acabaram se envolvendo. A partir do momento em que se viram numa relação aberta, cuja dinâmica de parceria e descoberta de novas performances sexuais começaram a vir à tona, além de sua breve experiência a três, ambos perceberam que poderiam ir além. “*A gente foi percebendo que tinha muito a oferecer e que não precisa ficar limitado a nós dois apenas. Não que a gente não se complete, não é isso. Não é uma falta de, é um excesso de. É o contrário*”, aponta Augusto. Se a relação vivenciada com o jovem terminou no final de ano em 2020, dado o seu desaparecimento, as publicações do casal em busca de um novo amor ocorreram não muito tempo depois.

Foram duas as postagens feitas por Augusto no grupo “*Trisal, poliamor, gay*”. A primeira em fevereiro de 2021, e a segunda em junho do mesmo ano. Abaixo, seguem os *posts* mencionados.

Figura 2. Publicação feita por Augusto em 3 de fevereiro de 2021 (acrescida de algumas fotos em casal)

Trisal, poliamor, Gay

3 de fevereiro · 🌐

Somos um casal de São Paulo Capital e queremos alguém daqui de perto para amizade ou algo mais. Estamos juntos há 5 anos, somos bem resolvidos. Procuramos maduros que saibam o qu querem. Descartamos oportunistas ou relações de dependência financeira. Nos amamos e procuramos alguém que venha a somar a nossa relação.

Figura 3. Publicação feita por Ricardo em 20 de junho de 2021 (acrescida de algumas fotos em casal)

Trisal, poliamor, Gay

20 de junho de 2021 · 🌐

📌 Nome: ____ e ____

📌 Idade: 37 e 50

📌 Altura: 1,88 e 1,86

🏳️‍🌈 Sexualidade: passivo e ativo

📌 Cidade: São Paulo Capital

🏠 Religião: acreditamos na espiritualidade.

👤 Estado civil: casados há 6 anos

📌 gostamos de caras maduros, simples, de preferência ativos ou versáteis ativos, sejam independentes financeiramente e bem liberais na hora do sexo, sem medo de ser feliz.

📌 Não curtimos baladas E não procuramos bonitões saradoes que só querem semelhantes. Somos pessoas normais.

📌 Entendemos que na nossa vida cabe mais alguém que queira aproveitar os bons momentos que a vida tem.

Se o “excesso” foi apontado acima como uma das causas que os levaram à procura de um novo amor, faria sentido pensar que o relacionamento a três desejado por eles não ficaria restrito necessariamente a uma dinâmica de polifidelidade. Sem os perguntar, eles mesmos tocam na questão. *“A gente foi percebendo que a gente se completa, que a gente se ama, se gosta muito, a gente se dá super bem, temos um bom relacionamento com as famílias, minha família ama a dele e a dele me adora, os amigos de um viraram amigos do outro. Tudo isso pra gente, é tudo muito bom. Por isso, a gente foi percebendo que o fato de ter uma terceira pessoa não necessariamente seria ter só mais essa terceira pessoa”*, Augusto adianta. Além disso, por conta da maneira com que resolveram gerenciar a abertura do relacionamento, bem como têm se deixado levar pelas contingências de seus afetos (pelo menos no período em que conversamos), ambos indicaram uma ausência de acordos pré-definidos. O que poderia ser interpretado enquanto um acordo ou uma regra, considerando sua recorrência, toma, na verdade, um tom mais próximo ao de um ritual: após novas e recentes experiências, conversam sobre aquilo que sentiram, bem como o que poderiam melhorar. O pacto comunicativo estabelecido entre eles surge enquanto uma estratégia de manutenção da proposta de experiência não monogâmica, tendo como preocupação o gerenciamento de uma ética amorosa, cujo crescimento individual, produzido relacionalmente, se torna o cerne da

questão. Na verdade, pelo que sugerem, a não monogamia vivida por eles hoje se apresenta, de um lado, como um sintoma da produção dos espaços de intimidade baseados em uma comunicação aberta e honesta, e de outro, como o próprio processo de produção destes espaços. Ao passo em que permitem se conhecer através de sua relação com o outro, o amor encontra espaço ao seu desenvolvimento.

Desde a primeira publicação, ambos vêm acumulando algumas percepções acerca das relações instituídas por meio dos grupos poliamorosos que participam. A partir do contato de algumas pessoas que chegaram até eles através dos *posts*, ambos têm notado uma recorrência daquilo que poderíamos pensar enquanto uma “imediatidade afetiva”. Pessoas próximas, mas sobretudo de outros Estados, procuram-os oferecendo um relacionamento instantâneo. Logo nas primeiras mensagens se depararam com ofertas de casamento, pessoas que buscam alguém de imediato para se ter uma relação, e até mesmo se convidam para morar junto a eles. Tal recorrência os têm deixado ressabiados, fazendo com que freassem mais recentemente a busca por um outro alguém, pelo menos da forma como vinham fazendo.

As próprias publicações feitas por Augusto indicam esse desconforto, apontando de maneira direta não estarem dispostos a convites “*oportunistas*” ou de pessoas “*financeiramente dependentes*”. Junto a isso, também têm percebido uma sexualização das relações, considerando o teor erotizado das mensagens e dos próprios comentários nos seus e em outros *posts* do grupo. Segundo Augusto alega, é bastante comum a crença de que o arranjo poliamoroso supriria uma necessidade emocional e sexual por parte de muitos dos participantes. “*Pelo o que eu tenho acompanhado nas postagens e em alguns comentários de casais que eu tenho lido, eu tenho visto isso, a pessoa já se oferecendo. Porque pra ele, um relacionamento poliamoroso, no caso o trisal, é uma chance de ter duas pessoas. Então é aquela coisa de que ‘nunca vai me faltar porque eu tenho dois’*”.

A descoberta dos grupos poliamorosos se deu por acaso - a menos que pensemos na atuação dos algoritmos em sua sugestão. A partir da recomendação feita pelo próprio *Facebook*, ambos tiveram curiosidade em participar desses espaços e ver o que poderia acontecer, tendo em vista o recente sumiço do jovem que estavam conhecendo. Ainda assim, sentiam-se entusiasmados e confortáveis com a proposta de um arranjo a três. Augusto sendo o responsável pelas postagens, também gerenciava a comunicação entre Ricardo e as pessoas que manifestavam desejo no casal.

O papel de comunicar o interesse numa nova pessoa, e também o de mediar possíveis novas relações, pode ser compreendido por meio da própria dinâmica adotada por eles desde a abertura da relação. Augusto assumira uma posição de dominância enquanto Ricardo ficara

confortável num lugar de submissão. Ao transpor o exercício de sua performance sexual à elaboração de seu projeto poliafetivo, o casal acabou estabilizando as premissas de sua experiência *não mono*, seguidas até o momento.

Embora não tenham dialogado a respeito do conteúdo que viria a ser postado por Augusto, pontuam que a publicação foi feita de maneira espontânea com base no que já haviam conversado, e que também tiveram um momento de diálogo antes da publicação, quando decidiram utilizá-la como uma estratégia à busca desejada.

A preferência por homens maduros, mencionada no *post*, diz respeito tanto a uma atração sexual comum quanto a uma performance “etária” estimada. Os dois salientam que, ao adotarem o termo, também estão considerando processos pelos quais já não se vêem dispostos a compartilhar ao lado de um outro alguém, relativos a um suposto amadurecimento vindo com a idade, mas também a fases de crescimento pessoal cujos percalços já não lhe convém participar. *“Começa a aparecer aqueles menininhos de vinte anos que vêem uma oportunidade de sair da sua cidade, sair do seu mundo, e achando que ao entrar numa relação como a nossa, ele vai poder vir pra nossa casa”*, diz Augusto. O termo “*simples*” utilizado na postagem, por vez, indicaria o interesse por pessoas que não se colocam numa posição socialmente distinta por conta de seus bens e de suas experiências de vida. *“Pessoas que não agem com soberba”*, nas palavras de Augusto. Tal qualidade também foi mencionada por conta do próprio círculo social do qual fazem parte. Eles, que se percebem protagonistas de seu próprio caminho, ressaltando o empenho dedicado em suas trajetórias pessoais e profissionais, destacam a autonomia econômica e a frugalidade como aspectos essenciais em um novo amor. Têm como parâmetro pessoas de sua convivência, que mesmo ocupando posições sociais próximas às suas, se colocam num lugar de superioridade.

A preferência sexual indicada, por homens ativos ou, no mínimo, predominantemente ativos, corrobora com a dinâmica empregada no relacionamento vivenciado pelo casal, cuja performance sexual se orienta pelo estabelecimento de papéis de dominância e submissão, ocupados por Augusto e Ricardo, respectivamente. Assim, são enfáticos no modo como pensam essa questão. Ao afirmarem o principal motivo da preferência apontada, são incisivos: *“Porque o prazer do Augusto é me ver dando o rabo”*, fala Ricardo. *“Exatamente! E aí, nessa história também, a gente já descarta aqueles que são passivos e que vem [pra nossa relação] achando que são dois paus ao seu dispor, que encontrará dois paus que vão comê-lo o tempo todo”*, Augusto acrescenta. *“O prazer da nossa relação é ter o Augusto como ativo e trazer um outro ativo para os dois me terem como passivo”*, conclui Ricardo.

Na mesma medida, a disposição para novas práticas sexuais também aparece como um fator de extrema importância para eles. “*Bem liberais na hora do sexo*”, como afirmado na postagem, incluiria não somente as expectativas de ambos em torno da prática do “*cuckold*”, reiteradamente destacada pelos dois durante a nossa conversa, mas também a outras fantasias sexuais, que mesmo no plano da potência, se mostram como algo concretamente desejável e suficientemente palpável à instauração de novos vínculos sexo-afetivos. “*Tem que ser aquela coisa livre, aquela coisa prazerosa. Não dá pra ser aquela coisa de ‘abre pra cá, fecha pra lá’.* Não, não dá, né!?” , declara Ricardo.

Aqui, acho importante trazer uma breve explicação sobre o *cuckold*, uma vez que o termo retornará em futuros projetos. O fetiche se refere, tanto em contextos homossexuais quanto em heterossexuais, a relações sexuais consensuais e concomitantes, seja na presença do parceiro ou não (neste caso, a própria narrativa do encontro sexual se torna objeto do fetiche). O prazer, além de se direcionar ao outro, também se realiza à medida que o parceiro, ao testemunhar (ou ser informado sobre) a ação, se coloca ou se percebe no lugar de “corno”. O termo é curiosamente derivado do pássaro cuco (em inglês, *cuckoo*), cujo macho da espécie permite à fêmea botar os ovos de outros machos em seu ninho. Embora a prática venha ganhando cada vez mais visibilidade em espaços destinados à concretização/idealização de desejos sexuais - como grupos em plataformas de mídias sociais e aplicativos de encontro, além de *sites* pornográficos -, o termo parece ter sido cunhado há algumas décadas, conforme nos mostra os resultados da busca pelo termo no *Google*. Tradicionalmente, o mesmo é associado à posição de submissão masculina, cujo “adultério feminino consentido” em relações heterossexuais é expresso. No entanto, há uma difusão da prática onde o lugar de “corno” pode ser ocupado tanto por homens quanto por mulheres em relações não apenas heterossexuais. *Cuckquean* é o termo derivado quando a mulher assume o papel de submissa nessas ocasiões. Para se ter uma ideia da popularização do conceito, no dia 25 de abril, quando comemorado o “dia do corno”, pudemos ver uma série de reportagens que tratavam do assunto trazendo o *cuckold* como principal tópico, embora ainda colocado de maneira, por vezes, sexista e machista.

Figura 4. Reportagens sobre o *cuckold* em respeito ao “Dia do Corno”, comemorado em 25 de abril.



A partir dos relatos tecidos até então, vemos a dimensão sexual como o elemento norteador, por excelência, do projeto de abertura afetiva traçado por eles.

Pergunto-lhes a respeito da escolha pelos grupos do *Facebook* enquanto espaços destinados à realização de seu objetivo amoroso, considerando a existência de outros ambientes virtuais voltados a esse fim, como *apps* direcionados, por exemplo, a encontros não monogâmicos - casais à procura de unicórnios e vice-versa. A resposta vai de encontro àquilo que, frequentemente, também é percebido pelos usuários dessas plataformas: as conexões estabelecidas no *Grindr*, no *Scruff* e demais *apps* de encontro são demasiadamente instantâneas, e por isso, dificilmente desenvolvem para algo concreto. A incompatibilidade de horários, o intervalo entre as mensagens e a falta de um possível ambiente para encontros são vistos como os principais empecilhos nestes contatos. Os *apps* não monogâmicos, por vez, além de não terem tamanha visibilidade - sequer foram citados como uma alternativa -, mostram-se bastante limitados em termos de uso: vários de seus recursos se limitam a contas *premium*, além de serem predominantemente utilizados por casais heterossexuais.

Contudo, mesmo estando à procura de um outro alguém a partir de uma plataforma como o *Facebook*, que possibilita a produção de vínculos continuados, e não apenas contatos meramente instantâneos, a maior queixa trazida pelos dois em relação a todo esse processo é, como tem sido pontuado, a instantaneidade das relações. “*Tem gente que mal conhece a gente, tem um primeiro contato, e acha que já faz parte de uma relação. Pera lá! Uma relação é construída, ela não é estipulada!*”, Augusto observa.

Por conta da recorrência desse tipo de situação, após uma série de diálogos, ambos têm estado mais dispostos ao vivenciamento das dinâmicas particulares de cada um de seus afetos,

já estabelecidos ou não. Por isso, têm se dedicado a viver as relações cada uma em seus termos e em suas potências, na perspectiva de fortalecer os vínculos como decorrência de um processo já trilhado, e não simplesmente encontrado. *“A gente foi entendendo que, na verdade, o que a gente quer é conhecer pessoas, e enquanto isso a gente vai curtir os amigos. Se esse amigo ou esses amigos podem chegar, em algum momento, a se tornar uma relação mais próxima, isso é uma outra história. A gente pode chegar no tempo de conversar e ir entendendo isso. Mas não que isso seja realmente a meta hoje. A gente foi percebendo que não é legal essa coisa de ‘eu vou procurar um terceiro e encaixar aqui’. Isso não é um joguinho de lego”*, Augusto analisa.

Esta postura, porém, só se mostra possível devido à maneira com que gerenciam seus afetos, orientada pela ausência de fronteiras pré-definidas entre as relações de amizade e possíveis vínculos amorosos. Amizade, ao contrário daquilo que se costuma colocar numa posição limite face a outros modelos relacionais, na vivência de Augusto e Ricardo, se manifesta não como uma relação de ordem apartada de possíveis vínculos sexuais e amorosos, mas continuamente fluida, aberta aos desejos. *“As coisas vão acontecendo naturalmente. Tem amigos que a gente forma só pra um café, pra um jantar, pra um almoço. E tem amigos que a gente consegue almoçar, jantar e transar, por exemplo”*, diz Augusto.

Transversalmente à discussão levantada sobre as fronteiras entre as relações sexo-afetivas e as de amizade, Augusto e Ricardo tocam em alguns pontos não abordados até então, quase ao fim de nossa conversa. No momento em que Ricardo reflete sobre a qualidade dos vínculos sustentados, sobretudo, pelo sexo, ele também pondera a respeito das transformações que têm ocorrido em sua relação junto a Augusto, revelando uma outra dimensão de seu projeto. Ao mencionar um rapaz com quem estava tendo um caso quase que de maneira estritamente sexual, Ricardo nos conta da angústia de seu *affair* diante da descoberta de seu casamento. Ricardo usa a questão para exemplificar o quão confuso pode parecer aos outros a forma com que ele e seu marido gerem suas relações íntimas, cujo afeto que nutrido por Augusto em nada se impactaria pela atração sexual que o mesmo sentiria por outros rapazes. No entanto, a partir disso, também menciona que sua relação com o marido, desde o processo de abertura, tem sido ressignificada. Na verdade, ambos têm reimaginado aquilo que entendem enquanto uma relação amorosa, usando o que têm aprendido com a abertura do casamento para lidar com tais transformações.

“Tem caras que transam só comigo e eu falo pra ele [pro Ricardo], né!? Teve um que ficou por muito tempo e que, nossa, quando ele soube que eu era casado, ele ficou com aquelas neuras e tal. E eu falei ‘Óh, o negócio é o seguinte, vamos transar, mas isso não vai

afetar a minha relação com o meu marido'. E hoje mesmo eu estava conversando com o Augusto. Na relação, o sexo é bom, é prazeroso e tal, mas hoje a gente tá virando mais amigos do que amigos de foda. Então vai chegar a hora que o sexo vai acabar entre nós e vai ficar só a amizade”, afirma Ricardo. Augusto, pensando na fala anterior, relativo ao possível processo paulatino de perda do tesão sexual entre ele e o parceiro - mas não da cumplicidade sexual entre os dois -, complementa: “Até hoje, não afetou, a gente não tem percebido nenhuma situação nesse sentido. Tanto que, quando a gente vai à sauna, uma coisa que muitas pessoas estranham é que nós dois transamos lá.”. “É, já tiveram alguns amigos nossos, que chegaram assim ‘vem cá, vocês transam?’, e a gente ‘sim, nós transamos, nós estamos aqui na sauna pra transar’, mas aí eles ‘não, não... mas vocês dois transam, vocês dois!?’ , e quando a gente responde que sim, eles falam “óh, que estranho!”. Porque muitos acham que, mesmo casados, a gente só vai procurar saunas ou clubes de sexo quando você não transa mais em casa”, Ricardo acrescenta.

Contudo, para além da estigmatização citada por Ricardo, na qual a não monogamia é vista como uma tentativa de recuperar a vitalidade de relações desgastadas, e não enquanto um projeto ético de reelaboração das experiências afetivas e emocionais - como narram -, ambos enunciam outro ponto que me chama atenção. Até agora, temos visto que o projeto poliafetivo empreendido por eles se atrela, fundamentalmente, a uma demanda de ordem sexual. Porém, ao questionarem a própria capacidade e possibilidade de continuação do vínculo sexual atualmente mantido pelos dois, ambos acabam jogando luz ao fato de que tais projetos também podem se consolidar enquanto estratégias de mitigação de possíveis oscilações de seu desejo sexual, a médio e/ou longo prazo. Assim, a prática não monogâmica performada pelos dois indica não só sua disposição na produção de novos vínculos afetivo-sexuais, como também à manutenção dos afetos nutridos um pelo outro, ao entenderem que, num possível tempo futuro, a construção de um projeto poliafetivo resguardaria a cumplicidade entre eles, ainda que na ausência de uma correspondência sexual.

Por fim, lhes questiono o que esperariam encontrar ao lado de um outro alguém. Algo que, diferentemente de uma vivência monogâmica, poderiam experimentar. Sem pensar muito, Augusto afirma que, não monogamicamente, podem viver plenamente a dinâmica sexual que contemplam, a do *cuckold*. Assim, se na tessitura de suas narrativas outras questões se complementam àquilo que têm pensado enquanto um desejo a curto prazo, vimos que, no plano da promessa, a não monogamia se revela mais do que uma experiência de ordem estritamente sexual, mas também como um reenquadramento ético e estilístico da

existência, cuja reordenação de suas visões acerca de uma relação amorosa é posta em cena, escrita e reescrita permanentemente, baseada em muito diálogo.

CAIO E JÚLIO

Ao enfatizarem o desejo de encontrar mais alguém, Caio e Júlio me apontam uma questão que ressoará a partir do nosso encontro. Ao questioná-los sobre o atual modelo de seu relacionamento, Caio afirma que “*De início, nossa proposta é o poliamor, e nós buscamos uma relação em formato de trisal. Poliamor, no caso, enquanto um relacionamento em triângulo. Nossa proposta é que entre uma pessoa que ame os dois na mesma intensidade e que receba na mesma intensidade*”. Apesar de inicialmente me parecer escorregadia, a resposta me provoca. Embora se encontrem num movimento de expansão relacional, dispostos a acolher mais um afeto para a formação de um arranjo poliafetivo, ambos sugerem que têm se mantido confortáveis numa configuração, até então, monogâmica. Além disso, é interessante pensar no princípio da equivalência presente na fala de Caio, cujo amor é racionalizado com base num ideal de distribuição afetiva justa e igualitária.

Diferentemente de Augusto e Ricardo, cuja trajetória rumo a uma experiência poliamorosa tem sido percorrida através de uma abertura gradual de sua relação, Caio e Júlio se mostram mais restritos ao projeto elaborado até então. Reiteradamente, afirmam que não estão em busca de mais alguém para sexo, e sim para a formação de um trisal. Por isso, afirmam que uma de suas maiores dificuldades frente ao projeto, deve-se ao modo como outros participantes destes espaços encaram o poliamor. Ou melhor, não encaram. Desde que publicizaram seu desejo poliafetivo nos grupos do *Facebook*, têm recebido algumas mensagens, no entanto, a grande maioria de cunho sexual. Em contraste ao que haviam pensado, ou, especificamente, do que Caio havia imaginado, encontrar alguém disposto a se relacionar com um casal não tem sido uma tarefa fácil. Contudo, ainda que se encontrem um pouco cansados devido às tentativas frustradas de estabelecer conexões, permanecem empolgados com o projeto.

Tudo começou quando Caio, em seu *Instagram*, conheceu o perfil de alguns trisais gays⁵⁸. Ele e Júlio já estavam juntos há alguns anos e, novamente, o acaso se mostra aqui filiado ao modo de funcionamento algorítmico. Instigado pelo tema, procurou saber mais a respeito desse tipo de arranjo, que em todos os casos, tratavam-se de relações fechadas, ainda que vividas a três. Encontrou novos relatos de experiências poliamorosas no *Youtube*, algo que lhe possibilitou compreender outras dimensões sobre a questão. Ficou com isso na cabeça até decidir compartilhar a curiosidade com o marido, que de imediato se assustou. Devido às

⁵⁸ Um dos perfis citados por Caio é o @vidadetrisal, que conta com pouco mais de 35 mil seguidores no *Instagram*.

suas inseguranças, Júlio se mostrou apavorado pela ideia de um novo amor. O cenário de mudança ocorreu paulatinamente, à medida que Caio lhe apresentou diversos conteúdos na *internet* que abordavam a questão. Mediante os relatos de experiências a três, o jovem, depois de quase três anos, se convenceu que a proposta fazia, não só algum sentido, como também o despertava curiosidade, principalmente pelo sentimento de estar apaixonado por mais uma pessoa. *“Há mais ou menos três anos foi quando eu falei pela primeira vez. Houve uma rejeição muito grande do Júlio, muito grande! Eu deixei essa ideia congelada e toquei no assunto novamente quando a gente veio pra São Paulo. Dessa vez ele comentou comigo, mas reafirmou que não aceitava [o assunto]. Ficou congelado novamente nesses dois anos de pandemia e só agora eu voltei a falar com ele e ele topou”*, diz Caio.

Em setembro de 2021, decidiram compartilhar seu projeto, postando em alguns grupos poliamoristas. Assim como eu, conheceram esses ambientes na tentativa de compreender algumas questões surgidas desde a proposta de expansão relacional sugerida por Caio. E a partir deles, decidiram também colocar em prática aquilo que vinha os instigando: viver uma nova experiência afetiva. Na verdade, Caio sugeriu a Júlio que buscasse esses grupos como uma forma de naturalizar a ideia. E por conta própria, Júlio se debruçou sobre o fenômeno. Foi somente então que suas inseguranças puderam ser revistas e a proposta de expansão, então aceita.

A postagem foi escrita por Caio, mas aprovada previamente por Júlio. Não tiveram uma conversa sobre o conteúdo a ser publicado, no entanto, afirmam que o texto é produto daquilo que ambos têm como valores pessoais, e que possibilitou a continuidade de sua relação. O casal, como já dito no capítulo anterior, por conta de cenas desagradáveis com amigos e outros rapazes que não respeitavam o *status* de sua relação, decidiram fazer um uso conjunto do *Facebook*, sem a criação de perfis individuais. O *nickname* do perfil mantido por eles apresenta a junção de seus dois nomes. Seguem abaixo as postagens realizadas por Caio em setembro e outubro de 2021, em dois dos grupos poliamoristas dos quais faço parte.

Figura 5. Publicação feita por Caio e Júlio em 28 de setembro de 2021 (acrescida de uma foto em casal)

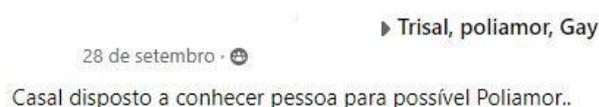
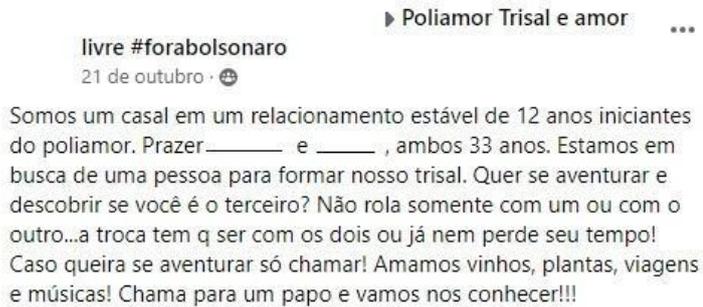


Figura 6. Publicação feita por Caio e Júlio em 21 de outubro de 2021 (acrescida de algumas fotos em casal)



Além da dificuldade em encontrar pessoas interessadas numa união poliafetiva, para além do sexo, observam também um outro entrave na concretização de seu projeto amoroso: o padrão de beleza valorizado socialmente. *“Se você não é padrão, se você não tem um corpo sarado, se você não é isso ou aquilo... próximo! Passa a fila! Pra relacionamento, eu acho que são poucas as pessoas dispostas a isso [poliamor] e ainda tá muito difícil encontrar”*, Caio argumenta. *“A gente sente um pouco de preconceito, ou por ser um gordinho, que nem o Caio, ou pelo outro ser muito magro, que nem eu”*, diz Júlio. Além dos silêncios recebidos por aqueles que ambos demonstram interesse, explicitados não somente pela não comunicação, como também pela súbita interrupção dos diálogos estabelecidos, ou até mesmo pelo bloqueio do perfil usado pelos rapazes, o preconceito também é sentido logo nas primeiras - e por vezes, únicas - palavras trocadas. Assim, evidenciam o quão rotineiro é receber “não curto gordos”/“não curto magros”, como resposta às suas investidas nos aplicativos de encontro. *“No aplicativo tem foto do nosso rosto. Quando passa pro Instagram e a pessoa vê que um é gordo e o outro magro, a pessoa acaba bloqueando. Não é aquilo que eles procuram. Não temos um corpo definido. É isso que a gente percebe. Mesmo quando eles não falam diretamente, a gente sabe do que se trata”*, Júlio analisa.

Assim, se textualidades são tecidas através das articulações entre as esferas do dito e não dito, faz sentido observar que as postagens produzidas pelo casal não façam qualquer menção a corpo, idade, raça, estilo de vida, posição sexual ou classe, enfatizando o desejo de encontrar pessoas que se disponham apenas a viver novas aventuras de forma recíproca, simétrica e íntegra.

Ao evocarem um passado cujas dimensões afetivas visibilizam cenários de abandono e traição, tanto por parte de familiares quanto por vínculos sexo-afetivos, ambos reconstróem identidades permeadas pelo sentimento de apoio mútuo, determinação, cumplicidade, e

principalmente, pela maneira como se arriscam frente a novos desafios. Assim, não por acaso, a coragem enquanto valor enfatizado pelos dois na postagem realizada em outubro do ano passado, visto por meio do uso reiterado da expressão “se aventurar”, nos indica a qualidade do afeto e da conexão nutrida um pelo outro, estabelecida com base no desejo de viver algo novo, considerando tudo aquilo que poderiam ter perdido caso não tivessem se arriscado. No momento do nosso encontro, o casal estava de mudança para a Praia Grande, onde Caio acabara de receber uma proposta de emprego. Além disso, um outro alinhamento entre a performatividade narrativa de suas identidades e a tessitura de seu projeto poliamoroso, diz respeito à ausência de atributos físicos destacáveis em sua publicação. Devido aos processos de exclusão social enfrentados por eles, relativos à fuga dos padrões de beleza e de uma performatividade masculina, afirmam não se importar com qualquer qualidade física. “*Nós gostamos de pessoas. É o que a gente fala, a pessoa que aparecer, terá que ter sintonia. Então, independente se a pessoa é mais velha, mais nova, gorda, magra, negra, branca, japonesa, feia, bonita, tem que ter sintonia. Se houver sintonia, não existe estereótipo*”, indicam. Me contam sobre uma investida recente recebida de um homem com, aproximadamente, sessenta anos, cuja relação só não se manteve devido à distância entre eles, apesar da sintonia sentida com o rapaz.

Assim como o casal anterior, Caio e Júlio também tiveram uma breve experiência a três. Diferentemente de Augusto e Ricardo, cujo contato com o terceiro se estabeleceu a partir de uma ida casual à sauna, contam que conheceram o rapaz pelo *Grindr*. Marcaram um encontro que acabou rendendo boas horas de conversa. O que mais gostaram na situação foi a tranquilidade transmitida pelo sujeito, que segundo o próprio, já havia tido experiências poliamorosas. Ele também sabia que essa se tratava da primeira tentativa de abertura relacional do casal. Dada a segurança transmitida por ele, decidiram ir a um motel, onde novamente sentiram-se acolhidos. “*Nós fomos pra um motel e nesse momento ele foi muito fofo. Ele tratou os dois da mesma forma e chamou os dois ao mesmo tempo. Ele não demonstrou interesse mais em um do que em outro. Ele foi tranquilo em relação a isso e também soube respeitar o momento dos dois. Ele não forçou a barra e foi muito educado. Após o sexo rolou conversa. A gente bateu papo, conversou, ele falou da vida dele e nós falamos da nossa*”, relembra Caio. O encontro acabou rendendo um novo *date*, igualmente prazeroso. Após os dois encontros, contudo, não se viram mais, embora mantenham contato. Acontece que o envolvimento mantido entre eles só foi possível porque o rapaz estava de visita a Araçatuba, onde residiam no momento. O laço se manteve, prometerem uns aos outros se verem quando possível ao estarem na mesma cidade. Mas para além da distância, observam

que o verdadeiro motivo pelo qual a relação não prosseguiu se deve ao momento em que se encontraram. Embora tenham sentido um enorme carinho um pelo outro, o jovem não visava um relacionamento sério no momento. Ele acabara de passar por uma espécie de cirurgia bariátrica e vinha se direcionando a afetos mais casuais, aproveitando o período de sua alta auto estima, graças ao processo de emagrecimento ainda em curso, resultante do procedimento estético. Tudo que falam do rapaz é envolto num imenso carinho, sem qualquer demonstração de frustração ou pesar. “*Ele também sentia o preconceito de pessoas não se aproximarem dele por ele ser gordo. Então hoje ele é magro, faz academia, e tá curtindo aquele momento que antes não teve*”, diz Júlio. Os encontros com ele ocorreram há apenas dois meses antes da nossa conversa.

Além do *Grindr*, dizem usar o *Tinder*, o *Scruff* e o *Hornet*. Dentre todos, apenas o *Tinder* não é direcionado a um público homossexual, e por isso é o mais popular dentre os *apps* de encontro. Em todos eles, Caio e Júlio utilizam como texto de apresentação o mesmo conteúdo postado em outubro do ano passado no grupo do *Facebook*. A diferença, segundo contam, deve-se à reavaliação recente no preenchimento de suas categorias.

Para aqueles que nunca acessaram esses espaços, normalmente há uma série de seções a serem preenchidas de acordo com a preferência e o desejo do usuário. No *Scruff*, por exemplo, há as seções “sou”, “gosto de”, “estou aberto a”, “pronome e identidade de gênero”, “minhas preferências sexuais e precauções”, “aceita conteúdo explícito”, “o que eu faço”, “o que eu procuro”, “meus interesses”, “saúde sexual” e “onde moro”. No campo “sou”, as opções oferecidas são “urso”, “nerd”, “coroa”, “sarado”, “gordinho”, “caçador”, “rapaz comum”, “lontra”, “couro”, “HIV+”, “discreto”, “atleta”, “*queer*”, “militar”, “bissexual”, “universitário”, “trans”, “drag” e “novinho”. No campo “gosto de”, opções da seção anterior são reiteradas. Já no “aberto a”, encontramos “amizades”, “relacionamentos”, “sexo casual”, “encontros”, “apenas papo” e “contatos”. A depender do *app*, além dessas opções, há indicações de interesses monogâmicos ou não. Ao indicarem mudanças no uso dessas ferramentas, apontam que, no campo “aberto a” - ou em seus equivalentes -, substituíram o interesse de “namoro”/“relação a 3” por “amizades”. A alteração aponta uma reavaliação na postura do casal. Ao invés de buscarem alguém, têm se permitido aproveitar a espontaneidade dos possíveis novos afetos. Assim como o casal anterior, a própria trajetória vivida pelos dois possibilitou, no seu decorrer, novas condutas frente às vivências inicialmente planejadas.

Ao contrário de Augusto e Ricardo, percebem uma abordagem mais sutil a partir das mensagens recebidas pelo *Facebook*, decorrentes de suas publicações. Nos *apps* de encontro, por outro lado, o sexo sempre aparece como o centro destes contatos. Embora dinâmicas

menos sexuais os atraia, como no caso das mensagens recebidas no *Facebook*, os grandes entraves sentidos por eles são a falta de atração física e a pouca disposição em compromissos a distância, uma vez que a maioria dos interessados reside em outras cidades ou regiões do país.

Além da aproximação com os perfis poliamorosos por meio do *Instagram* e do *Youtube*, Caio esclarece que a proposta de abertura relacional, feita ao parceiro, também surgiu em decorrência de uma fase do distanciamento sexual entre ele e Júlio. A não monogamia, além de lhe atrair enquanto uma proposta afetiva, também foi vista como um caminho de reaproximação sexual, instaurando novas dinâmicas à rotina do casal. Antes disso, confessa que a ideia de vivenciar um poliamor nunca havia lhe ocorrido. Sexo casual com múltiplos parceiros, entretanto, não era algo desconhecido por ele, que vivera alguns desses momentos em sua fase de solteiro. Diante da ausência de sexo, Caio confessa que se sentiu limitado em seu relacionamento. De acordo com ele, ambos têm jeitos diferentes de expressar o amor que sentem um pelo outro. Enquanto ele o expressa, sobretudo, através de carinho físico e cumplicidade sexual, Júlio o demonstra por meio de serviços, cuidados com a rotina e com o bem-estar do companheiro⁵⁹. *“Ele se preocupa muito, ele cuida. Ele cuida de mim muito bem. E eu falei ‘Por que não uma terceira pessoa pra eu dividir isso e pra dar um equilíbrio?’. Alguém que esteja disposto a receber o amor e o carinho que eu tenho pra dar, e receber esse cuidado que ele disponibiliza. E nos dar isso também. Foi aí que surgiu a ideia e eu percebi que seria possível, que poderíamos tentar. Não saberíamos se não tentássemos. Inclusive, o nosso acordo foi de ver se isso estaria nos afetando. Se víssemos que isso estava impactando o nosso relacionamento - e nosso relacionamento é uma relação consolidada de doze anos -, se víssemos que ela estava nos fazendo mal, a gente pararia. Mas pelo contrário, a gente tá vendo que isso tá fazendo a gente cada vez melhor”*, declara Caio.

Nesse momento, o projeto parece tomar uma outra dimensão. Além da disposição em vivenciar novas experiências, algo que, reiteradamente, é expresso tanto em suas narrativas pessoais quanto conjugais, o poliamor aqui se apresenta como uma forma de manutenção afetiva ao conferir equilíbrio entre os afetos dispensados um pelo outro - e futuramente, também ao terceiro. Se por parte de Caio, o amor é expresso, sobretudo, pelo contato físico, Júlio o realiza por sua prestatividade no dia a dia. A terceira pessoa, inicialmente vislumbrada

⁵⁹ De acordo com Gary Chapman (2013), autor do livro *“As cinco linguagens do amor”*, publicado originalmente em 1992, o amor expressa-se a partir de cinco dimensões: palavras de afirmação, atos de serviço, tempo de qualidade, toque físico e afirmações por meio de presentes. Embora possam ser expressas concomitantemente dentro dos espaços de intimidade, cada sujeito as mobilizariam de forma mais ou menos correspondente à sua personalidade ou ao momento vivido.

por Caio, não apenas possibilitaria novos contornos à dinâmica sexual ao lado do esposo, como também à sua dinâmica amorosa, viabilizando um equilíbrio entre tais expressões, segundo o próprio. O poliamor, na visão de Caio, possibilitaria a manutenção de seus circuitos afetivos expressos através das linguagens do amor, permitindo uma distribuição menos “desigual” de suas expressões.

Além da reavaliação contínua de suas experiências, com objetivo de preservar o conforto de cada um frente a dinâmicas a três, ambos me informam outros acordos. O primeiro deles é a não abertura da relação para vínculos autônomos. Portanto, viveriam novos *affairs* apenas em dupla. Uma observação interessante se refere à possibilidade de uma atração não compartilhada pelos dois. Nesse caso, envolvimento individuais poderiam ocorrer, desde que na presença um do outro. Na prática, considerando o pouco tempo de sua abertura, tal cenário nunca ocorreu. A forma com que o gerenciariam, no entanto, ainda se encontra bastante turva. Também vale a pena acrescentar que a aceitação de vínculos individuais, ainda que na presença do parceiro, só é possível devido à excitação sentida por Caio pela possibilidade de ver o marido junto sexualmente de outra pessoa, aproximando-o da prática do *cuckold*. Embora desejem constituir apenas um vínculo a três, não parecem ignorar os efeitos dessa excitação. Mesmo considerando a maleabilidade dos acordos perante à continuidade dessa experiência, também indicam um outro combinado: sexo apenas a três. Conforme alguns vídeos publicados por trisais com quem tiveram contato, relações sexuais restritas apenas à presença de todos facilitaria na gestão dos afetos, minando sentimentos de ciúme. Contudo, segundo Caio, “*isso não é algo tão definido porque a gente não viveu ainda*”. No entanto, é pertinente pensar na plataformização das experiências poliamorosas como responsáveis pela produção de um repertório sexo-afetivo, tomado por Caio e Júlio como uma referência na tessitura de seu projeto.

Se a dinâmica elaborada pelos dois procura dar conta de uma suposta simetria sexo-afetiva, questiono-os acerca da preferência sexual enquanto um fator importante nesta busca. Ainda que essa característica não tenha sido apontada nas postagens, acho relevante pontuar este aspecto dada a premissa relativa ao tipo de experiência sexual idealizada por ambos. Idealmente, afirmam buscar uma pessoa versátil, já que os dois compartilham de sua preferência. “*O mínimo que a gente espera é a troca. Então além de dar, queremos receber*”, pondera Caio.

Quase ao fim do nosso encontro, peço que me contem um pouco mais acerca da percepção que têm tido um do outro desde o movimento rumo a uma abertura relacional, caso percebam alguma mudança significativa nas próprias condutas a nível de comportamento e/ou

na gestão de seus afetos. Segundo Caio, Júlio tem estado mais confortável consigo mesmo, observando uma maior abertura do parceiro ao entendimento de suas próprias emoções. *“Eu vejo que o Júlio está mais tranquilo em relação a poder ser ele mesmo. Eu sentia ele muito preso. Eu não via verdade em relação a... a... ‘aos meus sentimentos’ - Júlio o completa vendo sua hesitação - aos sentimentos dele! Eu via que ele não conseguia expressar tão claramente a mim, talvez com medo, com receio, com alguma coisa que eu pudesse julgá-lo, alguma coisa do tipo. Enquanto monogâmico, eu era uma pessoa ciumenta e possessiva, eu tinha ele como propriedade, né... Ele sempre foi assim, ele sempre me falou que não sentia tanto desejo, tanta atração, que era uma pessoa mais fria no sexo. E eu super entendia isso nele. Eu sempre pensei ‘Pô, ele pode ser alguém assexual realmente’. Mas eu entendo, eu respeitei. No começo foi muito difícil, eu tive que trabalhar a mente pra entender e respeitar o espaço dele. Eu entendi que o meu amor por ele supera isso. Eu sempre tive essa questão ‘Pô, se ele olhar então quer dizer que ele não tem nada por mim, mas ele vai olhar, como assim!? Que que tá acontecendo?’ E eu acho que isso fazia ele ter essa trava. Hoje não, ele olha, ele fala, ele comenta, ele me mostra. Ele tá livre, ele tá mais leve, tá mais leve consigo, tá uma pessoa mais suave, não vejo peso nas costas dele”*. Júlio, por vez, diz não sentir uma mudança tão perceptível no marido, já que Caio nunca foi alguém que escondesse suas atrações. *“Nunca disfarçou, sempre fez na minha frente mesmo”*, diz em tom jocoso. No entanto, também admite sentir mais leveza e conforto no companheiro diante deste tipo de situação. *“O Caio sempre foi intenso. Ele sempre entregou a vida dele nas minhas mãos, ‘Óh, é sua, você que conduza’, e ainda continua sendo assim. E eu acho que mesmo se entrar outra pessoa na nossa relação, vai continuar sendo assim. Comigo e com a outra pessoa que vier. Então ele não mudou, ele continua sendo a mesma pessoa, mas mais tranquila. Ele não tem mais aquele medo, aquela dúvida ‘Será que o Júlio me ama, será que ele não me ama!?’ . Então realmente por causa do sexo, que é um peso pra ele, e pra mim não, mas pra ele sim, ele consegue ver que, se eu estou com ele por esses doze anos é porque realmente nós nos amamos. E agora eu vejo ele mais tranquilo, mais sossegado, sabendo o quanto eu realmente amo ele, por encarar esse desafio, essa nova fase”*.

Por fim, pergunto o que ambos esperam viver numa relação poliamorosa, cuja experiência não seria possível numa relação monogâmica. De imediato, é Júlio quem responde: *“Experiências novas. Às vezes, a pessoa pode ter um outro gosto que a gente não tem e a gente pode experimentar. Ter outras vontades. Ter outra família. Conhecermos outra família. Às vezes, a outra pessoa pode ser mais família... porque eu e o Caio somos e não somos pessoas muito de família. A família dele é muito grande, quando se reúnem, acaba*

ficando mais de cem pessoas. E por mais que a família dele seja grande, a gente não tem essa necessidade de ficar perto. Mas às vezes, encontrar uma pessoa que tenha uma família legal, que esteja próxima, que possamos fazer uma viagem, seria legal. Então o que eu espero é viver, ter uma experiência nova”.

Em resposta a uma provocação feita a Caio, relativa ao modo com que ele e Júlio instauraram sua relação desde o princípio, estabelecida por meio de uma dinâmica de co-residência, e portanto, equiparável a um casamento, ele também me aponta uma outra motivação para a composição de uma relação a três. Considerando a trajetória ao lado do marido, Caio também reflete sobre a oportunidade de, junto a ele, viver estágios ausentes em seu relacionamento, ainda que já os tenha vivenciado ao lado de outras pessoas. *“Nós já tivemos a experiência de namorar. Nós dois casamos, mas eu já vivenciei um namoro, eu já passei por isso, e ele também. Dessa forma, não seria algo novo. Mas eu acho que pra essa relação... Assim... não dá pra dizer que tem que ser! É o ideal, é o que nós queríamos... passar pelas etapas. Mas se é uma pessoa que tá distante e tem que ser assim, a gente vai respeitar esse tempo. Mas se é uma pessoa que quer casar amanhã e a gente também quiser, a gente casa, e de repente também dá certo, assim como deu certo com a gente. Não é uma regra, mas nós estamos dispostos a vivenciar as etapas”.*

Se a oportunidade de crescimento e renovação individual mediante a novas relações de alteridade é enfatizada por um lado, de outro, percebemos que a proposta de abertura também permitiria a ambos a exploração de dinâmicas conjugais que, devido às circunstâncias dos acontecimentos, não puderam ser vividas por eles. E por isso, o poliamor também traria como potencialidade a exploração de uma outra temporalidade quando comparada a têm vivido hoje. Se nos projetos hegemônicos os relacionamentos sexo-afetivos são, no mínimo, incentivados a seguir um traçado já estabelecido socialmente, cujas etapas sejam vivenciadas de maneira previamente impostas, a própria proposta poliamorosa ressaltada pelo casal também teria como objetivo a instituição de um outro tempo, cuja linearidade afetiva ditada pela estrutura monogâmica (baseada na chamada “escalada relacional”) seria reelaborada de alguma forma (embora seu percurso “escalacional” ainda permanecesse). Dessa forma, tal qual a possibilidade de exploração do “eu” e de seus espaços conjugais, Caio e Júlio, por meio de suas narrativas, também sugerem que a abertura à experiência poliamorosa seja um modo de negociação frente à estrutura afetiva, responsável pela organização e temporalização de nossos afetos.

OMAR E SAMUEL

Devido aos dois longos relacionamentos vividos, um de seis anos e outro de cinco, marcados por fortes conflitos e situações de traição, Omar decidiu interromper o padrão de relacionamento vivido até então. Se fosse para encarar um novo compromisso, que este apresentasse outras possibilidades de afeto. A partir dos depoimentos poliamorosos encontrados na *internet*, sobretudo no *Youtube* e no *Instagram*, o interesse pelo arranjo poliamoroso ganhou vida. Ao saber da disposição de Samuel em firmar um relacionamento mais sério, desde muito cedo - por volta do primeiro mês de relação - expôs ao companheiro a vontade de se desafiar em uma relação não tradicional. Após analisar a viabilidade da proposta, já que nunca nem ao menos ouvira falar do tipo de formato proposto por Omar, Samuel acabou acolhendo a ideia. *“Eu nunca tinha ouvido falar desses termos, poliamor, não monogamia... Ele me falou e falei que ia pensar. Aí eu fui, cheguei em casa, pesquisei e eu falei pra mim mesmo ‘Ah, eu vou tentar também, né!? Eu já quebrei a cara por aí com alguns na vida só por causa de um, vamo vê se quando é dois, quando quebra, quebra menos, né!?’”*, brinca.

No entanto, desde antes da assertiva de Omar, Samuel já se encontrava bastante angustiado devido aos efeitos de seus relacionamentos anteriores, ainda pujantes. Todo o processo sugerido pelo namorado lhe suscitou uma série de gatilhos e inseguranças, que já o acompanhavam há muito tempo devido a forma como o amor lhe foi ofertado ao longo de sua vida. No dia em que Omar o chamara para conversar, Samuel entrou em pânico, achou que se tratava de um término. Ao me contar sobre a ocasião, Omar enfatiza o estado do namorado no momento da conversa. *“Eu percebi que seria um dia que seria um ‘agora ou nunca’.* Por mais que eu já estivesse gostando dele, por conta de já ter vivenciado outros relacionamentos, eu já sabia sobre o quanto o fator ‘gostar’ é importante, mas também o quanto as suas convicções do que você quer viver na sua vida, também são. Então, quantos relacionamentos eu já deixei de vivenciar no passado por conta de que eu gostava da pessoa e não quis pegar e enfrentar o gosto da pessoa e entrar num embate. Por esse motivo, eu achei que era importante essa nossa fala. Porque se fosse pra gente engatar o relacionamento, já seria de comum acordo e não no decorrer do relacionamento, onde eu iria soltar pra ele e ele se deparar com essa questão e me falar sobre o porquê de eu não ter falado disso antes. Ou a gente estar perdendo um tempo ali, vivenciando um período do relacionamento e depois eu soltar isso. Então eu achei que era importante falar. Quando eu falei eu senti que ele ficou em choque, não foi uma coisa muito receptiva, ele achou que se

tratasse de um relacionamento aberto e eu falei que não. Ele, mesmo assim, não acreditou no que eu estava falando. Ele foi pra casa e foi pesquisar um pouco sobre o assunto. E só foi uns dois dias depois que a gente foi voltar a conversar sobre o assunto”. Após quatro meses do evento, Omar o pediria em namoro.

Assim como nos projetos apresentados anteriormente, aqui também vemos uma posição de “condução” - ainda que não necessariamente sob uma dinâmica de “orientação”, mas, de algum modo, de fomento - sendo ocupada por um desses sujeitos.

Tal como nos casos precedentes, Samuel, a quem cuja “oferta” de uma experiência a três foi apresentada, também foi em busca de materiais que lhe possibilitasse compreender a questão dos relacionamentos poliamorosos. Se antes ele enxergava a não monogamia como uma proposta monocromática, cuja imagem que lhe vinha à cabeça era associada a relações abertas, depois das inúmeras conversas com Omar, passou a compreender algumas diferenças contidas dentro desse universo. *“Bom, pra mim, antes, sem saber, eu achava que [o poliamor] era uma relação aberta. Hoje você está com um, amanhã você está com outro. E se o parceiro quiser saber, beleza. Se não quiser, amém. Hoje eu vejo que já é uma questão mais pra aumentar o que a gente já tem, pra criar mais um vínculo”*, comenta.

Entretanto, conta que ainda hoje precisa de um tempo maior para processar aquilo que vem vivenciando ao lado do namorado. *“Eu não sou aquela pessoa que consegue se abrir na primeira vez que eu vejo alguém. Eu não consigo falar muito, eu não sou tagarela, eu não consigo fazer uma palestra na frente de um público. Então eu acabo sendo a pessoa que observa muito. Até hoje a gente tem um pouco de dificuldade por conta da minha parte. O Omar gosta de falar e eu sou a pessoa que, nas primeiras vezes, observa o que a outra quer”*.

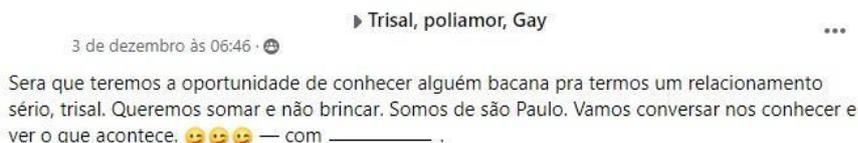
Além da entrada nos espaços poliamorosos *online*, bem como da aproximação com narrativas produzidas por trisais que compartilham suas experiências na *internet*, a aprendizagem que ambos vêm tendo frente a essa experiência também se acumula em torno das breves relações vividas a três. Desde que se dispuseram a expandir seu relacionamento Omar e Samuel já se envolveram sexo-afetivamente com outras pessoas, porém, nada que excedesse um mês de relação. A dinâmica, segundo eles, é a de conhecer a pessoa aos poucos, sem envolvimento sexual nos primeiros encontros. Nos dois curtos casos que vivenciaram ao lado de alguém, ambas as pessoas decidiram interromper seu envolvimento com o casal. *“Os que a gente conheceu, que beiraram um mês ou passaram um pouco mais disso, eu fui criando o sentimento. Só que aí depois a pessoa some, ou usa a família como desculpa, fala que a família não vai aceitar. Fala que não se encaixa nesse perfil. Querendo ou não, depois a gente se machuca”*, conta Samuel. Omar, por vez, analisa que os maiores problemas na

formação de um arranjo a três se dá pela curiosidade alheia a este tipo de experiência sem que, necessariamente, tais pessoas se disponham a realmente vivê-la, bem como a sexualização dessas propostas e a instrumentalização do poliamor enquanto um meio para a resolução de conflitos conjugais.

Já em relação aos dois curtos casos ao lado de uma terceira pessoa, Omar analisa que o primeiro trouxe a perspectiva de ser alguém com quem pudessem desenvolver uma relação, considerando sua idade, superior a dos dois - cerca de dois anos a mais que a de Omar. “*Por conta disso, isso deu uma certa segurança pelo fato de que ele era mais velho e ele saberia mais do que queria, em comparação a pegar alguém na casa dos vinte. A gente achou que ia emplacar, mas não emplacou porque ele sumiu do nada. Só depois de um tempo ele falou que precisava de um tempo pra repensar na vida dele. Então ele não foi tão preciso em dizer o motivo pelo qual ele queria terminar*”, conta Omar.

O segundo rapaz com quem se relacionaram havia acabado de sair de um relacionamento a três que durou cerca de quatro anos. Novamente, analisaram que a aposta poderia dar certo, dada a experiência prévia do sujeito. Após algumas semanas, contudo, novamente se viram deixados de lado. O jovem assumiu querer um tempo para aproveitar a vida de solteiro. Disse-lhes não estar preparado para entrar numa nova relação. Ainda assim, passados dois meses, Omar e Samuel acabaram sabendo do anúncio de seu novo relacionamento por meio do *Facebook*. Por conta desses processos, Omar admite que, se antes tinham uma postura mais ativa na busca por alguém, hoje se mostram mais “*tranquilos*” em relação a isso, aproveitando as dinâmicas particulares de cada uma das experiências que venham ocorrer. Outro fato importante de ser mencionado é que ambos os casos vividos, mais uma vez, se apresentam como experiências prévias à materialização dos projetos por meio dos grupos do *Facebook*. Dizem ter conhecido o primeiro rapaz através do *Tinder* e o segundo pelo *Instagram* (ou no próprio *Facebook*, não se recordam muito bem). O projeto, por vez, só viria a ser exposto alguns meses depois.

Figura 7. Publicação feita por Omar e Samuel em 03 de dezembro de 2021. A mesma postagem havia sido feita em janeiro do mesmo ano (ambas acrescidas de uma foto em casal)



Embora os grupos do *Facebook* sejam usados como um dos meios para a concretização de seu projeto afetivo, ambos indicam usar mais o *Tinder* em relação a esses

espaços, dado o maior número de pessoas e o raio de quilometragem estipulado, facilitando nos novos contatos. Apesar do perfil de casal usado por eles, admitem que os problemas encontrados na plataforma do *Tinder* não se diferem muito daqueles em outros espaços digitais, sendo a maior parte das abordagens voltadas a sexo e por pessoas curiosas a respeito de sua relação, sem intenção direta à vivência buscada por eles. Omar reflete, inclusive, sobre a própria estrutura da plataforma que, em sua visão, por se tratar de uma espaço organizado visualmente, acaba modulando os usos em torno de uma atração física e/ou sexual. Embora em sua descrição o poliamor se apresente como o principal objetivo dos dois, a grande parcela dos usuários desconsideram tais textualidades, prestando atenção apenas àquelas de cunho imagético.

Mesmo Samuel se considerando alguém mais acanhado em termos de relação social, deixando boa parte da comunicação a cargo do companheiro nos primeiros encontros, admite que por meio das plataformas, consegue manter uma razoável performance comunicativa. A conta no *Tinder* usada por eles, *logada*, inclusive, nos dois celulares, permite a ambos conversarem com seus *matches*, simultaneamente ou não. Já as mensagens resultantes das publicações feitas no *Facebook*, é Samuel quem costuma recebê-las, considerando que fora ele o responsável por dois dentre os três *posts* feitos até o momento. A intermediação feita por ele acontece de forma natural, sem que Samuel ocupe uma posição tão reservada quanto aquela em situações presenciais.

As postagens foram escritas individualmente, uma vez por Omar e outra por Samuel. Antes de publicarem, leram um para o outro aquilo que haviam escrito visando sua aprovação. No entanto, como podemos perceber, ambos evitam tratar essa busca de forma “mercadológica”, algo recorrente nestes espaços. Isto porque, em muitos dos *posts* diários produzidos por seus participantes, apontam-se uma série de atributos desejados na futura pessoa amada. A dinâmica no *Tinder*, contudo, toma contornos singulares meio a esta experiência. Omar me explica um pouco sobre o uso da plataforma pelo casal, ainda que se encontrem fisicamente separados. As *affordances* instituídas por eles revelam a instauração de uma espécie de pacto comunicacional. “*A gente tem meio que um combinado. Se um gostou e o outro ficou dividido, a gente fala isso ‘sim, não ou mais ou menos’.* *Se um de nós dois dá um ‘não’, a gente pula pro próximo, porque mesmo que um tenha gostado e o outro não, o importante é que os dois tenham que estar em comum acordo. Quando um dá ‘sim’ e o outro dá ‘mais ou menos’, a gente já deixou pré-combinado que, quando dá o match, a gente escreve pra pessoa ‘oi’ e coloca uma ‘!’.* *Uma “!” significa que um gostou e o outro é ‘mais ou menos’.* *Duas “!” é porque os dois gostaram. Então a gente faz isso, de uma forma que,*

quando a pessoa for conversar com a gente, a gente já sabe que esse é aquele que um gostou e outro está dividido, então vamo vero que a conversa vai dar!?”.

Embora o combinado se estabeleça apenas sobre um critério físico/sexual, reiteram que é no bate papo que a química acontece ou não. Além disso, vale dizer que a tática também é reproduzida em contextos não digitais. Ao se encontrarem com alguém, de modo semelhante à estratégia elaborada por Augusto e Ricardo, Omar e Samuel também estabelecem um código que lhes permite saber o sentimento do parceiro no decorrer da experiência. Em determinado ponto do encontro citam a mãe, perguntam um ao outro se a mesma está bem. Uma resposta afirmativa indicaria compatibilidade, já a negativa apontaria uma falta de identificação.

Nenhum acordo sobre tipo físico foi definido ao considerarem a imprevisibilidade do gosto de cada um. Ressaltam que, em outras ocasiões, se surpreenderam pela compatibilidade física que sentiram ao lado de outras pessoas. Logo, resolveram deixar a questão em aberto. No entanto, admitem que gays mais afeminados não os atraíram, já que desde o início, a própria performance mais próxima a de um ideal social de masculinidade, pautada num conjunto de estereótipos ditos masculinos - isentos de comportamento afeminado -, possibilitou que se atraíssem um pelo outro. Como valor básico, a fidelidade é destacada. Seu projeto poliafetivo não admitiria, portanto, outro cenário diferente ao de polifidelidade. O distanciamento a outros modelos não monogâmicos, em especial ao relacionamento aberto (RA), se mostra um elemento central na produção de seu projeto.

Comparado aos seus relacionamentos anteriores, Omar destaca um sentimento mais intenso de estabilidade, abertura comunicativa e respeito no espaço de íntimo construído ao lado de Samuel - embora destaque que o trabalho de aperfeiçoamento das habilidades comunicativas do namorado precise ser continuado, dada ainda sua dificuldade em verbalizar sentimentos e se posicionar em algumas situações. O companheiro, pensando nas dinâmicas vivenciadas ao lado de Omar, até então inéditas em sua vida, se admira pela duração que a relação tem tido, algo também singular dentre os demais afetos já vividos. O destaque à estabilidade chama atenção devido ao modo com que estereótipos são frequentemente apontados às propostas não monogâmicas de relacionamento, tomadas como um sintoma de instabilidade conjugal.

Até então, apenas o namorado do irmão de Samuel e a irmã de Omar sabem da abertura proposta pelo casal. Enquanto o primeiro é também um participante dos grupos poliamorosos do *Facebook*, tendo visto a publicação feita pelos dois, a irmã de Omar, por sua vez, soube pelo próprio, na época em que ele e o companheiro vivenciaram juntos sua

primeira tentativa de relação a três. Por vezes, o rapaz se mostrava interessado em levá-los à sua cidade para que pudessem conhecer sua família. Omar sentia que ele, na verdade, mostrava-se em dúvida se o mesmo ocorreria por parte dos dois. Assim, num dia comum, realizou uma vídeo chamada para apresentá-lo à família. No momento, apenas disse se tratar de um amigo, abrindo o jogo à irmã pouco tempo depois. Ela, inclusive, também já havia passado por um relacionamento a três ao lado de sua ex-namorada. Na visão de Omar, a experiência vivida pelas duas apenas acabou acontecendo por conta das crises em seu relacionamento, mobilizando a não monogamia como uma tentativa de dar um novo fôlego à intimidade entre elas. No fim, ela e sua namorada “original” acabaram se separando. A irmã de Omar, contudo, permanece até hoje ao lado da outra. Assim que soube do projeto poliafetivo do irmão, aconselhou-o a tomar cuidado. Ressaltou o caráter escorregadio desta experiência.

Entro na questão de suas expectativas em torno de uma relação a três. Assim como nas entrevistas anteriores, pergunto-lhes o que esperam encontrar num vínculo poliamoroso. Omar é o primeiro a responder. *“Acho que viver algo novo e... falta de rotina! Eu acho que isso acaba sendo uma coisa que um trisal acaba tendo. Querendo ou não, nós continuamos num modelo monogâmico, um modelo que eu vivenciei ao lado de outras pessoas. Então justamente esse desejo de querer ter mais um alguém é pra não cair nessa rotina”*. Já Samuel destaca a vontade de encontrar novas possibilidades em espaços de afeto. *“Mais compatibilidade, mais vivência, mais afeto, mais positividade”*.

Por fim, me interesso por outros projetos para além deste. Omar conta do desejo de casar. Caso cheguem a vivenciar uma relação a três, aponta sua expectativa numa co-residência junto de seus dois afetos. Tendo em vista a estigmatização das relações não monogâmicas, cuja terceira pessoa é comumente vista como alguém inserida numa relação já em trânsito, tem o cuidado de elaborar um projeto de vida cujo espaço de intimidade seja horizontalizado aos três, minando possíveis hierarquias afetivas. Também se mostra preocupado, neste contexto, com a questão civil, dada a possibilidade de instauração de possíveis assimetrias dentro do espaço conjugal. No entanto, sabe não ser produtivo preocupar-se com isto no momento. Samuel me aponta o plano de adotar uma criança. Conforme esclarece, ambos já conversaram a respeito e se viram motivados pela decisão. Entretanto, não é algo que já tenha sido definido, apenas sugerido. A ideia estaria em fase de amadurecimento.

BERNARDO E IGOR

Segundo Bernardo, foi a partir de seu relacionamento com Igor, visto como um ponto fora da curva, que vislumbrou a possibilidade de uma relação poliamorosa. Com o marido, sempre se sentiu à vontade para a expressão de seus desejos, dado o espaço de escuta produzido entre eles. Uma escuta acolhedora e recíproca. *“E pra gente era ponto pacífico um pro outro dizermos ‘Ah, nós temos vontade de transar com outros caras’”*. Tal abertura ocorreu desde os primeiros meses de namoro. Já nessa época, trocavam confidências sexuais. Se perguntavam sobre o desejo dirigido a outras pessoas, imaginando-se, e imaginando o parceiro em contextos sexuais junto a terceiros. Como já dito, experimentaram por algum tempo o relacionamento aberto (RA), porém, nunca chegaram *“às vias de fato”*. Não se sentiam confortáveis com o formato adotado. *“Já mudamos de ideia e vimos que era mais adequado pra gente essa coisa do trisal, do poliamor. Sem fazer crítica nenhuma ao relacionamento aberto! Particularmente, eu acho que é uma opção super válida também. Não que eu a desconsidere cem por cento, mas eu prefiro ainda a coisa do poliamor, do trisal. E a gente acabou indo mais nesse sentido”*, Bernardo acrescenta. Um outro ponto mencionado, para além da abertura comunicativa e do acolhimento a possíveis fantasias sexuais, é também o ciúme, que de acordo com ele, nunca fez parte da dinâmica de relacionamento com Igor, mesmo esporadicamente presente.

Durante toda a nossa conversa, vale dizer, Bernardo mostrou uma postura bastante autorreflexiva aos temas sugeridos. Isto é, demonstrava constantemente uma preocupação em não se deixar cair em discursos possivelmente reducionistas ou atravessado por moralidades e valores hegemônicos. É nítida, portanto, a relação entre a configuração narrativa de seu discurso para com a trajetória e a posição social ocupada pelo historiador. O tom engajado de suas falas atravessará todas as narrativas produzidas pelo rapaz e dará contornos específicos às textualidades apresentadas por ele.

Segundo alega, a aproximação com a temática não monogâmica, além claro, do contato tido durante o período da faculdade, se deu através de alguns conteúdos de mídia. Como nos casos anteriores, por meio de depoimentos dos próprios participantes destes modelos de relação em algumas redes sociais, além da leitura e consumo de conteúdos mais teóricos. Após esse contato, olharam um para o outro e se perguntaram *“Por que não!?”*. Desde então vêm investindo no projeto.

Diferentemente de outros casais que enunciam seu recuo em direção a formatos mais abertos de relacionamento, em especial à relação aberta, cuja questão se situa principalmente

em torno de inseguranças pessoais, Bernardo diagnostica que a razão pela qual ele e o marido resolveram se inclinar em direção a uma proposta poliafetiva se deve ao conforto sentido por eles ao associarem sexo e afeto - algo que não está necessariamente excluído à experiência aberta proposta pela RA, mas que na visão de ambos, ainda assim se mostra incompatível com suas tendências afetivas. *“Uma coisa é transar por transar e outra coisa é transar com afeto. Não que transar por transar seja demérito em relação a transar com afeto. Inclusive, eu não tenho nada contra transar por transar. Meu esposo já não gosta muito, não que ele não faria, mas ele gosta mais do transar com afeto. Eu gosto de transar por transar e transar com afeto. Mas eu gosto muito do transar por afeto, então por isso a gente foi mais pra esse lado do poliamor. Porque ela é uma ideia que não envolve só o sexual, é o afetivo também. Então, vamos dizer, que a gente acha ela uma ideia mais rica do que o só transar por transar”*, diz Bernardo.

Ao contrário de Bernardo, que nunca havia pensado em ter uma relação não monogâmica até o momento em que a propôs ao marido, Igor conta que já nutria um certo acolhimento à possibilidade de um cenário não tradicional de relacionamento. Uma vez rompido o armário e se desafiado a contestar a estrutura heteronormativa, Igor encarava com naturalidade o fato de se sentir sexualmente atraído por outras pessoas mesmo ao lado do esposo, bem como sustentar o desejo de Bernardo também em direção a outrem. *“A ideia da não monogamia surgiu com o Bernardo, embora eu deva dizer uma coisa. Muito antes dele propor, eu nunca deixei de ter interesse sexual por outros homens, mesmo quando eu estava com ele, e ele sempre soube disso. Eu percebo que pra mim, eu levei muito tempo pra romper a barreira, sabe... Mas quando eu fiz isso, me parece que do lado de fora da heteronormatividade a coisa é bem mais livre, entende!? Me parece que, uma vez que você rompe essa barreira o resto tá mais ou menos mais fácil. Então depois que eu saí do armário eu nunca achei estranho eu ter interesse em outros homens e o Bernardo ter esse interesse também. Eu nunca tinha pensado, de fato, em casar com outro cara, isso é algo que o Bernardo pensou”*, Igor afirma, apontando um cenário diverso em relação aos relatos anteriores, dada a tranquilidade com que, desde o início, encarou o assunto. Entretanto, assume que somente tratou a abertura relacional enquanto um projeto conjugal no momento em que ele, ao lado do esposo, decidiu realmente colocar em prática esta proposta. *“Aconteceu de modo muito natural, mas foi parte de um acordo. Na verdade, botar o limite é que é estranho. Pra mim foi assim. Foi um negócio muito natural, tanto da parte dele quanto da minha. É como eu te falei, a impressão que eu tenho é que a possibilidade disso estivesse sempre próxima, o tempo todo. Nunca pareceu uma coisa distante. Eu botei o pezinho pra*

fora do armário e encontrei tudo isso esperando por mim. A gente começou num casamento monogâmico porque era o que a gente sabia fazer. Porque existe um modelo, né!?”, acrescenta.

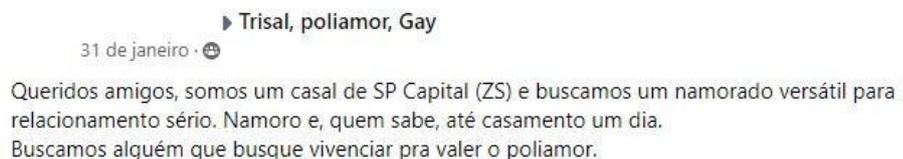
Igor nunca nutriu, necessariamente, expectativas em torno de uma experiência poliamorosa. No entanto, desde se abrir à ideia, tem sentido uma pequena diferença em relação àquilo que imaginava de uma relação a três: inquestionavelmente, a sensação é de dificuldade. *“Antes eu achava que era muito fácil, então eu acabei negligenciando os reveses, as dificuldades de conquistar alguém e de ser conquistado. Eu desconsiderei os aspectos difíceis dessa experiência, e hoje eu considero mais. Sou mais cuidadoso. A vida foi tão generosa comigo que eu fui poupado de enfrentar estresse em relacionamento. Eu fui poupado dessa experiência de choque que é conhecer e conviver com alguém que é muito diferente de você, até esse ano - quando elaboraram as estratégias para o vivenciamento de seu projeto.*

Desde novembro de 2021, ambos vem expondo seu desejo. De lá para cá, publicaram quatro vezes no grupo *“Trisal, poliamor, gay”*. Com um texto sucinto, enfatizam o desejo de uma vida a três em sua primeira postagem. Nas duas seguintes, a estrutura se mantém. Já na última publicação, feita em janeiro deste ano, resolvem acrescentar a postura sexual como um fator importante em sua busca, sem pontuarem quaisquer outras qualidades. Na verdade, é Bernardo o responsável pelos *posts*. Igor, há algum tempo, não possui conta em redes sociais. Segundo alega, não é algo que o chame atenção.

Figura 8. Publicação feita por Bernardo em 28 de novembro de 2021 (acrescida de uma foto em casal)



Figura 9. Publicação feita por Bernardo em 31 de janeiro de 2022 (acrescida de duas fotos em casal)



Algo interessante surge num ponto específico de nossa conversa, quando lhes pergunto acerca do modelo relacional em que se encontram atualmente. Ao responderem a questão, demonstram um certo tipo de incerteza, sem resposta imediata. Olham um para o outro e questionam a nomeação que dariam ao formato atual.

Igor: “— *Semiaberto, não é!? Ou aberto? Não, não chega a ser aberto porque a gente não tem... Na verdade nunca foi aberto mesmo...*”

Bernardo: “— *A gente flertou com a ideia do relacionamento aberto, né...*”

Igor: “— *... Mas nunca chegou [a ser aberto].*”

Bernardo: “— *... Mas a gente acabou optando agora em ir atrás do poliamor.*”

Igor: “— *É... a gente nunca chegou a abrir, então foi sempre meio semiaberto. A porta tem estado semiaberta, mas nunca entrou ninguém, entendeu!?*”

Bernardo: “— *É! A gente diz até essa expressão, um neologismo com o semiaberto... Porque a gente sempre colocou assim, se um dia acontece, ah, ok, não iria ser um problema.*”

Igor: “— *Sim, normal! Tanto você quanto eu tivemos as nossas flertadas...*”

Bernardo: “— *Sim, sim!*”

Igor: “— *A gente andou borboleteando por aí!*” (risos)

Bernardo: “— *É...! É...!*” (risos)

Igor: “— *É que num vingou, né! A gente foi cheirar umas florzinhas por aí e voltamos com um pouquinho de pólen, mas ok, foi só isso*” (risos)

Ainda que nenhuma definição tenha sido posta de forma categórica, considero suficiente a interação entre eles perante a pergunta. Provisoriamente, e levados por aquilo que têm experimentado, “semiaberto”⁶⁰ acaba sendo um bom termo para se pensar nas dinâmicas já vividas entre eles.

Ao falar de suas “*borboletagens*”, Igor as qualifica como “*infrutíferas*”. Conforme alega, tratava-se mais de sexo. “*Apenas flertes*”, segundo Bernardo. Nestas ocasiões, a busca por um relacionamento sério ainda não havia sido instituída plenamente enquanto um projeto de conjugalidade. “*Era quase uma curiosidade erótica, era quase isso*”, Igor pontua. Diferentemente dele, que hoje diz preferir o contato face a face em situações de envolvimento sexual, deixando de lado o uso de plataformas de redes sociais para tais aproximações,

⁶⁰ O termo não é presente nos trabalhos apresentados no primeiro capítulo desta dissertação. A única menção a ele consta no trabalho de Silvério, mas usado por pessoas não monogâmicas num tom crítico ao *swing*, visto como uma prática relacional limitante e, sobretudo, machista (SILVÉRIO, 2018, p. 213).

Bernardo se utiliza desses recursos em sua abordagem, sentindo certa familiaridade com as dinâmicas de paqueras *online*. Além dos grupos do *Facebook* e do *Whatsapp* - os últimos, provenientes dos próprios espaços poliamorosos do *Facebook* -, dizem também utilizar o *Scruff* como um recurso de encontros.

Embora desde o início do namoro houvesse a sombra de uma possível abertura relacional, considerando a naturalidade com que o tópico se apresentava aos dois, o poliamor só se instituiu enquanto um objetivo afetivo há, aproximadamente, dois meses antes do nosso contato. “*Praticamente me deu um susto*”, diz Igor sobre o momento em que a ideia lhe foi apresentada pelo marido. “*Um dia ele chegou pra mim e falou ‘Olha, tem um fulano, quer conhecer?’*”. “*Na verdade, a gente entrou em contato com alguns canais no Youtube, algumas reportagens, e a gente começou a se interessar. E aí eu falei ‘Ah, quer saber, eu vou ver se acho alguma coisa disso no Facebook’*. *Aí eu achei aqueles grupos de polilovers, de trisais no Facebook e eu fiquei encantado de início. Aí, no mesmo dia, eu falei por Igor e ele achou super legal a ideia*”, diz Bernardo, assumindo a responsabilidade pela incitação ao tema.

Tendo em vista a breve apresentação de seu projeto no grupo “*Trisal, poliamor, gay*”, pergunto-lhes a respeito da possível existência de um perfil que os atraia. Admitem que, de fato, há algumas preferências que lhe chamam a atenção. Caras entre vinte e cinco e quarenta e poucos anos - cuja margem de idade em relação a dos dois, trinta e seis anos, apresenta-se convenientemente -, versáteis, dada a diferença na postura sexual adotada por eles, e que residam na região metropolitana de São Paulo, apesar de não se limitarem a estabelecer contatos apenas com pessoas mais próximas. Contam, por exemplo, de um rapaz de SC que os deixou bastante interessados, porém, sem expectativa real de uma relação afetiva devido à distância. “*Por isso eu não gosto de aplicativo, você se apaixona por pessoas que você nunca vai conhecer*”, lamenta Igor. Além disso, apontam, a independência financeira como um fator importante. “*Não precisa ser ninguém rico, não precisa ser ninguém que tenha o mesmo patamar que o nosso, que já não é grande coisa, né... [risos] Mas precisa ter alguma independência financeira, que se vira, faz seus corres. Porque a gente não gostaria de arranjar alguém que tivéssemos que sustentar*”, explica Bernardo. Igor declara ser alguém muito receoso nesse sentido. “*Eu vou ser honesto com você. Eu tenho medo de golpe, inclusive. Eu tenho medo. Eu penso assim, casal gay, de meia idade, classe média, é perfil de vítima de golpista*”. Bernardo diz não ter necessariamente essa preocupação, mas sim com pessoas “*encostadas*”. Igor já se mostra apreensivo com ambos os cenários.

Entretanto, ambos não se veem como pessoas criteriosas. Como Igor elucida algumas vezes, a questão envolve um certo tipo de autonomia do próprio tesão. *“São os critérios do tesão, eu diria. Porque no mais, a gente tá aberto pro que vier. E aí o tesão é meio exigente, ele é meio tirânico até!”*. Em relação a isso, contam que por duas vezes chegaram a se envolver com pessoas que gostaram muito, mas que por não haver compatibilidade entre o tesão de um deles para com o terceiro - tendo a não correspondência ocorrida com os dois, um em cada caso -, decidiram não prosseguir com os afetos. Por isso, Bernardo alega que *“Às vezes, conjugar o tesão do casal numa pessoa também não é fácil”*. Tais complicações, como a “conjugalidade do tesão”, só vieram a ser consideradas após o início dessas experiências, coisas que não haviam presumido de antemão. Igor comenta que essas situações também aconteceriam numa relação a dois, porém, concorda com o marido que numa vivência poliamorosa a situação se complica ainda mais.

Considerando a relação distanciada de Igor com as redes sociais, é Bernardo o responsável pela busca por uma nova pessoa, pelo menos nestes ambientes. *“É, eu que sou caçador de internet”*, brinca. Para o texto, revela que não pensou em dizer nada além do básico. Já a foto foi escolhida a dedo. A de um casamento em que compareceram. *“Uma foto pra seduzir”*, brinca Igor. No entanto, acabam voltando a falar a respeito da dificuldade de se encontrar alguém, até mesmo por conta da distância física dos membros do grupo, que, em sua maioria, são de outros Estados do país ou regiões mais interioranas de São Paulo. É interessante tocarmos nesse ponto, já que mesmo sendo verdade, todos os cinco casais com quem conversei são naturais (e residentes, se não fosse a mudança de Mateus e André para o sul) deste Estado. Os grupos do *Whatsapp*, derivados dos espaços do *Facebook*, acabam sendo espaços mais efetivos na busca por um novo amor, segundo Bernardo, trazendo um recorte geográfico à questão. Devido à posição de “condutor”, Bernardo acaba sendo o responsável pela mediação entre os novos contatos e o marido. *“É basicamente sempre assim. O Bernardo dirige o negócio e eu vou sentado no banco de trás olhando a janelinha, apreciando a paisagem. É assim, ele me conduz, eu vou junto, eu não começo. E eu não me importo, eu gosto de ser conduzido sem problema nenhum”*.

Em meio a esse processo, Igor pontua que acabou conhecendo outras coisas acerca de si mesmo. Dentre elas, seu interesse por pessoas mais jovens. Diferentemente de Bernardo, que se atrai por faixas etárias superiores, Igor diz sentir mais a *“tirania do seu tesão”*. Além disso, também vem percebido uma *“falta de maturidade”* frente ao trato com novas pessoas em ambientes digitais, como no *Whatsapp*, onde realmente se insere no processo. *“Eu tenho dificuldade de entender a temperatura da conversa. Acho que é falta de experiência, sabe!?”*

Às vezes, eu me envolvo mais do que devia, e às vezes, é o contrário. Às vezes, eu respondo menos do que eu devia. Eu acho que é porque eu tenho um receio de flertar”.

Além da distância física e do receio em encontrar pessoas que possam “*se encostar*” financeira e emocionalmente, ambos têm percebido outras dificuldades. A própria heterogeneidade das motivações dos participantes nesses espaços aparece como um entrave, levando a terem medo de vivenciar algo com alguém que acabe “*brincando*” com eles. Ao dizerem isso, também acabam achando engraçado a proximidade entre este tipo de preocupação aos discursos feitos por pessoas solteiras também em busca de um casal. “*É engraçado, porque nós, que somos casal buscando um terceiro, a gente tem uns receios nossos. Receio de encontrar alguém que ‘Ah, será que vai ser alguém que vai querer se encostar na gente? Alguém que vai ser dependente emocionalmente da gente? Ou que vai brincar com a gente?’.* Coisas desse tipo. *E é engraçado porque a gente vê alguns solteiros com o mesmo discurso*”, Bernardo pontua. Dizem ver alguns solteiros que, por também carregarem tais inseguranças, decidem formar um trisal “do zero”, afastando-se da possibilidade de serem “fetichizados” nessas relações, tal como as discussões relativas acerca da “unicornização”. Num contexto homossexual, no entanto, as problemáticas vindas dessas situações podem ser resolvidas com uma tranquilidade maior em comparação àquelas vistas em arranjos heterossexuais, cuja assimetria de gênero - e dos próprios desejos sexuais enunciados pela maioria dos homens nestes espaços, declarados majoritariamente heterossexuais - acaba dificultando a emergência de outras possibilidades afetivas.

Igor, ainda assim, diz sentir uma maior insegurança em comparação ao marido. Sente que está constantemente “*pisando em ovos*”, sobretudo, após as duas primeiras tentativas de flerte com terceiros, onde acabou percebendo uma “inabilidade” social.

Até então, devido à ausência do tópico tanto em suas narrativas pessoais e conjugais, quanto nas textualidades produzidas para o ambiente digital, não há qualquer menção a respeito do arranjo poliamoroso desejado por eles. Aproveito, por isso, para questioná-los sobre o assunto, considerando que a condição de um relacionamento aberto ou fechado acabou ganhando um destaque maior nas entrevistas anteriores, dada a preocupação dos próprios sujeitos com a questão. A princípio, de acordo com eles, a configuração (aberta ou fechada) parece não ter um peso tão significativo assim para os dois. Conseguem vislumbrar um relacionamento a três em polifidelidade, mas também um cenário poliamoroso aberto, algo flexível também de acordo com as vontades do terceiro. O mais importante, portanto, é encontrá-lo. “*É aquilo que eu falei. Depois que a gente... pra mim, pelo menos. Depois que eu atravessei a porta do armário, essas coisas não me são estranhas. Se fosse pra ser todo*

aberto, ou se ele me falasse, por exemplo, pra gente frequentar um clube de swing toda semana, essas coisas, eu não ia estranhar. A princípio, fechado, porque a gente precisaria sentir primeiro aonde tá pisando, pra depois a gente ter mais segurança”, Igor diz. “*E como a gente vai estar vivenciando uma coisa nova, que é viver um relacionamento a três, talvez seja melhor ir com um pouco de calma. Vamos primeiro firmar aqui entre nós três porque já vai ser bastante responsabilidade*”, Bernardo acrescenta. Embora não haja nenhuma objeção a relações abertas, estabelecem, a princípio, um arranjo a três vivido com base na polifidelidade devido ao receio de estarem indo rápido demais, levando em conta também a expectativa de aproveitar o máximo todas as partes do processo. Só então, estariam mais confortáveis a outras possíveis configurações.

Por fim, “*amor, acolhimento, amparo e afeto*” são o que Igor diz esperar de uma experiência poliamorosa, sendo o “*amor*” ecoado por Bernardo. Mesmo não notando diferenças um no outro desde a abertura a uma vivência a três, Igor destaca que tem percebido novas nuances em sua personalidade. Prosseguindo com a ideia da descoberta de novas coisas sobre si mesmo, também percebe o desenvolvimento de suas habilidades comunicativas, ainda que restritas. Afirma que, atualmente, tem um cuidado maior com as palavras e na enunciação de seus sentimentos. Segundo ele, seu problema se deve à falta de um “*filtro emocional*” diante daquilo que diz, faltando-lhe uma certa percepção de adequação e cuidado afetivo com as palavras ditas em diversas situações sociais. “*Eu tô adquirindo vocabulário afetivo, falar de afeto. É uma coisa que eu não tinha. Precisão nos termos, saber falar*”. “*São coisas bobas às vezes, como escolher uma carinha no Whatsapp*”, diz Bernardo sobre a habilidade comunicativa do marido, em específico, àquela em ambientes digitais, exemplificada pela dificuldade no uso de *emoticons*. “*São coisas óbvias pra vocês, mas pra mim acaba gerando muito tempo de reflexão, porque eu erro. Eu erro a carinha que eu mando, eu erro a hora de mandar, eu erro a hora de fazer a pergunta. Eu erro tudo isso porque eu não tinha esse vocabulário, eu tô adquirindo agora. A nossa comunicação é boa, mas hoje eu vejo que foi sorte*”, analisa Igor. Pensando no próprio espaço de troca e paciência construído entre eles, Bernardo também aponta o receio de que uma experiência poliamorosa possa introduzir dinâmicas conflituosas, principalmente, relativas a brigas e ciúmes. “*A gente quer a sorte de um amor tranquilo*”.

MATEUS E ANDRÉ

A trajetória de Mateus e André, como veremos, se posiciona em um outro lugar quando comparada aos caminhos conjugais narrados até então. Muitos dos dilemas e dos desafios mostrados até agora, relativos à busca de um novo amor, serão reiterados. Contudo, são as singularidades de suas histórias, individuais e conjugais, que darão novas cores ao projeto a ser apresentado.

Na ocasião em que Mateus expôs ao namorado seu desejo de expandir a relação - estando juntos há, aproximadamente, dois meses -, contou-lhe um pouco sobre o que havia lido a respeito do poliamor e do formato de trisal. A proposta foi, de imediato, bem acolhida por André, que desde sempre se considerou alguém aberto a novas experiências sexo-afetivas. *“Ele comprou a ideia e me incentivou a procurar. Nesse meio tempo, eu fui procurando e a gente já conheceu duas pessoas, duas mulheres daqui de Porto Alegre. A primeira que nós conhecemos acabou não rolando, ele falou que não tinha gostado dela, que ela tinha cara de louca. Aí eu falei ‘Ah, tá bom, né...’. Aí eu vou conhecer essa hoje, que a gente já tá conversando há um tempão. Vamo ver no que vai dar”*. Para facilitar o contato entre os três, o trio resolveu criar um grupo no *Whatsapp*. Antes de marcarmos a entrevista, Mateus já havia me dito que não poderia ficar por muito tempo. Após a nossa conversa, iria a um *date* com a jovem mencionada. André também tem o desejo de encontrar um terceiro parceiro para uma relação a três. No entanto, gostaria que fosse um outro homem. Algo que Mateus tende a desconsiderar dada a sua vontade de compartilhar a relação com alguém do gênero oposto. Daí, podemos ver que o desenrolar dessa história fugirá em muito das configurações narrativas apresentadas até então.

A aproximação de Mateus com a temática da não monogamia, bem como na maioria dos casos anteriores, aconteceu a partir do contato com perfis de trisais em plataformas de redes sociais. Entre eles, se recorda do @vidadetrisal⁶¹, mas diz seguir outros, cujos formatos incluem homens e mulheres, algo que lhe chamou atenção. *“Eu mostrei pra ele que isso era uma coisa legal. Que não era bem aceita e bem vista aqui ainda por conta de uma questão cultural nossa, mas que é algo bem normal”*, explica. Antes disso, nunca havia pensado a respeito do tema. O único momento que poderia ser visto como “não convencional” em seu relacionamento anterior fora quando sugerira um *ménage* com sua ex-mulher enquanto ainda moravam juntos, algo que ela não aceitou. *“Não, eu nunca tinha pensado, fui começar a*

⁶¹ Trisal gay de Florianópolis que conta atualmente com 35,4 mil seguidores no *Instagram*. Dados de 21 de abril de 2022.

pensar depois que eu comecei a conhecer. Eu era alguém totalmente ignorante quanto a isso". Alega que o que mais lhe despertou interesse foi a possibilidade de se relacionar com uma terceira pessoa, uma vez que ele, sendo bissexual, estaria insatisfeito com a maneira tradicional dos relacionamentos amorosos, que enxerga como limitante à sua experiência/prática bissexual. Tal consideração também tinha como fundamento o fato de Mateus perceber diferenças no modo como se relacionava com homens e mulheres. Já André, num primeiro momento, considerou a proposta de Mateus um tanto inusitada pelo fato de a busca ser direcionada a alguém do sexo feminino. *"Ah cara, eu não curto mulher, eu nunca curti e nunca tive essa experiência. Mas é algo que eu poderia conhecer. A gente pode tentar ver se rola, se não rolar, a gente deixa prá lá e vai tentando..."*, disse André frente à proposta.

A intersecção entre não monogamia e bissexualidade, brevemente apontada no capítulo introdutório a partir das discussões realizadas por Pilão (2017), nos dão algumas pistas que nos possibilitam compreender o lugar ocupado pelas narrativas sexo-afetivas trazidas por Mateus ao evocar os processos de constituição de seu projeto poliamoroso. Narrativas textualmente articuladas àquilo que poderíamos chamar de "experiência bissexual"⁶², dada a composição da rede textual no qual a trajetória pessoal de Mateus se vincula, de acordo com os grupos bissexuais etnografados por Pilão. Não nos cabe aqui traçar os paralelos entre a narrativa de Mateus e os embates trazidos pelo antropólogo, contudo, minha intenção é pontuar como o debate outrora levantado pelo autor nos serve como um pano de fundo, ou melhor, como "exterioridade constitutiva" (RIBEIRO; MARTINS; ANTUNES, 2017) que não só atravessa as falas de Mateus, marcando uma dobradiça entre o individual e o social, mas que também é atravessada por seu projeto, mobilizando-o frente a novas possibilidades éticas e afetivas.

Diferentemente dos outros casais - pelos menos, dos três últimos -, cuja proposta não monogâmica fora apresentada por uma das duas pessoas, bem como esta ficara responsável pela "condução" do projeto, aqui temos um cenário um tanto particular. Embora Mateus seja o executor da proposta, é André que possui, há algum tempo, o plano de viver uma relação distanciada dos padrões hegemônicos de relacionamento. Diferente de André, que durante o casamento já pensava em se relacionar não monogamicamente - seja por meio de um poliamor ou de uma relação aberta -, Ulisses, seu marido na época, era bastante fechado ao assunto. *"Por muitos anos eu aceitei essa condição, até porque na época a gente tinha muitos*

⁶² E aqui mobilizo o conceito de "experiência" no sentido adotado por Joan Scott (1999), apontado ao fim do segundo capítulo.

planos. A gente se encanta por aquele relacionamento monogâmico, com aquele sonho de princesa que a sociedade nos impõe, e coloca que a gente tem que crescer, casar e ter filhos - só não no meu caso por eu ser homossexual. Mas segui muito tempo com essa ideia". Ulisses, por sua vez, reiterava que jamais conseguiria ver o companheiro ao lado de outro homem. Portanto, quando Mateus expôs seu desejo de compartilhar a vida junto de um outro afeto, André não se sentiu assustado nem incomodado. A proposta foi, desde o primeiro momento, acolhida e posta em execução, ainda que por uma série de caminhos não planejados por Mateus. Conforme me diz, *"Por mim eu viveria até mesmo um quadrisal! Eu gosto desse contato, sabe, putz, não ser só uma pessoa que vai te esperar em casa. Ahh, beleza, não dá pra sair com o Mateus hoje, mas eu vou sair com o Henrique, com o Caio, com a Lorraine, sabe... pra mim tá tudo bem. Eu quero muito, eu quero viver isso. Eu tô muito louco pra viver isso. Eu quero ser o que vai dar a notícia pra família e falar 'Então, tem uma terceira pessoa agora'. [...] No meu relacionamento anterior eu me privei demais de tudo. Quando eu saía do banho, o Ulisses já tava lá no meu celular, louco, olhando tudo o que eu tinha feito, até o Google Maps, sabe, pra ver aonde eu tinha estado. Eu falava que eu nunca mais iria me permitir viver isso. Jamais. Quando eu me separei, eu comecei a entender melhor o poliamor, eu já tinha pensado. Eu já tinha estudado isso na aula, eu tive antropologia, sociologia, psicologia. Eu já tinha estudado o quanto a monogamia é imposta pela religião há muitos anos, já tinha visto sobre a lei do casamento, a lei da fidelidade. Tudo isso eu meio que já tinha começado a contestar na faculdade. Veio à tona com a minha separação e hoje em dia faz todo sentido pra mim. Minha casa tá aberta, quero mesmo que apareçam pessoas e que eu possa conhecer a vida das pessoas, aprender com as coisas que elas viveram, conhecer o que elas pensam. Eu tô muito nessa vibe"*.

Pensando na concomitância afetiva enquanto um valor para a produção de um "eu" almejado para si, André também ressalta que nenhum acordo foi feito de modo a limitar as futuras vivências poliafetivas ao lado do namorado, exceto o sexo com penetração - pelo menos no começo, considerando sua preferência sexual, mas que também não encara enquanto uma barreira, dada a imprevisibilidade do tesão e a inconstância das próprias pessoas, que mesmo tendo preferências, também são atravessadas por desejos contingentes, e por isso, não devem ser pensadas de modo estático.

Mesmo antes do poliamor se constituir enquanto um interesse afetivo, André e Mateus já haviam conversado sobre a possibilidade de viverem um relacionamento aberto. Mateus admite que, embora não pensasse sobre o poliamor até sua aproximação com o tema, a diferença de sua orientação sexual para com a de André e o fato de não ser alguém ciumento

já haviam sido diagnosticados pelo próprio como elementos que poderiam guiar-lhes a uma experiência afetiva não hegemônica. André também não se vê como alguém ciumento, apesar dessa percepção ser parcialmente questionada por Mateus, afirmando que o sentimento é sim presente no namorado, dadas as alterações no tom de sua voz e na maneira de falar, coisas que André guardaria para si e apenas traria à tona quando acumuladas. Pondera, no entanto, que o ciúme do companheiro não é algo tão significativo, apenas casual.

Mateus chegou a se relacionar sexualmente com sua ex-mulher após o início da relação com André. O evento foi apontado por ele como um momento em que conseguiu se aproximar ainda mais do companheiro. Segundo André, a ex-mulher de Mateus, entretanto, interpretou o evento como uma tentativa de reaproximação, e que isso estaria em seu favor por pensar que André ficaria abalado diante da descoberta, o que não ocorreu. *“Pra mim foi tudo certo. ‘Ah, tá, beleza! Era sua ex, que bom que foi com ela, que você matou a saudade e foi com alguém conhecido... Pra mim tá tudo certo’, disse pra ele. E ela ficou putassa porque achou que transando com ele, ele ia voltar, ele ia ficar triste, se questionando porque ele foi se relacionar com homem... Mas foi bem pelo contrário. Acho que foi aí que eu ganhei mais ainda o Mateus. E aí eu fui explicando pra ele ‘Cara, tudo bem, você quer transar com uma mulher, transa. Quer trazer um cara aqui em casa, vai na fé, entendeu!?. Eu não ligo pra isso’. E ele, pelo contrário, ele não agiu com aquela coisa ‘Ah, ele não me ama, não me quer...’. Ele entendeu que era uma condição poliamorosa e que isso não iria mudar o meu amor por ele, o meu carinho, não ia mudar nada”*, André afirma.

Por isso, embora tenha sido Mateus o primeiro a levantar a ideia de um arranjo poliamoroso, foi André que, na verdade, já havia começado a “trabalhar” com o companheiro algumas questões em torno de formas dissidentes de relação, ancorando-se até mesmo na transa que Mateus havia tido com a ex. *“Eu sabia que eu não ia conseguir suprir o desejo dele de se envolver com alguma mulher, principalmente a vontade sexual dele, então eu falei ‘Cara, eu já quero viver isso mesmo. Se você pode, eu também posso. Então vamos fazer o seguinte, a gente vai ter uma relação aberta, vamos por fases. Primeiro a gente vai fazer junto, depois a gente faz separado, e depois a gente vai seguindo. O importante é que a gente vai ter alguém que sabe que cuida da gente, que vai estar com a gente pra apoiar, e que de vez em quando vai ter uma terceira, uma quarta pessoa ao mesmo tempo...”*, André acrescenta.

De lá para cá, ambos vêm acumulando algumas experiências ao lado de outras pessoas. Diferentemente de outros casais relatados, Mateus e André têm vivido uma trajetória gradual direcionada a essa configuração. Suas primeiras experimentações seguiram os passos

sugeridos por André, cujos encontros sexuais casuais foram a porta de entrada rumo a uma dinâmica expandida de relacionamento. Sobre isso, André revela que tem percebido algumas mudanças na postura do namorado desde então. Se na primeira vez que se envolveram sexualmente com um terceiro, Mateus direcionou toda sua atenção à performance sexual, nas outras ele se mostrou mais disposto a trocas de carinho e afeto. Desde então, além do sexo, tem se preocupado em ser alguém cuidadoso e carinhoso em ocasiões de sexo casual, estando aberto para “trocar ideias” depois da transa. Segundo André, o nervosismo acabou ditando o comportamento do companheiro na primeira vivência a três tida pelos dois.

Em relação à primeira tentativa do casal em conhecer alguém (do gênero feminino) visando uma relação poliamorosa, Mateus conta que marcaram de se encontrar com Thaís, que haviam conhecido num dos grupos do *Facebook* direcionado a pessoas da região sul, no Gasômetro⁶³. Era um dia muito quente e com o céu bastante limpo. A menina, com quem trocavam mensagens há algumas semanas, se atrasou consideravelmente por morar numa área mais afastada da cidade. O motivo, no entanto, não foi suficiente para impedir que André se sentisse com raiva pela situação. Além disso, durante o *date*, Thaís também se revelou ser alguém tímida. Na verdade, André foi a pessoa que mais se soltou durante todo o encontro. Thaís permaneceu acentuadamente quieta, gerando um grande desconforto em André. “A gente foi conversando, se falando, mas ele [André] falava mais do que nós dois, do que eu e ela. Ela era muito quieta e acho que isso deixou ele incomodado, sabe!? Mas eu até entendo o lado dela. Se fosse eu no lugar dela, eu também ficaria sem jeito”, Mateus conta. Por fim, não houve continuidade no envolvimento entre eles e o encontro se limitou apenas a uma conversa.

Após iniciarem as movimentações em direção à realização prática da proposta sugerida por Mateus, André “incumbiu” o namorado de ser o responsável pela materialização do projeto, considerando sua timidez, o desejo em encontrar uma mulher e o tempo levado por Mateus até se sentir confortável ao lado de alguém, geralmente maior que o de André. Ambos entraram em alguns grupos do *Facebook*, de amplitude nacional e regional, mas foi Mateus até então o autor das postagens, bem como o responsável por intermediar a relação de André com as pessoas que os procuravam. Segundo André, deixou que o namorado publicasse o que quisesse, pois, ele mesmo, não tem muita paciência com as dinâmicas exercidas nestes

⁶³ O local se trata de uma antiga fábrica da cidade responsável pela produção de energia a carvão, localizada às margens do lago Guaíba, mas desativada há algumas décadas. Com o programa de revitalização iniciado há alguns anos, tendo o primeiro trecho sido concluído em meados de 2018, a intenção é tornar o prédio um centro cultural. Seus arredores, por vez, foram transformados em um amplo espaço de convívio e lazer.

espaços. Mateus decidiu fazer um texto simples, apenas com uma apresentação geral informando o interesse do casal em encontrar uma mulher.

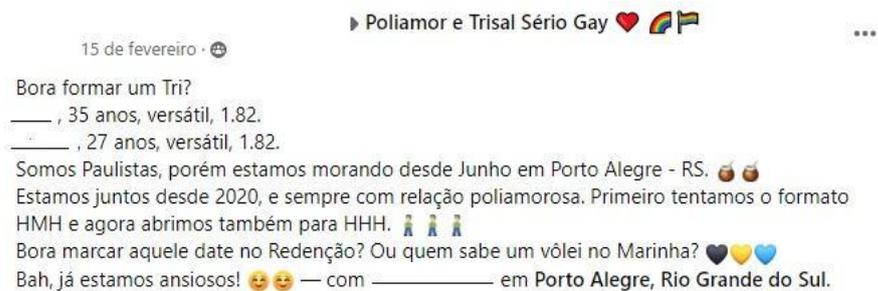
De outubro/2021 a janeiro/2022, Mateus publicou cinco vezes no grupo “*Poliamor, trisal e amor livre #forabolsonaro*”, além de outras postagens feitas em grupos da região sul dedicados ao tema. O conteúdo, salvo pequenas diferenças em sua ordem de apresentação, manteve-se o mesmo. Desde então, têm conhecido pessoas e experimentado dinâmicas a três, algo novo para os dois.

Figura 10. Publicação feita por Mateus em 07 de novembro de 2021 (acrescida de algumas fotos individuais e em casal)



Em fevereiro/2022, porém, André também decidiu publicizar a intenção de uma relação poliafetiva. Dessa vez, incluindo outras possibilidades de arranjo poliamoroso.

Figura 11. Publicação feita por André em 15 de fevereiro de 2022 (acrescida de algumas fotos individuais e em casal)



A revisão feita não surpreende. Mesmo no momento em que André e eu conversamos sobre o início de suas experiências a três, o próprio já havia citado o desejo de uma relação mais simétrica em termos de gênero ao lado do namorado. No período em que começaram a se envolver sexualmente com outras pessoas, antes de se direcionarem a uma relação poliamorosa, André apontou ao companheiro que seu desejo sexual por mulheres poderia

desestabilizar a relação que vinham construindo. “A princípio, ele tinha falado que, se houvesse um terceiro, teria que ser uma mulher porque atenderia as necessidades dele. E aí eu falei ‘Tá, vai atender as suas, mas não vai atender às minhas. Vai ser um ‘v’, e aí um ‘v’ não vai me atender. Então você tem que entender que você gosta dos dois [gêneros] e isso não te impediria de ter outras relações com mulheres por fora, uma quarta pessoa... Mas pra atender a nós três, seria mesmo um trisal HHH. Porque aí vai ser benéfico pros três. Quando você quiser o M você poderia buscar o M sem problema nenhum’”.

Tais como as mudanças graduais em sua postura, diante de ocasionais envolvimento junto a André, Mateus também tem revisto seus próprios anseios relativos ao arranjo conjugal desejado. Se antes o foco era viver uma relação a três junto de uma outra mulher, hoje, devido às experiências compartilhadas ao lado de André, se encontra mais disposto a aproveitar a contingência dos afetos, independentemente do gênero. André me conta do último encontro que tiveram com um rapaz. Segundo ele, ambos ficaram consideravelmente envolvidos. Após o encontrar, Mateus chegou a confessar que, se fosse para ter uma relação poliamorosa com alguém, este com certeza o faria tentar. “Hoje em dia isso tá tranquilo, ele já considera ter uma relação HHH morando junto. Hoje a gente conheceu um cara super bacana, massoterapeuta, todo holístico, todo desplugado dessas condições que nos são impostas socialmente. Um cara super mente aberta. E aí ele falou ‘Nossa, eu teria um trisal fácil com esse cara’. E eu falei ‘Tá vendo!? As coisas são assim! Porque o amor, ele é expansivo. Não precisa fechar ele e condicioná-lo a uma única pessoa. Mateus, por isso que eu digo, conhecendo ele melhor, eu conseguiria amar ele e você ao mesmo tempo. Se eu chegasse do trabalho e visse vocês dois deitados na cama, putz, meu olho ia encher de lágrima! Que gostoso! Que legal!’. Pensar que no tempo que eu estiver ausente, tem uma outra pessoa cuidando do Mateus, e o Mateus cuidando também de uma outra pessoa que eu também amo... Foi muito gostosa essa conversa, o evoluir desse assunto”, diz André⁶⁴.

Uma das coisas que me chamam atenção no trecho acima se refere ao modo crítico como André, por si mesmo, encara o projeto poliafetivo empreendido ao lado de Mateus. Se o poliamor, num primeiro momento, é visto como uma possibilidade de expansão de suas experiências afetivas, tensionando as premissas socialmente compartilhadas a respeito de uma relação amorosa, durante o percurso atravessado até então, o próprio arranjo proposto é revisto, muito em razão daquilo que Vasallo (2022) denomina de “pensamento monogâmico”.

⁶⁴ Aqui, é preciso lembrar que, diferentemente das outras entrevistas realizadas, André e Mateus apenas puderam me encontrar em momentos distintos, separados um do outro com um intervalo de, aproximadamente, 45 dias - Mateus tendo sido entrevistado em novembro de 2021 e André em janeiro de 2022. Assim, a mudança apontada por André destaca parte dos revisionismos feitos no intervalo entre uma entrevista e outra.

Ao sugerir a Mateus que o próprio projeto de expansão relacional executado por eles possa conter, nele mesmo, dinâmicas que acabam tolhendo seus afetos, dadas as condições previamente estabelecidas para a vivência amorosa cobiçada, André diagnostica uma armadilha contida neste processo: a reprodução de uma conduta amorosa ainda assentada na lógica da “economia da escassez” (HARDY; EASTON, 2019)⁶⁵, mesmo que, teoricamente, por meio de práticas sexo-afetivas que proponham um distanciamento ao modelo hegemônico monogâmico.

Desde os primeiros diálogos relativos ao processo de abertura, André vem tentando trabalhar com o namorado algumas estratégias para o gerenciamento dos novos desejos, assim como o do próprio projeto. De um lado, Mateus se vê motivado pela ideia de ter uma vida a três, cuja relação com um homem e uma mulher lhe permitiria explorar diferentes facetas de seu “eu”. De outro, André, que embora tenha aceitado o desafio de formar um trisal, considera que o próprio exercício prático desenvolvido é limitante àquilo que os afetos oferecem enquanto possibilidade. Se a ideia é justamente tensionar o modelo tradicional de relacionamento, de modo que outras práticas sexo-afetivas sejam mais compatíveis aos seus desejos e motivações, André percebe que a trajetória não monogâmica posta em execução até agora ainda reproduz lógicas limitantes à sua vivência afetiva. Assim, desde o início, sugeriu que tivessem um relacionamento aberto, não só por conta de uma preferência pessoal, mas também por considerar as singularidades de suas orientações sexo-afetivas. Ele diz gostar preferencialmente de caras maiores, mais velhos, mais gordos, “*cabeça*” [algo ligado à intelectualidade], peludos, com barba. Mateus tende a gostar de homens mais novos, e preferencialmente, mais lisos [leia-se: sem pelos], além de, claro, gostar de mulheres.

Nas duas primeiras tentativas, ambas com pessoas do gênero feminino, André percebeu a timidez do companheiro nestas situações. Contudo, também se sentiu incomodado por, de algum modo, cair sobre ele a responsabilidade de mediar uma relação, que ao seu ver, deveria ser uma tarefa de Mateus, dada sua bissexualidade e seu desejo de expandir a relação a uma mulher. Por mais que André se veja como a pessoa “expansiva” do casal, admite que não quer permanecer nessa posição, sobretudo neste contexto. Aponta, no entanto, que o companheiro tem estado mais sensível à questão.

Além da diferença nas orientações do desejo sexo-afetivo de ambos, a busca por uma mulher tem se revelado mais desafiadora em relação aos casos anteriores, direcionados a homens gays. Na percepção de André, isso se deve ao próprio modo como homens e mulheres

⁶⁵ A ideia foi previamente apresentada no capítulo I (p. 16).

são socializados, de forma assimétrica e hierárquica, principalmente quando falamos em homens gays e mulheres heterossexuais. Nesse sentido, sua fala encontra-se bastante próxima àquilo que Vasallo (2022) discute em relação à própria maneira como mulheres heterossexuais e lésbicas encaram o sexo numa estrutura monogâmica. Segundo a autora, o distanciamento de pessoas do sexo-gênero feminino ao sexo seria produto, não de uma “natureza feminina”, ideia que continua fazendo parte de um imaginário e discurso social, mas justamente pelo modo com que homens se utilizam do sexo para a reificação de espaços de poder e para a manutenção de uma hierarquia afetiva, seguindo uma lógica do “descarte”. No contexto lésbico, de forma semelhante, mulheres evitariam um contato direto com práticas sexuais no início de suas relações tomando as dinâmicas da heterossexualidade como um marco referencial, evitando reproduzir a socialização compartilhada pelo universo masculino amparada na cultura do descarte. *“É difícil achar uma mulher destravada pra esse assunto. Eu posso estar errado, mas até o momento ele não achou nenhuma mulher que entenda que ele é bi e que namora com um homem. Já foram muitas! Então, não adianta... São cabeças diferentes, são organismos diferentes, são culturas e criações de mundos diferentes. A mulher tem um preparo de sociedade diferente do homem, não vai ser assim como é no Grindr que você acha o cara a dez metros de distância”*, afirma André. Segundo Mateus, não haveria apps voltados para encontros casuais com mulheres, tal como o *Scruff*, o *Grindr* e o *Hornet*. No *Tinder*, a temporalidade é sentida de forma distinta, levando-se muito tempo para que uma relação saia do ambiente virtual. *“No mundo real”*, como André diz, as pegações continuam existindo, no entanto, com uma arquitetura social privilegiando relações entre homens. No *Facebook*, tampouco obteve o resultado esperado. Inicialmente, achou que o problema fosse o tamanho do grupo onde havia exposto seu interesse em um novo amor. Tentou novamente em grupos da região sul do país, mas também sem sucesso. Desse modo, Mateus não tem conseguido se aproximar de mulheres para encontros casuais ao falar de sua bissexualidade e de sua relação homoafetiva, e tampouco para envolvimento sexo-afetivos a três - ou mesmo a dois. Assim, tem percebido que, talvez, por conta de tais contingências, seja mais fácil viver uma relação poliamorosa sem pré determinar os termos que o orientarão. Para isso, além do *Facebook*, ambos mantêm, cada um, uma conta de casal no *Grindr*, de maneira a maximizar o encontro de pessoas que considerem interessantes, cada um aproveitando seu raio de quilometragem. Desse cenário, deriva-se a postagem realizada por André, feita em fevereiro deste ano.

Embora haja uma certa relação de “tutoria” da parte de André para com Mateus, considerando sua maior experiência em práticas homoafetivas, e também pela timidez do

namorado, um dos desafios sentidos por André até então, refere-se à própria tomada de autoconfiança por parte do companheiro. Por vezes, André percebia que Mateus se encontrava atento às suas performances sexuais. *“Quando rola o ato, ele ficava reparando no que eu fazia, ele não vivia por ele mesmo. E aí eu perguntava se isso era ciúme ou porque ele não sabia o que fazer. E ele ‘Ah, é porque eu não sei o que eu faço e aí eu me baseio nos seus atos pra saber o que eu devo fazer’. Mas aí eu falava que não tinha muito como fazer isso porque isso vai de gosto”*. Hoje, depois de algumas experiências ao lado de outros, André sente que Mateus vem sendo mais *“ele mesmo”*, encontrando e trabalhando seus gostos pessoais, deixando de tomá-lo como referência.

Os desafios, muito próximos dos casos anteriores, são de ordem prática. Sobretudo, encontrar uma mulher que more perto e que compreenda as dinâmicas de Mateus junto ao parceiro. André também observa um outro aspecto: tem medo de que o namorado interprete as dinâmicas entre os dois como ausentes de amor. Pelo fato de ser alguém não muito fisicamente próximo, expressando seu amor por meio de outras linguagens, André se esforça para que o companheiro naturalize seu modo de ser. *“Eu não consigo ser esse cara que cobra”*. Pensando retrospectivamente, talvez o medo narrado por André também tenha como referência os próprios relacionamentos anteriores, cuja proximidade física, o ciúme e as cobranças, impunham-se como demandas vindas de seus próprios ex-namorados como fatores que, supostamente, validariam os sentimentos de André. *“Cara, ninguém é de ninguém, eu não tenho que privar você de nada, pelo contrário, eu tenho que ser um incentivador. Eu tenho que ser um cara que vai te falar: ‘Tu quer viver isso? Vamo!’”*, conta.

Além da mudança na postura de Mateus, bem como nas revisões do projeto empreendido ao seu lado, outro ponto destacado por André se refere à perda do pudor no modo como o namorado tem lidado com o próprio corpo, e também com os dos outros. Se no início, o sexo era encarado de forma muito *“tradicional”* pelo cônjuge, negando qualquer tipo de prática que fugisse a uma configuração peutada pela penetração, hoje, após suas novas experiências sexo-afetivas, e também pelo incentivo de André, Mateus tem se permitido explorar outras áreas. André, que é podólatra, demorou um tempo até que Mateus se convencesse de seu tesão por pés. Hoje, é comum que o rapaz envie ao namorado fotos dos pés de seus possíveis *crushs*. O cu, não muito bem aceito dentro de suas práticas sexuais, quando fora de um contexto de penetração, também tem sido revisto no interior de suas performances. A *“scriptização do sexo”*, instituída também pela hetero e mononormatividade

e denunciada, em grande medida, pela abordagem *queer*⁶⁶, também acaba sendo um ponto no exercício não monogâmico do casal. Juntos, têm se movido a implodir vários dos roteiros sociais que atravessam a vivência de seus afetos e sexualidades.

Pergunto a eles o que consideram importante para o começo de uma nova relação. André destaca a autonomia financeira como o único fator realmente determinante. Projetos de vida comuns não, dada a sua própria personalidade (mais voltada às contingências), além de seu estilo de vida (em permanente mudança por conta da empresa em que trabalha). Mateus aponta o diálogo, a parceria e a confiança como características que possibilitam o início de um novo relacionamento.

Por fim, André diz esperar viver maiores descobertas numa vivência poliamorosa, potencializar as dinâmicas conjugais do dia a dia, sexuais ou não, saindo do roteiro imposto da monogamia, que em sua visão, acaba tornando a vida mais “*chata*” e o relacionamento “*com tempo contado*”. Falando nisso, espera viver também uma maior potencialização do tempo, uma vez que sua rotina e a do namorado - que agora já se encontra empregado - são incompatíveis, e por isso, só se veem mesmo aos finais de semana. A entrada de uma nova pessoa, portanto, poderia otimizar temporalmente a condição de companhia e afeto vivida junto a alguém. Mateus, por vez, concentra seu interesse na exploração de sua bissexualidade, pelo menos no momento em que conversamos, dada sua vontade de investigar novos caminhos afetivos agora que se vê incentivado a ser mais do que tem sido.

⁶⁶ A abordagem atenta para a associação entre sexo e reprodução. Sobre essa discussão, ver “*Manifesto contrassexual*” de Paul Preciado (2014).

3.5. Amor, ação e comunicação

Quando decidi me debruçar sobre os projetos poliamorosos elaborados por casais não monogâmicos eu ainda não havia me decidido tão bem quanto aos meus próprios caminhos de pesquisa. O enquadramento destas experiências enquanto projetos, por exemplo, nem ao menos havia sido pensado, algo feito posteriormente a minha entrada em campo. Enquanto alguém não monogâmico, e contingencialmente poliamorista, eu compartilhava vários dos espaços digitalmente habitados por esses sujeitos, além de já ter vivenciado grande parte de suas idealizações, por isso, carregava comigo um certo repertório prático e conceitual que acabava direcionando meu olhar de modos específicos ao fenômeno. Embora os debates apresentados tenham uma relevância significativa à área da comunicação, as vinculações às outras disciplinas das ciências sociais não somente contribuíram para a sua exposição, mas também demarcaram o tom de seu debate, bem como a constituição das redes textuais sugeridas. Mantendo as premissas antropológicas, que certamente me tornaram o pesquisador que sou hoje, continuo seguindo e privilegiando os interesses suscitados pelos sujeitos de pesquisa que, aqui particularmente, me confiaram tanto de suas narrativas. Ainda com os vários percursos possíveis neste momento, meu olhar será direcionado, portanto, à dimensão comunicativa e ética constitutiva dos projetos apresentados.

Obviamente, discussões relativas à conjugalidade contemporânea, ao regime de gênero e sexualidade, à racionalização das emoções e à busca por parceiros *online*, dentre tantas outras, compõem a inscrição do meu fenômeno de pesquisa. Como vimos, cada um dos projetos apresentados trouxe consigo as marcas decorrentes do imbricamento entre experiências culturais, trajetórias biográficas, percursos conjugais, além de seu próprio processo de composição. Marcas que, com toda certeza, merecem reflexões posteriores, além das brevemente apontadas por mim, mas que no momento não cabem no espaço restante a esta dissertação. Optei, dessa maneira, por realizar uma espécie de “encerramento” com base naquilo que se apresentou de mais comum às narrativas discutidas. Partindo-me dos elementos trabalhados pelos interlocutores desta pesquisa, a ideia é, portanto, traçar paralelos entre as considerações éticas de Paul Ricoeur e a ética amorosa proposta por bell hooks (2020), tendo em vista o modo como esses dois autores, de maneira complementar, podem nos auxiliar na compreensão do aspecto ético-político contido nos projetos poliamorosos.

Em “*Tudo sobre o amor*” (2020), bell hooks escava a própria subjetividade em busca de padrões afetivos e comportamentais. Sua intenção é, por meio de uma arqueologia de si, articulada a uma análise sociocultural, tentar compreender como o amor se tornou aquilo que

está na ordem do não-diagnosticável, e portanto, carente de explicação, sem a possibilidade aparente de um controle individual frente às emoções desencadeadas em sua vivência. Voltando à infância, hooks relembra da família, sua primeira referência de prática amorosa, assim como a da grande maioria de nós, que por meio desta instituição aprendemos a perceber e a habitar o mundo, bem como a expressar o amor. hooks relembra da violência de seu pai, da falta de proteção de sua mãe, da falta de incentivo àquilo que a permitia ser uma criança a viver num mundo de sonhos e possibilidades. Os avós, em meio a todo aquele contexto de desproteção e insegurança, produziam, por vez, um ambiente de acolhimento e escuta, onde hooks via-se orgulhosa de suas particularidades. Ao chegar à conclusão de que seu ambiente familiar, qualificado como “disfuncional” após muitos anos de trabalho terapêutico, moldou a forma como até então via e praticava o amor em outros contextos de sua vida, hooks reflete sobre o poder das palavras, especificamente, à dimensão da nomeação, da capacidade de traduzir verbalmente sentimentos, situações e emoções. Essa será a premissa de hooks rumo a uma nova compreensão acerca do amor.

No momento de escrita do livro dedicado ao tema, embora o amor seja uma dimensão transversal em toda sua obra - considerando também a pedagogia de Paulo Freire como uma de suas principais referências teóricas, onde o amor ocupa um lugar de destaque -, hooks também direciona o olhar às práticas culturais e à “indústria do amor”, cuja produção cinematográfica, midiática e literária - principalmente, do romance e da autoajuda - ocupam um papel central, ainda que não esgotem a questão. Assim, a partir das pontes criadas entre seu testemunho pessoal e a cultura do amor, hooks se pergunta por que o compreendemos enquanto um sentimento carente de avaliação, que nos consome como algo transcendente, e que, por tantas vezes, está atrelado a dinâmicas de violência, incluindo submissão, abuso, isolacionismo e desamparo, todas elas atravessadas por fatores de gênero, raça, classe, sexualidade, dentre outros. Bem, mas até então, o que isso tem a ver com aquilo que vimos até aqui? A resposta se encontra na própria proposta revisionista de hooks, que ao propor uma transfiguração da noção de amor, não mais enquanto um sentimento, mas agora como uma ação, o circunscreve enquanto uma prática de auto(re)afirmação, comprometimento e responsabilidade.

“Se nossa sociedade tivesse um entendimento estabelecido quanto ao significado do amor, o ato de amar não seria tão confuso” (hooks, 2020, p. 45), aponta ela logo na primeira página da obra. Assim, refletindo sobre a ideia compartilhada socialmente que o amor é algo que está para além de uma explicação racional tratando-se, supostamente, quase de uma aporia emocional, restando a nós apenas a aceitação de seus efeitos, hooks reelabora as

premissas de uma ética amorosa. A intenção é dar ao amor um lugar, uma posição, uma condição, que só se estabelece diante da possibilidade de sua emergência verbal e prática. Na medida em que palavras lhe possam ser atribuídas, o amor encontra a ação como o seu horizonte de existência e possibilidade, dado que agora, após ganhar inteligibilidade no plano nominal, sua existência possa ser trabalhada através de ações, sejam individuais ou coletivas. hooks analisa como a falta de um entendimento mais preciso sobre o amor resultou em muitas de suas inseguranças, de suas inaptidões frente à demanda de amar e ser amada. Ao estabelecer o amor como um compromisso que encontra na *práxis* sua possibilidade de realização, hooks nos convoca a pensar o amor como aquilo que o amor faz.

Se pensar o amor como uma ação se mostra tão importante neste momento, isso se deve ao próprio projeto ético contido em tal afirmação. “Começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma responsabilidade e comprometimento” (ibidem, p. 55). E é justamente por meio das duas qualidades apontadas que o valor dado à prática amorosa assume aqui o que para nós se mostra tão caro diante das narrativas afirmadas. Ao empreendermos o amor enquanto um conjunto praxiológico, o sustentamos e o produzimos por meio da elaboração de um conjunto de ações (tácitas ou não) visando estabelecer relações de alteridade, encontrando (n)o outro como um caminho para a construção de novas possibilidades éticas e estéticas da existência. Cuidado, compromisso, confiança, sabedoria, responsabilidade, respeito e apoio são algumas das muitas ferramentas apontadas por hooks rumo à emergência de um espaço amoroso. Portanto, o amor, assim como demais compromissos que firmamos diante da vida, só é possível na medida em que oferecemos ao outro as condições mínimas para a potencialização de sua individualidade, esta, exercida através da produção da autonomia junto a projetos de vida politicamente orientados (CIAMPA; DANTAS, 2014).

A vida de hooks se transforma no momento em que, após tantos anos em busca de uma definição funcional sobre o amor, acaba a encontrando num trabalho clássico estadunidense de autoajuda escrito pelo psiquiatra Scott Peck, que em muito se afasta da tradição contemporânea dos livros da área, que na visão de hooks, acabam por encorajar “todo mundo a se adaptar às circunstâncias em que falta amor” em vez de “compartilhar estratégias que nos ajudariam a nos tornar mais amorosos” (ibidem, p. 53). Segundo Peck define, o amor é “a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa” (*apud* hooks, 2020, p. 47).

Considerando o amor como a abertura que damos para transformar e sermos transformados, rumo a uma vida comum regida pela lógica do compartilhamento, cuidado e responsabilidade, hooks indica a comunicação como a estratégia central para o ato de amar. Nas palavras do psicanalista Christian Dunker, "a intimidade tem a estrutura de um diálogo" (2017, p. 84). É por meio da palavra que nos constituímos enquanto sujeitos legitimados, e assim, passíveis de ofertar e receber amor. Amar, nesta proposta, é encontrar e acolher no outro aquilo que ele o é, ainda que contingencialmente, bem como o que o falta, deixando de lado as projeções de nosso narcisismo, bem como as expectativas que imputamos aos outros, vindas de ecos pessoais que nem nós, muitas vezes, conseguimos escutar. E é por isso que a comunicação se mostra como o canal central para a expressão e para a produção de uma relação amorosa, ao permitir a escuta dos ecos de nossa subjetividade, perceptíveis apenas no momento em que nos abrimos narrativamente, sendo efeito de uma relação, ajudando em nosso crescimento e acolhendo os desafios e as vulnerabilidades carregadas por cada um, e que, por tantas vezes, encontra o outro como limite, temendo que ele nos escute para além do que nós mesmos podemos nos ouvir. "Comunicação", portanto, é uma tecnologia de manejo do eu que se apoia largamente na linguagem e na administração adequada dos sentimentos, mas com objetivo de instaurar uma coordenação inter e intra-afetiva" (ILLOUZ, 2011, p. 31).

A instauração comunicativa suscitada por Illouz, mas também trazida por hooks, se refere ao espaço que ofertamos de nós mesmos para o encontro do outro, não necessariamente por meio de um gesto verbal. Voltando às narrativas, isso se enuncia no momento em que Augusto comenta sobre o processo de descoberta vivido ao lado do marido, cujo próprio contexto de abertura sexual implica a produção de novas situações comunicativas. "A gente foi se percebendo e percebendo o outro também. Então, na verdade, eu fui notando o que ele dava conta nessas situações, como ele se mostrava interessado, e eu também comecei a pôr pra fora o que eu sentia. Então a gente foi observando e vendo o que a gente queria". No contexto descrito é o sexo que acaba se instaurando enquanto um espaço comunicativo, ressoando em novas possibilidades de intimidade.

A verdade, como apontada anteriormente, seria, desse modo, um dos sintomas observáveis na proposta de renovação amorosa tecida por bell hooks a partir do desenvolvimento de um espaço honesto e empático de comunicação. Aqui, não se trata de uma busca ontológica pela noção de verdade, mas sim de um tratado ético cuja promessa dirigida ao outro se institui. A verdade, para ela, informa não apenas o empenho que fazemos ao nos abrir a quem amamos, mas também ao próprio reconhecimento do outro, de sua

capacidade de ação, de escolha, de (auto)afirmação. Sua capacidade de estar aberto ao mútuo reconhecimento.

Quando a irmã de um ex-namorado me contou um segredo de família muito bem guardado envolvendo incesto, sobre o qual ele não sabia, respondi pedindo que ela contasse a ele. Se ela não contasse, eu contaria. Senti que manter aquele segredo violaria o compromisso que havíamos feito de sermos um casal franco e honesto um com o outro. Ao esconder essa informação dele, me unindo à sua mãe e às suas irmãs, eu teria participado da dinâmica disfuncional de sua família. Falar com ele afirmava minha lealdade e respeito por sua capacidade de lidar com a realidade. (hooks, 2020, p. 88)

Considerando as narrativas conjugais apresentadas, mas também aquelas que tangem às trajetórias individuais, podemos reconhecer a marca distintiva da verdade para a produção de um espaço amoroso. As não monogâmias, ou pelo menos, parte delas, são reconhecidas como estratégias bastante afirmativas rumo à produção da autonomia individual face ao formato compulsório de relacionamento, cujo esvaziamento comunicativo é frequentemente associado ao arranjo monogâmico pelos adeptos das relações *não mono*. Como vimos no primeiro capítulo dessa dissertação, a comunicação sempre assumiu um papel preponderante para o exercício prático poliamoroso, seja como parte de um projeto ético produzido pelos diferentes modelos de nm ou como um valor contido na “ideologia poliamorista” proposta por Pilão (2012, 2017).

Pensando na vinculação do tratado ético de hooks à dimensão comunicativa, apresentada também no interior das narrativas conjugais trazidas à esta dissertação, faço-a na intenção de evidenciar como o fenômeno poliamoroso, ainda que em sua dimensão de projeto, encontra no campo comunicacional um fértil terreno de discussão. Ao compreendermos o amor enquanto ação e a prática amorosa indissociada da produção de espaços comunicativos, podemos também compreender o amor enquanto uma situação comunicativa, ou mesmo enquanto um projeto comunicacional. Como uma forma de linguagem e enquanto um tratado ético e político, cujo mútuo reconhecimento promovido pela associação entre amor, ação e comunicação, nos informa sobre a processualidade das relações de alteridade em contextos amorosos, bem como seus valores constituintes.

A democratização do vínculo amoroso por meio da instauração de uma situação comunicativa aberta e igualitária é também apontada por Giddens ao pensar nas transformações das relações amorosas na contemporaneidade, cuja correlação entre a prática amorosa e o exercício da democracia nos demais espaços sociais é expressa pelo autor. “A intimidade é acima de tudo uma questão de comunicação emocional, com os outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal” (1993, p. 14). Nesta altura, a noção de

promessa contida na proposta de “identidade narrativa” nos coloca a pensar ainda mais no aspecto comunicacional do fenômeno não monogâmico, em especial, dos projetos poliamorosos.

Como já sabemos, a identidade narrativa só se estabelece devido à sua dimensão temporal. O ato de narrar-se se mostra indissociável do engendramento temporal que executamos ao nos performar enquanto sujeitos posicionados no mundo social, imersos em seus códigos, linguagens, leis, moralidades, etc. A negociação entre esta identidade frente à sua exterioridade constitutiva também nos revela acerca das escolhas narrativas que fazemos ao nos percebermos enquanto determinados “si-mesmos”, construídos por meio de sua relação de comprometimento e responsabilidade para com os outros. O enunciar-se, portanto, se revela como parte preponderante do processo de inscrição no mundo social. O outro se torna parte indissociável das escolhas feitas por mim diante de minha constituição perante ao mundo. A ética presente na concepção ricoeuriana de identidade narrativa, portanto, se revela no modo como comunico ao outro a possibilidade (e a qualidade) de minha presença, o compromisso elaborado por meio da promessa, na medida em que sou capaz de promover a manutenção de minha própria identidade no tempo - o que não significa dizer que me mantereirei o mesmo, mas sim que me posicionarei de forma comprometida em relação à “palavra dada”.

A capacidade⁶⁷ de manutenção de si realizada por meio da promessa ofertada ao outro, viabiliza, dessa forma, não só o que me disponho em relação a este, mas também à maneira como este possibilita a configuração de minha própria identidade narrativa.

Assim, a responsabilidade exhibe dupla significação: *contar com...* (*compter sur...*), e *ser responsável por* (*être comptable de...*), ou seja, *alguém* conta com aquele que promete (alguém conta *comigo*), e o *ato* de promessa, que me é adscrito, faz-me responsável por mantê-la. Assim, é a responsabilidade assumida com “outrem” que pergunta “Onde estás?” (“*Où es-tu?*”) e aquele que mantém-se a “si-mesmo” responde: “eis-me aqui!” (*Me voici!*). Dito de outro modo, apesar da imprevisibilidade acerca do que seremos amanhã “eu *me* mantenho”. (NASCIMENTO, 2011, p. 55)

Mas em que medida a noção de promessa em Paul Ricoeur nos é cara neste momento? Ela o é pelo modo como este propõe a identidade ética do sujeito, que aqui nos importa devido à sua dimensão comunicativa, apresentada, seja em Ricoeur, bell hooks, ou nas narrativas tecidas pelos sujeitos trazidos a este texto. É bastante notável ao longo dos projetos

⁶⁷ Qualidade também importante para Ricoeur ao conjunto de procedimentos práticos e reflexivos para o processo de instauração de um si-mesmo.

apresentados a transformação de seus espaços de intimidade, bem como de suas próprias identidades, a partir de uma postura comunicativa propositiva, honesta e empática junto de seus parceiros. Estes, que agora se veem posicionados num outro lugar quando comparados aos sujeitos que algum dia se mantiveram enquadrados em lugares afetivos distintos. Diferentemente das promessas vividas anteriormente, onde a prática amorosa não encontrava espaço para o seu pleno desenvolvimento, considerando o esvaziamento comunicativo nos espaços de intimidade produzidos por esses sujeitos, os projetos poliamorosos narrados neste capítulo evidenciam, ao menos narrativamente, uma equivalência entre a promessa estabelecida sob o valor da presença, do comprometimento e da descoberta conjunta de um mundo a ser habitado por meio de um projeto comum de afetividade, possibilitado pela abertura comunicacional ofertada ao outro. Assim, a promessa trazida por Ricoeur se mostra conveniente para pensarmos a *práxis* da ética amorosa proposta por bell hooks, sustentada pela responsabilidade e comprometimento que assumo diante daquele a quem oferto um ambiente de amor e escuta.

Além de empreenderem uma conjugalidade mais ética e igualitária, tais projetos buscam promover um cenário de mútuo crescimento individual. Não por acaso, aponta-se a realização do projeto poliamoroso como um espaço de potencialização pessoal, seja pela concomitância dos afetos enquanto um valor ao exercício multifacetado do eu (como nas falas de Júlio e André, ou mesmo na de Mateus), pela leitura realizada pelo outro diante de suas novas formas de habitação (afetiva, sexual, emocional), ou pelo desenvolvimento de habilidades relativas à comunicação emocional, como mencionado por Júlio, Igor e Samuel, que desde a abertura à experiência poliamorosa vem, segundo eles, aprimorando e desenvolvendo novos repertórios, gramáticas e competências para a expressão de suas emoções. Este último ponto podendo ser lido, inclusive, sob o conceito de “competência afetiva” apontado por Illouz, baseando-se numa “consciência de si, capacidade de identificar os próprios sentimentos e falar deles, capacidade de ter empatia com a posição de um outro e de encontrar soluções para os problemas” (2011, p. 100).

Sobre este último ponto, também é interessante pensar naquilo que Ricoeur sinaliza em relação ao modo como nos estabelecemos perante ao mundo mediados pelas relações que fundamos com os textos - e aqui penso, especificamente, nas próprias narrativas trazidas a este trabalho. Se estes sujeitos, frente à percepção de novos vocabulários e gramáticas afetivas e emocionais, percebem novas habilidades de se traduzirem diante de suas vivências no mundo, bem como de as traduzirem, eles próprios parecem se indagar acerca daquilo que Ricoeur traz sobre a interpretação que fazemos no cotidiano, mediados por todo um conjunto

simbólico do qual o mundo é constituído. De acordo com o filósofo, “compreender é compreender-se diante do texto” (1990, p. 59). Assim, seguindo a proposta de pensar a própria relação do sujeito, no ato de constituir-se narrativamente, face aos textos que o mesmo produz, mas que, dialeticamente, também o produzem, cabe aqui pensar uma outra dimensão instituída na elaboração dos projetos poliamorosos. Se textos, em suas diferentes manifestações, nos informam sobre o processo constante de negociação da vivência individual ante à experiência cultural - que por sua vez modula os lugares sociais ocupados por esses sujeitos a depender de seus marcadores sociais -, a mudança provocada pela reelaboração de uma nova habitação de mundo, baseada num projeto poliafetivo de relacionamento, também nos diz respeito a uma outra qualidade dos textos, transformados em textualidades ao ganharem materialidade na vida social: textos são, eles próprios, sempre “propostas de mundo” (ibidem, 1991, p. 122). Assim, o que nos dizem as textualidades poliamorosas evocadas pelos sujeitos trazidos a esta pesquisa?

CONCLUSÕES

De acordo com Yuval Noah Harari (2016), os grupos humanos se organizam da maneira como os conhecemos, considerando todas as suas transformações históricas e diferenças entre eles, devido à sua capacidade de produzir ficções, apontada por ele como a marca distintiva da humanidade quando comparada às demais sociedades do reino animal. Narrativamente, ao longo da história, uma série de instituições sociais buscaram, e ainda buscam, circunscrever modos de vida orientados por meio de roteiros pré-definidos, visando dar à humanidade um propósito, bem como um caminho. O colonialismo, responsável pela instauração do projeto moderno, e cuja ideia de “progresso” tem sido seu carro chefe, não apenas moldou a estrutura social em que vivemos, como também atuou profundamente na produção das subjetividades daqueles localizados às margens dos centros de poder, usando a violência como forma de desumanização. Margens estas que não dizem respeito somente às configurações geográficas do planeta, mas principalmente àquelas de ordem corporal, cujos diferentes usos e inscrições que fazemos do corpo no mundo desafiam a imposição de uma homogeneidade que desde sempre nos é vendida como um ideal, promotor da segurança e da ordem.

Instituições e estruturas sociais, tais como o cristianismo e o capitalismo, têm, desse modo, nos prometido segurança e estabilidade na medida em que nos comprometermos com o passo a passo por eles prescrito. Por meio das narrativas instauradas por essas estruturas, tentam-nos convencer que, ao nos mantermos fiéis às promessas que nos foram oferecidas, nossa vida estará convenientemente protegida. Se cumprirmos cada uma das etapas programadas pela ideologia capitalista teremos uma vida economicamente estável, fazendo da liberdade oferecida pelo dinheiro a nossa morada. Da mesma forma, seguindo a palavra de um deus, encontraremos no céu um reino à nossa disposição, onde desfrutaremos uma vida eterna. Assim, cada roteiro tem como propósito a cristalização de posições sociais, que se mantidas e seguidas corretamente, nos conduzirão a um lugar de realização e conforto. A monogamia, enquanto estrutura que promove a organização dos corpos e afetos, bem como sua distribuição nos diferentes espaços sociais, sejam eles públicos ou não, também nos oferece a tranquilidade e a autorrealização pessoal desde que sigamos os seus princípios, todos eles perpassados pela “lógica da monocultura” (NÚÑEZ, 2022), isto é, pela fidelidade àquela fonte única que nos guiará à nossa plenitude.

As não monogâmias, por vez, surgem como propostas de reelaboração ética, afetiva e sexual que visam não só a contestação destes roteiros e sua validade, mas também a implosão

de práticas que se orientem pelas diversas engrenagens que movem o mundo. Por isso, desde suas primeiras formas de organização política, contestam as hierarquias sociais promovidas pela violência colonial, onde a vida deixa de ser o próprio fruir em razão dos *scripts* a que somos convocados a atuar. Como consequência da *scriptização* da vida social, nos afastamos de tudo aquilo que é sinalizado como um perigo à ordem e à segurança, supostamente promovidas por essas instituições. A morte, a valorização da vida em comunidade, os processos de auto(des)conhecimento, a apreciação da concomitância afetiva e emocional para uma vida saudável, e o acolhimento do tempo e suas “sazonalidades” (ibidem), dentre tantos outros processos do viver, são assim colocados na periferia de nossa existência dado o seu perigo de contágio à vida social, marcadamente individualista, narcisista, binária e pautada pela ontologia da monocultura. No entanto, o que vem nos dizendo esses grupos, que partem da própria afirmação da sexualidade para a feitura de um outro mundo possível, é que apenas o múltiplo pode nos oferecer não a segurança ou a estabilidade prometidas pelo pensamento ocidental, mas sim a qualidade de uma existência que, em seu próprio movimento, se potencializa através da diversidade das relações que estabelecem com o mundo, fazendo com que sua habitação seja marcada pela mobilidade e não pela fixação que temos pelo ideal de segurança, incompatível com os devires de nossa existência.

A intenção desta dissertação, portanto, foi a de colocar em debate as maneiras pelas quais sujeitos identificados com as propostas poliamorosas de relacionamento executam um outro percurso afetivo que aquele imposto pelo regime compulsório monogâmico. O objetivo foi compreender como estes têm instituído o poliamor enquanto um projeto afetivo e por meio de quais estratégias e racionalidades vêm se direcionando rumo a essas experiências.

Se a proposta de reelaboração das relações afetivo-sexuais colocadas pelos diversos movimentos pela não monogamia nos informam, principalmente, de seu trabalho feito pela via da linguagem, dada a performatização de uma nova inscrição no mundo por meio da produção de um repertório conceitual e de um vocabulário afetivo, foi por meio da dimensão narrativa desse fenômeno que estabeleci as bases teórico-metodológicas para a condução dos meus caminhos de pesquisa, bem como para a elaboração das textualidades apresentadas. Termos como “compersão”, “polifidelidade”, “unicórnio/unicornização”, “relações em ‘v’”, “metamor”, “mononormatividade”, ou os próprios “poliamor”, “relações livres”, “relações abertas” ou “anarquia relacional” nos evidenciam o projeto comunicacional operado pelo trabalho de renovação linguística feito por esses movimentos. Projeto este que intenciona visibilizar e dar materialidade aos afetos, às emoções e à qualidade das relações instituídas pelas práticas não monogâmicas. Assim, partindo-me também de uma visão comunicacional

para a compreensão dos projetos afetivos empreendidos por meus sujeitos de pesquisa, me debrucei sobre parte de suas narrativas individuais e conjugais de modo a tentar compreender a posição ocupada por esses projetos no interior de seus percursos biográficos. Para isso, as noções de “identidade narrativa” do filósofo francês Paul Ricoeur (1997, 2014) e de “projeto social/individual” do antropólogo brasileiro Gilberto Velho (1981), foram fundamentais para a estrutura e a condução desta pesquisa - além das discussões provenientes do campo de estudo das “histórias de vida”. O primeiro por colocar em cena o modo como sujeitos criam narrativamente uma identidade para si mesmos, a partir de uma trama cujas experiências são engendradas temporalmente, e o segundo por seu caráter prático de inscrição e negociação social, pensando nas formas pelos quais grupos sociais distintos elaboram modos de habitação, mobilizando valores, moralidades e expectativas singulares frente à estrutura social.

A rede textual composta pelas narrativas performadas pelos sujeitos de pesquisa aqui apresentados nos oferecem múltiplas possibilidades de enquadramento teórico/analítico. Considerando o próprio trabalho reflexivo contido na proposta prática inspirada no conceito de Ricoeur, embora sugerida por mim, tais interlocutores foram estimulados a refletir acerca de seus projetos conjugais, tal como a pensar a posição destes na composição de seus percursos biográficos. A seguir, apresentarei alguns pontos evocados por eles, intencionando mapear parte das discussões realizadas ao longo dos dois capítulos anteriores.

O primeiro ponto se refere ao poliamor como uma prática tensionadora à premissa monogâmica da “economia da escassez” (HARDY; EASTON, 2019), esta, relativa à ideia do amor enquanto uma capacidade reduzida ao estabelecimento de laços sexo-afetivos, um por vez segundo o regime monogâmico. Assim, ideias como as do “excesso” e da “abundância” marcam seus discursos, baseando-se na ideia de um amor que é, ele mesmo, expansivo em sua condição.

No entanto, isso não significa dizer que o grupo de pessoas trazidas a este texto compartilha um entendimento comum acerca da monogamia. Para aquelas poucas que lhe trouxeram alguma definição, ou ao menos algumas das qualidades de seu funcionamento, este é, ora visto como mais um dos formatos possíveis e legítimos de experiência amorosa, ora como uma estrutura histórica compulsória, atrelada a roteiros sociais heteronormativos e que tem em sua base a posse e o tolhimento individual como efeitos, sendo a Igreja apontada como a instituição, por excelência, responsável pela determinação de tal estrutura social. Portanto, se numa prática regida pela monogamia, o “eu”, de acordo com esses sujeitos, é apontado como o produto de um conjunto prescritivo de restrições sociais que intencionam

manter sua posicionalidade perante aos interesses de uma ordem social hegemônica, o poliamor traria possibilidades de sua expansão, tornando-o multifacetado devido às suas vinculações múltiplas e concomitantes, trabalhando o desenvolvimento dos numerosos espaços internos que constituem sua subjetividade. É praticamente unânime a sensação de estar se produzindo uma vida mais acolhedora às idiosincrasias e às demandas de ordem pessoal mediante tal experiência de abertura relacional. Seja pelo contato com outras práticas sexuais, pelo “trabalho emocional” (HOCHSCHILD, 2013) promovido por esse cenário ou pela percepção de um novo eu, fruto do desenvolvimento de novas habilidades comunicativas e “gramáticas de si” oriundas dessas experiências.

A comunicação, aliás, é outro ponto fundamental, seja pela composição de novos cenários e situações comunicativas devido ao vivenciamento da concomitância afetiva - como pactos comunicativos que regem as experiências desses sujeitos junto a terceiros, ou até mesmo pelo sexo, capaz de instaurar novas situações comunicacionais entre eles -, ou pelo modo com que o desenvolvimento de habilidades comunicativas provoquem mudanças nas próprias percepções acerca de si mesmos enquanto sujeitos. Na medida em que alguns dos entrevistados apontam o aprimoramento de suas habilidades comunicacionais desde o movimento de abertura relacional, eles evidenciam a produção de novas textualidades de si, promovidas pelo processo de tradução do “eu”, realizado por meio de suas capacidades emergentes de verbalização e nomeação daquilo que sentem, bem como dos seus modos de afetação e experimentação do mundo. A comunicação, portanto, se estabelece enquanto uma prática de negociação do eu junto à vida social, e principalmente, às relações conjugais.

Ao encontrarem no outro o espaço para a elaboração de uma intimidade organizada a partir de uma comunicação honesta, aberta e empática esses sujeitos sugerem que, de um lado, foram os espaços de abertura comunicacional produzidos junto de seus parceiros que possibilitaram a instauração e a execução de um projeto poliamoroso, e de outro, que o próprio projeto poliafetivo permitiu a criação dos espaços de intimidade regidos por esses valores. Se de um lado, o poliamor é valorizado por permitir a concretização de novas vivências afetivas e sexuais, por outro, é a própria singularidade encontrada nessas relações que têm lhes permitido viver e elaborar as premissas rumo a uma vivência poliamorosa. E é por isso que o poliamor, além de ser visto como algo que possibilite a potencialização do “eu”, também é vivido/compreendido como um espaço de promoção de uma nova ética relacional, trazendo a esses indivíduos novas formas de conjugalidade, fortalecendo-os enquanto casais. Essas experiências, portanto, propiciam não somente a criação de novos imaginários acerca do que seja uma relação amorosa, como também sobre o próprio eu, que

agora se encontra enredado por novas práticas, moralidades, valores, dinâmicas, expectativas e relações.

No entanto, se recorremos às histórias de vida para que elas nos possibilite “algum tipo de inferência sobre fenômenos coletivos, considerados a partir do modo como são vivenciados por um sujeito histórico e socialmente situado (QUEIROZ, 1987, apud OLIVEIRA, 2013, p. 111-112), tal qual aos projetos sociais de distintos grupos sociais, podemos observar a reiteração de um elemento no interior do fenômeno poliamoroso vivenciado ao menos pelos interlocutores trazidos a este trabalho. De acordo com os projetos tecidos, “ser um casal” ainda se estabelece enquanto um valor central à maioria desses sujeitos. E portanto, várias das ações, negociações e dinâmicas exercidas ao longo de suas trajetórias rumo a experiências poliamorosas de relacionamento trazem o “ser um casal” enquanto um tipo de ideal performativo para a elaboração desses projetos. Logo, se a abertura ao poliamor acarreta numa revisão crítica acerca de alguns dos ideais monogâmicos (como o de “economia da escassez”), o valor de “ser um casal” ainda continua intacto dentro desses cenários, o que nos faz pensar acerca do tipo de referenciais não monogâmicos/poliamoristas a quais esses sujeitos mantêm contato, bem como pela incorporação e identificação à sua proposta.

Os imaginários relativos ao poliamor também são produtos de um enredamento promovido pelos próprios atores da causa. A plataformização das experiências poliamorosas, inclusive, nos mostram como a criação de certos repertórios imaginativos acerca dessas práticas também modulam o tipo de projeto amoroso empreendido pelos sujeitos entrevistados. De modo bastante perceptível, pudemos notar como a influência dessas experiências acabaram atravessando as narrativas trazidas à pesquisa, promovendo um certo vocabulário compartilhado entre os interlocutores. Se são através das plataformas que os referenciais de um relacionamento poliafetivo são, cada vez mais, fundados e trazidos à tona, são também por meio delas que o exercício do projeto poliamoroso toma forma e materialidade. Também vale pensar, a partir desse ponto, numa ambiguidade posta pela forma como as não monogâmias/o poliamor tem sido visibilizadas. Se parte das propostas não monogâmicas de relação têm sido mobilizadas de modo a implodir o formato hegemônico de relação, reivindicando-se politicamente enquanto contra-modelos, a forma com que o poliamor tem sido representado e/ou vivenciado visibiliza o movimento contrário: a instauração de modelos com referenciais cada vez mais demarcados.

Os agenciamentos realizados por meio dos múltiplos espaços digitais apontados ao longo do texto deixam claro também como a espacialidade digital e sua temporalidade regulam, em grande medida, o tipo de experiência sexo-afetiva vivida por esses casais. A

corporeidade, em articulação a tais tecnicidades, também irá circunscrever os limites do empreendimento poliafetivo nos ambientes digitais, dado que os marcadores de idade/geração (suscitados por Augusto e Ricardo), corpo e performance de gênero (ambos citados por Caio e Júlio, e o segundo por Omar e Samuel) apareceram como restrições à vivência poliamorosa ambicionada por esses sujeitos. Além destes, o marcador de classe também é posto em evidência devido à valorização da autonomia financeira na busca por um novo amor.

Alguns outros pontos ainda devem ser destacados nesta conclusão. O primeiro se refere à ausência de uma identificação essencializada com a não monogamia ou o poliamor, exceto, talvez, por André, que assume um sentimento de inadequação com os padrões de relacionamento monogâmico desde sua juventude, e que em sua visão, não investirá mais em relacionamentos que adotem um ideal de fidelidade e/ou de exclusividade sexual e afetiva. Portanto, as razões para um empreendimento poliafetivo trazidas neste trabalho apontam para uma multiplicidade de questões, oriundas dos próprios percursos biográficos em articulação aos espaços de intimidade construídos junto aos parceiros. Assim, as motivações para a elaboração de um projeto poliamoroso se firmaram com base em: a) razões de ordem sexual, cuja prática do *cuckold*, por exemplo, aparece enquanto um norteador dos projetos tramados b) o desejo de experimentar novas configurações afetivas, seja pela potencialização de um “eu” multifacetado ou pela chance de fortalecimento dos laços conjugais, que ao se vincularem a um projeto de vida comum, encontram novos espaços de trocas comunicativas e de produção de experiências conjuntas c) pelo afastamento ao modelo tradicional de relacionamento, visando a superação de experiências negativas trazidas por eles, como traições e o tolhimento do crescimento individual (seja nos espaços conjugais ou familiares) d) pela racionalização dos vínculos amorosos, considerando a heteronormatividade contida nos relacionamentos gays, sendo a vivência poliamorosa um projeto político de reelaboração existencial e e) identificação com a não monogamia enquanto um traço de personalidade, aproximando o projeto poliamoroso daquilo que poderíamos chamar de “orientação afetiva”.

Se considerarmos os agenciamentos indicados acima, podemos também sugerir o enquadramento desses projetos no interior das próprias trajetórias biográficas. O poliamor poderia ser compreendido, por exemplo, enquanto um empreendimento circunstancial por parte de Samuel, a quem um projeto de poliafetividade foi sugerido pelo namorado devido a razões de cunho pessoal, e por isso, tem sido mobilizado por Samuel em virtude de seu relacionamento com Omar, e não necessariamente por uma identificação com o modelo proposto. Omar, por sua vez, assim como André e Mateus, mobiliza o poliamor paralela e correspondentemente a um projeto de vida, cujo direcionamento à vivência poliamorosa se dá

por razões de ordem pessoal considerando sua biografia. Augusto, Ricardo, Caio e Júlio, no entanto, parecem apontar um outro cenário: ao construírem espaços de intimidade que viabilizam um modelo de relacionamento não exclusivo, circunscrevem o projeto poliamoroso enquanto um empreendimento contingente de suas conjugalidades, sendo o outro a razão principal para a efetivação desses projetos, cuja possibilidade apenas se deu devido às trajetórias vivenciadas ao lado de seus cônjuges. Contudo, a afirmação se mostra menos possível no caso de Augusto e Ricardo devido à incompletude do trabalho de reconstrução biográfica, onde não somos muito bem informados sobre as territorialidades afetivas destes sujeitos, e portanto, ficamos a par das transformações de suas expectativas amorosas ao longo da sucessão de seus relacionamentos. No entanto, o enquadramento sugerido toma como base as próprias narrativas performadas pelos dois conjuntamente. Bernardo e Igor, assim como os dois casais citados anteriormente, também parecem estabelecer sua proposta poliamorosa enquanto um projeto de conjugalidade, viável devido à trajetória percorrida diadicamente, bem como pela qualidade íntima construída entre eles. Contudo, também se aproximam de um discurso mais “político” acerca dessas escolhas, ancorado-se em reflexões de cunho estrutural ao tecerem as narrativas de suas vivências rumo ao poliamor (algo também visto em outros relatos, porém, em sua maioria, num tom menos explícito). Por isso, na maioria dos casos, o “eu” (contingencialmente ou não) não monogâmico só se mostra possível devido ao reconhecimento da qualidade de suas relações, sendo essas experiências motivadas pelo fortalecimento dos vínculos conjugais. Vale dizer que todos esses enquadramentos, no entanto, devem ser pensados de forma transitória, heterogênea e relacional, posicionados a depender das novas vinculações a que essas experiências se filiam, individual ou conjugalmente.

O segundo ponto é relativo à aversão compartilhada pelo formato do relacionamento aberto, visto como um “contrário” ao arranjo poliamoroso devido à sua cláusula de não fidelidade, e portanto, como um modelo relacional cujas fronteiras afetivas e emocionais se mostram mais turvas a esses sujeitos. Com exceção, temos Augusto, Ricardo, André e Mateus, que no exercício prático do esboço poliamoroso delineado por eles, o RA acabou se tornando uma opção mais viável às suas dinâmicas conjugais.

Por fim, mas não menos importante, temos um conjunto de elementos que parecem sinalizar uma contradição inerente (que podem ser assimiladas por esses sujeitos no interior de seus projetos amorosos ou não) entre a racionalização dos projetos poliamorosos e sua execução prática, cujas lacunas evidenciam afastamentos entre um campo e outro. Isso só é possível devido ao próprio modo de funcionamento dos projetos, que ao tomarem vida ao

serem performatizados na *práxis* social, se chocam com as próprias dinâmicas dos afetos: contingentes, incalculáveis e dotadas de intuitividade. Isso fica evidente quando Caio e Júlio, por exemplo, sinalizam um distanciamento da prática de sexo casual - algo compartilhado também por Omar, Samuel, Bernardo e Igor - principalmente, devido ao receio que seus projetos sejam socialmente lidos de formas contrastantes àquelas inicialmente propostas por eles, mas que, no entanto, acabam ocorrendo no contato com pessoas que lhes despertam interesse e lhes deem algum acolhimento. Tais discordâncias, no entanto, podem ser trabalhadas pelos casais e incorporadas nas dinâmicas de seus próprios projetos, como no caso de Augusto e Ricardo, que ao perceberem uma adequação maior a práticas que julgavam inicialmente como incongruentes à sua dinâmica íntima, acabaram se tornando o lugar comum para a execução de suas novas condutas sexuais e afetivas.

Dessa maneira, a pesquisa apresentada intencionou não apenas compreender como sujeitos elaboram projetos conjugais ao lado de seus companheiros, mas também pensar nos gestos de negociação social incorporados nestes. Gestos que nos falam da experiência destes grupos num dado espaço e tempo - considerando todo um conjunto de valores sociais e morais perpetuados pela sociedade brasileira -, nos convocando a pensar sobre a política dos afetos, nos quais corpos, subjetividades e sexualidades encontram-se em constante disputa, tensionamento e negociação. Os projetos poliamorosos trazidos aqui, portanto, nos situam de processos recentes de transformação histórica, cuja produção “artesanal” (NÚÑEZ, 2020) de trajetórias afetivas nos possibilitam compreender como, cada vez mais, o bem viver se coloca como condição fundamental na vida de grupos já há muito marginalizados, mas que ainda há muito a se alcançar se quisermos a plena vivência dos nossos afetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIL, Gonzalo. **Análisis crítico de textos visuales**. Madrid: Editorial Sintesis, 2007.
- ABU-LUGHOD, Lila. **Writing women's words: Bedouin Stories**. Berkeley: University of California Press, 1993.
- _____. **A escrita contra a cultura**. *Equatorial*, v. 5, n. 8, p. 193-226, [1991] 2018.
- ALZAMORA, Geane; ZILLER, Joana; D'ANDRÉA, Carlos. "Mídia e dispositivo: uma aproximação". In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos; ALZAMORA, Geane. (orgs). **Textualidades Midiáticas**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2018.
- ANAPOL, Deborah. **Love Without Limits: the quest for sustainable intimate relationships - Responsible Nonmonogamy**. San Rafael, CA: IntiNet Resource Center, 1992.
- APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias**. Lisboa: Teorema, 2004.
- ARFUCH, Leonor. "O espaço biográfico nas Ciências Sociais". In: **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ARIÈS, Philippe. "O amor no casamento". In: ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André. (orgs). **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BARBERY, Muriel. **A elegância do ouriço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BARBOSA, Mônica Araújo. **Movimentos de resistência à monogamia compulsória**. A luta por direitos sexuais e afetivos no século XXI. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social – Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2011.
- BARKER, Meg. **This is my partner and this is my partner's partner**. Constructing a polyamorous identity in a monogamous world. In: *Journal of Constructivist Psychology*, v. 18, p. 75-88, 2005.
- BARKER, Meg; LANGDRIDGE, John. **Understanding non-monogamies**. Nova York: Routledge, 2010.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **La individualización: el individualismo institucionalizado y sus consecuencias sociales y políticas**. Barcelona: Paidós, 2003.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

- BERGER, Peter. "Excurso: alternância e biografia, (ou: como adquirir um passado pré-fabricado)". In: **Perspectivas Sociológicas**: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BORNIA JR, Dardo. **Amar é verbo, não pronome possessivo**: etnografia das relações não monogâmicas no sul do Brasil. Tese de Doutorado em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2018.
- BRUDER, Jessica. **Nomadland**: sobrevivendo na América no século XXI. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CARDOSO, Daniel. **Amando vári@s**: Individualização, redes, ética e poliamor. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação - Universidade Nova de Lisboa, FCSH, Portugal, 2010.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHAPMAN, Gary. **As cinco linguagens do amor**: como expressar um compromisso de amor a seu cônjuge. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2013.
- CIAMPA, Antônio; DANTAS, Sérgio. **Projeto de vida e identidade política**: um caminho para a emancipação. Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 138-152, 2014.
- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento feminista** - conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- DEBERT, Guita Grin. "Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral". In: CARDOSO, Ruth. **A Aventura Antropológica**: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DUNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade**: políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu, 2017.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, do estado e da propriedade privada**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FELLIPE, Guilherme. **Casar sim, mas não para sempre**: o matrimônio cristão e a dinâmica cultural indígena nas reduções do Paraguai. In: Revista História Unisinos, vol. 12, n. 3, p. 248-261, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Da amizade como modo de vida**. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, Danet e Le Bitoux, publicada no jornal Gai Pied, nº 25, abril de 1981. Tradução de wanderson flor do nascimento, p. 1-5. 2001. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/amizade.pdf>. Acesso em: 20 maio 2022.

_____. **A história da sexualidade** vol. 1 - a vontade de saber. Rio de Janeiro: Terra & Paz, 2015.

_____. **O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Terra & Paz, 2014.

FRANÇA, Matheus. **Além de dois existem mais**: um estudo antropológico sobre poliamor em Brasília/DF. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social - Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2016.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. **A invenção do casal**. In: Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

GONÇALVES, Marco Antônio. "Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens." In: GONÇALVES, Marco; CARDOSO, Vânia; MARQUES, Roberto. (orgs). **Etnobiografia**: subjetividade e etnografia. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 12-37, 2012.

GONÇALVES, Ítalo. **Matemática dos afetos, dissensos e sentidos sociais acerca das noções de "monogamia" e "não monogamia"**. Revista Teoria e Cultura - Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF. v. 16, p. 61-75. 2022.

GRIMSHAW, Anna. **Telling stories, screening lives**: notes towards an anthropological biography. In: Social Anthropology. European Association of Social Anthropologists/ EASA, n. 28, 2020.

HARARI, Yuval. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: Cadernos Pagu, n. 5, p. 7-42, 1995.

HARDY, Janet; EASTON, Dossie. **Ética do amor livre**: guia prático para poliamor, relacionamentos abertos e outras liberdades afetivas. São Paulo: Elefante, 2019.

HARITAWORN, Jin; LIN, Chin-ju; KLESSE, Christian. **Poly/logue**: A Critical Introduction to Polyamory. In: Sexualities, v. 9, n. 5, p. 515-529, 2006.

HEILBORN, Maria. **Dois é par**: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HEINLEIN, Robert. **Um estranho numa terra estranha**. São Paulo: Aleph, 2017.

HELMOND, Anne. A Plataformização da Web. (Traduzido por Tiago Salgado) In: OMENA, Janna (org). **Métodos Digitais**: Teoria-Prática-Crítica. Lisboa: Livros ICNOVA, p. 49-73, 2019.

- HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOCHSCHILD, Arlie. “Trabalho emocional: regras de sentimento e estrutura social.” In: COELHO, Maria Cláudia (org). **Estudos sobre interação: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 169-209, 2013.
- hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.
- ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.
- KLESSE, Christian. **The spectre of promiscuity: gay male and bisexual non-monogamies and polyamories**. Aldershot: Ashgate, 2007.
- _____. **Notions of Love in Polyamory: elements in a discourse on multiple loving**. *Laboratorium*. v. 3, n. 2, p. 4–25, 2011.
- KOFES, Suely. “Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser?” In: KOFES, Suely e MANICA, Daniela. **Vida & Grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2015.
- LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa (org). **Pensamentos Feministas: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- LEAL, Bruno. “Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação.” In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos; ALZAMORA, Geane. (orgs). **Textualidades Midiáticas**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2018.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares de parentesco**. Petrópolis: Vozes. 1976.
- LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- MARCUS, George. **Ethnography in/of the World System: the emergence of multisited ethnography**. In: *Annual Review of Anthropology*, v. 24, Palo Alto, California, p. 95-117, 1995.
- MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva.” In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- MOGROVEJO, Norma. **Contra-amor**. *Descolonizando el Amor y la Política de los Afectos*. Disponível em: <http://normamogrovejo.blogspot.com/2019/04/contra-amor.html>. Acesso em: 08 ago. 2020.

MOREIRA, Vânia. **Casamentos indígenas, casamentos mistos e política na América portuguesa**: amizade, negociação, capitulação e assimilação social. Revista Topoi, Rio de Janeiro, v. 19, n. 39, p. 29-52, 2018.

NA PAI. **Fundamentando las bases de una lucha anticapitalista contra la cultura monógama**.

Difonlaidea.

Disponível

em:

<https://distribuidorapeligrosidadsocial.files.wordpress.com/2011/11/fundamentando-las-bases-de-una-lucha-anticapitalista-contra-la-cultura-monc3b3gama.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2021.

NASCIMENTO, Cláudio. **Identidade pessoal e ética em Paul Ricœur**: da identidade narrativa à promessa e à responsabilidade. Revista Études Ricoeuriennes, v. 2, n. 2, p. 48-62, 2011.

NÚÑEZ, Geni. “Dicas não mono sobre ciúme”. In: **Não Monogamia LGBTQ+**. TAKAZAKI, Silmara; TAVAREZ, Jessica; NÚÑEZ, Geni (orgs). Rio de Janeiro: Ape’ku, p. 67-69, 2020.

_____. **Monogamia e (anti)colonialidades**: uma artesanaria narrativa indígena. Revista Teoria e Cultura - Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF. v. 16, p. 76-88. 2022.

OLIVEIRA, Leandro. O uso de histórias de vida na pesquisa sobre família e orientação sexual. In: CORDEIRO, Domingos Sávio. (org). **Temas Contemporâneos em Sociologia**. Fortaleza: Gráfica e Editora Iris, v. 4, p. 103-131, 2013.

ORTNER, Sherry. Uma atualização da teoria da prática e poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter. **Conferências e diálogos**: saberes e práticas antropológicas. Blumenau: Nova Letra/ABA, p. 19-80, 2007.

OYEWÙMÍ, Oyèrónkè. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

PELLAUER, David. Ações narradas como fundamento da identidade narrativa. In: NASCIMENTO, Fernando; SALLES, Walter (orgs). **Paul Ricoeur**: ética, identidade e reconhecimento. São Paulo: Loyola, 2013.

PERIN, Vanessa. **Sobre histórias, fragmentos e silêncios em narrativas engajadas**. Anuário Antropológico, v. 46, n. 1, 2021.

PILÃO, Antonio. **Poliamor**: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

_____. **Por que somente um amor?** Um estudo sobre poliamor e relações não monogâmicas no Brasil. Tese de doutorado em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2017.

_____. “**Quando o amor é o problema: feminismo e poliamor em debate**”. In: Revista Estudos Feministas, vol. 27, n. 3, p. 1-14, 2019.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, v. 2, n. 3. Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 20 jan. 2022.

PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

QUEIROZ, Maria. “Relatos Oraís: do dizível ao indizível”. In: **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. São Paulo: TA Queiróz, p. 01-26, 1991.

RANCIERE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

RIBEIRO, Ana Paula; MARTINS, Bruno; ANTUNES, Elton. **Linguagem, sentido e contexto: considerações sobre comunicação e história**. Porto Alegre: Revista Famecos, 2017.

RICOEUR, Paul. **Do texto a acção: ensaios de hermeneutica II**. Porto: Res, 1991.

_____. **Tempo e narrativa: Tomo 3**. Campinas: Papirus, 1997.

_____. **O si mesmo como um outro**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

RITCHIE, Ani; BARKER, Meg. **There aren't words for what we do or how we feel so we have to make them up: constructing polyamorous languages in a culture of compulsory monogamy**. In: *Sexualities*, v. 9, n. 5, p. 584-601, 2006.

RUST, Paula. **Monogamy and Polyamory: Relationship Issues for Bisexuals**. In: B. A. Firestein (ed.). **Bisexuality**. London: Sage, p. 53-83, 1996.

SANTANA, Alef. **Bixa ex-monogâmica**. 2021.

SCOTT, Joan. **Experiência**. In: SILVA, Alcione; LAGO, Mara; RAMOS, Tânia (orgs). **Falas de gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

SHEFF, Elisabeth. **Gender, family and sexuality: exploring polyamorous community**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade do Colorado, Boulder, 2005.

SILVA, Jeferson. **Pressupostos para a Identidade Narrativa em Ricoeur: um percurso através de Agostinho e Aristóteles**. In: CASTRO, Fábio. **O si mesmo e o outro: ensaios sobre Paul Ricoeur**. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

- SILVÉRIO, Maria Silva. **Eu, tu ilus**: poliamor e não monogâmias consensuais. Tese de Doutorado em Antropologia Social - Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE IUL, Lisboa, 2018.
- STELBOUM, Judith. **Patriarchal Monogamy**. In: Journal of Lesbian Studies, v. 3, p. 39-46, 1999.
- STRATHERN, Marilyn. A relação: acerca da complexidade e da escala. In: STRATHERN, Marilyn. **O Efeito Etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Ubu, p. 263-295, 2017.
- VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity**. New York: Oxford University Press, 2013.
- VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WALL, Martijn. **The platform society**: public values in a connectie world. Londres: Oxford Press, 2018.
- VASALLO, Brigitte. **Abrir amores, fechar fronteiras?** In: Revista Caderno de Leituras, vol. 1, n. 112, p. 1-7, 2020.
- _____. **O desafio poliamoroso**: por uma nova política dos afetos. São Paulo: Elefante, 2022.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ZINSSER, William. **Como escrever bem**: o clássico manual americano de escrita jornalística e de não ficção. São Paulo: Fósforo, 2021.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como entrevistado (a) para a pesquisa de mestrado “Projetos poliamorosos em rede: narrativas afetivas sobre a busca de um novo amor por casais não-monogâmicos em comunidades do Facebook”, coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Alberto de Carvalho, docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, situado no prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 (Pampulha, Belo Horizonte/ MG, 31270-901). O objetivo do estudo, de forma geral, é conhecer as experiências vividas por casais não-monogâmicos em busca de um novo amor, a fim de vivenciar relacionamentos poliamorosos. O projeto visa compreender como essas buscas são elaboradas, negociadas e praticadas. A pesquisa abrange a participação de pessoas pertencentes a diferentes segmentos sociais e que comunicam tais desejos através de comunidades não-monogâmicas presentes no Facebook. O uso das informações estará submetido às normas éticas destinadas à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde. A entrevista, com tempo total estipulado de 2 horas, aproximadamente, será gravada em áudio e vídeo a partir da assinatura desta autorização, e será transcrita e analisada pelo responsável pelo projeto. O Skype será a plataforma escolhida para a sua execução. A entrevista se dará a partir de uma conversa individual com cada um dos participantes e, em seguida, uma rodada em conjunto. Caso se verifique a necessidade de novas conversas, novas entrevistas poderão ser solicitadas conforme a aprovação dos participantes. Os registros visuais e sonoros serão armazenados pelo responsável do projeto no período de até 5 anos e destruídos posteriormente. Nenhum material visual coletado na entrevista será utilizado para a publicação de quaisquer resultados, se limitando apenas a uma análise gestual dos envolvidos. Para além destes registros, as postagens realizadas pelos participantes nos grupos do Facebook também serão utilizados de forma direta nos resultados da pesquisa. Não antecipamos nenhum risco à saúde resultante de sua participação, que é voluntária. Potenciais constrangimentos serão os únicos possíveis riscos de participação nesta pesquisa. A fim de minimizar tais possíveis riscos, caso alguma outra dinâmica seja mais confortável para a realização das entrevistas, pedimos que informe ao pesquisador no momento de sua participação para que consideremos. Caso você sinta alguma ansiedade enquanto estiver expondo suas percepções, sentimentos e experiências pessoais, você pode a

qualquer momento interromper a entrevista. Você também tem liberdade para retirar seu consentimento para uso da entrevista, a qualquer momento, se assim o desejar. Visando preservar a confidencialidade sobre as informações fornecidas por você, nomes pessoais e informações que possam lhe identificar diretamente serão alterados ou omitidos na análise, seja das entrevistas ou dos próprios textos vinculados nas comunidades não-monogâmicas do Facebook que também farão parte desta pesquisa. Você receberá uma via original deste termo de autorização por e-mail. Os resultados desta pesquisa poderão posteriormente ser publicados sob a forma de relatórios ou artigos e não serão utilizados para quaisquer outros fins. Não existem custos nem formas de ressarcimento pela participação na pesquisa, que é totalmente voluntária. Os benefícios esperados consistem na produção de informações que possam ajudar no entendimento das vivências não-monogâmicas, e na desconstrução de estereótipos e preconceitos que atingem essa população, favorecendo a redução da estigmatização social desse segmento. A qualquer momento você poderá, para obter informações ou esclarecer dúvidas, se reportar ao responsável do projeto, o docente Carlos Alberto de Carvalho, pelo telefone 031 999682826 ou através do e-mail carloscarvalho0209@gmail.com. Em caso de dúvidas acerca dos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá ainda consultar a Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP/UFMG), Av. Antônio Carlos 6627, Unidade Administrativa II (2o andar, sala 2005), CEP 21270-901, Tel 3409-4592 ou pelo email coep@prpq.ufmg.br. Em caso de descumprimento das informações previstas neste documento por parte do pesquisador, você terá o direito de solicitar possíveis indenizações cabíveis em lei.

Assim, a partir das informações prestadas acima, eu _____
concordo em participar desta pesquisa de forma espontânea e afirmo ter ciência dos riscos, benefícios, objetivos e demais conteúdos expressos neste documento.

Assinatura do pesquisador:_____.

Belo Horizonte, ____ de _____ de 20__.

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Questões individuais:

- Perfil: idade, raça, classe econômica, escolaridade/formação, profissão, religião
- Como a não monogamia surgiu na sua vida? Me conte um pouco sobre as suas experiências não-monogâmicas
- Como você enxerga a monogamia e a não monogamia hoje em dia na sua vida?

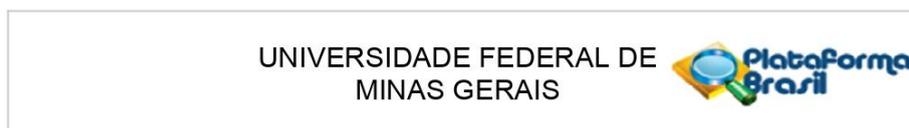
Questões para a dupla:

- Como vocês se conheceram e há quanto tempo estão juntos?
- Vocês moram juntos? A pandemia tem causado algum impacto importante na vida de vocês (rotina, condição financeira...)?
- Como a não monogamia surgiu no relacionamento de vocês?
- Como vocês enxergam a não monogamia no relacionamento construído por vocês? Vocês se entendem enquanto não monogâmicos? Se sim, por que?
- A não monogamia impacta na estrutura do relacionamento de vocês? E em relação às outras relações sociais, vocês percebem alguma mudança?
- Já tiveram alguma experiência poliamorosa juntos? Como foi? Se não, já se apaixonaram por alguém?
- Como o poliamor se firmou como um objetivo afetivo? Como surgiu a ideia ou o desejo de se ter mais alguém?
- Há quanto tempo vcs estão buscando alguém?
- Vocês utilizam apenas as comunidades do Facebook ou mais algum outro app ou ambiente digital? Já tentaram em algum outro lugar? Por que fazer isso no Facebook especificamente e não em outros apps de paquera?
- Como fizeram para definir o perfil desejado?
- Vi que buscam alguém xxxx. Me contem as razões dessas preferências. Porque elas acabaram sendo as mais relevantes para vocês?
- Existem divergências nos perfis que vocês procuram? Se sim, me contem um pouco mais.
- Como fizeram para decidir o que escrever na publicação? Havia algo que vocês achavam indispensável e algo que quiseram evitar?

- Antes de tentarem um poliamor, vocês já tinham experimentado outras formas de não monogamia? Ou tinham realizado outras experiências sexuais não convencionais?
- Como vocês administram essa busca? Alguém recebe mais mensagens? O que fazem quando alguém entra em contato com vocês?
- Já conheceram pessoas interessadas em ser a terceira pessoa?
- As pessoas costumam questionar a procura de vocês? Se sim, o que costumam ouvir? Se lembram de alguma coisa marcante?
- Quais as principais dificuldades em encontrar um novo parceiro?
- O poliamor que vocês desejam é baseado na polifidelidade ou não? Por que? Conversaram a respeito do assunto?
- Vocês falam abertamente sobre a configuração da relação de vocês com amigos e familiares? E sobre o plano de um poliamor?
- Vocês frequentam outros espaços não monogâmicos ou têm outros amigos não monogâmicos? Vocês acham que essas relações alteraram a forma como vocês se identificam como pessoas não monogâmicas? Ou no modo como vocês se relacionam?
- Quais as diferenças que vocês sentem ao vivenciar o relacionamento de hoje comparado aos seus anteriores? E para o relacionamento das pessoas com quem vocês convivem? Vocês sentem que há alguma diferença?
- O que vocês esperam viver ou encontrar nessa nova experiência?

ANEXO A

Parecer consubstanciado do CEP:



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Projetos poliamorosos em rede: narrativas sobre a busca de um novo amor por casais não-monogâmicos em comunidades do Facebook

Pesquisador: Carlos Alberto de Carvalho

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 46909621.5.0000.5149

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.874.113

Apresentação do Projeto:

A pesquisa visa compreender como o poliamor se institui enquanto um "projeto afetivo" na vida de casais não-monogâmicos e, de que forma, a busca por um novo amor é colocada em prática por esses sujeitos. Considerando a internet como um dos elementos fundamentais para a popularização e visibilização do tema no Brasil, pretende-se responder algumas das emergências produzidas pela ampliação das comunidades não mono em espaços digitais, sobretudo no Facebook, plataforma escolhida para o campo deste estudo, onde casais materializam seus projetos por meio de publicações. O interesse é investigar, por meio de entrevistas, como tais textualidades são produzidas, as expectativas sobre essas experiências, os sentidos atribuídos ao poliamor e à não-monogamia, os acordos e as negociações implicadas nessas buscas, e a modulação dos diferentes marcadores sociais nesses projetos. A metodologia envolve entrevistas em profundidade a serem realizadas com três a cinco casais de forma remota, em função da necessidade de isolamento durante a crise sanitária (COVID-19). Cerca de 14 pessoas serão entrevistadas. Eventualmente as entrevistas podem ocorrer presencialmente, desde que haja condições sanitárias suficientes para tal. As entrevistas pretendem revisitar alguns dos pontos biográficos destes sujeitos e compreender os projetos e as trajetórias percorridas pelo casal.

A ideia é perceber de que forma as não-monogamias (o poliamor, principalmente) compõem as

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.874.113

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	07/05/2021 21:56:28	Carlos Alberto de Carvalho	Aceito
---	----------	------------------------	----------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 29 de Julho de 2021

Assinado por:
Críssia Carem Paiva Fontainha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br